

GANDHI vs. CHURCHILL

ARTHUR HERMAN

Tradução de J. Espadeiro Martins

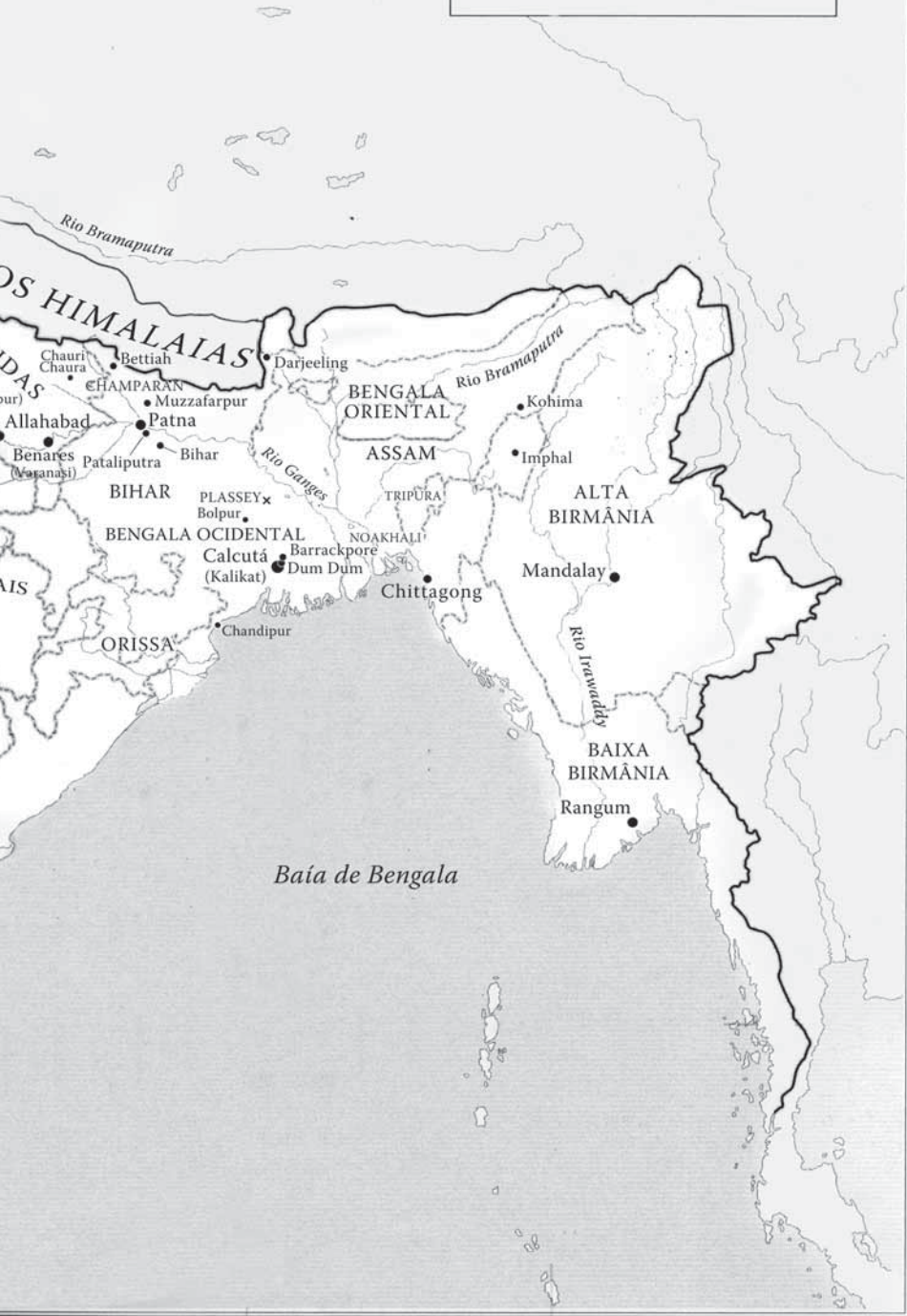


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina





O IMPÉRIO BRITÂNICO
NA ÍNDIA



*A Beth, com todo o meu amor,
pelo seu apoio e indefetível ajuda*

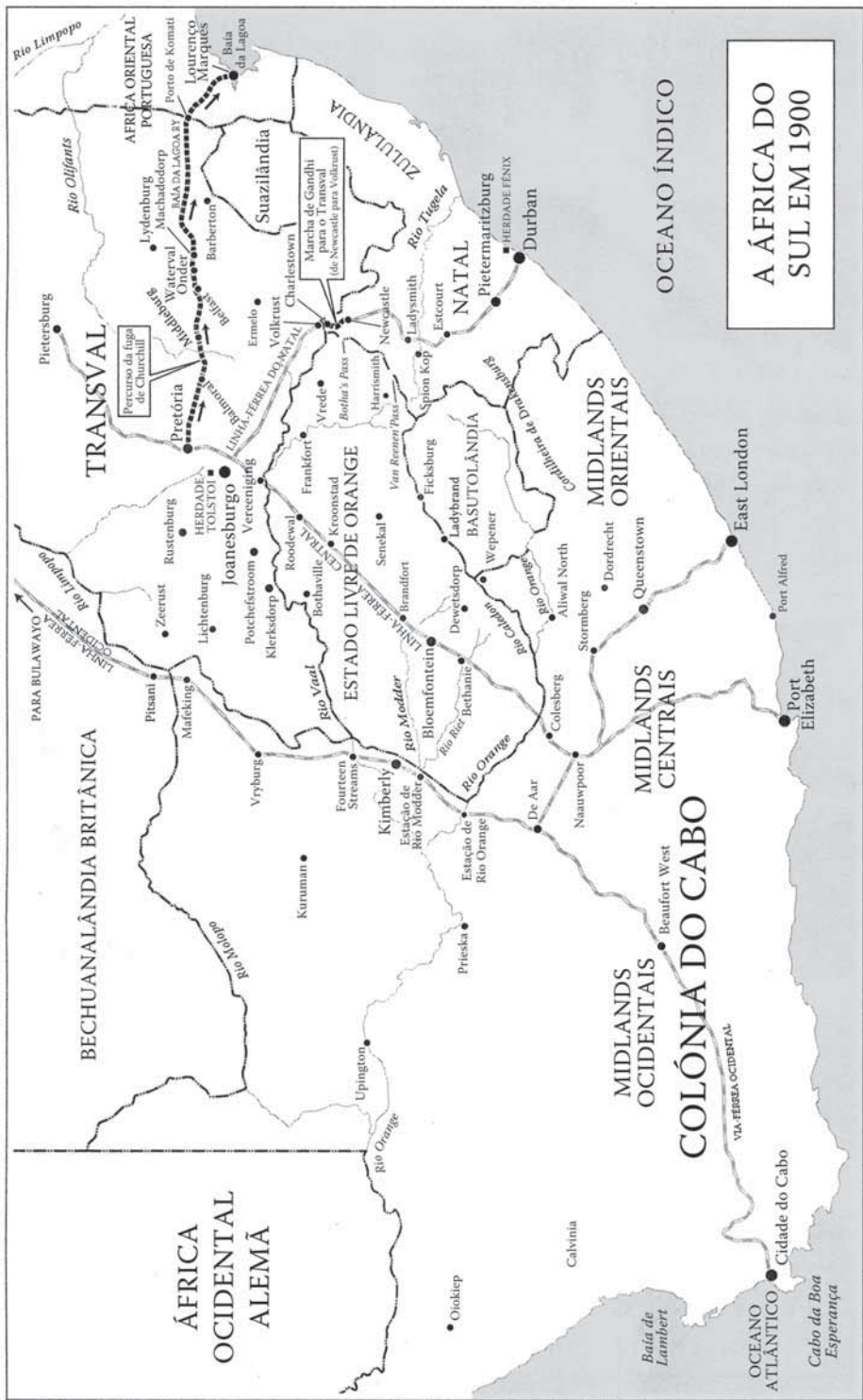
ÍNDICE

Prólogo		15
Capítulo Primeiro	Os Churchills e o <i>Radj</i>	30
Capítulo Segundo	O Lorde Randolph Toma Posse	51
Capítulo Terceiro	As Ilusões de Poder: Os Gandhis, a Índia e o Governo Britânico	68
Capítulo Quarto	O Despertar: Gandhi em Londres e na África do Sul, 1888-1895	87
Capítulo Quinto	O Despertar II: Churchill na Índia, 1896-1899	109
Capítulo Sexto	Homens em Guerra, 1899-1900	129
Capítulo Sétimo	Caminhos Convergentes, 1900-1906	147
Capítulo Oitavo	Um Breve Encontro, 1906-1909	167
Capítulo Nono	Ponto de Rutura, 1909-1910	182
Capítulo Décimo	Caminhos Divergentes, 1911-1914	200
Capítulo Onze	Uma Testa de Ponte Demasiado Afastada, 1914-1915	218
Capítulo Doze	A Guerra de Gandhi, 1915-1918	236
Capítulo Treze	O Massacre, 1919-1920	261
Capítulo Catorze	A Não-Cooperação, 1920-1922	284
Capítulo Quinze	A Inversão dos Destinos, 1922-1929	307
Capítulo Dezasseis	Na Véspera da Batalha, 1929	334
Capítulo Dezassete	O Sal, 1930	358
Capítulo Dezoito	Mesas-Redondas e Faquires Seminus, 1930-1931	374
Capítulo Dezanove	<i>Contra Mundum</i> , 1931-1932	392
Capítulo Vinte	Os Últimos Cartuchos, 1932-1935	410

Capítulo Vinte e Um	Contra a Corrente, 1936-1938	431
Capítulo Vinte e Dois	À Beira da Escuridão, 1938-1939	456
Capítulo Vinte e Três	Em Rota de Colisão, 1939-1940	472
Capítulo Vinte e Quatro	De Narvik a Bardoli, Abril de 1940 -Dezembro de 1941	486
Capítulo Vinte e Cinco	A Derrocada, 1941-1942	502
Capítulo Vinte e Seis	Abandonem a Índia, 1942	519
Capítulo Vinte e Sete	O Confronto, 1943	534
Capítulo Vinte e Oito	Triunfo e Tragédia, 1943-1945	548
Capítulo Vinte e Nove	Caminha Sozinho, 1945-1947	572
Capítulo Trinta	Morte no Jardim, 1947-1948	596
Capítulo Trinta e Um	O Crepúsculo do Leão, 1948-1965	622
Conclusão	Triunfo e Tragédia	641
Datas Significativas		646
Glossário de Termos		650
Agradecimentos		657
Notas		660
Bibliografia		715
Créditos Fotográficos		728



**A ÍNDIA OCIDENTAL
EM 1896**



PRÓLOGO

Não vejo nenhum ser que viva no mundo sem violência.

MAHABHARATA

Motim. A notícia correu como um vento de monção pelas ruas poeirentas e abrasadas de Cawnpore e dos bairros europeus. Os cipaiois ou soldados nativos, na guarnição de Meerut, ao largo de Deli, dispararam contra os seus oficiais britânicos e estavam a dirigir-se para a antiga capital do Império Mogol. Dizia-se que outros cipaiois se movimentavam para se lhes juntarem. As famílias inglesas de Cawnpore, abrigadas nos seus confortáveis bangalós e rodeadas por criados nativos, ficaram preocupadas. Entre Calcutá, a sueste, e Peshawar, a norte, uma distância de 2 000 quilómetros, estava instalado exatamente um batalhão de militares britânicos, composto por 700 homens. Repentinamente, em poucos dias do mês de maio de 1857, o Império Britânico na Índia, que parecera tão estável e seguro ao longo do último meio século, ficou à beira do abismo.

Na cabeça de todos fervia uma pergunta. Iriam os regimentos de cipaiois em Cawnpore permanecer leais ou juntar-se-iam aos rebeldes? Uma das pessoas que ficaram espantadas foi William Shepherd. Tinha prestado serviço no Gabinete do Comissariado da guarnição e tinha acabado de instalar em Cawnpore a família da sua irmã viúva. Como tantos outros que trabalhavam para os Britânicos na Índia, Shepherd era mestiço, meio-indiano e meio-inglês. «Toda a gente na base militar acha que está prestes a acontecer alguma coisa terrível.»(1) Sabia que a pequena cidade da guarnição, nas margens do Ganges, era fraca e isolada e que os soldados nativos em Cawnpore superavam os brancos à razão de dez para um. Se eles se amotinassem, a ajuda mais próxima ficava à distância de mais de 75

quilómetros, em Lucknow, supondo que os militares dessa unidade permanecessem leais. Shepherd também sabia que ele e outros mestiços, ou qualquer indivíduo que trabalhasse com os Britânicos, estaria em perigo mortal se os cipaio de Cawnpore aderissem à revolta.

Iriam aderir? Shepherd certamente pensava que sim. Num momento de descuido, alguns deles tinham manifestado a intensidade do seu ressentimento contra os Britânicos e a sua paranoia. «Veja a conspiração obscura que estão a tramar contra nós», disseram-lhe os cipaio de Cawnpore. Já tinham recusado os novos cartuchos saídos do arsenal de Dum Dum para as suas espingardas *Enfield*, porque corria o boato de que vinham untados com gordura de porco: os soldados muçulmanos ficariam conspurcados e os soldados hindus infringiriam a lei da sua casta. Corria o receio de que tivessem sido esses mesmos cartuchos que desencadearam o motim de Merut. Dizia-se agora que os oficiais britânicos misturavam secretamente na farinha que vinha do serviço de abastecimentos ossos de porco e de vaca, com o mesmo objetivo: torná-los a todos *badhurrum*, ou seja, párias.

Shepherd sabia que era mentira, mas não se atrevia a contradizê-los. Mas perguntou-lhes por que motivo queriam atacar civis e outras pessoas como ele, que nada tinham feito para os prejudicar. Rodearam-no ameaçadoramente gritando repetidas vezes: *Suffun suffa! Suffun suffa!* «O que é de mais, é de mais!» Era tempo de limpar a ardósia. Era tempo de correr com os Britânicos para fora da Índia.

Um velho cipaio, de bigodes eriçados e olhos penetrantes, quase cresceu para Shepherd.

«Oh, vocês são todos iguais, são todos feitos da mesma massa!», gritou. «Vocês são como serpentes e nenhum de vós será poupado!» Nessa noite, Shepherd levou a família para fora da cidade, para o único lugar fortificado de Cawnpore, o velho hospital dos Dragões, a oeste da cidade.(2)

Aí, verificou que a preocupação se tinha transformado em histeria. Europeus e euro-asiáticos lutavam para conseguir levar as famílias para dentro do edifício, enervados pelos boatos de distúrbios iminentes e pelos olhares irritados dos nativos. Baús, malas de viagem, malas, trouxas e caixas, estava tudo confusamente amontoado. As crianças corriam de um lado para o outro obstruindo a passagem, enquanto alguns oficiais deprimidos procuravam manter a ordem e as esposas e irmãs estavam sentadas exaustas com o calor. Os criados nativos e as *ayahs* [aias indianas] agachavam-se pelos cantos amedrontados. O hospital estava inundado de «pessoas... de todas as cores, seitas ou profissões», recordava mais tarde um oficial, «todos aterrorizados com o inimigo imaginário».(3)

No entanto, o major-general Hugh Wheeler, comandante da guarnição, ainda estava confiante. Wheeler tinha 67 anos. Tinha nascido e crescido

na Índia; a esposa era indiana. Achava que conhecia os seus cipaiois como ninguém e, tal como a maioria dos oficiais britânicos da velha guarda, falava correntemente hindustani. No dia 18 de maio, embora os brancos em pânico continuassem a afluir ao hospital e os trabalhadores estivessem a erguer um muro de lama com 1,2 metros de altura a toda a volta, Wheeler escrevia aos oficiais de Calcutá: «Está tudo bem em Cawnpore.»(4)

Além disso, se surgisse algum distúrbio grave, Wheeler sabia que podia contar com o apoio do rajá local de Bitjur. O rajá, conhecido como Nana Sahib, era um entre as centenas de príncipes indianos locais a quem a Companhia Britânica das Índias Orientais tinha permitido manter a sua independência e que ainda governavam mais de metade da Índia. Nana Sahib não era um dos grandes príncipes como o *nizam* de Hyderabad ou o marajá de Mysore, que entre eles governavam mais território do que a França e a Alemanha juntas. Mas era rico, bem-falante, e, com trinta e cinco anos, estava na primavera da vida. Ele e Wheeler já tinham jantado juntos; jogavam bilhar juntos e juntos faziam caçadas ao tigre. Nana Sahib pertencia à mesma casta hindu da esposa de Wheeler. Não havia indiano algum em quem Wheeler depositasse maior confiança. Assim, quando o rajá apareceu, em finais de maio, com quinhentos homens de infantaria e de cavalaria, envergando couraças e capacetes resplandecentes e túnicas esvoaçantes, para garantir o seu apoio aos Britânicos, Wheeler ficou tão grato que entregou ao príncipe o tesouro da guarnição para que o protegesse.

Um erro fatal. Após a morte do pai de Nana Sahib, em 1851, o governo em Calcutá decidiu, na sua infinita sabedoria, cortar a pensão ao rajá. Nana Sahib apelou para os diretores da Companhia das Índias Orientais, na Leedenhall Street, em Londres; mas estes recusaram interferir. Em 1857, Nana Sahib estava completamente arruinado.(5) Por detrás do seu comportamento lisonjeiro, Nana Sahib odiava os Britânicos e já planeava assumir a liderança dos cipaiois.

Na noite quente de 4 de junho, Shepherd e a família dormiam na varanda do hospital quando foram despertados por um grande alvoroço. Tinha-se juntado uma multidão ansiosa de brancos. Shepherd perguntou o que se passava.

Alguém gritou: «Ouça!», e apontou na direção das tendas do Segundo Esquadrão de Cavalaria Ligeira, formado por nativos. Na obscuridade da madrugada, Shepherd ouviu o barulho dos homens montando a cavalo. Ouviam-se relinchos e gritos. Depois, repentinamente, um clarão rasgou a escuridão.

As tropas nativas tinham incendiado a casa do instrutor de equitação do regimento e atacado o seu oficial nativo mais graduado, o *rissaldar-major*, que tinha recusado juntar-se a eles. Na manhã seguinte, trouxeram-no

ainda com vida para o enclave do hospital, com o corpo coberto de golpes de sabre. Morreu em grande sofrimento alguns dias depois. Entretanto, descobriram outro cadáver, o de *mister* Murphy, da Companhia dos Caminhos de Ferro das Índias Orientais, com três tiros na cabeça. No dia 6 de junho, os amotinados, com Nana Sahib à frente, instalaram um canhão diante do enclave, enquanto outros provocavam distúrbios na cidade, e alvejavam todos os europeus ou nativos cristãos que encontravam. Tinha começado o cerco de Cawnpore.(6)

Durou dezoito dias terríveis. No recinto do hospital e nos dois edifícios de tijolo, um deles coberto apenas por um telhado de colmo, amontoaram-se mais de novecentas pessoas, homens, mulheres e crianças, europeus e indianos. Não tinham hipóteses de chegar à guarnição de Lucknow, onde os britânicos estavam também prestes a ficar cercados. Todos os que se ofereceram voluntariamente para tentar escapar e ir procurar socorro (entre eles o próprio William Shepherd) foram mortos ou capturados. A «guarnição de Cawnpore» – na realidade, nem um terço eram militares – encontrava-se numa situação crítica, sem comida, sem água nem munições, protegida apenas por uma trincheira pouco funda e por um muro de lama com cerca de um metro de altura em redor do edifício principal. Balas de canhão caíam dia e noite sobre a multidão indefesa.

O próprio filho de Wheeler, o tenente Godfrey Wheeler, foi um dos primeiros a morrer, decapitado por um projétil no momento em que a irmã lhe tratava um ferimento anterior. Outro tiro matou um soldado quando tentava consolar a esposa e dois filhos gémeos: o projétil atravessou ainda um dos braços da esposa e foi mutilar uma das crianças. Outro tiro matou uma filha de Shepherd, no dia 18. Ele e a esposa acompanharam a sua agonia durante cerca de trinta e seis horas, «morrendo lentamente, semelhante ao botão descorado de uma flor delicada». Shepherd envolveu o pequenino cadáver em algumas roupas velhas e sepultou-o numa cova que ele próprio abriu com uma faca. Ele e a esposa comemoravam o sétimo aniversário do seu casamento¹.(7)

Com temperaturas superiores a 35°C durante o dia, com a poeira e o nervosismo, as pessoas sentiam uma necessidade desesperada de água. Havia apenas um poço no complexo, exposto por todos os lados ao fogo dos atiradores. Um a um, todos os que se ofereceram para ir tirar água foram mortalmente alvejados. Quando uma bala de canhão destruiu a casa do poço e o guincho, os elementos da guarnição passa-

¹ Pouco depois, Shepherd ofereceu-se para levar uma mensagem à guarnição de Lucknow. Foi capturado e retido pelos homens de Nana Sahib até ser libertado pelas tropas europeias. Contudo, a esposa, a irmã e o resto da família morreram no cerco. (N. do A.)

ram a ter de rastejar debaixo de fogo para descer o balde à mão quase dois metros abaixo.

Entretanto, os cerca de duzentos soldados britânicos e um punhado de cipaios fiéis, bem como todos os homens que podiam disparar uma arma, conseguiram repelir ataque após ataque. Rodeados por cadáveres inssepultos apodrecendo ao sol, vivendo de um punhado de farinha por dia, viam morrer os seus entes queridos sem qualquer esperança de alívio ou salvação. Um profundo receio afligia-os a todos: o que poderia acontecer se eles ou os seus familiares fossem capturados pelos amotinados. Tinham ouvido dizer que em Deli tinham esfaqueado até à morte ou abatido a tiro mulheres e crianças, bem como soldados e civis do sexo masculino. Em Jhansi, no dia 8 de junho, os rebeldes reuniram todos os europeus, homens, mulheres e crianças, e assassinaram-nos a todos.

Assim, foi Nana Sahib e não a guarnição de Cawnpore que por fim impôs as condições. Tanto ele como os seus homens estavam impacientes por acabar com um cerco inútil e partirem dali. No dia 24 de junho, enviou uma mensagem onde dizia que aos que estavam no complexo e que não faziam parte da administração em Calcutá e quisessem depor as armas, garantia-lhes a passagem para Allahabad, onde os Britânicos ainda tinham uma guarnição.

Wheeler opôs-se a qualquer acordo com um homem cuja palavra manifestamente não merecia confiança. Contudo, os oficiais do seu irmão convenceram-no de que, assim que chegasse a estação das chuvas (e já estava atrasada), as últimas trincheiras e muros defensivos que ainda restavam seriam arrastados na monção. E que mais poderiam eles fazer, perguntavam, «com uma multidão tão confusa, em que por cada homem havia uma mulher e uma criança?»⁽⁸⁾ Tinham de confiar em Nana Sahib e esperar que tudo corresse pelo melhor.

Wheeler, rodeado por doentes e moribundos, estava também ele doente. Acabou por ceder. Concordou com os termos de um acordo pelo qual a guarnição era autorizada a marchar debaixo de armas até ao Ganges; ali embarcaria em botes que a levariam até Allahabad, onde estaria em segurança.

«Um espetáculo realmente estranho» foi o que se viu na madrugada do dia 27 de junho, no entrincheiramento, recordava o tenente Mowbray Thomson, quando uma multidão de homens, mulheres e crianças, esqueléticos e exaustos, saíram dos edifícios do hospital castigado pelos tiros. Alguns caminhavam de pés descalços, a maioria com as roupas em farrapos. Os soldados tinham dado as camisas e as mulheres os vestidos para se fazerem ligaduras para os feridos. Muitos eram os que tiritavam de febre. Segundo Thomson, «nunca, com toda a certeza, se tinha visto um grupo

tão macilento e tão fantasmagórico de seres humanos como o nosso» – macilento e fantasmagórico, certamente, para um grupo de europeus na Índia.(9) Bem ou mal, carregaram carros de bois, palanquins e cerca de dezasseis elefantes providenciados por Nana Sahib e começou uma triste e lenta procissão através da cidade. Acompanhou-os uma grande multidão de gente até ao rio; muitos cipaios juntaram-se também para escarnecer deles; mas também havia alguns que choravam de vergonha e ofereciam ajuda aos seus antigos oficiais e suas famílias, carregando-lhes os parcos haveres.

A procissão chegou finalmente à margem do rio. Os homens e as mulheres desceram cautelosamente a íngreme ravina, coberta de pereiras bravas e canas altas, até à praia, onde uma dúzia de barcaças em mau estado, com coberturas de colmo, estavam puxadas para a lama. A multidão empurrava-se para a frente, ao mesmo tempo que Thomson e os outros soldados pousavam as espingardas e entravam na água junto das embarcações. Estavam com água pela cintura para ajudar as mulheres e as crianças, quando subitamente um toque de corneta fez com que toda a gente se voltasse e olhasse para trás.

A margem por cima deles encheu-se repentinamente de cipaios armados, todos com as espingardas apontadas à multidão indefesa. Ouvia-se um estrépito tremendo quando dispararam uma descarga, ao mesmo tempo que, das casas próximas, canhões escondidos abriram fogo de metralha. Aos gritos, os soldados do Segundo Esquadrão de Cavalaria Ligeira carregaram sobre a margem, de espadas desembainhadas.

A esposa de um soldado viu um deles matar o general Wheeler com um golpe de sabre no pescoço. «O meu filho foi morto junto dele», contou ela mais tarde. «Alguns foram apunhalados com as baionetas, outros trespassados. Apunhalavam as crianças e lançavam-nas ao rio.» Ouvia a filha mais nova do coronel William (que tinha sido morto no cerco) dizer a um soldado que ia matá-la à baioneta: «“O meu pai sempre tratou bem os cipaios.” O soldado afastou-se, mas nesse momento um aldeão bateu-lhe na cabeça com um bastão e a jovem caiu na água.»(10)

Os homens arremessavam tochas acesas para os barcos, que logo se transformavam em braseiros. «No ar ressoavam os guinchos das mulheres e das crianças», contou mais tarde outra testemunha ocular, «e orações aflitivas a Deus pedindo piedade. As águas do rio estavam vermelhas de sangue. A minha infeliz irmãzinha gritava sem parar: “Oh Amy, não me deixes!” A alguns metros de distância, vi o barco onde ia a minha mãe a arder lentamente, e eu encolhi-me no convés, esmagada pelo sofrimento».(11)

O tenente Thomson e mais alguns homens conseguiram trepar para um dos batelões. Os remos tinham desaparecido e o leme estava desfeito. Lentamente, o batelão deslizou pela corrente, enquanto as balas zuniam e

lascavam a amurada. «No fundo do barco, misturavam-se os feridos e os mortos», recordava Thomson. Flutuaram para fora do alcance dos tiros, enquanto os homens olhavam para trás, dominados por uma raiva impotente por tudo o que estava a acontecer na margem.

Na margem do rio, elevavam-se grossas nuvens de fumo das espingardas e dos canhões e também das embarcações incendiadas. Quando parou o tiroteio, todos os sobreviventes do sexo masculino foram arrastados e mortos. As mulheres e as crianças sobreviventes, 125 ao todo, foram arrebanhadas na praia. Sete raparigas – quatro britânicas e três eurasiáticas, entre elas a filha mais nova de Wheeler – foram levadas pelos cipaios do Segundo de Cavalaria². O resto foi levado para a cidade, onde iam esperar qual o destino que lhes reservava Nana Sahib e os amotinados.

Entretanto, em Allahabad, o general Henry Havelock tentava controlar o seu pequeno exército para ir socorrer Cawnpore. Havia poucos soldados para encontrar. Quando o motim começou, doze dos vinte e nove batalhões do exército estavam longe para ocidente, no Penjabe, e outros três para leste, na Birmânia (atualmente Mianmar) – essa foi uma das razões pela qual o levantamento conseguiu espalhar-se tão rapidamente. A força de Havelock, reunida à pressa, contava mil homens provenientes de quatro diferentes regimentos britânicos; 150 soldados de infantaria siques, leais; um reduzido destacamento de nativos irregulares; e vinte voluntários de cavalaria, ocasionais. A maior parte destes últimos eram oficiais sem recursos, dos regimentos de cipaios que se tinham amotinado e empregados de secretaria e funcionários civis da Companhia das Índias Orientais. Muitos tinham-se oferecido como voluntários para vingar as mortes dos amigos ou entes queridos – mortos por aqueles mesmos nativos em quem pensavam poder confiar e que tinham subjugado durante mais de um século.(12)

Se uma vingança pessoal guiou alguns dos homens de Havelock, a raiva e a sede de retaliação guiaram os restantes. Um desses era o coronel James Neill, do Primeiro Batalhão de Fuzileiros de Madrastra. Um escocês corpulento e astuto, de ferozes patilhas e espessas sobranceiras – «o homem mais elegante que eu conheci», como dizia um seu contemporâneo – Neill comandava um dos poucos regimentos europeus da Companhia das Índias

² As quatro britânicas acabaram por regressar e morrer com as restantes. Contudo, duas das eurasiáticas casaram com os cipaios seus captores para evitar mais abusos. A primeira, Amélia Horne, acabou por fugir. *Miss Wheeler*, porém, converteu-se ao Islamismo e morreu em avançada idade em Cawnpore, depois de ter contado a sua extraordinária história a um padre católico, no seu leito de morte. (N. do A.)

Orientais. Tinha restabelecido implacavelmente a ordem em Allahabad, quando os regimentos de nativos mataram os seus oficiais e ameaçaram juntar-se à revolta. Os fuzileiros de Neill, temperados na guerra, juntamente com os siques, tinham aberto caminho a tiro pelas ruas de Allahabad e em seguida enforcaram sumariamente todos os homens que encontravam envergando a farda de cipaio, fossem rebeldes ou não.

Um oficial inglês assim escrevia à sua mãe: «Todos os dias, enforcam dez ou doze pretos.» Ao longo dos três meses seguintes, carros de bois vagueavam durante a noite, recolhendo os cadáveres que, aos dois e aos três, balançavam pendurados nos patíbulos de Allahabad, nos ramos das árvores, nas tabuletas do mercado, e levando-os para irem despejá-los no Ganges.(13)

«Deus sabe que agi com justiça», escrevia Neill no dia 17 de junho. «Eu sei que agi com severidade.» Piedoso cristão como era, acreditava firmemente que «a Palavra de Deus não dá autoridade à moderna brandura para com a vida humana».(14) A verdade é que restaurou o controlo britânico, primeiro em Benares e depois em Allahabad.

Nas últimas três semanas, Neill ansiava desesperadamente avançar para levar socorro à guarnição de Cawnpore. Finalmente, no dia 7 de julho, Havelock pôs-se em marcha. A 12, as tropas de Havelock derrotaram uma força de cipaio, perto da principesca residência mongol de Fatehpur, pilhando e incendiando as suas antigas mesquitas. Marchando debaixo de um sol abrasador, que deixava os homens a morrer de insolações, depois debaixo de aguaceiros que os deixavam ensopados com a monção a varrer a planície, Havelock e os seus homens foram abrindo caminho ameaçadoramente até aos arredores de Cawnpore, enforcando «rebeldes» à medida que avançavam.

Na altura já toda a gente conhecia a história da traição de Nana Sahib e das mulheres que tinha como reféns. «Com a ajuda de Deus», dizia Havelock aos seus homens exaustos e esfomeados (a carne que levavam estragou-se com o calor e comiam unicamente biscoitos duros), «vamos salvá-las a todas ou todos nós morreremos nessa tentativa.»(15)

Os rebeldes opuseram uma derradeira resistência fora da cidade: quebraram perante uma carga de última hora, chefiada pelo filho de Havelock. Nana Sahib em pânico fugiu a cavalo, enquanto o seu exército desmoralizado se punha em fuga. Durante a tarde, os soldados britânicos apoderaram-se de Cawnpore e começaram à procura da casa onde se dizia que as mulheres e as crianças estavam presas.

As ruas e os bazares estavam desertos. Os habitantes de Cawnpore tinham-se quase todos escondido, receando o que os britânicos fariam quando soubessem a verdade. No meio de um lúgubre silêncio, os homens

esfarrapados acabaram por encontrar a casa, que se chamava Bibighar, situada numa rua lateral – ironicamente, era a casa construída por um oficial britânico para alojar a sua amante indiana.(16) Lá dentro, os soldados percorreram freneticamente as divisões, uma a uma, mas não encontraram absolutamente ninguém, apenas um amontoado incrível de roupas de mulher e de criança, saiotos, chinelos, chapéus de palha, brinquedos, páginas de *Bíblias* rasgadas e um daguerreótipo casual num armário partido. Tudo ensopado em sangue.

Por fim, conseguiram seguir a pista horrível até ao pátio das traseiras, depois até ao poço situado num canto do jardim. Com a ajuda de testemunhas relutantes, puderam reconstituir o que se tinha passado. Quando as tropas de Havelock estavam a aproximar-se da cidade, Nana Sahib achou que as mulheres e crianças europeias e eurasiáticas – amontoadas na minúscula residência e a morrer diariamente de calor, disenteria e cólera – seriam testemunhas inconvenientes. No dia 16 de julho, ele ou algum dos seus homens de confiança mandou matá-las a todas, até à última mulher e criança.

Nenhum dos cipaio que tinham participado no anterior ataque, na margem do rio, admitiu ter levado a cabo aquela chacina a sangue-frio. Por fim, cinco homens – dois carneiros muçulmanos locais, dois camponeses hindus indigentes e um guarda-costas de Nana Sahib – foram acusados de ter entrado na Bibighar com *tulwares* (uma espécie de cimitarra) para acabarem o trabalho. Durante todo o dia, tinham ressoado pelas ruas de Cawnpore gritos e guinchos vindos do interior da casa. Mesmo depois de os assassinos se terem retirado, ao cair da noite, os sons continuaram.(17)

Na manhã seguinte, juntou-se uma grande multidão, com muita gente em cima do muro do jardim, quando alguns varredores da casta inferior receberam ordens para retirar os cadáveres. «Os corpos eram puxados, a maioria pelos cabelos», contaram mais tarde testemunhas oculares. «Os corpos que tinham roupa que valia a pena tirar, eram despídos. Ainda havia algumas mulheres com vida. Não sei dizer quantas.» O mesmo aconteceu com três rapazinhos. Andavam a correr às voltas, gritando histericamente, quando os seus corpos mutilados foram arrastados até junto do poço e lançados lá para dentro.(18)

Acabaram por matar os rapazinhos, e lançaram-nos ao poço: a um deles desfizeram-lhe o crânio contra uma árvore. Os soldados britânicos ainda puderam ver «um olho arregalado e vazio... esmagado contra a casca grossa».

Atordoados pelo cansaço, pela sede e pelo horror, muitos soldados estavam lavados em lágrimas. Alguns vomitaram perante aquele espetáculo. O seu comandante, o major Bingham, olhava fixamente para o poço, onde se viam nitidamente corpos nus, membros e cabeças, na água avermelhada. «*Pobres, pobres criaturas!*», exclamou por entre soluços.(19)

Foi um ato inacreditável. A matança deliberada de mulheres e crianças inocentes deixou em carne viva as fibras da sensibilidade vitoriana.(20) O que fora um desejo de desforra tornou-se uma sede generalizada de sangue.

O capitão Neill deu o sinal de partida. Tinha chegado a 20 de julho e imediatamente ordenou que todos os cipaios prisioneiros fossem levados a Bibighar antes de serem executados. Aí, cada um deles era obrigado a ajoelhar-se e a lamber o sangue no chão: ordenou especificamente que «essa tarefa devia ser o mais repulsiva possível... para os sentimentos daqueles infiéis», sabendo muito bem que o contacto com o sangue é profundamente repugnante para os hindus das castas elevadas.(21) Alguns dos presos tiveram de ser chicoteados durante dez minutos até se decidirem a praticar um ato tão nojento. Neill foi inexorável: «Ninguém que presenciou as cenas dos assassinios, mutilações e massacre, poderá alguma vez ouvir a palavra “clemência” aplicada a estes demónios.»

Houve outros ingleses que tiraram a sua desforra informalmente. Os homens de Bingham apanharam um dos funcionários de Nana Sahib quando entrava na cidade. «Obrigámo-lo a violar a sua casta», escreveu Bingham mais tarde. «Enfiámos-lhe pela garganta abaixo carne de porco, carne de vaca e tudo o que possivelmente violava as leis da casta.» Quando os homens acabaram de tratar do preso, Bingham admirou-se por ele ainda estar vivo; mandou arrastá-lo até junto de uma árvore e enforcá-lo, «cena que tive o prazer de presenciar». Uma só árvore foi rapidamente enfeitada com mais de 150 cadáveres de nativos que tinham sido espancados. «Não há dúvida de que se trata de uma lei estranha», disse Neill na altura. «Mas adapta-se muito bem às circunstâncias.»(22)

Quase todos os brancos que estavam na Índia concordaram. À medida que se divulgava a notícia do massacre de Bibighar, os factos foram assumindo dimensões cada vez mais absurdas. Correram boatos de que as mulheres tinham sido sistematicamente violadas e forçadas a cometer, antes de serem assassinadas, atos a que os vitorianos se referiam chamando-lhes apenas «atos inqualificáveis». Atendendo à sociedade sexualmente reprimida do *Radj* Britânico e ao receio histórico que o motim havia desencadeado, quase todas as histórias de atrocidades chocantes encontraram quem acreditasse nelas.

Correram histórias de senhoras inglesas vendidas nos bazares a quem mais oferecesse; de crianças assadas vivas; da esposa de um oficial em Meerut, a quem despiram e cortaram os seios; e não foi só aos britânicos do sexo masculino que os boatos transformaram em assassinos sedentos de sangue. Na longínqua e pacífica Bombaim, a senhora Fanny Duberly, esposa de um oficial dos hussardos, escrevia no seu diário: «Não posso deixar de olhar

para o futuro, com receio do dia da vingança, quando mergulharmos as mãos no sangue dos nossos inimigos e quando as línguas dos nossos cães ficarem vermelhas com o seu sangue.»(23)

Quando os soldados britânicos partiram de Cawnpore, juraram que, por cada mulher branca e por cada criança assassinadas, matariam cem inimigos. O «inimigo» era agora qualquer pessoa que tivesse a pele escura. Um aterrador rasto de cadáveres acompanhou o avanço de Havelock para Lucknow. A chacina intensificou-se quando o exército britânico principal regressou do Penjabe e iniciou a marcha para Deli; atingiu o auge em setembro, quando reconquistou a capital mogol.

No dia 11 de setembro de 1857, canhões e morteiros dispararam uma barragem de abertura sobre a cidade. Três dias depois, tropas britânicas, siques, patanes e gurcas entraram tumultuosamente pela Porta de Caxemira. Furiosos combates corpo a corpo lançaram os atacantes por sobre os muros para dentro do labirinto de ruas estreitas e tortuosas, e para o interior de quase todas as casas. Os soldados britânicos invadiram as adegas dos comerciantes que vendiam cerveja e outras bebidas alcoólicas europeias, acabando por se embriagar com vinho do Porto e brande.

«O demónio da destruição parecia divertir-se extraordinariamente,» comentou o oficial que chefiou o assalto a Deli. Muros e edifícios derrubados, corpos trespassados pelas baionetas, carroças e peças de artilharia obstruindo as ruas, enquanto o massacre continuava.(24) Homens, novos ou velhos, cipaios ou não, eram chacinados sem escrúpulos. Geralmente, poupavam as mulheres e as crianças indianas. Contudo, um oficial encontrou-se na rua com um antigo companheiro de escola, voluntário da administração pública de Bengala, cuja irmã tinha sido assassinada pelos amotinados. Declarou ao oficial que «tinha matado todos os que lhe apareceram pela frente, sem excetuar as mulheres e as crianças». A julgar pela expressão de loucura estampada no rosto e pelo sangue que lhe ensopava a roupa, o oficial acrescentou: «Acredito plenamente que me disse a verdade.»(25)

Depois de sete dias de combates, a 21 de setembro, a bandeira da Union Jack ondulava sobre a cidadela real, o célebre Forte Vermelho. Seis em cada dez homens da força britânica tinham sido mortos ou feridos. Os rebeldes e os civis mortos eram incontáveis. Os refugiados saíram da cidade, incluindo o homem em nome de quem se tinha desencadeado o motim, Bahadur Xá II, de 70 anos, rei de Deli e último governante mogol vivo. O capitão William Hodson dos Hodson Horse, cavalgou atrás dele com cinquenta dos seus excelentes soldados de cavalaria siques. Eram homens secos e esguios, com caras de aves de rapina, que nunca se barbeavam nem cortavam o cabelo. Mas os siques eram famosos em toda a Índia pela sua bravura na batalha, pela sua perícia com a espada e com o mosquete,

e pelas roupas leves de cor pardacenta, ou caqui, roupas que os soldados britânicos substituíam cada vez mais aos seus tradicionais casacos de cor escarlate³. Hodson e os seus homens foram apanhar o pretense imperador e o seu séquito nove quilómetros a sul da cidade, no grande túmulo do imperador Humayun.

Hodson garantiu a segurança ao ancião se ele se rendesse; a segurança dos seus três filhos era outro assunto. Corria o boato de que eles tinham mandado matar todas as mulheres inglesas que viviam em Deli, obrigando-as a beber o sangue dos próprios filhos antes de serem assassinadas.

Bahadur Xá enviou um mensageiro para perguntar se as vidas dos príncipes seriam poupadas caso ele se rendesse. «Rendição incondicional», foi a única resposta de Hodson. Por fim, os príncipes desistiram, subiram para um carro de bois e foram levados de volta a Deli. Quando se encontravam a um quilómetro e meio do Forte Vermelho, Hodson pô-los fora do carro e mandou-os despir. Depois, deu um tiro na cabeça a cada um deles, com uma carabina que pediu a um dos seus homens.

Os cavaleiros siques, de olhar sinistro, «gritaram de alegria». O seu maior líder, o *guru* Teg Badur, tinha sido assassinado pelo imperador de Deli em 1675, e, segundo uma profecia, seria um branco que os levaria à antiga capital e vingaria esse crime.(26) Hodson desfez-se dos cadáveres dos príncipes no local exato onde a cabeça do líder dos siques foi exibida, em 1675 – e onde o sangue das inglesas assassinadas durante a revolta em maio ainda manchava o solo.

Hodson foi dormir nessa noite «muito cansado mas muito satisfeito com o trabalho realizado naquele dia». De todos os lados, escrevia ele, recebia felicitações «por ter destruído com êxito os inimigos da nossa raça». (27) Os herdeiros do último imperador mogol, descendentes diretos do grande Tamerlão, estavam mortos. O governo britânico na Índia estava seguro. Pouco a pouco, a ordem tinha sido restabelecida. O último reduto dos rebeldes, em Gwalior, caiu no dia 19 de junho de 1858. Em março, Bahadur Xá foi julgado por um tribunal militar e declarado culpado de todas as acusações. Foi condenado ao exílio em Rangum pelo resto da vida, na longínqua Birmânia, onde morreu e foi sepultado quatro anos mais tarde, em novembro de 1862.

³ Durante o cerco de Deli, os soldados britânicos descobriram que a roupa de caqui não só era mais leve e mais fresca, mas também os tornava alvos menos visíveis. Uma descoberta que o resto do exército britânico também fez durante a Guerra dos Bóeres, depois de perder muitos homens alvejados pelos atiradores do inimigo, o que levou à adoção geral do caqui. (N. do A.)

Contudo, um dos líderes dos rebeldes conseguiu escapar. Nana Sahib simulou o suicídio após a queda de Cawnpore, na esperança de escapar aos seus perseguidores britânicos. O seu ajudante e general, Tania Tope, foi detido e executado em abril de 1859. Mas Nana Sahib nunca foi encontrado. Hodson declarou que enforcá-lo teria sido «um indubitável prazer». Correram insistentemente boatos de que Nana acabou por morrer de febres no Nepal, o que nunca se confirmou. Durante dezenas de anos, os funcionários dos postos remotos das montanhas, na Índia setentrional e ocidental, relataram ter avistado o sempre esquivo rajá de Bithur. A última informação teve a data de 1895.

Tal como uma espécie de Osama Bin Laden vitoriano, a recordação do homem a quem Havelock chamou «a encarnação do demónio» iria assombrar o *Radj* britânico até aos seus últimos momentos. A retaliação por aquilo que ele fez iria causar na Índia uma duradoura cicatriz. Hoje, Cawnpore foi rebatizada como Kanpur, e o anjo em mármore que esteve no local do poço de Bibighar já desapareceu. No entanto, continua de pé uma igreja neo-gótica em tijolo vermelho, erguida em memória das vítimas europeias.

Serve como um lembrete de que, durante alguns meses terríveis em 1857, à violência se respondeu com a violência e de que se semearam os ventos da violência futura. O Império Britânico na Índia, que parecia mais forte do que nunca nos anos que se seguiram ao Grande Motim, iria um dia colher tempestades.

Entretanto, na costa ocidental da Índia, em Porbandar, um antigo porto voltado para o mar Arábico, os acontecimentos do Grande Motim pareciam tão longínquos como se fossem acontecimentos ocorridos na Lua. Os soldados e os funcionários britânicos eram quase desconhecidos na cidade. Porbandar foi uma das muitas regiões da Índia que se manteve indiferente à revolta. Pelo contrário, os seus prósperos comerciantes hindus e muçulmanos ainda eram governados, como sempre tinham sido, pelo seu príncipe local, o *rana* de Porbandar. Nesse mesmo ano, quando o sangue escorria nas ruas de Cawnpore e de Deli, o *diuán* ou conselheiro-mor do *rana*, Karamchand Gandhi, levava a sua nova esposa e noiva para casa, pelas ruas de Porbandar, alegremente alvoroçadas.

Karamchand tinha 40 anos, elevada estatura e um aspeto distinto. A noiva tinha apenas 12 anos. Era o quarto casamento de Karamchand Gandhi. As duas primeiras esposas tinham morrido sem terem conseguido dar-lhe um filho varão; a terceira já estava irremediavelmente doente quando ele fez o contrato de casamento, conforme a tradição hindu, com a família da sua nova noiva, Putlibai. Para a família dela, era um bom partido.

Os Gandhis pertenciam a uma elevada *djati*, ou subcasta, e Karamchand era um importante homem de negócios, bem como um homem de posses e religioso. A sua casa estava situada perto do centro da cidade, junto de um templo dedicado ao Senhor Krisna, e rodeado de elegantes edifícios feitos de calcário brilhante e luminescente, que deu a Porbandar o nome de Cidade Branca. Ao pôr do sol, Karamchand e outros habitantes de Porbandar colocavam pequenas lâmpadas nos degraus das portas por altura dos festivais religiosos, banhando o calcário branco numa suave incandescência de âmbar.(28)

A casa de Karamchand Gandhi era uma casa aprazível, com três pisos, que o seu avô tinha comprado a uma mulher brâmane, oitenta anos antes. (Ainda existe a escritura original, redigida na língua local do Guzerate, e autenticada com o selo e a suástica⁴ do próprio *rana*.) O piso superior, ensolarado e ventilado pela brisa marítima, era onde o pai de Karamchand fazia as suas orações diárias todas as manhãs, durante duas horas. Todos os Gandhis eram membros da casta Bania, eram Hindus devotos e *vaixnavas*, devotos do culto de Vixnu e do Senhor Krisna, cujo templo ao pé da porta visitavam duas vezes por dia.

No piso inferior da casa, havia uma divisão com seis metros de comprimento por quatro de largura, onde a noiva de Karamchand iria passar toda a sua vida. Era uma sala escura, tão escura que, mesmo ao meio-dia, era necessário acender a lâmpada de azeite para se ver; e sufocante no calor do verão. Era o centro da vida do lar e para as mulheres da família Gandhi. Era ali que ela se dirigia todas as manhãs, antes de qualquer outra pessoa e dali se retirava depois de toda a gente ter ido deitar-se.(29) A um dos lados, havia uma pequena cozinha, onde preparava as refeições da família; do outro, uma divisão ainda mais pequena, onde viviam a mãe e a irmã. Foi para este quarto que Putlibai se retirou no dia 2 de outubro de 1869, para dar à luz o seu quinto e último filho.

Num lar *vaixnava* como o dos Gandhis, tudo o que estava relacionado com o nascimento de uma criança era considerado uma forma grave de poluição. Mais ninguém entrava no quarto, com exceção da parteira, que pertencia à casta mais baixa: após o nascimento da criança, o quarto era submetido durante vários dias a uma purificação e limpeza rituais. Contudo, a mãe de Karamchand estava autorizada a falar com Putlibai através da porta da entrada. Era a ela que competia informar as esposas dos seus outros filhos e as suas netas de que Putlibai tinha dado à luz um filho varão. Iriam ficar cheias de ciúmes; certamente que Putlibai devia

⁴ Um antigo disco solar indiano e símbolo tradicional de boa sorte, que mais tarde os Nazis transformaram no símbolo da pureza da raça ariana. (N. do A.)

ser querida dos deuses, pois apenas um dos seus quatro filhos era uma rapariga.(30)

Nos dez anos seguintes, Putlibai e o seu novo rebento permaneceram juntos naquele quarto abafado, apenas iluminado por uma lâmpada de azeite. Mas a criança estava em segurança e era saudável. Outra rapariga teria sido problemático: o *Aitareya Brahmana* tinha proclamado aos Hindus havia três mil anos que «ter uma filha é uma desgraça», e o infanticídio feminino, oficialmente proibido pelos Britânicos, não era desconhecido na região.(31) Mas este era um filho varão, de cabeça e mãos grandes, e logo trouxeram um sacerdote astrólogo para lhe fazer o horóscopo. Este foi favorável e, a partir das letras que o homem recomendou como sendo as mais favoráveis, os pais formaram um nome para a criança: Mohandas.

Iria ser o predileto de Putlibai, o benjamim mimado de um lar grande, piedoso e ativo. A mãe todos os dias pedia ao Senhor Krisna que fizesse do seu Mohandas um herói entre os heróis. Mas, embora a vida na casa de Gandhi tivesse voltado ao normal e colocassem as pequenas lamparinas nos degraus da porta para o culto da noite, nunca ela poderia ter adivinhado que tipo de herói iria ele ser, nem como.

OS CHURCHILLS E O RADJ

*E a Torre de Blenheim triunfará
sobre Whitehall.*

PANFLETÁRIO ANÔNIMO, 1705

No dia 30 de novembro de 1874, nascia mais uma criança, um rapaz, no outro lado do mundo. Também este viu a luz do dia pela primeira vez na casa do seu avô, mas a uma escala muito mais grandiosa – na realidade, era a maior casa privada da Grã-Bretanha.

Rodeado por 1200 hectares de «relvados verdejantes e águas límpidas, tufos de loureiros e de fetos, matas de carvalhos e de cedros, fontes e ilhas», o palácio de Blenheim orgulhava-se das suas 187 divisões.(1) Foi num quarto arejado do primeiro andar que Jennie Jerome Churchill deu à luz o seu primeiro filho. «Olhos e cabelos negros», foi assim que o marido de Jennie, Randolph Churchill, de 25 anos de idade, descreveu o rapaz à mãe de Jennie, e «muito bonito, toda a gente o diz».(2)

A criança foi batizada com o nome de Winston Leonard Spencer Churchill. Se os Gandhis eram desconhecidos fora do seu minúsculo Estado indiano, o nome de Churchill resumava História. John Churchill, primeiro duque de Marlborough, tinha sido o mais aclamado general da Europa e o homem mais poderoso da Grã-Bretanha. Uma série de vitórias sobre a França, na primeira década do século XVIII, fez da Grã-Bretanha uma potência a nível mundial. Agradecida, a rainha Ana ofereceu-lhe a propriedade real de Woodstock, para ali erguer um palácio, a que deu o nome da sua mais célebre vitória. Para Winston Churchill, o palácio de Blenheim simbolizaria sempre uma herança de glória e uma família nascida para a grandeza.

Apesar de tudo, ao primeiro duque de Marlborough seguiu-se uma sucessão de nulidades. Se o poder e a riqueza de Inglaterra se expandiram,

atingindo alturas inimagináveis ao longo do século seguinte, o poder e a riqueza dos Churchills foram declinando sem parar.

A imensa fortuna acumulada pelo primeiro duque na época da rainha Ana foi esbanjada pelos seus sucessores. Quando o pai de Randolph herdou o título, em 1857, o mesmo ano em que na Índia estalava a Revolta dos Cipayos, foi confrontado, tal como o seu pai e o seu avô antes dele, com dívidas de proporções astronómicas e com escassos meios para lhes fazer face. O avô de Randolph já havia transformado Blenheim num museu público, cobrando aos visitantes um xelim de entrada. O pai de Randolph teria de se desfazer de alguns quadros de valor incalculável (entre eles, um Rafael e um esplêndido retrato equestre do rei Carlos I, da autoria de Van Dyck, ainda hoje o maior quadro da National Gallery), da fabulosa coleção de joias Marlborough, e dos dezoito mil volumes da Biblioteca Sunderland, de forma a poder viver dentro do seu orçamento.(3)

Nos apertos financeiros que começavam a afetar quase toda a aristocracia vitoriana, os Spencer-Churchills viram-se em maiores dificuldades do que a maioria. Para Randolph Churchill, a herança dos Marlborough fora a herança de uma bancarrota. Num sentido crucial, não foi absolutamente uma herança. O irmão mais velho, lorde Blandford, iria ficar com o título ducal, com o palácio de Blenheim e com as restantes propriedades. O que ficava para ele e para os seus herdeiros era relativamente irrisório (embora fosse muito mais do que o património da grande maioria dos britânicos): 4200 libras anuais e o arrendamento de uma casa em Mayfair.(4)

Assim, Randolph, o jovem pai, com vinte e cinco anos de idade, iria ter de abrir o seu próprio caminho no mundo, tal como mais tarde iria acontecer ao seu filho. E ambos escolheram idêntica via: a política.

Randolph era o rebelde da família, sempre contestatário e descontente por natureza. Por detrás dos seus papudos olhos mortiços, de um farto e requintado bigode e de uma altivez aristocrática e tranquila, estava a alma de um indivíduo voluntarioso e dominador. Conforme confessou ao amigo lorde Rosebery, «Gosto de ser o chefe».(5) O jovem lorde Randolph estava decidido a fazer um nome para si próprio como membro do Parlamento. Só precisava de um pretexto.

Em 1874, não era fácil encontrar esse pretexto. Na altura em que Winston Churchill nasceu, a política britânica era o reflexo de um consenso que o país não conhecia há perto de cem anos – e que tão cedo não voltaria a conhecer.(6) A última grande batalha a nível nacional fora travada por causa do Second Reform Bill, quando as multidões se envolveram em desordens com a polícia nas ruas de Londres, destruindo os carris em volta de Hyde Park. A aprovação da lei de 1867 abriu a porta aos primeiros eleitores britânicos da classe trabalhadora. Mas, quase dez anos depois, nem os Con-

servadores nem os Liberais estavam dispostos a permitir que essa porta se abrisse mais amplamente.

Ambos os partidos concordaram que o comércio livre era a pedra angular da economia britânica, ainda a mais rentável em todo o mundo. Ambos concordaram com a importância de manter o padrão-ouro. Concordaram também que era preferível deixar a reforma social nas mãos de privados locais, embora o Parlamento ocasionalmente desse a sua aprovação a uma ronda de remoção dos bairros de lata ou a uma lei sanitária de grande alcance. Um dia de doze horas de trabalho para a média dos trabalhadores e dez e meia para as mulheres e para os jovens com idades superiores a treze anos foi uma notável medida de bom senso, tanto económica como moralmente. Não era uma medida de bom senso conceder-lhes uma pensão de reforma governamental nem um cheque de desemprego.(7)

Conservadores e Liberais também estavam de acordo em manter um império que não tinha rival e em defendê-lo com uma marinha sem igual. Em 1874, esse império não era apenas o mais extenso mas era também o mais coeso do planeta.(8) Abrangia a Grã-Bretanha propriamente dita, com a Inglaterra, o País de Gales, a Escócia e a Irlanda, todos unidos sob um único governo e uma única coroa. Do outro lado do Atlântico, estavam as ilhas das Índias Ocidentais e também o Canadá, o primeiro «domínio» do império, que se autogovernava – uma palavra que iria avultar largamente nas últimas batalhas entre Churchill e Gandhi.

Havia depois as prósperas e estáveis colónias com colonos brancos na Nova Zelândia e na Austrália, as quais, embora situadas a uma distância superior a quinze mil quilómetros, nutriam um forte sentimento de lealdade para com a Grã-Bretanha e a Coroa. A Grã-Bretanha geria também o destino de duas colónias na África do Sul, a Colónia do Cabo e o Natal, a somar a Lagos, na Nigéria. Completavam a coleção Hong Kong, Singapura e outras possessões disseminadas pela Ásia e pelo Mediterrâneo.

Mas a peça central do império era a Índia, onde a Grã-Bretanha era senhora incontestada de mais de um quarto de bilião de pessoas. Em 1874, dois em cada três súbditos britânicos eram indianos. Desde o Grande Motim, ambos os partidos políticos tinham cerrado fileiras quanto à forma de lidar com a Índia. O poder do sistema de governação britânico, ou o *Radj*, como passou a chamar-se após o Motim, tornou-se mais palpável mas também mais dinâmico. A abertura, em 1869, do canal do Suez tornou muito mais fácil chegar ao antigo subcontinente do que nos dias anteriores ao Motim.

A maioria dos Britânicos não sabia quase nada acerca do subcontinente nem acerca dos seus povos. Não obstante, o facto de possuírem a Índia e de praticamente a governarem como um império distinto conferiu

aos Britânicos uma auréola de estatuto de superpotência que nenhum outro povo ou nação conseguia igualar. Essa atitude foi resumida nove anos mais tarde num poema de Rudyard Kipling, intitulado «Ave Imperatrix»:

*E todos são ensinados a cumprir a tua vontade
Na terra e no mar – onde quer que ondule
A tua bandeira, a combater e a seguir-te tranquilamente,
E a cumprir os destinos do teu império.*

No meio desta marcha triunfante rumo ao futuro, o único sinal de perturbações era a Irlanda. A questão de saber se os católicos irlandeses deveriam de alguma forma beneficiar de algum grau de «governo nacional» tornou-se um problema candente na política irlandesa. Em 1875, enviaram ao Parlamento Charles Stewart Parnell; mas apesar disso, o nacionalismo irlandês mal causou impressão em Westminster; o mesmo aconteceu com todos os outros problemas⁵.

Parecia não haver questões candentes a dividir a opinião pública, não haver nenhum aceso conflito de interesses, quaisquer ameaças avolumando-se no horizonte, para que um político desconhecido mas ambicioso pudesse valer-se disso. Por volta de 1880, Randolph apercebeu-se de que tinha apenas uma maneira de chamar as atenções do Parlamento: tornando-se incómodo e agitando as águas.

A questão de que o pai de Winston se aproveitou foi o caso Bradlaugh. Charles Bradlaugh era um liberal e um ateu radical que, ao ser eleito naquele ano para o Parlamento, recusou fazer o juramento necessário para a tomada de posse do seu lugar nos Comuns, porque o juramento continha a expressão «assim Deus me ajude». A questão de se saber se Bradlaugh deveria, mesmo assim, ocupar o seu lugar, agitou o coração de muitos deputados conservadores e *sir* Henry Drummond Wolff, um amigo de Randolph, pediu-lhe ajuda contra Bradlaugh.

Randolph depressa descobriu que Bradlaugh era um alvo fácil.(9) Ele não era apenas livre-pensador mas era também socialista, defensor do controlo da natalidade e mesmo um crítico do império. Bradlaugh era também um republicano radical que, em termos acalorados, condenava a monar-

⁵ Iria causar impressão mais depressa do que a maioria pensava. Ironicamente, o poema triunfalista de Kipling foi composto em 1882, com o objetivo de tranquilizar o público britânico depois de ter sido descoberta uma conspiração irlandesa para assassinar a rainha Vitória. A mais antiga recordação infantil de Winston Churchill era a de um passeio pelo Phoenix Park de Dublin e a visão do local onde o vice-rei britânico fora assassinado, apenas meia dúzia de anos antes. (N. do A.)

quia e os aristocratas como Randolph⁶. Assim, quando Randolph discursou, no dia 24 de maio de 1880, condenando Bradlaugh pelo seu ateísmo, leu também em voz alta um dos panfletos de Bradlaugh, em que chamava à família real «pequenos vagabundos alemães amamentados ao peito, cujo único mérito é o amável ódio que nutrem uns pelos outros». Em seguida, atirou o panfleto ao chão, espezinhando-o.

A Câmara ficou pasmada. «Toda a gente ficou satisfeita», escreveu Jennie, que, da galeria, tinha ouvido o discurso, «e acorreram a felicitar-me com tal entusiasmo que me senti como se tivesse sido eu a fazer aquele discurso».(10) A carreira do lorde Randolph Churchill estava lançada de forma sensacional, chocante, açambarcando a primeira página dos jornais. Juntamente com Wolff e outro amigo, *sir* Henry Gorst, formou o que veio a ser conhecido como o Quarto Partido⁷, uma junta de conservadores dissidentes, que atacavam os líderes do seu próprio partido todas as vezes que alinhavam com o governo – para gáudio de jornalistas e leitores dos jornais.

Subitamente, graças a Randolph Churchill, a política voltou a ser divertida. Quando Bradlaugh foi reeleito apesar de lhe ter sido negado o seu lugar, Randolph voltou a atacá-lo, ridicularizando-o para as galerias e para a imprensa; quando os eleitores de Northampton insistiram em votar nele, Randolph voltou a fazer o mesmo. E assim uma quarta e uma quinta vez: a certa altura, Bradlaugh teve de ser escoltado pela polícia à saída da Câmara e encerrado na torre do Big Ben. Algumas pessoas começaram a gracejar, afirmando que Randolph devia estar a subornar os eleitores de Northampton para que continuassem a votar em Bradlaugh, porque dessa forma mantinham Randolph na primeira página dos jornais.

O lorde Randolph teve o bom senso de perceber que, embora o caso Bradlaugh o tivesse lançado na sua ascensão política, precisava de temas mais substanciais para apoiar a sua carreira. Durante algum tempo tentou a Irlanda, defendendo a causa dos Protestantes do Ulster, no Norte, e fustigando os nacionalistas irlandeses no Sul. Experimentou uma nova frase feita, «Democracia conservadora», incitando os Conservadores a ganharem votos e aliados na classe operária da Grã-Bretanha, recentemente emancipada – mas a expressão possuía mais apelo mediático do que substância ou pensamento por detrás dela. Tentou até o Egito, denunciando o apoio do governo liberal ao seu governante corrupto. Finalmente, no verão de 1884,

⁶ Seria também um dos primeiros campeões do nacionalismo indiano. Quando morreu, em 1891, e foi sepultado no cemitério de Brookwood, em Londres, entre as três mil pessoas que acompanharam o féretro estava um jovem chamado Mohandas Gandhi. (N. do A.)

⁷ Depois dos Liberais, Conservadores e Nacionalistas Irlandeses. (N. do A.)

o homem a quem um jornalista norte-americano chamou «a sensação política da Inglaterra» voltou-se para a Índia.

Embora a Índia fosse vital para a Grã-Bretanha, poucos eram os políticos com alguns conhecimentos sobre a maior das possessões do império. Em novembro de 1884, Churchill planeou uma digressão pela Índia. O seu amigo Wilfred Blunt, que já tinha viajado muito por lá, estabeleceu as apresentações fundamentais. Previa «um grandioso futuro para qualquer estadista que pregasse a democracia conservadora na Índia».(12) O lorde Randolph partiu em dezembro, e só regressou a Londres em abril de 1885, depois de ter percorrido mais de 30.000 quilómetros. Fez então um ciclo de conferências inflamadas, denunciando as políticas do governo Gladstone na Índia, desde menosprezar a ameaça da Rússia até fracassar na conquista de uma maior participação nativa no *Radj*. As conferências fizeram dele o «porta-voz da primeira linha»(13) dos Conservadores na Índia. Assim, quando os Conservadores regressaram ao poder em junho desse ano, foi o candidato óbvio à pasta de secretário de Estado para a Índia.

Em termos de influência direta nas vidas do povo, tratava-se da posição mais poderosa no gabinete, mais poderosa ainda do que a do primeiro-ministro. Aos 36 anos de idade, Randolph Churchill supervisionava um domínio imperial que, conforme viria a descobrir nas suas viagens e leituras, era único na História da Grã-Bretanha – talvez mesmo único na História da humanidade.

Como teria a Grã-Bretanha construído um império na Índia, conquistando uma das mais antigas e poderosas civilizações do mundo, foi uma saga heroica, uma saga de sacrifício, inexorabilidade e ganância. Mas foi também a história de um crescente sentido de missão, até mesmo de destino: a crescente convicção de que os Britânicos estavam destinados a governar a Índia não só no seu próprio interesse mas igualmente em consideração aos Indianos. Essa convicção iria modelar decisivamente o carácter não apenas do Império Britânico na Índia, mas também o do filho de Randolph, Winston Churchill – o homem em cujas mãos o destino do *Radj* acabaria por cair.

Ironicamente, os pais fundadores desse império, o grupo de mercadores tementes a Deus que viviam na Londres de Shakespeare e que criaram a Honorable Companhia das Índias Orientais, nunca tiveram de maneira alguma a intenção de partir para a Índia – não mais do que a rainha Isabel I, que também não esperava que partissem quando lhes concedeu o alvará real, no último dia de 1600. O seu objetivo eram as Ilhas das Especiarias (as ilhas Molucas, na atual Indonésia), onde mercadores e aventureiros portugueses, espanhóis e holandeses faziam fortunas com a noz-moscada,

o cravinho e o macis. A paragem inicial da Companhia das Índias Orientais em Surat, na costa ocidental da Índia, foi supostamente uma curta paragem para aventuras mais a leste.

Mas quando os Holandeses torturaram e assassinaram dez dos seus mercadores na ilha de Amboyne em 1623 e puseram os ingleses fora das Ilhas das Especiarias, a Companhia, que tinha a sua sede em Londres, não tinha mais nenhum lugar para onde ir.(14) Por volta de 1650, o ano em que John Churchill nasceu em Devon, a Companhia das Índias Orientais viu-se precariamente empoleirada num minúsculo entreposto perto de Surat, chamado Forte de S. Jorge, comerciando ao bel-prazer dos governantes da Índia, os imperadores mogóis – na altura provavelmente os mais ricos seres humanos em todo o mundo. Em 1674, a Companhia adquiriu um entreposto semelhante em Bombaim, que o rei Carlos II recebeu como dote da sua noiva, das mãos do rei de Portugal. Mais tarde, em 1690, construiu outro em Kalikut, no Bengala, nome que os Ingleses pronunciavam Calcutta (atual Kolkata).

Os Ingleses eram apenas uma das muitas comunidades europeias que tinham comércio nesta região. Os Portugueses tinham um próspero entreposto em Goa, onde os Portugueses e os Indianos cristãos se reuniam para rezar numa igreja onde se guardavam os restos mortais de S. Francisco Xavier. Os Holandeses dominavam em Ceilão; os Dinamarqueses tinham-se instalado em Tranquebar. A Companhia Francesa das Índias Orientais, fundada em 1668, possuía grandes «feitorias» ou armazéns em Pondicherry e em Chandernagore, para os seus carregamentos de anil, açúcar e pimenta. Sujeitos a um calor abrasador e a uma humidade sufocante, presas da doença e das moscas, as pessoas concentravam todas as suas energias em ganhar dinheiro e em ficar do lado certo do imperador mogol.

Em 1712, no seu palácio de Lahore, morre o imperador Bahadur Xá I, rodeado pelos seus cortesãos, generais e concubinas – ao mesmo tempo que o duque de Marlborough erguia as majestosas torres do palácio de Blenheim, a seis mil quilómetros de distância. Embora ninguém se tenha apercebido, Bahadur foi o último grande governante da Índia. Depois da sua morte, o magnífico Império Mogol fragmentou-se a uma velocidade alarmante.

A morte de Bahadur deixou o império partido em dois, com as cidades capitais mogóis Deli no Norte, e Hyderabad no Sul, rivalizando entre si. Os inimigos externos, como os Afegãs e os Persas, e os internos, como os Siques e os clãs guerreiros hindus dos Maratas e dos Rajputes, puseram-se em movimento. Quando morreu o velho *nizam* de Hyderabad, em 1748, as comunidades francesa e britânica de comerciantes na Índia foram obrigadas, quase contra vontade(15), a escolher um dos lados na luta pelo controlo da metade sul do império, antes de este ter soçobrado no caos.

O francês Joseph François Dupleix foi o primeiro a perceber que, ao colocar o poder da sua Companhia das Índias Ocidentais por detrás de um candidato ao trono do *nizam*, podia modelar decisivamente os acontecimentos para o seu lado. Mas foi o seu rival Robert Clive que pôs essa percepção a funcionar como uma fórmula para a construção de um império.

Em 1751, Clive era apenas mais um funcionário mal pago da Companhia das Índias Orientais em Madrasta, atormentado pelas febres e pelo calor irritante e acessos de depressão doentia. Por duas vezes tentou suicidar-se; e por duas vezes a pistola de que se serviu encravou. Não possuía experiência militar absolutamente nenhuma, quando os seus chefes, repentinamente, decidiram encarregá-lo de tomar a fortaleza do *nizam*, em Arcot.

Mas Clive percebeu melhor do que ninguém que o poder na Índia brotava literalmente do cano de uma espingarda. A Índia estava a cair na anarquia. A fim de proteger os seus interesses quer contra os saqueadores locais quer contra os Franceses, a Companhia das Índias Orientais criou o seu próprio exército, com regimentos de soldados nativos (os cipaio) e soldados de cavalaria (os *souares*), servindo sob as ordens de oficiais britânicos e utilizando modernos mosquetes, disciplina e instrução à europeia. (16) Recrutados principalmente no Norte da Índia e nas aldeias hindus e muçulmanas entre Bihar e Agra, estes cipaio treinados pelos Britânicos eram de longe superiores às tropas que qualquer governante nativo conseguia pôr no terreno. Assim, com algumas centenas deles e com o apoio de alguns militares europeus, Clive conseguiu tomar Arcot, aguentá-la contra todos os que se apresentaram e depois estabelecer uma aliança com um cacique local marata, para expulsar os Franceses da Índia meridional – e arrecadar para si uma bela fortuna.

De Hyderabad, Clive seguiu para Bengala, a província mais rica do Império Mogol, onde ele e os seus cipaio de pé descalço fizeram o mesmo. Na altura em que Clive derrotou os bengalis aliados da França, na batalha de Plassey em 1758, já tinha transformado o exército mercenário da Companhia das Índias Orientais numa imparável máquina de conquista. O imperador em Deli foi forçado a nomear Clive governador de Bengala, com o controlo britânico sobre Bihar e Orissa, nos termos do acordo.

Estava montado o modelo para o futuro. Com uma maré-alta de conflitos e de caos no subcontinente, nenhum príncipe indiano podia permitir-se não aceitar a ajuda britânica. Porém, quanto mais um príncipe dependia da ajuda britânica, mais enfraquecia a sua própria capacidade para controlar os acontecimentos ou manter a ordem, o que levava a mais conflitos e caos. Nestas condições de incerteza, a única aposta segura era a Companhia das Índias Orientais e o seu invencível exército. E os soldados da companhia, cavalos, canhões, tudo era pago pelas receitas dos territórios

que conquistava, receitas que eram coletadas e administradas pelos príncipes locais que deixavam organizados *in loco*. Oito anos apenas depois de Clive ter aparecido em cena, a Companhia das Índias Orientais tinha-se tornado uma potência e uma lei para si própria.

Foi um processo que inevitavelmente levou à corrupção. O próprio Clive deu o exemplo com a sua pilhagem do Bengala. Como outro futuro funcionário da Companhia das Índias Orientais comentou, Clive «caminhou por entre montões de ouro e prata, coroado de rubis e diamantes, e estava livre para se servir a si próprio». Foram necessários duzentos botes para transportar o primeiro carregamento do saque até Calcutá. Calculou-se que, só em 1757, Clive e os seus «compadres» extorquiram mais de 1,2 milhões de libras esterlinas ao governante do Bengala, o suficiente para edificar uma cópia do palácio de Blenheim. Por volta de 1781, esse número subiu a perto de cinco milhões de libras.⁽¹⁷⁾ Mesmo assim, as riquezas que ficaram no Bengala faziam parecer irrisória essa quantia. «Meu Deus», exclamou Clive ao ser questionado na Câmara dos Comuns, «neste momento estou pasmado com a minha própria moderação.»

Clive adquiriu uma propriedade fabulosa em Shropshire (onde acabou por conseguir suicidar-se). Outro general da Companhia, Eyre Coote, saiu de lá com o suficiente para comprar casas de campo na Irlanda, herdades em Hampshire e Wiltshire e uma confortável residência em Londres. Tinha chegado a idade de ouro dos nababos; houve outros indivíduos da Companhia que se serviram do seu monopólio comercial com o Bengala para fazerem fortuna.⁽¹⁸⁾ Entretanto, os bengalis morriam de fome e a própria Companhia caminhava para a bancarrota.

A situação agravou-se de tal forma que Londres finalmente nomeou Warren Hastings como governador-geral, com a incumbência de endireitar as coisas, concedendo-lhe poderes executivos sobre os enclaves da Companhia das Índias Orientais em Bombaim e em Madrastra. As reformas de Hastings, juntamente com o Regulation Act de 1773, e o India Act de 1783, regularizaram finalmente a governação britânica na Índia. Criaram um conselho governativo em Calcutá, presidido por um governador-geral e uma secretaria de controlo em Londres; e transformaram a Companhia das Índias Orientais e toda a sua equipa militar e civil em funcionários do governo britânico.

Foi um momento de importância fulcral. O grosso do país, obviamente, ainda se encontrava em mãos indianas, com um imperador mogol em Deli. Nem Whitehall, nem Leadenhall Street, nem o conselho em Calcutá queriam alterar essa situação. Mas a sua recusa em assumir a responsabilidade pelo resto do Império Mogol não permitiu aos Britânicos deixarem de lidar com os seus problemas. Príncipes locais vorazes para além de

todos os poderes, agressivos e bem armados, *nauabs* indianos com vontade própria, ou vice-reis com uma base própria de poder, e comunidades guerreiras arrogantes, como os Maratas ou os Siques, todos eles procuravam obter a hegemonia no subcontinente.

A manutenção da lei e da ordem era um problema que recuava milênios atrás na Índia. «Todo aquele que for superior em poder, estará envolvido em guerra», escreveu o autor de *Arthashastra* ou *Tratado da Governança*, uma obra com 1500 anos de idade, «todo aquele que aumentar o seu poder quebrará o acordo de paz.» Em trinta séculos de História, nenhum governante indiano conseguiu alguma vez derrotar todos os provocadores ou esquivar-se a todos os saqueadores. Mesmo assim, os Ingleses, na sua arrogância e ignorância, quiseram fazer mais uma tentativa.

Assim, um a um, os pequenos príncipes independentes e os seus exércitos de seguidores atiraram-se aos exércitos britânicos de cipayos e *souares*, cada vez mais apoiados por tropas europeias. O governante de Hyderabad, o *nizam*, entregou os últimos laivos de independência em 1798. Depois, os governantes de Misore e os exércitos da Confederação Marata foram derrotados numa série de campanhas que firmaram a reputação de *sir* Arthur Wellesley como o mais brilhante militar britânico desde o duque de Marlborough⁸.

Foi então a vez do saqueador Pindaris; o *pexauá* de Poona, o último grande príncipe marata, derrotado em 1818. Em seguida os Rajputes; depois, o emir de Sind, seguido pelos Siques. Com a anexação da Baixa Birmânia, em 1826, do Penjabe em 1849, e do reino de Oudh em 1854, o mapa da Índia britânica, que Winston Churchill iria estudar como aluno em Harrow, estava quase completo.

Para o processo de conquista e governação, a própria Companhia das Índias Orientais tinha-se tornado cada vez mais irrelevante. O seu monopólio comercial foi abolido em 1833. O que lhe restou foi uma rede militar, judicial e administrativa a dominar as vidas de dezenas de milhões de Indianos, e a afetar mais alguns milhões. O governo da Índia tinha avançado através de reformas desde Warren Hastings, mas mantivera-se relativamente simples. Para além de manter a ordem e de cobrar os impostos, deixava amplamente às autoridades locais os seus próprios mecanismos, para o melhor, ou – em caso de fomes ou de epidemias – para o pior. O governador-geral William Bentinck tinha instituído o precedente de reprimir práticas hindus que eram as mais escandalosas aos olhos ocidentais, como o *sâti*, queimar as viúvas vivas nas piras fúnebres dos maridos, e o *tâgui*, o assassinio ritual cometido pelos adoradores fanáticos da deusa Kali.

⁸ Em 1815, como duque de Wellington, derrotaria Napoleão em Waterloo. (N. do A.)

No seu conjunto, porém, apesar de nunca duvidarem da sua superioridade sobre os Indianos, os administradores britânicos evitavam cuidadosamente qualquer conflito frontal com a cultura indígena. Quando Henry Lawrence assumiu a administração do Penjabe em 1850, as únicas instruções que deu aos seus jovens subordinados, alguns dos quais iam governar distritos do tamanho de Inglaterra, foram: «Estabilizem o país; façam as pessoas felizes; e tomem cuidado para que não haja desordens.»(19)

Foi quando o governador-geral lorde Dalhousie tentou exceder estes limites mínimos, que o ressentimento dos Indianos contra o governo britânico explodiu no Grande Motim de 1857. Em todos os aspetos, o programa progressivo de Dalhousie estava bem planeado. Deu à Índia a sua primeira via-férrea e o telégrafo; criou o serviço postal nacional; promulgou leis proibindo o casamento das crianças e o infanticídio feminino; e criou a primeira escola para raparigas na Índia.(20) Durante os oito anos em que ocupou o cargo, desde janeiro de 1848 até fevereiro de 1856, Dalhousie introduziu mais mudanças na Índia do que tinha acontecido durante séculos – na verdade, mais do que os Indianos podiam aguentar. A Revolta dos Cipayos, desencadeada pelos boatos de que as munições eram embebidas em gordura animal, foi apenas um pretexto. (Foi também Dalhousie quem mandou cortar a pensão a Nana Sahib.) Hindus ofendidos e Muçulmanos ultrajados por toda a Índia Norte e Central, levantaram-se numa tentativa feroz para voltar atrás e expulsar os Britânicos.

Fracassaram. Os Britânicos usaram a sua vitória em 1858 para arrumar qualquer alternativa à sua autoridade, fosse militar ou política – ou, igualmente importante, moral. Desapareceram os últimos vestígios da Companhia das Índias Orientais; os regimentos de nativos indianos perderam a sua artilharia, e o número de soldados britânicos na Índia subiu de menos de 35.000 para 65.000.(21) O último imperador mogol perdeu o trono e todos os outros príncipes viram-se privados da sua autoridade independente, inclusive dos seus exércitos particulares. Os Britânicos saíram do Grande Motim mais fortes do que nunca, senhores incontestados de mais de 250 milhões de pessoas. Tinha começado o *Radj*.

Mas os Britânicos usavam cautelosamente o seu domínio. No dia 1 de novembro de 1858, a rainha Vitória proclamou a nova ordem na Índia. Dali em diante, todos, brancos ou mestiços, ricos ou pobres, Hindus ou Muçulmanos, Siques ou Cristãos, «gozariam da proteção igual e imparcial da lei», garantia a rainha aos seus súbditos indianos. Qualquer interferência ou intrusão nas suas crenças religiosas incorreria «no nosso mais profundo desagrado». Todos seriam «livre e imparcialmente admitidos aos cargos dos nossos serviços». A proclamação terminava com uma promessa e um pedido redigido pela própria rainha:

Na sua prosperidade estará a nossa força, na sua satisfação a nossa segurança e na sua gratidão a nossa melhor recompensa... E possa Deus Todo-Poderoso conceder-nos a nós, e a todos os que estão investidos em autoridade abaixo de nós, a força para cumprir estes nossos votos para o bem do nosso povo.(22)

A proclamação da rainha seria o documento fundador do *Radj* britânico. Por detrás das exibições de fogo de artifício e das comemorações, desde cidades como Calcutá até aos mais remotos postos de montanha como Massoorie, estava a esperança de um futuro melhor, após a violência e os rancores do Motim. Anos mais tarde, Mohandas Gandhi recordava a proclamação da rainha como um modelo de benevolente poder maternal.

A própria rainha Vitória começou a aprender hindi. Contratou dois criados indianos, um dos quais se tornou o seu secretário particular. Entretanto, os Britânicos libertaram as suas energias criativas para refazer a Índia à sua própria imagem e, assim julgavam, tornar a Índia melhor. Construíram pontes, estradas, vias-férreas (por volta da década de 1860, havia mais de sete mil quilómetros de via) e fábricas produzindo ferro e têxteis.(23) Organizaram sistemas ambiciosos de rega para ajudar a alimentar as massas da Índia e medidas de saúde pública para combater a doença.

Fundaram-se escolas e até universidades para instruir a juventude indiana, criando uma elite de Hindus e Muçulmanos educados à moda ocidental, que publicava e lia jornais em inglês, escrevia romances, estudava Direito e Engenharia, e citava Shakespeare e Keats. Em 1861, os Britânicos puseram em vigor um código legal mais imparcial e mais avançado do que o que vigorava na Grã-Bretanha. (Por exemplo, protegia-se o direito das mulheres casadas à propriedade.)(24) Mantinham uma eficiente força policial e um corpo de magistrados e de administradores em cada província e distrito que fariam da Administração Pública Indiana um modelo de governo protecionista para o resto do mundo.

Os Britânicos também mantiveram a ordem na instável Fronteira Noroeste, onde as tribos montanhesas se combatiam umas às outras, como tinham feito durante séculos; essa fronteira tinha sido a porta de entrada para invasores estrangeiros, desde o tempo de Alexandre Magno. No século XVIII, a principal ameaça para a Índia tinha sido proveniente da Pérsia. Com os Britânicos, ainda mesmo antes do Grande Motim, o desafio parecia ser a Rússia imperial, que andava ocupada a construir o seu próprio império a leste, através de Tashkent e Khokand, até às montanhas de Pamir, o Bam-y-Dunya ou Teto do Mundo, situado a poucos quilómetros da fronteira indiana.(25)

A necessidade de medidas anti-Rússia fez nascer o assim chamado Grande Jogo⁹, que se tornou quer uma estratégia imperial quer uma perspectiva geopolítica. Para alguns membros da Administração Pública Indiana, imortalizados nas obras de Rudyard Kipling, transformou-se quase numa vocação. O Grande Jogo exigiu gerações de políticos a trabalhar para manter um emaranhado de alianças com as várias tribos da montanha, bem como guarnições armadas para patrulhar a acidentada paisagem lunar das zonas tribais. Significou manter o Afeganistão como um amortecedor neutro, embora ficando alerta a qualquer movimento repentino da Rússia na Pérsia ou na Ásia Central.

O Grande Jogo justificou também a manutenção de um vasto e ativo serviço secreto na Índia (imortalizado no livro *Kim*, de Rudyard Kipling) com o objetivo de espiar nas populações locais quaisquer sinais de subversão ou agitação inspirados pelos Russos contra o governo britânico (ou, mais tarde, quaisquer sentimentos nacionalistas). Justificou a manutenção de um grande exército nativo indiano, 153.000 homens em 1887, tudo a expensas dos contribuintes indianos,(26) ostensivamente para os proteger da ameaça russa, mas também para ajudar a garantir a segurança da autoridade do *Radj* bem como as guarnições dos postos avançados tropicais do império, desde o Egito e a Somália até Hong Kong e Singapura.

Ao longo de duas décadas e meia após o Motim, o *Radj* cumpriu a promessa da rainha, ou assim pareceu. A população da Índia estava em ascensão; a esperança média de vida subiu de 21 para 32 anos; até mesmo o rendimento *per capita* dos Indianos mostrou algumas melhorias (ainda que invisível pelo padrão nacional britânico).(27) A Administração Pública Indiana era sinónimo de incorruptibilidade, diligência e dedicação, simbolizadas no *Binks of Hezabad*, de Kipling:

«Porque tem o meu distrito uma tão baixa taxa de mortalidade?»
Perguntava *Binks of Hezabad*.
«Pois bem, drenos e embocadura de fossas
São a minha peculiar loucura.»

Mas se a Grã-Bretanha modificou a Índia, também a Índia modificou a Grã-Bretanha.

A Grã-Bretanha beneficiou, por exemplo, de uma vasta gama de produtos indianos derivados das relações imperiais. E o primeiro foi o chá,

⁹ Em inglês *Great Game*, é uma expressão usada pelos Britânicos para o que era visto como uma rivalidade estratégica no conflito entre o Império Britânico e o Império Russo pela supremacia na Ásia Central, durante o século XIX. (N. do T.)

que a Companhia das Índias Orientais exportava a partir da China desde o século XVII, até que um cientista escocês descobriu como plantá-lo na Índia. Na altura em que nasceu Winston Churchill, em 1874, a produção de Darjeeling tinha atingido quatro milhões de libras-peso por ano, e o chá indiano tornou-se o esteio da dieta britânica.

Havia também a juta, donde se fabricavam cabos, cordame e sacos robustos para usar nos produtos agrícolas e industriais. A indústria da juta tornou-se um dos empreendimentos de mais rápido crescimento e mais lucrativo, tanto na Índia como na Grã-Bretanha. Praticamente, colocou no mapa a cidade industrial de Dandi. E havia o algodão: quando a Guerra Civil Americana cortou as importações vitais de algodão para a Grã-Bretanha proveniente dos Estados do Sul, a versão indiana manteve a funcionar as fábricas do Lancashire e manteve os lucros sempre a crescer. Por isso, a Índia importava de Inglaterra o grosso dos tecidos de algodão acabados, sendo assim um mercado importante para escoar a produção da Revolução Industrial britânica.(28)

Finalmente, havia o ópio, que a Companhia das Índias Orientais contrabandeou dos campos de papoilas da Índia para a China, durante dezenas de anos, até que a Convenção de Pequim, em 1861, legalizou a sua venda, enfraquecendo fatalmente o Império Chinês e levando ao estabelecimento da colónia britânica de Hong Kong. Da mesma forma, foi um empregado da Companhia das Índias Orientais, Thomas Raffles, quem fundou Singapura em 1819 e outro, James Brooke, quem estabeleceu a presença britânica em Sarawak. Em resumo, o Império Britânico na Índia promoveu importantes ramificações imperiais e até as exigiu, desde a Ásia ao Suez e ao Corno de África (sendo estes dois últimos pontos vitais para a ligação por mar à Índia).

Novas palavras vieram alargar e enriquecer o vocabulário inglês: *palanquin* [palanquim], *coolie* [trabalhador braçal indiano], *bungalow* [bangaló], *jungle* [selva] (do hindi *jangal*), *cash* [dinheiro em numerário] (do tâmil *kasu*), *loot* [saque], *tycoon* [magnata], *pundit* [pândita], *dinghy* [bote], *dungaree* [pano de algodão], *nabob* [nababo], *memsahib* [senhora], *thug* [assassino] (da palavra *Thugees*, os criminosos adoradores da deusa Kali), e *juggernaut* [carro de Jagrená] (do nome da cidade de Jugarnath, onde os festivais religiosos incluíam o desfile de um enorme carro; muitas vezes, os participantes atiravam-se para debaixo das suas rodas). Ao mesmo tempo, fixaram-se na linguagem militar britânica, não apenas na Índia mas por todo o império, termos como *khaki* [caqui] (do hindi *khoko*, significando empoeirado), *puggarees* [faixa de tecido cobrindo o capacete], *gymkhanas* [gincana], *cot* [cama de lona], *bangalore* e balas *dumdum* (produzidas na fábrica indiana de munições em Dum Dum).

A Índia afetou profundamente as relações da Grã-Bretanha com outros países. Nos séculos XVIII e XIX, a necessidade de proteger os interesses britânicos na Índia alimentou a rivalidade com a França (a própria conquista do Egito por Napoleão, em 1798, tinha sido pensada apenas como ponto de partida para restaurar o domínio francês na Índia) e com a Rússia. Contribuiu para apertar os laços com os governantes do Egito (pátria do canal do Suez) e com a Turquia, cujo sultão era o chefe espiritual de milhões de Muçulmanos indianos. Por volta de 1884, proteger a Índia era essencial para a política externa britânica. Praticamente, qualquer acordo diplomático que a Grã-Bretanha fechasse com potências não ocidentais, desde o Egito e da Abissínia até à China e ao Japão, tinha de ser aprovado pelo vice-rei no quartel-general em Calcutá ou na sua residência na vizinha Barrackpore, ou mesmo tratado diretamente pelos seus enviados especiais.

Por fim, a Índia ensinou aos Britânicos os costumes de um império. Serviu como campo de treinos para gerações de militares, desde Wellington ao lorde Wavell; de administradores, desde Elihu Yale (um ex-governador de Madraça, que também fundou a universidade de Yale, nos Estados Unidos da América) a Thomas Raffles e ao visconde de Halifax (o homem que quase substituiu Winston Churchill como primeiro-ministro durante a Segunda Guerra Mundial). As experiências ali vividas inspiraram escritores, desde Thomas Macaulay e Kipling a E. M. Forster e a George Orwell¹⁰, e os filósofos James Fitzjames Stephen e James Mill.

A Administração Pública Indiana também ajudou a manter em atividade as escolas públicas exclusivas da Grã-Bretanha, como Eton, Harrow, e as restantes produziram jovens às centenas, conhecedores do latim e do grego, inúteis para qualquer cargo numa sociedade moderna, mas ansiosos por partir para algum remoto posto de montanha na Fronteira Noroeste ou por servir nas florestas do leste do Bengala como comissário de distrito, a ganhar 300 libras por ano. A célebre observação de John Bright (erradamente atribuída a John Stuart Mill) de que o Império Britânico era uma «vasta instituição de repouso ao ar livre para as classes superiores» aplicava-se mais à Índia do que a qualquer outro sítio.(29)

A Índia, porém, também ensinou aos Britânicos os hábitos dos preconceitos raciais. O *Radj* concretizou um desagradável modelo de atitudes raciais e culturais que minimizavam os protestos britânicos sobre as suas preocupações com o bem-estar dos Indianos e que prejudicavam a base moral do governo britânico.

Tal preconceito resultou em grande parte do Grande Motim. Nos tem-

¹⁰ Orwell serviu na Birmânia desde 1922 a 1927, numa altura em que a administração da Birmânia era da responsabilidade do governo indiano. (N. do A.)

pos de Clive ou até mesmo de Dalhousie, a raça por si tinha pouca importância na Índia britânica; tinham muito mais importância a classe social ou a religião.(30) Os Anglo-Indianos de raça mista, como William Shepherd de Cawnpore, embora completamente ostracizados pela comunidade hindu, eram fundamentais para a construção do *Radj*. Eyre Coot, o vencedor de Wandiwash, foi um deles; também o era James Skinner, fundador discutível do melhor regimento do exército indiano, a Cavalaria de Skinner, tal como o mais notável militar do exército britânico, o marechal-de-campo *sir* Frederick Roberts, que era neto de uma princesa rajpute. Um anglo-indiano chegou mesmo a ser primeiro-ministro de Inglaterra; o lorde Liverpool, que supervisionou a derrota final de Napoleão, em Waterloo, era neto de uma senhora de Calcutá, casada com um dos companheiros de Clive.(31)

Liverpool foi uma figura profundamente controversa, até mesmo uma figura odiada; mas na altura nenhum dos seus adversários do partido liberal achou conveniente fazer referência aos seus antepassados. Cinquenta anos depois, qualquer político com os antecedentes raciais de Liverpool seria instantaneamente denunciado como um «meia-casta» ou mesmo um «negro». O motivo desta alteração foram as novas teorias sobre raça e cultura vindas do continente, reforçadas por Charles Darwin.(32) Mas no fundo estava a experiência do Motim. Os acontecimentos de 1857-58 deixaram uma marca permanente de receio racial na Inglaterra, ao mesmo tempo que a derrota da sublevação reforçava a lição de que os Britânicos nasceram para mandar e os Indianos para obedecer.

Depois de 1858, os Britânicos na Índia sentiam-se como que uma comunidade encerrada numa guarnição. «Estamos entre os nativos», escreveu alguém, «como um navio no vasto e insondável oceano, constantemente à mercê dos ventos, das vagas e dos penhascos ocultos.»(33) A incerteza e a ansiedade transformaram a Índia numa sociedade cada vez mais segregada. Ao contrário das leis da África do Sul ou da América do Sul, as leis dos Indianos eram ostensivamente, até mesmo pomposamente, daltónicas. Os recentes caminhos de ferro reservavam cuidadosamente os compartimentos de primeira classe só para brancos. Nas casas de banho públicas podia ler-se «Europeus» e «Nativos». Em algumas igrejas anglicanas, os Indianos cristãos não estavam autorizados a sentar-se nas zonas mais frescas do templo nem debaixo das ventoinhas.(34)

Assim, paradoxalmente, embora os Britânicos chegassem à Índia em número cada vez mais elevado e estivessem mais envolvidos do que nunca na organização da vida dos Indianos, também estavam a ficar cada vez mais distantes. Os únicos nativos com os quais a maioria dos britânicos indianos contactava eram os criados ou outros alvos passivos das regras e regulamentações britânicas. Depois do trabalho, os brancos retiravam-se

para os seus bangalós ou para os seus clubes privados, que excluía os nativos e até mesmo os mestiços. A atitude básica estava condensada num dos epigramas de Kipling: «Deixemos os Brancos ir ter com os Brancos, e os Negros com os Negros.» Esta política não só parecia a melhor maneira de evitar discórdias raciais, ou mesmo um novo motim; também garantia que os brancos e só os brancos ocupassem os cargos.

Por volta de 1884, a sociedade britânica na Índia tinha-se transformado numa coleção de compartimentos autoenclausurados, cada um deles mais exclusivo e mais apertado do que o anterior. A camada social, a educação, e até mesmo as diferenças étnicas (por exemplo, irlandês *versus* escocês, inglês *versus* judeu) compartimentavam rigorosamente a sociedade branca, desde a residência do vice-rei em Calcutá até aos mais remotos postos de montanha. Mas estas barreiras curvavam-se perante a diferença mais importante de todas, a que separava os europeus dos nativos – mesmo dos nativos mais ricos e mais bem-nascidos. A distância social e física reforçava os estereótipos culturais e raciais que iriam conduzir diretamente aos tempos de Winston Churchill.

Os Hindus, por exemplo, supostamente tinham de ser fracos e supersticiosos, mas também «intriguistas, manhosos... A falsidade e a dissimulação, os vícios mais desprezíveis e degradantes de que o ser humano é culpado, são os vícios nacionais dos Hindus.»(35) Por outro lado, os Muçulmanos eram considerados fisicamente fortes, mas fracos intelectualmente, enquanto os Siques eram leais mas inconstantes, «a raça mais aguerrida e mais turbulenta da Índia».(36)

Este sistema de estereótipos raciais nasceu no exército indiano. Durante dezenas de anos, os comandantes britânicos preferiram recrutar os seus homens entre os robustos camponeses (na sua maioria, Muçulmanos) do Noroeste da Índia ou nas tribos montanhesas como os Gurcas e os Garualis dos contrafortes dos Himalaias, de preferência às castas superiores hindus que tinham dominado no exército antes de 1857, e de quem se desconfiava terem fomentado o Grande Motim. O que tinha começado por ser uma estratégia para evitar uma segunda sublevação nacional transformou-se numa classificação prática dos Indianos, entre os que eram inteligentes e educados mas também fracos e cobardes, por um lado, e por outro as «raças marciais», que eram fortes e corajosas mas lentas e atrasadas. «Só os cavalheiros britânicos sabiam combinar a inteligência e a coragem» necessárias para comandar as tropas no campo de batalha ou governar um subcontinente como a Índia.(37)

No seu conjunto, a média dos brancos na Índia acreditava que um nativo típico podia dar um bom criado ou um soldado fiel. Em alguns poucos casos, um bengali ou um rajpute de casta elevada podia estar pronto

para absorver uma completa educação ocidental, estudando os sonetos de Shakespeare e a gramática latina na faculdade de Elphinstone, em Bombaim, ou na Universidade Muçulmana Anglo-Oriental, em Aligarh. Em casos verdadeiramente excepcionais, podiam mesmo chegar à Administração Pública Indiana. (Satyendranath Tagore foi o primeiro, em 1863.)

Para os Britânicos, porém, continuavam todos eles a ser «pretos», incapazes de fazer fosse o que fosse sem a ajuda dos Britânicos. Foi a raça que permitiu a um despachante irlandês pouco instruído de Bombaim rejeitar Tagore ou o seu irmão, o poeta Rabindranath, vencedor de um Nobel, apelidando-os desdenhosamente de «babus» escrevinhadores. Já em 1922, um coronel britânico atribuía o êxito de Gandhi diretamente ao apoio que teve entre as chamadas classes não combativas, «instruídas, descontentes, cobardemente agitadoras», que rapidamente seriam rechaçadas se o *Radj* se mantivesse firme – uma opinião de que se faria eco Winston Churchill, uma dezena de anos mais tarde.(38)

Como em todas as sociedades de *apartheid*, sob o desprezo instala-se o receio – em especial o receio pelas mulheres brancas. Os horrores ocorridos no jardim de Bibighar lançaram uma enorme e tétrica sombra sobre as atitudes dos Britânicos durante quase um século, sobretudo com o aumento do número de mulheres britânicas na Índia, após 1858. Num mundo em que os brancos eram ultrapassados à escala de dez mil para um, e as mulheres brancas ainda mais, as normas informais de segregação sexual e racial eram rigorosamente aplicadas.

As mulheres brancas não podiam nunca viajar nem permanecer sozinhas com um indiano; os Indianos do sexo masculino não podiam nunca dirigir a palavra a uma europeia, a menos que ela lhe dirigisse a palavra primeiro, muito menos olhar diretamente para ela ou tocar-lhe. Quem se atrevesse a transgredir estas normas, quer fosse homem ou mulher, tornava-se objeto de escândalo, e até de violência física. Incidentes deste género foram tema de ficção sensacional, desde Kipling até *Passagem para a Índia*, de E. M. Forster. Bizarras como eram, estas normas duraram tanto como o *Radj*. Ainda em 1925, um jornalista indiano recordava não ser permitido passear perto de uma praia reservada a mulheres brancas, para que um indiano do sexo masculino não visse uma senhora inglesa em fato de banho.(39)

O *Radj* ensinou que os Indianos eram incapazes de refrear as suas emoções, incapazes de autodisciplina, de se ajudarem a si próprios sem ajuda de terceiros, muito menos de autodomínio. J. F. Stephen, jurista do conselho do vice-rei no início da década de 1870, explicou o caso clara e concisamente. Centenas, até milhares de anos de conflitos e de desgoverno nativo, deixaram a Índia «corroída até ao osso». Foi o governo dos brancos e a absoluta autoridade do *Radj* que trouxeram ao subcontinente «a paz, a

ordem, a supremacia da lei, a prevenção do crime e a construção de obras públicas». Um governo dos nativos seria o regresso ao caos. A missão dos Ingleses na Índia era impor «os princípios europeus» da lei, do progresso e da paz a um povo que nunca os tinha conhecido. Era uma paz justa, declarava Stephen, mas em última análise uma «paz imposta pela força».(40)

Assim, quando a rainha Vitória foi proclamada imperatriz da Índia, em 1877 (envergando, como devia ser, o manto oficial do grão-mogol), graças ao interesse maternal pelos seus súbditos indianos, fechou também a porta a qualquer alteração ao seu estatuto servil. A única esperança para os Indianos no futuro, na opinião de *sir* John Strachey, um eminente funcionário pós-motim na Administração Pública Indiana, era «a continuação por muito tempo do benévolo mas forte governo dos Ingleses» – quer os Indianos gostassem ou não.(41) Aquando das celebrações oficiais na Índia do novo título de Vitória, em 1877, para as quais o vice-rei, lorde Lytton, convidou setenta mil convidados e setenta e sete rajás e príncipes nas suas roupas cravejadas de joias e de adornos, a fome continuava, mesmo nessa altura, a assolar a Índia. Nesse ano, as monções não chegaram. A fome espalhou-se rapidamente até Bombaim, Madrasta e Hyderabad, afetando perto de trinta milhões de pessoas e durando até meados de 1878.(42)

Lytton, filho do escritor Edward Bulwer-Lytton e amigo do primeiro-ministro Benjamin Disraeli, era, tal como a maioria dos vice-reis, consciencioso e trabalhador. Pôs em movimento um programa de controlo da fome que, apenas com uma única exceção, evitou novos surtos de fome durante perto de setenta anos¹¹. Mesmo assim, a sua atitude em relação à Índia e aos Indianos era típica. Achava que os Indianos, na sua maioria, constituíam «uma massa inerte», incapazes de produzir esforço e de tomarem conta de si próprios, enquanto as elites educadas à moda do Ocidente eram irresponsáveis «babus, a quem educámos para redigirem na imprensa artigos semissediciosos». O melhor que os Britânicos podiam esperar, insistia Lytton, era a manutenção de boas relações com os príncipes e os grandes proprietários, que, em contrapartida, manteriam na linha o resto da população. «Com certeza não podemos dar-nos ao luxo de lhes conceder qualquer poder político acrescido independente do nosso.»(43)

O seu sucessor em 1881, George Frederick Robinson, lorde Ripon, filho de um primeiro-ministro liberal (tinha até nascido no N° 10 de Downing Street), situou-se no polo oposto ao conservador Lytton. Com efeito, Lytton e Ripon entraram em debate sobre o que fazer com a Índia, debate que se prolongou até ao fim do *Radj* – e que iria modelar as vidas e as atitudes quer de Gandhi quer de Winston Churchill.

¹¹ O registo terminou em 1943, quando Winston Churchill era primeiro-ministro. (N. do A.)

Tal como Lytton, Ripon acreditava firmemente na missão imperial dos Britânicos na Índia. Mas também acreditava que os Indianos tinham um papel a desempenhar. O seu ideal era a criação de uma nação e de um povo que seria, como Thomas Macaulay afirmou no seu célebre livro *Minute on Indian Education* [Um Minuto na Educação Indiana], de 1835, «indiano no sangue e na cor, mas inglês no refinamento, nas opiniões, na moral e na inteligência». Ripon acreditava que a construção de um vínculo de confiança e de cooperação com Indianos instruídos era fundamental para criar a espécie de daltonismo encarnado pela Proclamação da Rainha e para garantir o futuro do *Radj*. «Temos de fazer sentir aos nativos que a Inglaterra deseja governar a Índia não apenas *pela* Índia, mas *através da própria* Índia.»(44)

Era um sonho cheio de nobreza; mas os esforços de Ripon para o implementar iriam desencadear uma tempestade, mais tarde chamada Motim Branco¹², que secou a fachada moral do governo britânico e as suas auto-justificações.

Em questão estavam os juizes nativos da Administração Pública. Quando Ripon descobriu que não lhes era permitido julgar réus que fossem brancos, mas apenas réus nativos, ele e outro jurista do conselho, Courtenay Ilbert, também ele liberal e de elevados princípios, apresentaram um projeto de lei em 1883 para corrigir essa anomalia. A Lei Ilbert afetava apenas um punhado de juizes mais antigos, mais ou menos vinte em toda a Índia. Mas a reação da comunidade britânica foi mais do que furiosa, foi histérica.

Em fevereiro de 1883, realizaram-se comícios em Bombaim, Calcutá e Madrasta, atacando a lei, Ripon e os nativos indianos, os «Babus bengalis», que pareciam decididos a promover a igualdade com os brancos. «Foi sempre coisa assente», dizia um distinto membro da Câmara do Comércio de Madrasta, «que um europeu – um branco –, aonde quer que fosse, representaria a raça governante», e que qualquer exame do seu comportamento só poderia ser feito por uma pessoa «da mesma classe», nomeadamente outro europeu. Os Indianos careciam de caráter para atuar como juizes em processos que envolvessem brancos. Até os Indianos instruídos, afirmava o juiz C. D. Field, do Supremo Tribunal de Calcutá, «têm o hábito de não dizer a verdade».(45)

Milhares de pessoas participaram na reunião realizada na Câmara de Calcutá, onde os oradores pintaram a imagem de astutos indianos de pele escura decidindo os destinos de indefesos britânicos brancos – e das suas

¹² Em inglês *White Mutiny*, a expressão refere-se aos acontecimentos que acompanharam a dissolução das «Forças Europeias», da Companhia Inglesa das Índias Orientais, na Índia, em meados do século XIX, na esteira do Grande Motim ou Revolta dos Cipayos. (N. do T.)

esposas e filhas. «Não podemos governar os nativos colocando-os lado a lado connosco», dizia um dos oradores. «Temos ou de governar ou de agradecer.» A reunião terminou com toda a gente a cantar «God Save the Queen», enquanto a *Bombay Gazette* referia que «as referências desagradáveis aos nativos puseram a audiência fora de si de satisfação». (46)

A raiva racial chocou Ripon. «Não fazia ideia de que tantos ingleses na Índia estivessem animados por tais sentimentos», escreveu ele. «Esse conhecimento causa-me um sentimento semelhante ao desespero quanto ao futuro deste país.» A reação adversa chegou a Londres, onde se formou uma comissão para representar os sentimentos dos britânicos indianos e se enviou petições ao Parlamento. O próprio *Times* de Londres juntou-se à sua causa.

Entretanto, na Índia, muitos britânicos escreveram cartas indignadas aos principais jornais britânicos, acusando Ripon e Ilbert de atraírem os interesses da sua raça e também o sexo feminino britânico. «Não temos já muito que suportar aqui na Índia, isoladas como tantas vezes estamos?» escrevia uma senhora ao *Englishman*. «Será que o lorde Ripon tem tão pouca consideração pelas mulheres do seu país que procura expor centenas delas a esta ansiedade tão real?» (47) Ilbert foi queimado em efígie. Houve quem sugerisse uma revolta, de preferência a permitir que as suas esposas «fossem arrancadas de nossas casas... por nativos seminus»: chegou até a haver uma conspiração para raptar o próprio vice-rei.

Sacudido pela oposição quer na pátria quer na Índia, Ripon teve de recuar. Ele e Ilbert apresentaram uma versão suavizada da lei, que foi aprovada mas que não satisfez ninguém. A comunidade britânica indiana estava agora em guarda, decidida a nunca perder o seu poder e os seus privilégios – mesmo que os próprios Indianos olhassem, ouvissem e aprendessem.

Foi a pior crise da Índia desde 1857; e os Conservadores logo responsabilizaram Ripon e a sua «intromissão» liberal pelo Motim Branco. Quando os Conservadores regressaram ao poder, em junho de 1885, deixaram a tarefa de juntar os bocados ao novo secretário de Estado para a Índia, o lorde Randolph Churchill.

O LORDE RANDOLPH TOMA POSSE

Sem a Índia, a Inglaterra deixaria de ser uma nação.

RANDOLPH CHURCHILL, MAIO DE 1885

Randolph Churchill partiu de Londres em dezembro de 1884, chegou a Bombaim na véspera do Ano Novo e só regressou à pátria em abril de 1885. Não se tratou de uma ocasional viagem de turismo. A sua visita à Índia fazia parte de uma campanha destinada a torná-lo o principal especialista dos Conservadores em política indiana. Acreditava que isso acabaria por projetá-lo para o N° 10 de Downing Street e até para o próprio cargo de primeiro-ministro. As cartas em que descrevia a sua visita foram cuidadosamente guardadas e mais tarde publicadas pelo filho Winston. (1) Permitem-nos lançar um olhar revelador ao *Radj* no seu apogeu. Formam também um pano de fundo não só para a duração do mandato de Randolph como secretário de Estado para a Índia, mas igualmente para as questões que haviam de confrontar o filho de Randolph com Mohandas Gandhi.

No dia 12 de dezembro, o navio de Randolph, o SS *Rohilla*, atravessou o canal do Suez, porta de entrada vital para a Índia, o qual encurtava em mais de dois meses a antiga viagem pelo cabo da Boa Esperança. Embora ainda fosse relativamente recente, o canal já tinha tornado o Egito quase tão importante como a própria Índia para o destino do Império Britânico. Randolph achou «que o canal era exatamente aquilo que ele esperava», escrevia ele a Jennie, «um fosso imundo que nada tinha de notável, exceto bandos de flamingos, pelicanos e outras aves selvagens nos lagos por onde passávamos». (2) Mas também possibilitou ao *Rohilla* chegar a Bombaim na véspera do Ano Novo.

Outrora governada pelos Portugueses, Bombaim era a Veneza da Índia, um centro mercantil cosmopolita, onde mercadores dos três continentes e gente de todas as raças percorriam as ruas e os bazares. Randolph achou-a cheia de encanto e de exotismo. Escrevia a Jennie: «É notável a absoluta novidade e originalidade de tudo, e nunca nos sentimos cansados de contemplar e de nos surpreendermos.»(3)

A cidade era também residência do governador-geral da Presidência de Bombaim e um centro próspero para uma elite indiana instruída à moda do Ocidente, ainda a recuperar do golpe racial sofrido com o Motim Branco. Esperavam agora que o pai da Democracia Conservadora trouxesse alguma na sua bagagem. Muitos estavam dispostos a acolher Randolph Churchill como um novo lorde Ripon, e ele nada fez para os desiludir. B. M. Malabari, diretor do *Indian Spectator*, o maior jornal nativo da Índia, proporcionou-lhe um encontro com intelectuais indianos, que «expuseram com grande competência as suas várias queixas». Churchill aconselhou que «informassem o público britânico... das suas pretensões e dos seus desejos» relacionados com a vontade de participarem de alguma maneira no governo do seu país. Mais tarde, escrevia entusiasticamente ao seu amigo T. H. S. Escott: «Não tenho quaisquer dúvidas de que a sua moderação e a sua prudência se equiparam à sua inteligência e aos seus conhecimentos.» E acrescentava: «Nunca paro de me regozijar por ter sido capaz de vir até aqui.»(4)

Malabari era parsi. Em Bombaim, o lorde Randolph encontrou-se com outros membros destacados das mais importantes minorias religiosas da cidade, e visitou as célebres Torres do Silêncio. Emigrantes da Pérsia desde o século VIII, os Parsis eram zoroastrianos e ainda deixavam os seus mortos expostos para serem consumidos pelos abutres, à maneira dos antigos. Randolph passeou pelos primorosos jardins das torres, enquanto nuvens de grandes pássaros negros adejavam por cima das suas cabeças. No cimo das torres, em grandes terraços, expunham-se os cadáveres de homens, mulheres e crianças; depois de limpos pelas aves e branqueados pelo sol e pelo vento, os ossos eram então lançados numa fossa, no centro de cada torre.

Os Parsis não eram apenas mais um exótico grupo religioso indiano. Eram os mais instruídos de todos os Indianos (em 1872, 40% sabiam ler e escrever, comparados com 15% de Hindus e ainda uma menor percentagem de Muçulmanos); os empresários parsis estavam a transformar a Índia. No século XVIII tinham sido armadores e agora eram engenheiros e proprietários das fábricas de algodão da Índia, trabalhavam o ferro e o aço e eram donos das minas. Enquanto a Presidência de Bombaim tinha apenas treze fábricas de algodão em 1865, tinha agora, em 1877, cinquenta e uma, entre as quais três em Cawnpore. A maior de todas era a Empress Mills, de

J. N. Tata, em Nagpur, senhora de uma maquinaria igual a qualquer fábrica de Liverpool ou de Manchester.(5) Graças a parsis como Tata, estava a nascer uma nova Índia no meio da antiga, uma Índia com a qual tanto os Britânicos como os Indianos, incluindo Mohandas Gandhi, teriam de contar.

De Bombaim, Randolph viajou para nordeste, até Gwalior, onde turbulentos chefes maratas haviam governado outrora, a partir das suas brancas fortalezas de grés, último reduto do Grande Motim; continuou depois para outro antigo Estado marata, Indore. Ambos pertenciam a dois dos cerca de seiscentos príncipes independentes da Índia, cujos Estados ainda cobriam mais de um terço do território indiano. Os Ingleses gostavam de pensar que os príncipes indianos não passavam de déspotas caprichosos, até um pouco loucos, e incapazes de governar sem a supervisão britânica. Era um facto que não podiam assinar tratados por sua própria conta nem defender-se sem a ajuda dos Britânicos; muitos eram excêntricos, havia alguns que eram esbanjadores e outros alcoólicos. O rajá de Kapurthala afirmou uma vez ao vice-rei Curzon que só era verdadeiramente feliz quando bebia champanhe em Paris.(6)

Randolph, porém, achou o marajá de Indore, o Holkar Tukoji Rao¹³, e o seu filho, «muito amáveis e inteligentes». Depois do jantar, houve «fogo de artifício, teatro hindu, *nautch*¹⁴, mágicos, etc.» Na manhã seguinte, o Holkar levou-o a uma caçada ao veado negro, com uma chita; mas a chita «ficou amuada» e recusou-se a caçar. Por isso, Randolph e um amigo, o coronel Thomas, embrenharam-se armados no mato e entre os dois mataram cinco veados.(7)

Tudo isto teve grande interesse para Winston, o filho de Randolph, que contava nessa altura dez anos de idade. Winston Churchill tinha crescido como um filho esquecido, de internato em internato, quase sem que os pais dessem por ele. A obsessão da mãe era namoriscar com jovens da sociedade e participar em caçadas à raposa: a imagem mais antiga que guardava dela era vestindo os calções de montar, que lhe «assentavam como uma segunda pele, graciosamente salpicada de lama».(8) Winston encontrava-se na altura numa escola em Brighton, ignorado e só, e nas suas cartas mostrava-se triste e queixoso: «Achas que o pai vai demorar-se por muito tempo na Índia?», escrevia ele à mãe, a 28 de janeiro. «Tens tido notícias dele recentemente?»

¹³ Os Holkares foram uma importante família que, como rajás e, mais tarde, como marajás, governaram Indore, na Índia Central, estado-membro independente da Confederação Marata. (N. do T.)

¹⁴ Dança tradicional, executada por jovens bailarinas ou raparigas *nautch*, que Winston Churchill, tal como o seu pai, acharia encantadoras. (N. do A.)

A 13 de fevereiro, Winston escreveu a Randolph. «Espero que estejas a divertir-te na Índia», escrevia ele, «ouvi dizer que foste à caça... e que mataste alguns animais. Quando voltas? Espero que não demores muito!» Depois, perguntou ao pai se estava a planear uma caçada ao tigre, acrescentando: «Os Indianos são engraçados?» E por fim: «Tenho muitas saudades tuas.»(9)

Efetivamente, Randolph tinha participado numa caçada ao tigre duas semanas antes, em Dudna, nos contrafortes dos Himalaias, caçada que conta numa carta não ao filho mas à mãe. Conta como passaram «todo o dia a correr, montados em elefantes, atrás da caça» e que achava os elefantes «os melhores meios de transporte que conheço... Nada consegue pará-los: se há uma árvore a barrar o caminho, derrubam-na; nunca chocam nem caem e não fogem.» Conta também como alvejou um tigre, um belo exemplar com mais de dois metros de comprimento: «Céus! Como ele rosnava e como estava furioso!» A pele do tigre, «acho que ficará muito bem em Grosvenor Square», a casa londrina da sua mãe, onde ele e Jenny agora moravam. A caça ao tigre, concluía Randolph, representa «o auge do desporto».(10)

Na altura, Randolph tinha em *sir* Lepel Griffin um guia e companheiro; Griffin era agente do governo para a Índia Central e a personificação da linha dura desde o Motim Branco. Os britânicos indianos estavam em efervescência por causa da visita amistosa de Randolph a alguns políticos nativos em Bombaim. Griffin viu uma boa oportunidade para o convencer. Juntos dirigiram-se a Agra, para visitar o Taj Mahal à luz do luar, «um espetáculo inigualável», e a Lucknow, no dia 21. Ambas as cidades estiveram cercadas durante o motim. Ambas ficavam uma de cada lado de Cawnpore, e do poço de Bibighar com o seu monumento e o anjo de mármore, e da igreja de tijolos vermelhos, monumento de Cawnpore. Tudo ali recordava o que os adeptos da linha dura diziam que aconteceria se a garra britânica largasse a Índia.

Depois, a 7 de fevereiro, Randolph e Griffin chegaram a Calcutá, residência do vice-rei, lorde Dufferin, e capital do *Radj*. Dali, um único homem com o seu conselho executivo dirigia as vidas de um quarto de bilião de pessoas, com poderes que ultrapassavam largamente os de qualquer chefe de Estado europeu. O vice-rei construiu e dirigia os caminhos de ferro indianos; controlava a venda de ópio e de sal; supervisionava o fabrico de todos os equipamentos e munições do exército indiano e, juntamente com o seu comandante-chefe, decidia onde e quando se devia combater. O grande número de obras públicas projetadas fazia dele o maior empregador da Índia. Comparado com o primeiro-ministro da Grã-Bretanha, adepta do *laissez-faire*, supervisionava uma «economia mista» em larga escala.

O vice-rei rodeava-se da pompa e esplendor adequados aos seus poderes imperiais, e refletindo o cerimonial mogol. Quando se deslocava pelas ruas da capital na sua carruagem puxada por cavalos, fazia-se escoltar por dezoito postilhões e guardas. Cada um dos criados indianos envergava uma libré escarlate com o monograma do vice-rei bordado a ouro. Quando chegava para um jantar com mais de vinte e quatro convidados, a orquestra tocava o hino «God Save the Queen»; e todas as senhoras deviam fazer-lhe uma vénia quando ele entrava numa sala. Em certas cerimónias, as senhoras acabavam por ter de fazer a vénia dezoito vezes diferentes.

Randolph encontrou-se com o lorde Dufferin na sua casa de campo em Barrackpore, a norte da cidade. O vice-rei foi «muito simpático e complacente». Os filhos de Dufferin acabavam de ter uma festa de aniversário, completada com orquestra, mágicos e cavalgadas em elefante.(11) Não obstante a presença dos elefantes, a vida em Barrackpore, bem como na residência de verão do vice-rei, em Simla (onde Dufferin tinha mandado construir uma residência digna de um vice-rei, com um salão de baile para oitocentas pessoas), parecia-se mais com a vida nos condados da pátria do que na Índia. Havia *croquet* nos jardins, chá a meio da tarde, igrejas góticas ao lado de habitações de estilo Tudor: deve ter parecido a Randolph que estava a viver um sonho passado na Inglaterra.

Em Calcutá, porém, Randolph não pôde deixar de assistir ao lado mais negro do governo britânico. A polícia local andava a reunir os aguadeiros da cidade a fim de os mandar para o Sudão, onde o exército britânico preparava uma expedição destinada a socorrer Gordon em Kartum. Para aqueles pobres hindus das castas inferiores, isso significava a separação da família e a morte quase certa nas areias do deserto. Randolph contou à sua mãe que um pobre coitado, ao vê-lo perto, se lançou aos pés do lorde inglês, suplicando que não o mandassem, até que os polícias o arrastaram para longe aos gritos.

O incidente impressionou o lorde Randolph, deixando-o «muito zangado». Confessava que «é complicado explicar por que motivo não fazemos progressos na popularidade entre o povo. A arrogância, ou antes, a satisfação pessoal dos funcionários indianos está além de tudo o que se pode acreditar.» Ficou «arrasado» com o «enorme abismo existente entre o governo e os nativos», dizia que «o governo sabe menos do que nada sobre o que se passa na cabeça dos nativos», e «recusa admitir por um instante sequer que alguém exterior ao seu círculo possa saber alguma coisa». Ao mesmo tempo, elogiou os intelectuais bengalis que conheceu, como sendo «iguais a qualquer europeu na informação, na extensão das leituras, no espírito público». Estes eram certamente os homens com quem os Britânicos poderiam formar alguma parceria para o futuro da Índia.(12)

No dia 22 de fevereiro, Randolph foi a Benares, a cidade santa da Índia. Desceu o Ganges de barco e pôde observar outro abismo entre o *Radj* e as massas da Índia: o abismo religioso. Ao longo das margens do rio, milhares de pessoas lavavam-se, num banho «que fazia parte da sua religião», escrevia ele, como vinham fazendo desde tempos imemoriais. «A água está muito suja, mas eles bebem-na em grande quantidade, porque a água é muito “santa”.» Observou também as *ghats*, com as piras funerárias a arder ao longo da margem, onde os Hindus queimavam os seus mortos, enquanto as fogueiras lançavam para o céu espessas nuvens de fumo negro e os familiares choravam e rezavam. «Estavam a cremar cinco cadáveres, cada um em cima de uma pequena pilha de lenha», dizia ele à mãe; «o espetáculo era todo ele muito curioso, e esta manhã vou passar por lá outra vez para voltar a observar a cena.»(13)

No seu conjunto, considerou a sua experiência na Índia muito sóbria. No regresso a Bombaim, escreveu uma carta melancólica ao general Frederick Roberts, que tinha conhecido em Hyderabad. «Após mais ou menos cem anos de governo, convencemos tão poucos (não o grosso do povo), e apenas os chefes, da excelência e dos méritos desse governo», advertia ele, «que qualquer grande reviravolta por parte dos Russos nos deixaria sem poderes.»(14) Menos de uma semana mais tarde, no dia 20 de março de 1885, encontrava-se a bordo de um vapor com destino a Londres.

Já tinha conhecimento de que havia uma crescente crise política no país. Os fenianos irlandeses tinham feito explodir uma bomba na Câmara dos Comuns, no dia 24 de janeiro; Kartum caíra diante dos exércitos de al-Mahdi; Gordon tinha sido morto no dia 21 de fevereiro. A bordo do navio, Randolph teve tempo de refletir em tudo o que tinha visto e ouvido. Pensava em como «a nossa posição na Índia é incrivelmente forte e ao mesmo tempo incrivelmente débil». Um governo onnipotente, isolado do povo que governava; uma elite nativa educada à moda do Ocidente, que se sentia inferiorizada e atraçoada; uma comunidade britânica erigida de preconceitos e de medos; e, acima de tudo, um país que, após um século de governo britânico, continuava a ser um mundo à parte, com os seus antigos ritos religiosos e macabras piras funerárias a arder, desvanecendo-se na escuridão da noite. Por fim, deve ter concordado com a reflexão emitida por H. G. Wells alguns anos depois, acerca dos Britânicos na Índia.

«Estamos ali como um homem que caísse de uma escada para o dorso de um elefante», escrevia Wells. «Não sabe o que fazer nem como descer dali para baixo. Ali fica, até que alguma coisa aconteça.»(15) Randolph iria aperceber-se lentamente de que a sua missão era ver que nada acontecia e que o embaraço e o perigo de desmontar eram adiados o mais possível. Na altura em que tomou posse do cargo de secretário de Estado para a Índia, a

11 de junho de 1885, Randolph lançou-se numa trajetória que o levaria de pretenso reformador a um reacionário de linha dura.

O ministério da Índia estava instalado em King Charles Street, no centro de Whitehall. Construído em 1867, com os exteriores projetados por Gilbert Scott e um magnífico pátio interior com três pisos, com colunas neoclássicas de mármore e frisos ladrilhados, dava para a extremidade de Londres, a que Winston Churchill viria a chamar «a magnífica organização do governo da Índia», desde o exército indiano até aos impostos e às operações de socorro contra a fome, tudo em estrita coordenação com o vice-rei.⁽¹⁶⁾ A sua manutenção era feita a expensas dos contribuintes indianos, uma vez que todos os salários, todas as despesas, todas as viagens oficiais e todas as pensões de reforma provinham dos rendimentos pagos pelos súbditos do *Radj*.

No piso superior, ficava a Sala do Conselho, apainelada a mogno e debruada a folha de ouro; na magnífica lareira de mármore dourado estava representada a Britânia recebendo as riquezas do Oriente. Nesta sala, tinha assento o Conselho da Índia, de nomeação régia, constituído por militares aposentados e por funcionários públicos que tinham prestado serviço no *Radj* e que aprovavam as decisões que o secretário de Estado quisesse tomar, fossem elas quais fossem. Na sua maioria, eram pessoas idosas. A primeira vez que Randolph, com 36 anos, reuniu com eles, comparou a sessão a «um garoto de Eton presidindo a uma reunião dos professores».⁽¹⁷⁾ Randolph aprendeu a tratar o conselho com respeito; mas tinha a intenção de dirigir o ministério da Índia como ele, e mais ninguém, achava melhor.

Foi relativamente fácil. A Índia era diferente das restantes partes do império. Como secretário, dependia diretamente do primeiro-ministro, não do Parlamento. Não havia uma única comissão parlamentar que fiscalizasse o seu trabalho nem as suas relações com o vice-rei em Calcutá.⁽¹⁸⁾ Isto convinha a Randolph. Desde o início, reagiu negativamente a qualquer ameaça de interferência, mesmo por parte da rainha¹⁵. Geralmente, era livre de fazer o que quisesse e, sob a influência de homens como Lepel Griffin, «o

¹⁵ A rainha pediu ao primeiro-ministro Salisbury que se informasse da opinião do vice-rei Dufferin sobre a nomeação do seu filho, o duque de Connaught, para comandante-chefe da Presidência de Bombaim. Quando Randolph soube, explodiu. Ao passar por cima dele, a rainha tinha desafiado diretamente a sua autoridade para fiscalizar todas as nomeações e ele ficou furioso. A sua autoridade tinha sido «completamente arrasada». Deu mesmo a perceber que poderia demitir-se. Acabou por se chegar a um compromisso e as arestas limaram-se. No entanto, em privado, Salisbury e outros ficaram admirados com o comportamento cada vez mais irregular de Randolph e com as oscilações de atitude – embora ninguém, a não ser a esposa, conhecesse os verdadeiros motivos para tal. (N. do A.)

martelo dos *babus*», e do general Frederick Roberts, as suas dúvidas iniciais sobre o *Radj* desapareceram ou pelo menos foram varridas para debaixo do tapete. Com Randolph Churchill, a posição do ministério sobre a Índia endureceu e cristalizou. Os Britânicos tinham de mandar e os Indianos tinham de obedecer, e era assim que as coisas deviam manter-se – não só porque os Britânicos eram muito bons a mandar, mas porque os Indianos eram muito maus em tudo o mais.

Foi Roberts quem deu o tom. Tinha nascido em Cawnpore em 1832 e, como jovem alferes, ajudou a dominar o Grande Motim. Nas suas memórias, *Forty-one Years in India, from Subaltern to Commander-in-Chief* [Quarenta e um Anos na Índia, de Oficial Subalterno a Comandante-Supremo], evoca a imagem de um país primitivo, em que o grosso da população é analfabeto, noventa e nove pessoas em cem não têm a noção de associação cívica, e «as diferentes raças e seitas religiosas não possuem qualquer vínculo de união nacional». Nestas condições, dizia Roberts, ao forçar reformas constitucionais ao estilo britânico, «numa comunidade que não está preparada para elas, não as deseja nem consegue entendê-las», daí só poderia resultar o caos ou até mesmo a repetição do Grande Motim.

«O melhor governo para a Índia será o despotismo inteligente e benevolente que presentemente governa o país», concluía Roberts. O melhor que os políticos em Londres poderiam fazer era ignorar «as declarações de agitadores automeados que se apresentam como os porta-vozes de uma população oprimida» e dar ouvidos aos funcionários *in loco*, que «possuem uma visão mais profunda dos sentimentos e preconceitos dos asiáticos, e também uma maior simpatia para com eles».

Foram essas as medidas que Randolph tomou. Aprendeu a rejeitar os indianos instruídos, como «uma herança mortífera» dos cabeludos reformadores do passado, que «nada mais podem ser senão oposição em tempos tranquilos, rebeldes em tempos de perturbações».(19) Ao tomar posse, prometera abrir um inquérito parlamentar ao governo indiano; mas nunca houve qualquer hipótese de que os próprios Indianos participassem – ou de que isso viesse contestar a opinião predominante de Calcutá. Confrontado com dificuldades financeiras, Randolph não hesitou em subir os impostos aos Indianos: assaltou o Fundo de Segurança contra a Fome, para ajudar a pagar as despesas gerais. Cancelou todos os projetos que visavam facilitar aos nativos a entrada na Administração Pública Indiana. Em suma, o «despotismo benevolente» do regime de Churchill assinalou o fim de qualquer esperança de uma reforma significativa na Índia durante perto de duas décadas.

Randolph pode ter rejeitado as reformas, mas foi atraído por outro aspeto mais deslumbrante do *Radj*: o Grande Jogo. Elevou as suas energias

a uma grande intensidade. Fez discursos em que insistiu no avanço iminente «das inumeráveis hostes russas sobre a fronteira noroeste da Índia» e começou a aumentar os efetivos do exército indiano em trinta mil homens – mais um pretexto para aumentar os impostos aos Indianos. Insistiu com o vice-rei para que encarasse a hipótese de uma marcha sobre Kandahar, e com o lorde Salisbury para que trabalhasse com os Alemães numa estratégia antirrusa na Pérsia, visto que os engenheiros alemães esperavam construir uma via-férrea ligando Bagdade a Constantinopla. Propôs mesmo que o ministério da Índia abrisse negociações diplomáticas com a Pérsia e com a China, e encarou a hipótese de Calcutá se tornar, sob a sua direção, «o centro da política asiática», o centro de atração da influência britânica, irradiando de um extremo ao outro do hemisfério oriental.(20) Salisbury depressa se aborreceu com os esquemas megalómanos de Randolph e tudo acabou em nada. Tudo, exceto a Birmânia.

Aquele reino para leste já estava intimamente ligado à Índia. A Baixa Birmânia, um luxuriante triângulo de florestas e de campos de arroz em redor da foz do rio Irawaddy, juntamente com uma faixa de linha costeira na praia leste da Baía de Bengala, tinha sido anexada em 1826, e era administrada a partir de Calcutá. Mas a Alta Birmânia tinha permanecido independente. Os britânicos locais, comerciantes de teca e de algodão, estavam preocupados em que o rei fizesse um tratado exclusivo com a França, que pressionava para oeste a partir da Indochina. De facto, em janeiro de 1883, o rei Theebaw assinou um acordo comercial com a França. Os comerciantes britânicos deduziram que seguidamente viria o cancelamento dos seus privilégios.

Assim, a Câmara do Comércio de Rangum e os seus lobistas no Parlamento entraram em quarta velocidade, exigindo a anexação da Alta Birmânia. Gladstone e o vice-rei lorde Ripon ignoraram-nos; mas quando os Conservadores se envolveram, o seu novo secretário de Estado para a Índia prestou-lhes mais atenção. Churchill depressa ficou alarmado com as ambições francesas no Leste, com os sombrios (e em grande parte inexatos) relatos de um Theebaw «jovem rei ignorante, arrogante, bêbedo», rodeado por um bando de intriguistas gananciosos e ferozes, e dos perigos para a Índia decorrentes dos Russos sempre ameaçadores, se os Britânicos «perdessem» a Birmânia.(21)

O lorde Randolph também percebeu os benefícios políticos de iniciar ali uma guerra antecipada, e que «um governo nunca deixa de colher alguns benefícios de uma operação militar bem-sucedida», como afirmou ao vice-rei Dufferin. Também ele beneficiaria, ao tornar-se o Homem que Acrescentou a Birmânia ao Império Britânico.

E assim, embora nem o primeiro-ministro nem o vice-rei alimentas-

sem quaisquer planos nem sequer desejassem invadir a Birmânia, Randolph chamou a si a questão. O ultimato a Theebaw exigindo que anulasse o tratado com a França chegou à capital birmanesa, Mandalay, no dia 30 de outubro de 1885. No entanto, Randolph tinha praticamente declarado a guerra uma semana antes, num discurso em Birmingham, e as tropas britânicas e indianas já estavam a dirigir-se para Rangum. No dia 1 de dezembro, os Britânicos entraram em Mandalay. Nesse ano, o lorde Randolph celebrou o Ano Novo, como sempre fazia, na casa dos seus amigos Fitzpatrick, em Dublin. Ao baterem as badaladas da meia-noite, Randolph ergueu a sua taça e anunciou aos convivas que a Birmânia fora oficialmente anexada à Coroa britânica: «Um presente de Ano Novo para a imperatriz e para todos os seus súbditos.»(22)

Era, porém, demasiado tarde para o salvar ou ao seu governo. Os eleitores tinham ido às urnas mais de um mês antes, nos dias 24 e 25 de novembro de 1885, infligindo a Salisbury e aos Conservadores uma derrota esmagadora. Os Liberais estavam de volta e o curto mas agitado mandato de Randolph Churchill como secretário de Estado para a Índia tinha terminado. A próxima vez que voltaria a assumir um cargo seria como chanceler do Tesouro. Não voltaria a pisar o átrio do ministério da Índia nem a preocupar-se com a política indiana.

No entanto, ao longo de cinco curtos meses, Randolph deixou uma marca indelével nas questões indianas, marca que ia durar mais do que uma vida. Ao bloquear qualquer reforma séria para a governação da Índia, ofendeu grande parte das elites cultas indianas. E, em vez de resultar na rápida e incisiva vitória que imaginara, a guerra na Birmânia transformou-se numa úlcera prolongada. Os Birmaneses contavam-se entre os mais intrépidos combatentes do mundo; lançaram-se numa eficaz insurreição contra os Britânicos, que iria arrastar-se por três anos, ocupando 35.000 militares britânicos e indianos e custando dez vezes mais do que as estimativas iniciais, para grande irritação dos contribuintes da Índia. Os indianos instruídos já se sentiam traídos pelo homem que tinham aclamado durante a sua visita como «um liberal em tudo menos no nome». A guerra com a Birmânia fora a última gota.

Assim, em finais de dezembro de 1885, enquanto a guerrilha deflagra nas florestas da Birmânia, um grupo de abastados empresários de Bombaim e terratenentes do Bengala reuniu-se para criar uma nova organização, o Congresso Nacional Indiano. Quase todos eles tinham sido educados à maneira ocidental, predominando os Parsis e os brâmanes hindus das castas superiores. Embora alguns exibissem o turbante, quase todos usavam fato e gravata à maneira ocidental. Alguns até eram brancos, incluindo o animador do Congresso, Allan Octavian Hume, notável ex-funcionário público e veterano da Revolta dos Cipayos. Os objetivos do

Congresso, pelo menos inicialmente, eram lealistas e respeitosos; nas palavras de um historiador, «eram homens moderados e cautelosos, que confiavam na imparcialidade elementar do povo britânico».(23) O vice-rei Dufferin chegou a saudar o Congresso como uma útil válvula de segurança para queixas e ressentimentos.

No entanto, a criação do Congresso abriu para a Índia uma nova era e um novo tipo de movimento político no subcontinente. Nas três décadas que se seguiram, continuou a ser uma diminuta elite isolada, que Randolph Churchill classificou como um ajuntamento de «babus bengalis» – até que um homenzinho de óculos, vestindo à camponesa, veio revelar a sua força inesperada.

Derrotado e afastado do cargo, perguntaram a Randolph Churchill o que ia fazer a seguir. Respondeu: «Vou liderar a oposição durante cinco anos. Depois, serei primeiro-ministro por outros cinco anos. Depois, morrerei.»(24)

Só a última profecia se realizou. Porque o lorde Randolph já conseguia sentir a mão da temível doença que vinha ocultando à família mas que, lentamente, minava as suas capacidades físicas e mentais – até mesmo a sua sanidade mental. Os médicos diagnosticaram-lhe, na altura e mais tarde, a sífilis (embora as autoridades médicas modernas lhe tenham diagnosticado um tumor cerebral). Quando deixou o ministério da Índia, a doença estava a entrar na sua terrível fase terminal.

O primeiro ataque grave, em 1881, deixou-o parcialmente paralisado e quase incapaz de falar; mas acabou por recuperar, embora temporariamente, e pareceu ficar bem. Por outro lado, Jennie receava o pior. Deixaram de dormir juntos. O segundo filho, Jack, nasceu em fevereiro de 1880. Correram boatos de que quase de certeza não era filho de Randolph.(25)

No ministério da Índia, os acessos de instabilidade mental tornaram-se cada vez mais graves. Podem mesmo ter afetado a decisão de promover as suas guerras contra a Birmânia e contra a reforma indiana. Quando os Conservadores regressaram ao poder, em junho de 1886, o lorde Randolph estava suficientemente recuperado para ser chanceler do Tesouro e líder do seu partido na Câmara dos Comuns. Mas as suas discussões com o lorde Salisbury tornaram-se tão acesas que, no dia 20 de dezembro, quando se encontrava no castelo de Windsor, impulsivamente fez seguir um pedido de demissão.

Para grande choque de Randolph, Salisbury aceitou. Também ele se apercebeu de que havia algo de errado com o seu caprichoso colega mais novo e ficou aliviado por vê-lo partir. Embora Randolph afirmasse aos outros que um dia regressaria ao cargo, e que até seria primeiro-ministro, a

sua carreira política estava terminada. Tocava agora à família lidar com a crescente ruína física e mental que era lorde Randolph Churchill e com os seus acessos de delírio e de fúria, particularmente contra o filho mais velho.

Winston tornou-se o alvo preferido da cólera doentia do pai. Anos mais tarde, num dos raros momentos de sinceridade sobre o pai, dizia aos amigos: «Tratava-me como se eu fosse tolo; vociferava comigo sempre que lhe perguntava alguma coisa... Não me ouvia nem prestava atenção a nada que eu dissesse... Era tão egocêntrico que para ele não existia mais ninguém.»(26)

Quando Winston tinha onze anos e frequentava a escola em Brighton, em outubro de 1885, soube que o pai tinha estado na cidade mas que não se tinha incomodado a visitá-lo. «Meu querido pai», escrevia ele, «não percebo porque não vieste visitar-me enquanto estiveste em Brighton; fiquei muito desiludido, mas suponho que estavas muito ocupado para poderes vir.» Quando Winston adoeceu com uma pneumonia no mês de março seguinte, ficando às portas da morte, o pai a custo interrompeu a sua rotina em Londres para ir a Brighton. Assim que o rapaz recuperou, partiu quase logo de seguida.(27)

Tudo isto afetou a personalidade de Winston. Aos doze anos já tinha fama de ser um irascível desordeiro (ironicamente, tal como o seu pai). «Era o garoto mais malcomportado do mundo», recordava um dos seus professores de Brighton. Um condiscípulo seu, Maurice Baring, dizia: «O seu mau comportamento ultrapassava tudo o que se possa imaginar. Uma vez, recebeu algumas vergastadas por ter roubado açúcar da despensa; em vez de se mostrar arrependido, retirou do sítio onde estava pendurado o respeitável chapéu de palha do diretor e pôs-se aos pontapés a ele até o fazer em pedaços. A sua estadia na escola foi uma contínua contenda com a autoridade.»(28)

E uma contínua contenda com o pai. Exasperado com o garoto, Randolph transferiu-o para a escola de Harrow. Ali, deixou de ser o aluno mais malcomportado para passar a ser o mais solitário, evitado pelos condiscípulos e ignorado pelos pais. Jennie tinha começado a dar-se com o seu último amante, o conde húngaro Kinsky – a lista dos amantes ia crescendo à medida que a doença do marido se agravava. Com uma mãe fútil e um pai a afundar-se na loucura, o jovem Winston era uma pilha volátil de agressões verbais e de raiva reprimida. Um dos seus condiscípulos que entrou em choque com ele recorda-o como sendo de baixa estatura mas «rijo como um prego». Anos mais tarde, durante uma caçada ao javali na Índia, o homem recordava-se de ver um javali encurralado com «os mesmos olhinhos brilhantes de aviso» preparando-se para atacar e teve um «flash mental» de Winston Churchill em Harrow.(29)

Outro condiscípulo seu foi Leopold Amery. Meio século mais tarde, Amery seria secretário de Estado de Churchill para a Índia; mas em 1889 era chefe de turma, enquanto Winston fazia parte da pior turma da escola. Um dia, Winston, comportando-se como o rufia da turma, empurrou Amery para dentro da piscina quando este estava de costas. Winston depois pediu desculpa, dizendo que o tinha tomado por um rapaz mais novo, porque «és muito baixinho». Logo a seguir acrescentou com enternecedor orgulho: «O meu pai também é pequeno de estatura, mas um grande homem.»

Com efeito, Randolph estava agora praticamente descontrolado. Nas raras visitas que fazia à Câmara dos Comuns, os ouvintes incomodados classificavam os seus discursos, ele que tinha sido um prendado orador, como «palavrosos e incoerentes». Começou a viajar pelo estrangeiro em todos os sentidos e furiosamente, como se quisesse assim fugir à sua terrível doença, umas vezes levando Jennie com ele, outras não.

Um velho amigo que o viu nos seus últimos dias ficou impressionado com o seu aspeto alterado, o rosto macilento, «o cabelo grisalho e muito ralo no topo... pesados papos debaixo de uns olhos tristes, o aperto de mão», mas também com «o brilho de ódio, raiva e medo cintilando no olhar, o medo aterrador daqueles que se aperceberam como a loucura está próxima».(30)

Neste estado, podemos imaginar a reação de Randolph quando recebia de Harrow as informações sobre Winston. «Tens-te mostrado, sem margem para dúvidas, desmazelado, desorganizado nos trabalhos da tua vida escolar», dizia ele furiosamente, «sempre negligente, nunca progredindo nos teus estudos, queixas incessantes e total falta de aplicação.» Se Winston continuasse assim, concluía o pai, «a minha responsabilidade por ti acabou».

No entanto, num momento de lucidez, Randolph tomou uma decisão que iria mudar para sempre a vida do seu infeliz filho, e para melhor. Autorizou-o a fazer as provas para entrar em Sandhurst, como cadete do exército.

Foi uma decisão nascida no quarto de Winston em Portman Square, tinha ele catorze anos. Randolph entrou no quarto e foi encontrar os soldadinhos de chumbo de Winston alinhados no soalho, numa magnífica ordem de batalha, em número de 1500. O pai esteve quase quinze minutos a observar a formação e depois perguntou a Winston se gostaria de fazer carreira no exército. Winston, encantado com a rara e inesperada atenção que o pai lhe dispensava, disse imediatamente que sim – pensando, como explicou alguns anos depois, que o pai tinha descoberto na brincadeira dos soldados a revelação de um génio militar. «Mais tarde, porém, disse-me que simplesmente

tinha chegado à conclusão de que eu não era suficientemente inteligente para fazer carreira na advocacia» e que o único lugar adequado ao seu travesso e voluntarioso rebento era na Real Academia Militar, em Sandhurst.

Por duas vezes Winston tentou fazer o exame para entrar em Sandhurst e de ambas as vezes reprovou. O pai ficou furioso. Finalmente, à terceira tentativa, depois de um tremendo esforço e muita concentração, passou oficialmente o exame preliminar em janeiro de 1893 e entrou em Sandhurst em setembro, na 92ª posição em 102 cadetes.

Escreveu ao pai: «Vou tentar modificar a tua opinião sobre o meu trabalho e o meu comportamento em Sandhurst... A minha baixa posição nas listas de admissão não terá qualquer consequência nas minhas hipóteses aqui.» Com efeito, pela primeira vez encontrou na escola um género de vida que lhe agradava. Os exercícios militares, as aulas de leitura de mapas, equitação e ginástica, topografia, táticas e fortificações, agradavam-lhe mais do que os anos terríveis que passou em Brighton e em Harrow a estudar Latim, Francês e Matemática.(31)

A única discussão com o pai era agora sobre qual a arma que deveria escolher. Randolph insistia na infantaria; mas o coração de Winston estava com a cavalaria; mas isso significava o pagamento extra de duzentas libras por ano para os cuidados e a alimentação da montada. Winston acabou por levar a melhor. Finalmente, como jovem cadete de cavalaria, Winston Churchill tinha encontrado um lugar seguro e uma identidade que o tornou útil e feliz.

Mesmo então o seu pensamento estava muito à frente. Em janeiro de 1891, tinha ele dezasseis anos e acabava de passar no primeiro exame preliminar para Sandhurst, consultou um médico londrino, um eminente especialista, sobre o seu incómodo ceceio. O médico achou que era coisa de pouca importância e que certamente não ia prejudicar a sua carreira militar. Após o que Winston explicou que o seu objetivo no exército não era propriamente fazer carreira, mas ganhar experiência que pudesse utilizar para entrar nos terrenos do pai: a política.

É claro que acabaria na Real Academia Militar, disse ele ao médico, faria parte de um regimento de hussardos e faria serviço militar na Índia, durante um ou dois anos (tudo o que na realidade acabou por fazer). Mas depois disso, anunciou o jovem Winston, iria ser um grande estadista como o seu pai; certamente não tinha a intenção de se ver afastado, pelo simples facto de não conseguir pronunciar corretamente os «ss». Depois de o seu paciente se ter retirado, o médico comentou com a esposa: «Acabei de estar com o jovem mais extraordinário que alguma vez conheci.»(32)

A aprovação do pai significava tudo para Winston, e não havia nada que literalmente pudesse atravessar-se no seu caminho para o conseguir.

Como prenda pela entrada na Academia, o pai ofereceu-lhe um relógio de ouro, advertindo-o que não o perdesse. Ora, já com o segundo período escolar avançado, passeava ele um dia à beira da Wish Stream de Sandhurst, quando o relógio lhe saltou do bolso e caiu à água, que ali tinha quase dois metros de profundidade, «o único sítio fundo em vários quilómetros». Winston mergulhou instantaneamente atrás dele, mas, após repetidos mergulhos, não conseguiu encontrá-lo.

No dia seguinte, dragou a parte funda da corrente; nada. Então, os superiores de Sandhurst autorizaram-no a requisitar vinte e três soldados, que, sob a sua orientação, abriram um novo leito para onde desviaram o caudal de água. Depois, por meio de uma bomba pertencente aos bombeiros locais, escoaram toda a água – e conseguiram encontrar o relógio.(33)

Infelizmente, Randolph não deu a sua aprovação ao filho pelo feito, nem por qualquer outra coisa. A doença de Randolph encontrava-se na última e horrível fase. Esquelético, incoerente e confuso, planeou uma derradeira viagem pelo mundo juntamente com a esposa. Um dos lugares que escolheu foi um local que tinha visitado havia uma década e que ainda representava o único feito permanente da sua carreira: a Índia. Não se conhecem muito bem os motivos que o fizeram voltar. Talvez quisesse ver pela última vez os abutres precipitando-se sobre as Torres do Silêncio, ou o Taj Mahal à luz do luar, ou o clarão enfumarado das piras funerárias ao longo das margens do Ganges, com milhares de pessoas a banhar-se nas suas águas sagradas – para ver seres humanos em paz consigo próprios e com os seus deuses.

Em todo o caso, o casal chegou de Singapura em novembro de 1893. Quando chegaram a Madrasta, porém, consultaram um médico e este aconselhou-os a regressarem imediatamente a Londres. Randolph conseguiu chegar a casa da sua mãe, em Grosvenor Square, nos últimos dias de dezembro de 1894. Não saíria dali vivo.

Arrasado pela dor, Winston esperou na casa de amigos que Randolph passasse os seus últimos dias: o pai já nem conseguia reconhecê-lo. O lorde Randolph Spencer Churchill foi-se mantendo ao longo das três primeiras semanas de janeiro de 1895, raramente saindo do quarto; a morfina que tomava para abrandar as dores cada vez era menos eficaz, de maneira que os seus gritos ressoavam por toda a casa.

Finalmente, a 22 de janeiro, após dois terríveis ataques de loucura, entrou em coma e dois dias depois apagou-se. Winston ficou desolado. «Todos os meus sonhos de companheirismo com ele, de entrar no Parlamento ao seu lado e de receber o seu apoio, tudo estava acabado», escreveu ele mais tarde. «Apenas me restava prosseguir com os seus objetivos e honrar a sua memória.»(34)

Até certo ponto, a sua carreira política iria consistir na tentativa de ressuscitar um pai que nunca conhecera, e de conquistar a aprovação de pais que nunca tinha tido. Uma dezena de anos mais tarde, Wilfred Blunt, um velho amigo de Randolph, realçou como o jovem Winston era muito parecido com o pai, como se fosse «uma réplica invulgar» do falecido Randolph, «com toda a brusquidão e segurança do pai e, diria mesmo, com mais competência do que ele». Até a própria maneira de falar de Winston Churchill, que mais tarde ficaria célebre, fora diretamente modelada pela do pai.

Acima de tudo, Blunt considerava ser «algo comovente» o facto de Winston ter adotado todas as velhas causas do pai e até as inimizades.(35) A oposição ao governo interno e o ódio à Rússia; o apoio ao comércio livre e o populismo conservador encerrado na expressão Democracia Conservadora: o político Winston Churchill adotou-as todas.

Mas havia um assunto em que fazia questão de se manter inflexível e fiel até ao fim aos princípios do pai. Esse assunto era a Índia e o seu lugar no Império Britânico. Winston partiria para a Índia em pouco mais de um ano, uma experiência que iria mudar a sua vida. E do pai aprendera duas lições acerca do lugar para onde ia dirigir-se.

A primeira era que a Grã-Bretanha era essencial à sobrevivência e felicidade do subcontinente. Gostava de citar um dos discursos de Randolph em que o seu pai dizia aos ouvintes: «O vosso governo na Índia é como se fosse uma camada de azeite espalhada à superfície, mantendo-se calma e tranquila e não encrespada pelas tempestades, um imenso e profundo oceano de humanidade.» A missão da Grã-Bretanha era servir-se «dos vossos conhecimentos, das vossas leis e civilização superior» para unir 230 milhões de pessoas da Índia «num povo grandioso e unido», dizia Randolph. «É esta a vossa missão em relação à Índia, é esta a vossa *raison d'être*, a vossa razão de estar na Índia. É este o vosso título para a Índia» – e Winston Churchill nunca o esqueceu.(36)

Mas lembrava-se também de outra lição vital do pai. Embora a Grã-Bretanha fosse fundamental para a Índia, a Índia também era fundamental para a Grã-Bretanha. Randolph tinha observado muitas vezes que a Índia era um vasto mercado de importações, que mantinha os fabricantes britânicos em atividade e que importava mais do que a Europa ou a América. «A Índia», costumava ele dizer, «é o único mercado livre estrangeiro que temos.» Randolph tinha calculado que mais de dois milhões e meio de Britânicos estavam dependentes dessa ligação, incluindo de 50 a 60 mil marinheiros britânicos e 100.000 assalariados na Índia, com as respetivas famílias.(37) Perder a Índia não seria apenas um erro estratégico e um golpe devastador no prestígio da Grã-Bretanha. Afundaria a Grã-Bretanha no

caos económico. Como o próprio Winston Churchill afirmou alguns anos mais tarde, a perda da Índia seria «para nós um golpe final e fatal».

Em 1885, o pai tinha avisado: «Sem a Índia, a Inglaterra deixaria de ser uma nação.»(38) Em 1931, o filho avisava que sem a Índia, o Império Britânico «passaria à História de uma assentada». Winston Churchill iria dedicar a sua vida a evitar que isso acontecesse, ao mesmo tempo que outro homem iria dedicar a sua para que isso se tornasse uma realidade.

AS ILUSÕES DE PODER: Os Gandhis, a Índia e o governo britânico

Da irreabilidade passei para a realidade.

BRIHADARANYAKA UPANISHAD, SÉCULO VIII A.C.

Winston Churchill cresceu no coração do império. Em contrapartida, Mohandas Gandhi cresceu numa pequena mas próspera cidadezinha com menos de quinze mil habitantes, situada num pequeno principado, na província ocidental indiana de Guzarate.(1) Via o mundo a partir de um cantinho de um vasto subcontinente, distante das importantes contracorrentes desencadeadas pelo *Radj*. Gandhi nunca tinha sequer visto um inglês até a família se mudar para Rajkot, tinha ele sete anos.

Enquanto Churchill foi uma criança solitária e tratado com indiferença, Gandhi gozou das atenções constantes de uma grande e afetuosa família.(2) «Mohan» era o predileto da sua mãe, um garoto travesso, de grande cabeça e grandes orelhas, de pernas magras e desajeitadas. Desaparecia de casa sem dizer nada, e a sua ama-seca ia descobri-lo empoleirado nas árvores ou escondendo-se dela no templo. Um criado levava-o a passear num carro de bois, pelas aldeias que rodeavam Porbandar. «Como eu era filho de um *diuan*», recordava Gandhi dezenas de anos mais tarde, «as pessoas davam-me a comer pelo caminho *juuar roti* [bolos de milho] e ofereciam-me moedas de oito anás.»(3)

Esta vida despreocupada era ensombrada pela figura nobre e austera do pai, uma figura distinta aos seus olhos de criança e também aos olhos da comunidade. Karamchand era o *diuan*, ou conselheiro-mor do *rana* local, lugar que ocupava desde 1847, e que já o pai tinha ocupado antes dele.(4) «O meu pai adorava o seu clã», afirma Gandhi na sua autobiografia, «era sincero, valente e generoso, mas irascível.»(5) Karamchand Gandhi era um

elemento importante na política local, a clássica grande rã num pequeno charco¹⁶. Todas as manhãs, grupos de queixosos ficavam acorados na sua varanda, para pedirem favores e apresentarem queixas. E todas as noites vinte ou trinta homens apareciam para jantar e para discutirem os últimos acontecimentos, enquanto «Kaba» (a alcunha familiar de Karamchand) presidia, ao mesmo tempo que solenemente preparava os legumes para a refeição.(6)

O pai de Gandhi era um homem piedoso, membro da casta hindu Modh Bania. Os Baniyas eram uma classe de comerciantes; a certa altura, foram mesmo prestamistas. (O próprio nome significa «vendedor de perfumes».) Mas a coisa mais importante no lar de Gandhi eram os ritos vivos e os rituais da seita *vaixnava*, cujo *bakhti* ou devoção ao Senhor Krisna fazia parte da rotina quotidiana. O templo *vaixnava* próximo da casa de Gandhi transbordava de cânticos e de música, com homens e mulheres dispendo refeições rituais e ramos de flores vermelhas, cor-de-rosa, azuis e amarelas. Uma das mais antigas recordações de Gandhi era o cheiro acre e bafiento das flores pútridas quando diariamente visitava o templo na companhia da mãe.(7)

Putlibai juntava-se aos Gandhis nos ritos e orações *vaixnavas*. Mas ela pertencia a outra seita local hindu, os Pranamis, e diariamente ia fazer as suas devoções ao templo deles, a duzentos metros de distância. Os Pranamis eram abstémios e praticavam o vegetarianismo e a moderação em tudo. Nos seus festivais havia uma mistura impressionante de práticas hindus e muçulmanas. (Os Muçulmanos constituíam cerca de um quinto da população do Guzarate.) No altar do templo dos Pranamis havia até um exemplar do *Alcorão*. Pelo menos um dos seus biógrafos apontou a influência pranami na posterior perspectiva religiosa de Gandhi, bem como no seu respeito pelo Islamismo.(8)

O próprio Gandhi conta que a sua primeira e mais válida lição religiosa proveio da sua ama. Quando não tinha mais de quatro ou cinco anos, ela ensinou-lhe a recitar o *Ramanama*, pronunciando repetidamente o nome de Rama como forma de acalmar os seus medos dos fantasmas e dos espíritos malignos na escuridão. Rama era o herói divino da epopeia nacional

¹⁶ Pequeno não significa necessariamente enfadonho. Quando Uttamchand, avô de Mohandas, deu refúgio a um empregado, contra a fúria da viúva do seu *rana*, esta deu ordens para que os canhões percorressem as ruas de Porbandar e que as suas tropas disparassem contra a casa de Gandhi. Ainda hoje são visíveis as fendas abertas nas paredes pelos tiros de canhão. Entretanto, Uttamchand fugiu para um principado muçulmano próximo até que a situação acalmasse. Este desafio à autoridade dos governantes fez parte mais tarde da herança deixada por Gandhi a Mohandas. (N. do A.)

hindu; no escritório de Karamchand havia um altar consagrado a Rama. A recitação do *Ramanama* tornou-se o alicerce da fé hindu de Gandhi, o seu «remédio infalível» em tempos de crise e mesmo de doença.

«O *Ramanama* purifica enquanto cura», gostava ele de dizer, «e por isso eleva.» Atribui ao simples facto de recitar essa pequena oração a cura da lepra de um dos amigos do pai. Mais tarde, aconselhou às mulheres cujos maridos tinham sido massacrados pelos Muçulmanos que recitassem o *Ramanama* como forma de consolação. Quando Gandhi morreu, morreu com o *Ramanama* nos lábios.(9)

Alguns Hindus eruditos rejeitariam tudo isto como sendo uma perspectiva da pequena cidade onde Gandhi nasceu. Com efeito, os membros da casta superior dos Brâmanes consideravam os exuberantes ritos *vaixnavas* grosseiros e indecorosos.(10) Mais tarde, quando Gandhi explorou as áreas mais profundas da filosofia hindu, também ele achou no Hinduísmo popular uma sequência infundável de festivais barulhentos e mesmo obscenos, considerando repugnante a decoração garrida dos templos. O cheiro das flores murchas dos templos que tinha ficado na sua memória também o deixava enjoado; e quando testemunhou os sacrifícios à deusa Kali no seu templo de Calcutá, em 1901, com rios de sangue a escorrer pelas pedras, ficou horrorizado.

Apesar de tudo, a infância passada na cidade provinciana de Porbandar, que não era uma cidade ocidentalizada como Calcutá ou cosmopolita como Bombaim, proporcionou a Gandhi uma base religiosa simples e honesta, que pôde partilhar com milhões de pobres em todas as regiões da Índia, pessoas cujas vidas ainda não tinham sido tocadas pelos Clives, nem pelos Ripons, nem pelos Randolph Churchills. Seria um dos principais laços entre eles. Ajuda a explicar por que motivo ao longo da vida de Gandhi as pessoas acorriam a remotas estações de caminhos de ferro onde supunham que ele iria parar, e esperavam durante horas, às vezes dias, na esperança de conseguir vê-lo, tocar-lhe os pés e recitar o *Ramanama* com ele.

Este vínculo humilde é fundamental, não apenas para entender Gandhi mas para perspetivar todo o *Radj* britânico. Para os Britânicos, a sua experiência na Índia esteve cheia de dramatismo, de mudança e de progresso. «Ter encontrado um grande povo mergulhado nas profundezas da escravatura e da superstição», como disse, entusiasmado, Thomas Macaulay, e depois ter trazido à Índia «o imperecível império das nossas artes, da nossa moral e das nossas leis foi o feito mais glorioso na História de Inglaterra.»(11)

No entanto, a grande maioria dos Indianos espalhados por um subcontinente do tamanho da Europa sem a Rússia, não sentiu qualquer mudança. Ensinaram-lhes a ver a mudança que ocorreu como sendo em grande parte uma ilusão. Os Indianos tinham visto muita História ao longo de

quatro mil anos; mas o que lhes interessava nesta vasta sociedade, que se movia muito lentamente, eram precisamente as forças que resistiam à História: a terra, a religião e a própria natureza da sociedade indiana.

As raízes dessa sociedade estavam incrivelmente fundas, tão fundas como as das mais antigas civilizações do mundo. E ainda estão. O *Rig Veda* é certamente o mais antigo hino religioso de uso diário. Ritos com quatro mil anos de existência associados ao culto de Xiva ainda hoje são executados, tornando-o o mais antigo culto religioso contínuo no mundo. Os camponeses ainda hoje prestam culto em templos dedicados a deuses e deusas com raízes na Idade da Pedra.(12) Comparado com esta resistência inigualável, o *Radj* britânico parecia absolutamente efêmero – como qualquer outro governante ou conquistador na História da Índia. Gandhi formou a sua própria opinião clara em 1909, no seu *Hind Suaradj*. «A História é na realidade um registo de todas as interrupções do trabalho contínuo do amor ou da alma», escreveu ele, «um registo da interrupção do curso da Natureza.» Resumindo, na perspectiva de Gandhi, a História não faz sentido: talvez nenhuma outra opinião o separe tanto de um homem como Winston Churchill. Mas neste ponto Gandhi reflete a mais ampla experiência cultural indiana, segundo a qual tudo o que acontece é apenas mais uma breve volta «da roda suprema do império da Verdade». De uma perspectiva indiana, até mesmo os Britânicos surgem apenas como um ponto insignificante na vasta tela da civilização indiana.(13)

Esta civilização teve os seus inícios não muito longe do Guzarate, no vale do rio Indo, em Mohenjo-Daro e em Harappa, cidades hoje localizadas no Paquistão. Lothal, o ativo porto da civilização de Harappa, ficava a menos de trezentos quilómetros de Rajkot. Ali, mais de trinta séculos antes do nascimento de Gandhi, grandes mercadores e reis-sacerdotes lideraram o comércio além do oceano Índico com os parceiros do antigo Crescente Fértil, na Acádia e na Suméria. Por volta de 2200 a.C., quinhentos anos antes de Hamurábi ter publicado o seu código em Babilónia, a civilização do vale do Indo era um florescente mundo citadino de pequenas casas de tijolo e ruas estreitas, limpas, eficientes e uniformes, governado por poderosos teocratas, cujos templos eram as próprias cidades.(14)

Todos os vestígios das grandes cidades acabaram por se desvanecer, tal como aconteceu com as suas equivalentes do Crescente Fértil. Quando Gandhi nasceu, poucos indianos tinham conhecimento sequer da existência dos Harappanos. No entanto, os seus sucessores deixaram a sua marca na Índia, como as palavras em hindí para dinheiro [*pana*] e comerciante [*vanik*]. A própria casta de Gandhi (Bania) é um derivado do nome que os

sucessores do vale do Indo deram às pessoas ricas e eficientes, os Panis. As primeiras representações da deusa Xiva na típica pose ioga aparece nos selos de cerâmica de Mohenjo-Daro, bem como o boi-de-corcunda. Os Harappanos também cultivavam o gosto pelos adornos corporais, braceletes e pulseiras, que sobreviveram até aos tempos de Gandhi e mais além. Uma vez, quando Gandhi visitava um museu na antiga cidade Gandharana de Takshashila, ou Taxila, onde estavam expostas algumas dessas antigas braceletes, exclamou surpreendido: «Exatamente como as que a minha mãe costumava usar.»(15)

Apesar de toda esta sofisticação, contudo, os povos do vale do Indo não conheciam o ferro e, à medida que os séculos passaram, a sua tecnologia básica não se alterou. A uniformidade e a eficiência da sua sociedade transformaram-se numa armadilha. No terceiro milénio antes da era cristã, quando surgiram os invasores vindos da Ásia Central, os povos do vale do Indo não conseguiram ou não quiseram resistir. O seu mundo acabou. Tinham chegado os Arianos, guerreiros e cavaleiros, que fizeram parte da grande incursão que varreu simultaneamente o Irão e a Europa.

Os Arianos eram tão arrogantes como determinados: o seu nome, Arya, significa «mestre» ou «nobre». Os estudiosos estão hoje de acordo que provavelmente não houve nenhuma invasão, mas simplesmente uma migração constante de tribos e clãs arianos para o interior do perímetro de uma civilização que se encontrava em estado de decadência adiantada, até que um dia se aperceberam de que eram eles quem mandava.

Tal como os seus primos afastados, os Gregos primitivos que se apoderaram do mundo micénico quase na mesma altura, os Arianos viram-se senhores dos restos de uma civilização mais sofisticada do que a sua. Tal como os Gregos, trouxeram para o painel cultural o seu próprio panteão: Varuna, o deus do céu (o Urano dos Gregos), Agni, o deus do fogo e dos sacrifícios rituais, e Indra, o deus da guerra. Fora desta agressiva estrutura religiosa masculina, os sacerdotes arianos (ou brâmanes) e os guerreiros (ou *rajyas*) construíram uma sociedade estratificada de conquistadores e conquistados. Os Brâmanes acompanhavam os seus elaborados rituais com recitações numa língua sacerdotal distinta (mais tarde, escrita como sânscrito), que iriam dar origem aos Vedas, o mais antigo corpo de literatura religiosa existente no mundo. Os Arianos compuseram também dois dos maiores (e mais extensos) poemas épicos do mundo, os *Ramayana* e os *Mahabharata*, que são oito vezes mais extensos do que a *Iliada* e a *Odisseia* juntas e três vezes mais extensos do que a *Bíblia* – tudo isso sem a vantagem da escrita. As recitações védicas, sagradas e profanas, constituem os alicerces da cultura indiana e hindu.

Os Arianos transportaram com eles a sua cultura, à medida que se

espalhavam para leste, a partir do vale do Indo. Estavam já divididos em quatro classes distintas, ou *varnas*: uma elite sacerdotal de *brahmanas*, ou brâmanes; uma classe governante de guerreiros, *rajyas* ou *kxátrias*; camponeses e artesãos, ou *vaixias*; e no fundo, quase ignorados pelas convenções religiosas védicas, os *xudras*, ou servos e trabalhadores. Todos os outros, desde os sobreviventes do povo do vale do Indo até às tribos aborígenes que encontravam nas suas deambulações, eram *niravasita*, «excluídos» ou *candalas*. Estavam proibidos de viver à vista de uma aldeia ariana e eram relegados para as tarefas mais humildes, como cremar os mortos. Estes *candalas* seriam os primeiros «intocáveis» – pessoas tão desprezíveis que não podiam sequer entrar numa localidade sem primeiro fazerem soar uma taramela de madeira para avisar os habitantes de que se aproximava gente contaminada.(16)

As *classes* originais da sociedade védica acabaram por se tornar as *castas* sociais da sociedade hindu. Centenas de *djatis* ou subdivisões, e de *gotras* ou subcastas, estavam disseminados por todas as regiões da Índia, mas todos eles encontravam o seu lugar no conjunto hierárquico. Inicialmente, a pertença a uma casta determinava a prestação do culto aos deuses e a participação nas cerimónias védicas. As suas regras acabaram por ditar com quem se devia casar, onde viver, o que se devia comer e de que maneira, como vestir e como marcar o corpo – até como se deviam mover os intestinos e como se deviam praticar as relações sexuais.(17)

O facto de pertencer a uma determinada casta acarreta o cumprimento de certas regras e rituais, um guia não escrito para toda a vida, indicando como evitar a contaminação e a perda da casta nesta vida e, uma vez que o Hinduísmo adota a crença na reencarnação, também na próxima. Oferece também (exceto para os Brâmanes) um conselho para aperfeiçoar as regras ou decidir casos difíceis para os membros da casta. Para os crentes, a casta e a *gotra* formavam algo semelhante a um enorme grupo de apoio que os reconciliava com a sorte que lhes tocava na vida e que lhes mostrava como conseguir a santidade, mesmo pertencendo à casta mais baixa. Ser um pária na sociedade tradicional hindu era mais do que apenas um estigma social ou religioso. Significava ser rejeitado das mais básicas relações que tornam a vida significativa, para ser relegado para a sordidez cultural, para a *tamas* ou a escuridão pavorosa – um destino que, uma vez que se transferia para uma próxima vida, era literalmente pior do que a morte.(18)

Em suma, a casta conferia a cada hindu uma identidade social que era confirmada e santificada pelo ritual religioso, enquanto ao mesmo tempo conferia a todos os ritos religiosos do Hinduísmo um lugar sólido e concreto nos fundamentos sociais. Tão concreto, com efeito, que a estrutura básica iria permanecer incontestada por mais de dois mil anos. Longe de

ser rígida ou obsoleta, o sistema de castas adaptar-se-ia a novas condições, ocupações e até tendências religiosas. Como é do conhecimento de qualquer pessoa que visita a Índia, ainda hoje continua firme. Há na Índia mais de cinco mil castas e todos os dias surgem outras novas.(19)

No entanto, o aparecimento do sistema de castas gerou uma tensão criativa. Foi a tensão entre o que devemos fazer como parte da hierarquia védica – o dever de uma pessoa, ou *dharma* – e o impulso para nos libertarmos desse rígido sistema, evadindo-nos para um nível mais elevado de totalidade espiritual e de liberdade individual.

Esse impulso estava inicialmente encarnado no antigo conjunto de comentários sobre os Vedas, denominado os *Upanixadas*¹⁷ que ofereciam uma via para atingir a realidade mais elevada, o Mundo do Espírito ou *Brahman*.(20) Continuar-se-ia com os Jainas e o seu líder espiritual, Mahavira, que respeitava a santidade de qualquer vida, comparado com os sangrentos sacrifícios védicos, e que era não-violento. (Gandhi foi um grande admirador do jainismo.) No século VI a.C., esse mesmo impulso atingiria o apogeu nos ensinamentos de Gautama Buda, a maior e mais influente figura espiritual da Índia.

Durante cinquenta anos, este antigo príncipe da Índia Setentrional ensinou aos outros o seu caminho único para a libertação ou nirvana, criando pequenos retiros ou *axramas* de discípulos e de convertidos – as primeiras comunidades monásticas no mundo. Após a morte de Buda, os discípulos continuaram a difundir a sua mensagem do Caminho do Meio, como ser «livre da raiva, receoso da malícia, puro na mente, e senhor de si mesmo, com um zelo de missionários. Quatrocentos anos antes de Jesus Cristo, o budismo seria a primeira religião verdadeiramente universal, espalhando-se da Índia ao Ceilão, Tibete, China, Japão e Indonésia. Por volta de 700 d.C., o Budismo era a maior crença espiritual no mundo

No entanto, a presença de Buda no seu próprio país e na sua própria cultura foi marginal. Ao longo dos séculos, o número dos seus adeptos foi-se reduzindo significativamente, exceto em algumas zonas do Sul. Mesmo na sua região de origem foi quase esquecido. Foram os estudiosos britânicos, e não os indianos, quem acabou por descobrir que Buda era indiano,

¹⁷ Livros sagrados reconhecidos pela religião védica da antiga Índia, que representam a parte filosófica dessa religião, ou o desenvolvimento, pela meditação, dos seus temas metafísicos, que tinham por objetivos principais a alma individual – o *Atman* – e a divindade por elas representada – o *Brahman*; após o conhecimento dos deuses ou *devas*, obtido pela leitura dos Vedas, só consentida aos indivíduos da casta superior dos Brâmanes, estes recolhiam-se às florestas onde, à sombra das figueiras, passavam a vida em meditação. (N. do T.)

localizando até o lugar do seu nascimento – tudo isso menos de trinta anos antes de Gandhi ter nascido.(21)

Porque, no fim, a tradicional base hindu era demasiado forte e demasiado flexível para ser derrubada ou substituída. Acabou absorvendo o seu adversário budista, da mesma maneira que tinha absorvido as divindades pré-védicas, como Xiva, e os festivais, mitos e lendas das miríades de povos e de culturas que viveram no subcontinente. O Hinduísmo tornou-se a própria Índia. Não houve mais nada que a mantivesse unida. Ao longo dos séculos iria enfrentar todos os adversários, quer pela palavra quer pela espada.

Entre os primeiros adversários estiveram os Gregos. Cento e cinquenta anos após a morte de Buda, Alexandre Magno chegou às margens do Indo com o seu exército macedónico, após uma marcha de mais de trinta mil quilómetros durante treze anos, orgulhoso com a sua conquista da Pérsia. Durante dois anos, combateu contra uma civilização que já abrangia um quarto da população mundial.(22) Derrotou um grande rei nas margens do rio Jhelum, e mandou cunhar em Babilónia moedas com a imagem de um elefante para comemorar a sua vitória. Quase perdeu a vida a combater contra uma feroz tribo guerreira na região montanhosa do Penjabe Ocidental; teve o primeiro encontro do Ocidente com *ioguis* indianos¹⁸; acabou por proclamar a vitória e regressou à Pérsia. No entanto, mal aflorou a carapaça exterior de uma civilização que estava agora centrada em cidades erguidas ao longo do poderoso rio Ganges, de Deli a Benares, a Patna e a Calcutá. Tal como o próprio Ganges, era um mundo vasto e de movimentos lentos, distante dos seus vizinhos para ocidente e para oriente, graças à sua religião única e aos seus diferentes modelos sociais e culturais. A lição básica da História indiana já estava estabelecida. Poder material como reinos e reis, incluindo Alexandre Magno, vão e vêm. Mas o poder espiritual, encarnado na religião, na casta, na unidade de espírito com *Brahman*, a imutável essência do universo, esse durará para sempre.

As primeiras provas da natureza transitória do poder político foram as próprias dinastias da Índia. Em 305 a.C., um príncipe do vale do Ganges central chamado Chandragupta Mauria sublevou-se contra os príncipes

¹⁸ Estes gimnósofos, como os Gregos lhes chamavam (literalmente, «filósofos nus»), não andavam vestidos e expunham os seus ensinamentos sentados no chão, como modelos de Mahatmas. O que eles ensinavam não fazia muito sentido para ouvintes gregos. No entanto, pelo menos um intelectual do séquito de Alexandre, Pirro, quando regressou à Grécia, ia profundamente perturbado. Ao ver e ouvir os gimnósofos (provavelmente Jainas), concluiu que «os homens estão em desacordo com a natureza do Bem» – e assim nasceu uma nova filosofia ocidental, o pirronismo ou ceticismo. (N. do A.)

que Alexandre tinha deixado para trás e apoderou-se das terras além do Indo, transformando Kandahar e Kabul nos postos avançados ocidentais de um poderoso Império Indiano. O filho Bindusara e o neto Açoka alargariam esse império para sul e para sueste, com a conquista do reino de Kalinga. Os Maurias foram o equivalente à dinastia Tch'in da China, unificadores políticos de uma grande civilização pela primeira vez na sua História.

Pinturas murais em Ajanta revelam a magnificência do governo mauriano. Representam o rei rodeado pelos nobres, sacerdotes brâmanes, acrobatas, encantadores de serpentes, porta-estandartes, músicos soprando em búzios e cavalos e elefantes ajaezados com pérolas, plumas e pingentes de ouro. Para mover apenas um pilar destinado ao palácio de Açoka, em Palipurta, foi necessário um carro com quarenta e duas rodas, puxado por 8400 homens. Os armazéns imperiais guardavam ouro e prata às toneladas, diamantes e rubis aos quilos.(23)

Amontoar toda esta riqueza e poder exigiu uma incessante guerra do género mais brutal e desumano. Segundo o embaixador grego na sua corte, os Maurianos mantinham o maior exército permanente do mundo, com mais de 700.000 homens, 9000 elefantes e 10.000 carros. O tratado sobre estratégia e diplomacia usado na corte, o *Arthashastra*, o equivalente indiano a *O Príncipe*, de Maquiavel, prescreve um ciclo de dezoito dias de torturas para os rebeldes capturados e para os traidores, sugerindo um método de tortura diferente para cada dia. As inscrições de Açoka informam que, para completar a conquista de Kalinga, matou 100.000 pessoas e purificou etnicamente outras 150.000, e ainda mais algumas dezenas de milhar morreram de fome e de frio.(24)

Açoka, porém, cansou-se deste ciclo interminável de chacinas e conquistas e voltou-se para os ensinamentos de Buda, para conseguir a paz de espírito e reformar o seu reino. Todos os homens eram seus filhos, declarava ele, e a partir de então queria governar segundo a Lei da Retidão e da *ahimsa*, a não-violência. «Pelos deuses adorados, [Açoka] deseja segurança, autodomínio, justiça e felicidade para todos os seres humanos.» Criou uma nova classe de funcionários, encarregados de zelar pelo bem-estar dos seus súbditos, e proibiu os sacrifícios de animais. Mandou plantar árvores de fruto ao longo das estradas do império, para oferecer aos viandantes alimento e sombra, juntou mais de sete mil relíquias de Buda e convidou monges budistas para a sua corte, enviando outros monges às capitais de países estrangeiros.(25)

Os seus elevados valores morais e a renúncia à violência granjearam-lhe a admiração das futuras gerações de Indianos, incluindo Gandhi. As suas colunas encimadas por quatro leões tornaram-se o selo oficial da Índia. No entanto, talvez sem surpresa, a sua herança não foi duradoura.

Pouco depois da sua morte, ocorrida em 232 a.C., o reino desfez-se em pedaços e no espaço de cinquenta anos o Império Mauriano tinha-se desvanecido. As antigas leis da selva vieram substituir a Lei da Retidão e iriam decorrer quinhentos anos de caos até surgir uma outra dinastia de sucessores respeitáveis, os Guptas.

O Império Gupta assinala o período «clássico» da História da Índia, com o florescimento da arquitetura e da arte, e esculturas budistas e hindus de refinado esplendor e complexidade; da língua, com a poesia de Kalidasa, o «Shakespeare indiano», autor do drama *Chakuntala*, em sânscrito; e do pensamento religioso. Tudo isto juntamente com guerras de indizível ferocidade. Foi no tempo dos Guptas que emergiu pela primeira vez uma sociedade hindu de castas nitidamente definidas, construída à volta de uma economia agrícola de terratenentes e de camponeses, que iria sobreviver até aos tempos de Gandhi e mais além. Até à época em que a dinastia ruiu sob os assaltos dos Hunos, no século VI d.C., a civilização indiana estava pronta para sobreviver, e até para enfrentar as vagas seguintes de mudanças catastróficas.

A primeira foi a chegada do Islamismo e a ascensão dos Mogóis. Apesar do nome, os Mogóis não eram Mongóis, absolutamente, mas sim Turcos. Contudo, o fundador da dinastia, Babur, reivindicava descender de Tamerlão e do poderoso Gengiscã, e por isso permaneceu o nome de mongol ou mogol. Em 1526, o exército de Babur esmagou as forças adversárias muçulmanas em Panipat, apenas a setenta e cinco quilómetros de Deli, dispersando os elefantes do inimigo com o fogo da artilharia. Um ano depois, derrotou os orgulhosos príncipes Rajputes hindus. O império de Babur e dos seus sucessores, Akbar, Xá Jahan (que mandou erguer o Taj Mahal) e Aurangzeb, possuiu mais território, riqueza e esplendor do que qualquer reino que a Índia tinha visto até então – apenas com governantes muçulmanos em vez de hindus.

As duas religiões não podiam ser mais diferentes. O Islamismo pregava a existência de um deus único, Alá, em vez do panteão de deuses e deusas dos Hindus. Pregava a fraternidade de todos os crentes, em vez das desigualdades e injustiças hierárquicas da casta. E condenava toda a imágética religiosa, como as esculturas dos templos hindus e as estátuas que rodeavam os santuários budistas, como sendo uma blasfema idolatria. Os zelotas islâmicos destruíram milhares de locais hindus ou converteram-nos em mesquitas. Os lugares budistas acabaram por ser esquecidos.(26) A complexidade das normas de casta hindus e os rituais da alimentação também não faziam sentido para os Muçulmanos, que abatiam e comiam as vacas brâmanes, que os Hindus consideravam sagradas.

No entanto, no tempo dos Mogóis, Hindus e Muçulmanos na Índia encontraram um *modus vivendi*, embora não exatamente um terreno co-

mum. Babur e Akbar patrocinaram artistas e arquitetos hindus. Hindus de castas elevadas exerceram cargos como administradores e coletores de impostos no império, e generais e soldados hindus constituíram o núcleo do seu exército. Em contrapartida, os Muçulmanos tornaram-se parte permanente da paisagem social na Índia, formando quase um quarto da população no Penjabe, Sind e Baluchistão para ocidente, e no Bengala para oriente – embora apenas fossem muçulmanos 14% na província natal de Gandhi, Guzarate, e menos de um décimo no Centro e Sul da Índia.(27)

Alguns principados hindus, em especial entre os Maratas e os Rajputes, nunca se submeteram ao jugo muçulmano. Durante mais de um século, deflagraram ferozes insurreições por toda a Índia Central hindu. Aurangzeb, bisneto de Babur, esteve empenhado em dominar uma delas em 1690, quando a Companhia das Índias Orientais fez a sua primeira aparição em Calcutá.

Para os Mogóis, os Ingleses, tal como os outros europeus na Índia, não passavam de uma distração sem importância. Eram muito poucos em número e demasiado insignificantes em riqueza e poder para causarem preocupação, especialmente desde que os sucessores de Babur tiveram nas mãos todo o império unido e lidaram com os intrusos externos do Afeganistão e da Pérsia. Quando Bahadur Xá I morreu, em 1712, ninguém poderia ter imaginado que estes grosseiros e (do ponto de vista religioso) impuros europeus ou *firangui* em breve dominariam o equilíbrio de poderes no subcontinente.

Venceram precisamente porque ofereciam as duas coisas de que todos precisavam no mundo-cão da recente política mogol: armas e soldados. Os funcionários mogóis, bem como os insurretos hindus, ambos viam os Franceses, os Britânicos e os seus regimentos de cipayos como aliados de conveniência para deitarem as garras ao poder. Foi o chefe marata Morari Rao quem optou por apoiar Clive em Arcot contra um odiado adversário muçulmano e foi o vice-rei do imperador no Bengala, o renegado Siraj-ad-Daula, quem mobilizou o seu exército em apoio dos Franceses, até que a vitória de Clive em Plassey o despojou do poder.

Alguns lutaram energeticamente contra a aparentemente inexorável conquista britânica, exatamente como tinham feito contra os Mogóis. Haider Ali era um aventureiro muçulmano, que não sabia ler nem escrever, e que conseguiu talhar para si próprio um território em volta de Misore, na Índia Meridional. Ele e o seu filho, Tipu Sahib, combateram com valentia contra os Britânicos durante perto de três décadas, até que Tipu acabou por sucumbir aos cipayos do lorde Wellesley e à infantaria britânica, no cerco de Seringapatam, em 1799.

Da mesma forma, os orgulhosos Maratas eram uma casta guerreira, que se tinham convertido ao Hinduísmo depois de se terem instalado na

Índia, vindos da Ásia Central vários séculos antes. Colheram a oportunidade para derrubar o domínio mogol e tentaram obter o controle de todo o império, britânico ou não britânico. O poder dos Maratas acabou por ser posto em cheque na batalha de Panipat, em 1761, desta vez não por uma potência europeia, mas por um exército misto afegã-mogol.

Panipat foi o Gettysburg da História da Índia. Nunca a sorte dos Maratas voltaria a ser tão alta nem os seus exércitos marcharam tão para norte. Nunca nenhum governante nativo indiano voltaria a ter a hipótese de dominar o subcontinente. Depois de Panipat, a única potência que poderia manter a Índia unida era a Companhia das Índias Orientais e os Britânicos.

Em geral, os Indianos, na sua maioria, quer fossem Hindus quer fossem Muçulmanos, preferiam o governo britânico ao caos. Preferiam também fazer comércio com os Ingleses a serem espoliados por Persas ou Afegãs, ou pelos seus próprios bandidos caseiros. É verdade que os Britânicos eram estrangeiros, mas também os Mogóis o tinham sido – embora a nova língua da governação fosse o inglês em vez do persa, e a religião dos novos governantes fosse o Cristianismo em vez do Islamismo. Em privado, os hindus das castas elevadas sentiam-se horrorizados com os Ingleses, que usavam luvas de pele e chapéus feitos de animais mortos, em contacto com a pele, comiam alimentos que qualquer brâmane considerava vísceras repugnantes, permitiam às suas esposas conversar e discutir em voz alta à mesa de jantar, e faziam das indianas das castas inferiores e das intocáveis as suas criadas íntimas – às vezes, até suas amantes.(28)

No entanto, para os que se encontravam no topo da sociedade indiana, o governo britânico trouxera uma administração imparcial, incorrupta e confortavelmente distante. As elites indianas nas três presidências de Bengala, Madrasta e Bombaim sentiam-se felizes por estarem sujeitas à Companhia das Índias Orientais, servir no seu exército e ajudar a cobrar o dinheiro com que lhes pagavam, enquanto os deixassem continuar com as suas tarefas habituais. Foi para os que estavam no fundo, em especial na Índia Oriental, que os Britânicos trouxeram a desgraça.

Este foi o resultado da «reforma» da posse da terra, elaborada pelo governador-geral lorde Charles Cornwallis na década de 1790. Cornwallis, no rescaldo da sua derrota às mãos dos Americanos em Yorktown, estava decidido a fazer triunfar esta aventura imperial. Transformou a antiga escala móvel de rendas pagas pelos camponeses aos seus senhorios, ou *zemindars*, numa quantia fixa permanente, a cobrar pelo *zemindar*; qualquer desacordo devia ser julgado no tribunal do distrito local e não pelos funcionários no terreno, muitas vezes corruptos.

As reformas estavam bem planeadas, de acordo com os padrões ocidentais de imparcialidade e eficiência, mas quebraram a espinha às velhas

comunidades aldeãs. Os senhorios que, em tempos de carestia ou fome, não conseguiam cobrar a quantia fixada, simplesmente vendiam as suas terras ao maior licitante, entre eles os novos negociantes das cidades como Bombaim e Calcutá, agora enriquecidos com o comércio britânico.(29) A prática espalhou-se desde o Bengala e o Bihar às outras presidências, e o resultado foi uma paisagem rural de camponeses desamparados e de senhorios ausentes e um muro de separação cada vez maior entre os valores da Índia citadina e da Índia rural. Foi com este mundo empobrecido que Gandhi iria deparar-se por altura da sua digressão pelas aldeias do Bihar, cerca de uma centena de anos mais tarde, em 1917.

O esquema de reforma agrária de Cornwallis fazia também parte de uma alteração cada vez mais acentuada nas atitudes da Grã-Bretanha. O desmoronamento e o fracasso da ordem civil na Índia do século XVIII (para os quais os Britânicos contribuíram mais do que qualquer outro poder) tinham alterado a sua opinião dos Indianos em sentido descendente. Clive combatera ao lado e contra Hindus e Muçulmanos, fizera amigos entre eles, tinha-os enganado e tinha-lhes mentido mais ou menos de igual modo. Até Warren Hastings, o primeiro governador-geral, dissera: «O povo deste país não precisa da nossa ajuda para lhe darmos regras de conduta ou um modelo para a distribuição da propriedade.»(30)

No entanto, os seus sucessores fizeram uma abordagem muito diferente. «Todos os naturais da Índia, sinceramente o creio», dizia Cornwallis, «são corruptos» e despediu todos os funcionários nativos que trabalhavam para a Companhia das Índias Orientais. Como afirmou um historiador, «achava que os Ingleses governavam os Indianos para bem destes, mas seguindo uma orientação europeia e não uma orientação indiana».(31) À medida que o seu poder foi crescendo, os Ingleses acabaram por ver a Índia como uma experiência em ciências sociais, para ser estudada, atacada, remexida, independentemente de como se sentissem os próprios Indianos – particularmente, por, do ponto de vista europeu, na raiz do problema estarem os valores e a cultura da Índia.

James Mill, ao escrever a sua *History of British India* [História da Índia Britânica] para a Companhia das Índias Orientais, afirmou que a sociedade hindu de castas é um fosso de injustiças e de superstições.(32) Quinze anos mais tarde, em 1835, enquanto se encontrava em Calcutá no conselho executivo do governador-geral, o historiador Thomas B. Macaulay concluiu que «uma única prateleira de livros de uma boa biblioteca europeia vale mais do que toda a literatura nativa da Índia e da Arábia».(33)

O debate não se pôs em termos de saber se os Britânicos iam mudar a Índia, mas como iam fazê-lo. Macaulay e outros insistiam na criação de um sistema educativo ao estilo ocidental, que iria suplantiar e acabaria por

substituir o ensino tradicional hindu, com as suas «doutrinas médicas que deixariam envergonhado qualquer ferrador inglês e a sua astronomia que faria rir às gargalhadas as meninas de um colégio interno inglês». Ter encontrado «um grande povo mergulhado nas profundezas da escravatura e da superstição, tê-los governado de forma a que desejassem e fossem capazes de possuir todos os privilégios como cidadãos, seria um título de glória só nosso», afirmava Macaulay.(34)

Sem se aperceberem, porém, os Britânicos estavam a brincar com dinamite cultural. Os militares indianos sentiam-se orgulhosos por servir os Britânicos, de acordo com uma tradição militar que remontava aos Arianos. O escritor bengali Ram Mohan Roy apercebeu-se de que o governo inglês «embora constituindo um jugo estrangeiro, levaria com maior rapidez e segurança à melhoria de vida dos habitantes nativos», incluindo a abolição das *satis*, prática que Roy calculou custar a vida a mais de trezentas viúvas por ano, só em Calcutá. Ao mesmo tempo, orientalistas britânicos como William Jones e Henry Colebrooke estavam a redescobrir e a publicar alguns dos mais preciosos textos sânscritos, como o *Bhagavad Guita*, passando esse conhecimento a sucessivas gerações de estudantes indianos.(35)

Contudo, se o governo britânico significou o assalto diário a tradições e crenças milenares; ou a provocação diária a Hindus e Muçulmanos por parte de agressivos missionários cristãos sancionados pelo governo; ou alterações legais que minavam o estatuto das elites da Índia e os seus derradeiros governantes autónomos – a cooperação indiana, que os Britânicos tinham como garantida, ia transformar-se em resistência feroz.

Tudo isto aconteceu e atingiu o clímax no mandato do governador-geral lorde Dalhousie. Tomou posse em 1848, ano em que várias revoluções agitaram as capitais europeias. Da Câmara do Governo, em Calcutá, Dalhousie desencadeou uma por sua conta e risco. Avançou com reformas radicais em todas as frentes, económica, cultural e política, incluindo a anexação de Estados indianos, como o reino de Oudh, cujos governantes não tinham um herdeiro varão. As anexações de Dalhousie foram um desafio direto aos detentores do poder que ainda restavam na Índia, mesmo se os seus inquilinos rurais viam o seu mundo virado de cabeça para baixo por forças legais e económicas que não conseguiam entender.(36) Dalhousie deixou a Índia em 1856, «em paz por dentro e por fora», como ele dizia. Mas já era demasiado tarde para evitar a deflagração da Revolta dos Cipayos.

O motim de 1857 foi um acontecimento crítico não só para a história do governo britânico na Índia, mas para a própria Índia. Em maio, os regimentos nativos em Meerut sublevaram-se, assassinaram os seus ofi-

ciais britânicos e marcharam sobre Deli, onde proclamaram seu governante o último imperador mogol, o velho e decrépito Bahadur Xá II, com 70 anos de idade e sem qualquer poder. Alguns dos revoltosos apoiavam-se em profecias segundo as quais o centenário da batalha de Plassey marcaria o termo do governo britânico. Outros acreditavam em boatos de que um exército russo estava a caminho para os ajudar a restaurar o governo mogol e a supremacia muçulmana.⁽³⁷⁾ Outros ainda, como o marata Nana Sahib, alimentavam a esperança de recuperar o orgulho e a glória perdidos; havia quem tivesse esperanças de pilhagem; e alguns porque receavam não conseguir a pilhagem, se os Britânicos realmente fossem expulsos.

Todos, porém, estavam de acordo numa coisa: que o efeito acumulado de meio século de governo britânico tinha acabado por fazê-los sentir-se estrangeiros no seu próprio país e que a única maneira de inverter a maré era expulsar os Britânicos. Durante quase um ano, os amotinados controlaram uma área do tamanho da Grã-Bretanha. Alguns chefes e comunidades locais hindus na Índia Setentrional e Central aderiram à revolta; mas a maioria do subcontinente, como a cidade natal de Gandhi, Porbandar, manteve-se calma. O facto de os Siques, a irmandade militar-religiosa hindu no Penjabe, que tinha combatido todos os detentores do poder na Índia desde o século XV, se terem mantido fiéis à causa britânica provavelmente contribuiu mais para esmagar o motim do que qualquer outro fator só por si. Uma coisa é certa: nenhum dos amotinados ou dos príncipes seus aliados tinha os conhecimentos e a experiência necessários para derrotar o exército britânico, plenamente estimulado e mobilizado.

Em junho de 1858, as tropas britânicas tinham esmagado os cipaios e o último príncipe rebelde, o marajá de Gwalior. O governo britânico, tendo sobrevivido à sua mais grave crise, estava mais forte do que nunca. Era agora o «*Radj*», sucessor dos Mogóis e fonte de toda a ordem e autoridade. Mas, se a crise do motim uniu os Britânicos, acabou por separar os Indianos. A lealdade dos Siques e a apatia da Índia Meridional fizeram fracassar a revolta, mas o mesmo aconteceu com os motivos limitados e muitas vezes egoístas dos seus organizadores. Com o objetivo de derrotar os Britânicos, os amotinados evocaram os espíritos do passado: os amotinados de Meerut encaravam a restauração do Império Mogol; Nana Sahib e os seus adeptos pretendiam ressuscitar a Confederação Marata de fé e de resistência. Fracassaram. Paradoxalmente, o resultado era que agora os Indianos estavam mais dependentes do que nunca dos Britânicos. Depois de 1858, para milhões de Indianos o *Radj* era o único ponto fixo que restava num mundo constantemente em movimento. Não tinham outra hipótese senão segui-lo, para onde quer que ele fosse.

Também para os Britânicos, não havia possibilidade de recuar. As

mudanças que o novo ministério da Índia e a proclamação da rainha preconizavam estavam todas baseadas num único princípio: os Britânicos nunca mais voltariam a baixar a guarda. Seriam pacientes com os Indianos, e mais circunspectos a introduzir a mudança. Havia mesmo de consultar os Indianos, quando fosse necessário (como em 1886, quando o vice-rei Dufferin incluiu indianos numa comissão para estudar a admissão de mais nativos na administração pública). Mas desvaneceu-se a probabilidade de que os Britânicos alguma vez confiassem nos Indianos ou lhes dessem algum papel significativo na administração dos seus próprios assuntos.

Entretanto, o crescimento económico e as comunicações, com o aparecimento de fábricas, minas, caminhos de ferro, estavam a criar uma nova Índia industrial, lado a lado com a antiga. Também isto foi herança da derrota do motim. O fim dos últimos Estados independentes afastou as últimas barreiras à integração da Índia na economia imperial britânica. Só alguns anos depois do massacre de Bibighar, Cawnpore se tornou um importante centro têxtil, «a Manchester do Oriente». Da mesma forma, era em Ahmadabad, a cerca de 450 quilómetros a leste de Rajkot, que o algodão plantado nos campos do Guzarate era transformado em tecido para os milhões que labutavam na Índia. Os milionários indianos de Ahmadabad foram os primeiros contribuintes políticos importantes de Gandhi.

Por volta da década de 1890, as fábricas da Índia ainda produziam apenas cerca de oito por cento do consumo de tecido.(38) Embora a economia da Índia estivesse *de jure* livre de interferências por parte do governo de Londres (motivo pelo qual Randolph Churchill e o seu filho podiam falar em «mercados livres» da Índia), *de facto* o governo britânico mantinha-o como mercado cativo para os artigos industriais britânicos, incluindo o algodão – mesmo que a moeda nacional indiana, a rupia, estivesse sujeita às flutuações da libra e das exportações britânicas.

Alguns indianos beneficiaram da economia imperial, tal como os Parsis e outros empresários empreendedores nas cidades. Mas a grande maioria dos Indianos continuava a estar encurralada num sistema de pobreza rural, interpolada com ciclos de inundações, secas e fome. Pagavam impostos, incluindo o imposto do sal, que subsidiava o governo britânico. Mas viam pouca ou nenhuma contrapartida por suportarem a maior parte do peso do fardo imperial. Para a maioria, o presente britânico não era pior do que o passado mogol ou gupta. Mas, excetuando o alívio à fome e outros esforços humanitários, não pode dizer-se que fosse muito melhor.

Entretanto, a Índia tradicional, tão encravada como sempre, não podia oferecer qualquer alternativa ao governo britânico. A derrota do motim tinha fragmentado a velha ordem e destruído a credibilidade da tradicio-

nal classe política dos rajás e dos proprietários *zemindars*. Pelo contrário, o que o futuro reservava à Índia dependeria ainda mais de uma nova elite, educada ao estilo do Ocidente, que via o relacionamento imperial com a Grã-Bretanha a uma luz totalmente nova.

Esta nova elite era o produto das generalizadas reformas educativas postas em movimento por Thomas Macaulay e pelos seus sucessores. Em 1838, havia quarenta escolas inglesas sob a supervisão da Comissão Geral de Instrução Pública. Por volta da década de 1870, havia 6000 estudantes indianos inscritos em faculdades e universidades de língua inglesa e 200.000 em escolas secundárias. Quando, em 1885, Randolph Churchill fez a sua digressão pela Índia, havia mais de vinte e uma faculdades só no Bengala e vinte e quatro em Madrastra.

Os estudantes eram quase todos Hindus e quase todos pertencentes às castas superiores, saídos de famílias distintas como os Boses, os Ghoses e os Tagores do Bengala – e todos do sexo masculino. Muito poucos enveredavam pelos ramos empresarial ou técnico; na sua maioria tornavam-se advogados, professores e jornalistas. Um quinto entrou para o governo, mesmo se, por volta de 1880, apenas quatro indianos tinham conseguido ocupar cargos superiores na Administração Pública Indiana. Estes indianos educados ao estilo ocidental inspiravam-se numa figura anterior, Ram Mohan Roy, o brâmane intelectual e funcionário público que sabia latim e grego, bem como persa e árabe.

«Talvez não tenha havido outro bengali», escrevia um distinto estudioso, «excetuando Rabindranath Tagore, que tenha identificado tão completamente a sua própria imagem com a imagem cultural do povo indiano», ou pelo menos da sua elite instruída.⁽³⁹⁾ Roy publicou o primeiro jornal indiano. Viveu em Inglaterra, como embaixador dos Mogóis, até à sua morte, em 1833. Roy afirmava também ter encontrado nos *Upanixadas* e noutras obras hindus uma teoria da razão e da igualdade dos direitos humanos idêntica à do Ocidente. Foi também o primeiro a defender um novo pluralismo cultural para a Índia, que incorporasse ideais cristãos juntamente com textos hindus e muçulmanos, tal como Gandhi faria, cem anos mais tarde.

Esta elite, inspirada em Ram Mohan Roy, educada ao estilo ocidental, nunca foi monolítica nas suas opiniões, mesmo nas opiniões sobre o governo britânico. Contava com violentos apoiantes do regime, como Bholanath Chunder, cujo livro *Travels of a Hindu* [Viagens de um Hindu], publicado no ano em que Gandhi nasceu, defendia que a Constituição britânica era a maior do mundo e que a Índia não tivera uma verdadeira cultura política até chegarem os Britânicos. Contava também com críticos ferozes, como Sayyid Ahmed Khan, em cuja obra *Causes of the Indian Revolt* [Causas da

Revolta Indiana] responsabiliza diretamente os Britânicos pela revolta, advertindo que «nunca se conseguirá adquirir segurança a menos que se autorize o povo a participar nas consultas do governo».(40) Essa elite contava ainda com muitos outros que orgulhosamente absorviam os clássicos hindus juntamente com os clássicos ocidentais (ignorando a ironia de que era nas escolas inglesas que recebiam a mais rigorosa instrução sobre a sua própria cultura). Outros ainda descobriam em escritores como Milton, Locke, Edmund Burke e John Stuart Mill um ideal de autodeterminação nacional e perguntavam por que motivo se aplicava aos brancos mas não aos não-brancos.

Havia o gênero de homens que Randolph Churchill conheceu durante a sua digressão pela Índia e que o impressionaram pela sua grande inteligência e compreensão. Os tradicionalistas indianos consideravam-nos traidores por terem abandonado as vias tradicionais, passando a usar o traje e as maneiras ocidentais. Os Britânicos da Índia ridicularizavam-nos, chamando-lhes *babus*. Foi contra esses que fizeram o Motim Branco, em 1883, e foram esses que organizaram uma reunião maciça de apoio ao lorde Ripon quando deixou a Índia, reunião que Randolph Churchill classificou como «a primeira afirmação real feita pelo povo indiano... dos seus direitos e intenções de exercer uma influência mais ou menos controladora sobre o governo indiano».(41) E foi esta mesma elite, educada à maneira ocidental, que, três anos depois, fundou o Congresso Nacional Indiano.

Compreensivelmente, estes homens viam-se como os futuros líderes da Índia, mas continuaram a ser uma minoria insignificante. Durante o mandato de Randolph Churchill, menos de um por cento de Indianos sabiam ler ou escrever inglês. Os que sabiam, e que tinham a possibilidade de viajar ou até de estudar em Inglaterra ou na Europa, eram acusados de ideias liberais ocidentais. Mas as instituições do *Radj* não lhes permitiam aproximar-se das alavancas do poder. Além disso, a maioria deles viam-se instruídos para além das suas possibilidades ou das necessidades da Índia, o que os deixava «num colete de forças económico, presos entre os preços a subir e empregos mal pagos ou no desemprego».(42)

Mas a sua raiva e descontentamento tinham ainda outra fonte, mais profunda. Depois de 1857, a classificação britânica de «raças belicosas» e «raças não-belicosas» tinha coberto com um manto de vergonha o que de melhor e mais brilhante havia na Índia.(43) Assim postas as coisas cruamente, aos olhos de um britânico, um hindu, em particular do Bengala ou da Índia Meridional, não era um verdadeiro homem. Um hindu instruído ainda era pior. Como consequência, jovens da geração de Gandhi viram-se como que presos num torno cultural britânico que os estigmatizava como cobardes efeminados por um lado, mas, por outro, como não merecedores

de confiança e «consideravelmente espertos». Gandhi e muitos outros iriam gastar as suas vidas lutando para se libertarem desse torno e das cicatrizes psicológicas que lhes tinha causado. Num sentido profundo, toda a teoria gandhiana de *satyagraha* ou desobediência civil como uma «força anímica» enérgica, ao exigir valores militares como a coragem e o altruísmo, brotou da necessidade urgente de preencher o vazio deixado pela educação ao estilo do Ocidente nas almas dos seus compatriotas.

Não obstante, os Indianos, na sua maioria, não viam alternativa à educação ocidental como caminho para o futuro. O que era verdade até na provinciana Guzarate. Em janeiro de 1879, o pai de Gandhi mandou o filho para uma escola inglesa em Rajkot, a fim de o preparar para a entrada num nível de elite. Foi dessa forma que Karamchand reconheceu que tinha despontado uma nova aurora; e os caminhos tradicionais, em torno dos quais ele tinha construído a sua vida, deixaram de ser suficientes.

E assim, enquanto a rainha Vitória começava a sentir-se à vontade no seu novo papel de imperatriz da Índia, o jovem Mohandas Gandhi estava prestes a embarcar numa odisséia que ia durar década e meia, através de culturas, mas também através de territórios. A odisséia ia levá-lo a milhares de quilómetros de distância de casa – e depois, inesperada e paradoxalmente, voltaria a trazê-lo de regresso às suas raízes.

O DESPERTAR: Gandhi em Londres e na África do Sul, 1888-1895

Gostavas de me ver sentado a teus pés; é coisa que não farei.

MOHANDAS K. GANDHI, 1893

Os Gandhis mudaram-se para Rajkot quando Mohandas tinha seis anos. Em 1874, Karamchand foi nomeado *diuan* de outro príncipe guzarate, o *rana* de Rajkot. Enquanto a família não pôde juntar-se-lhe, percorria regularmente trezentos quilómetros durante cinco dias, viajando num carro de bois desde Porbandar. Rajkot era uma pequena e poeirenta localidade, situada numa planície incaracterística, sem estradas decentes, sem telégrafo nem correios. Foi aí, porém, que os Gandhis tiveram o seu primeiro encontro com a Índia que os Britânicos tinham feito.

Rajkot era o quartel-general dos residentes britânicos em Kathiawar. Possuía um Tribunal de Relação de Segunda Instância, que julgava tanto os europeus como os nativos. No tempo do *Radj*, Rajkot tinha-se transformado na realidade em duas cidades. Havia um bairro britânico, com casas brancas e asseadas e ruas direitas com esquinas regulares; e um bairro indiano, com vielas escuras e sinuosas e mil e quinhentas pessoas amontoadas num espaço de cinquenta e cinco hectares.⁽¹⁾ Na sua qualidade de *diuan*, Karamchand tinha de comparecer nos *darbares* oficiais, quando o governador de Bombaim se lembrava de os convocar. Gandhi recordava-se da confusão que havia em casa quando o pai envergava roupas à moda europeia para a visita. «Se eu fosse pintor», dizia ele, «pintaria a repugnância e a tortura estampadas no rosto do meu pai quando enfiava as pernas nas meias e os pés nas mal-ajustadas e desconfortáveis botas.» Tanto em casa como no trabalho, Karamchand nunca usava outra coisa que não fossem os seus chinelos de cabedal macio. O sofrimento de ter de calçar as botas

era o preço que tinha de pagar por ser um dente na engrenagem do poder britânico.(2)

O próprio Gandhi estava a tomar a sua primeira dose de educação ao estilo ocidental na escola de Rajkot. Estudante envergonhado e tímido, abria caminho com toda a aplicação pela Gramática Inglesa, Aritmética, Caligrafia, Sânscrito e Geografia (a disciplina em que era mais fraco). Em 1881, fez exame de admissão à escola secundária de Kathiawar, onde professores na sua maioria parsis orientavam os seus alunos em vinte e nove aulas semanais, das quais dez horas eram de inglês.

«Não tinha em grande consideração as minhas capacidades», recordava Gandhi falando dos seus tempos de escola, e ficava espantado sempre que recebia um prémio ou uma condecoração. «Tinha de aprender tudo em inglês», recordava ele cinquenta anos mais tarde. «A tirania do inglês era tal que até o sânscrito ou o persa tinham de ser aprendidos através do inglês, e não através da língua-mãe», ou seja, o *guzarate*. Como nem o pai nem a mãe falavam a língua do *Radj*, «depressa me tornei um estranho na minha própria casa», recordava Gandhi.(3)

Depois, um dia ao voltar da escola, informaram-no de que ia casar. Tinha treze anos – certamente não era demasiado novo face aos casamentos pré-arranjados considerados fundamentais no lar de um hindu. A noiva, Kasturbai Makanji, também com treze anos, era filha de um comerciante que morava algumas portas abaixo da velha casa dos Gandhis, em Porbandar. A cerimónia realizou-se em Porbandar. Para evitar despesas, celebraram o casamento juntamente com os casamentos do irmão mais velho, Karsandas, e de um primo.

No meio da música, do incenso, das bancadas de comida e do perfume das flores, Mohandas e a sua noiva-menina trocaram os votos nupciais e o tradicional bolo de trigo. Kasturbai era de pequena estatura, tímida e despreziosa. Não sabia ler nem escrever e nunca quis aprender. Gandhi escreveria na sua autobiografia: «Eu estava louco de amor por ela.» Como as noivas-meninas passavam habitualmente mais tempo na casa dos pais do que na casa dos maridos, «a separação foi insuportável» para Mohandas. «Costumava mantê-la acordada até altas horas da noite com a minha conversa trivial.» Era também um escape encantador, embora passivo, para as suas energias sexuais de adolescente.(4)

O casamento marcou a primeira mudança importante na vida de Gandhi. A segunda foi a morte do pai. Enquanto se deslocava de Rajkot para Porbandar, Karamchand sofreu um acidente rodoviário do qual nunca iria recuperar. Passou os restantes três últimos anos da sua vida na situação de inválido. Quase todas as noites, Mohandas entrava no quarto do pai para lhe massajar os membros debilitados, «mas, enquanto as minhas mãos

estavam ocupadas a massajar as pernas do meu pai, a minha mente pairava por cima do quarto», cheia de lascivos pensamentos sobre a minha noiva Kasturbai. Mal acabava a massagem, Mohandas corria para a sua cama, embora ela estivesse agora grávida do seu primeiro filho.

Uma noite, acabou a massagem do pai já muito tarde, por volta das dez e meia, onze horas. Teve de acordar Kasturbai para terem relações sexuais; alguns minutos depois, ouviu bater insistentemente à porta e um criado gritar aflito: «Levanta-te! O teu pai está muito mal!» Quando Mohandas abriu a porta e correu para o átrio, soube então a terrível verdade: Karamchand Gandhi, o patriarca, tinha morrido. Contava apenas cinquenta e seis anos de idade.

Ao ver a mãe, o tio, os irmãos, desfeitos em lágrimas e ao ouvir o pranto dos criados, Mohandas sentiu-se invadido por uma onda de intensa vergonha. O pensamento de que estava a ter relações sexuais no momento exato em que o pai morreu – de que a sua «paixão animalesca», como ele lhe chamava, poderia de alguma forma ter contribuído para a morte do pai – iria assombrar Gandhi pelo resto da sua vida. «Foi uma mancha que nunca fui capaz de apagar nem de esquecer», confessou Gandhi anos mais tarde. A rematar tudo isso, a criança gerada por Kasturbai nessa noite morreu pouco depois de ter nascido.(5)

As relações sexuais com a esposa nunca voltaram a ser as mesmas. Embora Mohandas e Kasturbai tenham tido mais quatro filhos (todos eles varões), a decisão tomada por Gandhi aos trinta e sete anos de fazer voto de castidade, ou *brahmacharya*, foi mais do que um simples ato de renúncia. (6) Foi também uma forma de tentar encerrar um capítulo horrível da sua vida, um episódio que marcou e prejudicou o seu relacionamento com as mulheres até à sua morte.

Os pensamentos de Karamchand moribundo foram para o filho. «Manu conservará a minha reputação», dizia ele. «Ele aumentará a fama da nossa linhagem.» Desde 1879, tinha havido conversas sobre o envio de Gandhi para Inglaterra para estudar Direito. Um amigo da família, um brámane, tinha dito a Karamchand que era relativamente fácil ser advogado. O currículo de estudos num dos colégios de Jurisconsultos de Londres era curto e informal, e um grau académico em Direito não só iria facultar a Mohandas um bom modo de vida, mas também lhe abria as portas para ser um *diuan* como o pai. Até o orgulhoso Karamchand percebeu que a educação à inglesa e o conhecimento das leis britânicas abriam uma nova via para o êxito na sua profissão.(7)

De alguma maneira, a família conseguiu juntar com esforço o dinheiro necessário para o mandar estudar em Londres. Mohandas vendeu alguns colares de ouro de Kasturbai para pagar o bilhete de barco.(8) Na-

quele verão seco e quente de 1888, quando o irmão o informou de que lhe faria companhia até Bombaim (que Mohandas nunca tinha visitado) e os estudantes seus colegas da escola secundária o contemplavam com admiração, uma viagem à Lua teria parecido um empreendimento de igual importância. De qualquer forma, a sua ida para Inglaterra significou uma rutura importante com a sua cultura, o seu passado, a sua família e até o seu casamento, uma vez que Kasturbai ficava na Índia enquanto ele ia estudar em Londres.

Então, mesmo se Mohandas se equilibrava à beira da sua nova vida, os valores da Índia antiga afirmavam-se. Quando ele e o irmão chegaram a Bombaim, souberam que outros membros da sua casta Modh Bania andavam num grande rebuliço. Nunca nenhum Modh Bania tinha ido a Inglaterra; nenhum deveria ir agora. Com efeito, os Hindus devotos recebiam habitualmente «atravessar as águas negras», como chamavam ao oceano, o que significava contaminação e transgressão das leis da casta. O perigo de ter de comer e beber na companhia dos europeus ou outros não crentes, e talvez comer o que eles comiam, era considerado um risco demasiado grande. Por isso, Mohandas foi convocado para uma reunião do conselho da casta, onde o *seth*, ou seja, o presidente, o informou categoricamente de que não podia ir para Inglaterra.

Gandhi estava apreensivo e irritado. Explicou que um brâmane instruído tinha aprovado a viagem; a mãe e o irmão também.

«Vais ignorar as ordens da casta?», perguntou o *seth*.

Gandhi encolheu os ombros. «Sinto-me realmente desamparado», disse ele. «Acho que a casta não deve interferir neste assunto.» O *seth* e o conselho ficaram furiosos. Declararam-no um pária e proibiram toda a gente de lhe dar dinheiro e de ir despedir-se dele no cais, sob pena de multa no valor de uma rupia e quatro anás. Foi uma sentença humilhante, mas «mantive-me inabalável», recordava Gandhi mais tarde.⁽⁹⁾ Era também um ponto de viragem. Ir para Inglaterra significava quebrar os antigos vínculos que tinham mantido unida a Índia durante séculos e que agora, na esteira da idade moderna, pareciam retê-la. Mas Gandhi decidira que esses vínculos não se aplicavam a ele, a menos que *ele* decidisse o contrário. Era mais do que apenas um ato de coragem e de vontade; era uma declaração de independência pessoal.

Além disso, podia dizer a si próprio que tinha rompido com a casta mas não com a família. Antes de deixar Rajkot, a mãe obrigou-o a jurar que, durante a sua estadia em Inglaterra, nunca tocaria em três coisas: vinho, mulheres e carne de animais. Era esse o juramento que manteria como uma obrigação religiosa, em vez das regras arbitrárias e impessoais da sua casta. E assim, no dia 4 de setembro de 1888, após dias frenéticos a fazer a

bagagem e noites agitadas por pesadelos angustiados, largou de Bombaim, deixando para trás tudo aquilo que conhecia, para «ver Inglaterra, terra de filósofos e de poetas, o verdadeiro centro da civilização».(10)

Em 1888, Londres era certamente a maior cidade do planeta, com mais de cinco milhões e meio de habitantes.(11) Era o centro nerval do sistema financeiro mundial, a capital do mais admirado governo do mundo, e o topo do mais poderoso império. Alguém perguntou uma vez a Gandhi o que o tinha levado a Londres. Respondeu com uma única palavra: «Ambição.»(12) Se é verdade, então tinha ido exatamente ao lugar certo.

Havia muitos anos que estrangeiros ambiciosos acorriam a Londres, fazendo dela a primeira capital cosmopolita da Europa. O romancista norte-americano Henry James instalou-se ali em 1876 e logo se tornou o favorito da elite social do West End e amigo íntimo da mãe de Churchill. Outro norte-americano, o pintor James McNeill Whistler, trocou Londres por Paris, mas John Singer Sargent tinha exposto na Academia Real no ano anterior e estava prestes a tornar-se o retratista mais bem pago dos ricos e poderosos Britânicos. Latino-Americanos, Judeus do Leste da Europa e Italianos, bem como Indianos, Árabes e súbditos de outras regiões do Império Britânico tinham-se tornado um espetáculo habitual nas ruas da baixa londrina e do East End.

Simultaneamente, novas lojas e grandes armazéns atraíam multidões de clientes a Oxford Street e a Picadilly, no West End.

Mas Londres possuía também outro lado, o lado negro, quando Gandhi ali chegou. No momento em que Gandhi se instalava no Victoria Hotel, no dia 1 de outubro de 1888, falava-se em toda a Inglaterra da série de crimes horrendos ocorridos nos bairros pobres de Whitechapel. As vítimas eram todas mulheres e todas prostitutas. O primeiro crime ocorreu no dia 31 de agosto; o segundo no dia 8 de setembro; e o terceiro e o quarto, no dia 30 de setembro, exatamente um dia depois da chegada de Gandhi.(13) Nessa mesma tarde, a polícia recebeu um bilhete do assassino, assinado: «Jack, o Estripador.»

Os crimes do Estripador iriam aterrorizar a cidade até meados de novembro. Revelaram também ao público britânico a violência e a sordidez de uma classe baixa londrina, localizada a poucos minutos das casas ricas, como a dos Churchills, em Grosvenor Square. Em 1883, George Sims tinha publicado o primeiro estudo sobre o alojamento nos bairros de lata, intitulado *How the Poor Live* [Como Vivem os Pobres]. Dois anos depois, W. T. Stead escreveu uma sensacional exposição sobre a prostituição infantil em Londres, «The Maiden Tribute of Babylon» [A Homenagem às Raparigas

de Babilónia]. Estava a caminho uma nova era de consciencialização social. Os crimes do Estripador (cessaram misteriosamente em novembro, tal como tinham começado, e nunca chegaram a ser desvendados) vieram realçar a repulsiva realidade que se escondia por detrás da presunçosa fachada do progresso ao estilo do Ocidente, «um continente negro a pouca distância dos Correios Centrais».(14)

O diário de Gandhi nunca refere estes crimes, nem qualquer um dos célebres panoramas londrinos que tanto impressionaram muitos outros visitantes, como o Big Ben e o Museu Britânico. Com efeito, desde o dia da sua chegada, praticamente parece ter-se barricado primeiro no seu quarto de hotel, depois numa pensão situada em Baron's Court Road, em West Kensington, propriedade de uma senhora anglo-indiana. Todos os dias lia os jornais, entre eles o *Daily Telegraph* e o *Pall Mall Gazette*. Encontrava-se com várias pessoas da sua província natal que viviam em Londres, incluindo outros indianos que estudavam com ele nos Colégios de Jurisconsultos. (Por volta de 1907, o número de indianos que frequentavam estes colégios era superior a trezentos.)(15)

Gandhi, no entanto, sentia-se em Londres como um peixe fora da água, isolado e com saudades da sua terra. «Pensava continuamente na minha casa e no meu país», recordava ele quarenta anos depois. «À noite, as lágrimas corriam-me pelo rosto.» Falar inglês era uma luta contínua: comprou um exemplar do *The Standard Elocutionist* [O Falante Modelo], obra do célebre terapeuta da fala Alexander Melville Bell para o ajudar a praticar, mas sem grandes resultados¹⁹. Também teve de travar alguns combates com a indumentária ocidental. As gravatas, os colarinhos esticados, os sapatos rígidos, as cartolas, os grossos fatos de lã (num momento de extravagância, Gandhi chegou a comprar, numa loja em Bond Street, um fato de cerimónia), de que precisava para ter um aspeto respeitável e para se proteger contra o frio e a humidade do outono londrino, a que não estava habituado; tudo isso lhe mexia com os nervos, já para não falar da carteira.(16)

Acima de tudo, lutava com o problema da comida. A vida como estudante no Inner Temple exigia que se participasse em seis jantares «in Hall» [na Faculdade] em cada trimestre. Com alguma surpresa para um rapaz que nunca tinha gostado muito de livros, Gandhi atirou-se aos seus estudos de Direito com prazer. Abriu caminho diligentemente por uma estante de livros sobre Direito Comum e Direito Romano, Processo Civil e Processo Criminal e até leu «com interesse» as 508 páginas desencorajadoras de *The Law of Property in Land*, de William Douglas Edward.

¹⁹ Bell era o pai do inventor do telefone, Alexander Graham Bell. (N. do A.)

Os jantares do trimestre eram para ele uma tortura. Recordando o juramento feito à mãe, Gandhi impunha-se um regime sem carne; mas os únicos vegetais que os cozinheiros ingleses preparavam, nessa altura como hoje, eram «sem-sabor e insípidos».(17) As refeições vegetarianas especiais que encomendava sabiam a papelão, enquanto a carne de vaca ou de borrego nos pratos das outras pessoas, bem como as garrafas de clarete e de porto, lembravam-lhe que os outros estavam a deleitar-se, enquanto ele tentava cumprir o seu juramento.

Era esta a tentação que os outros membros da sua casta, bem como a sua mãe, receavam. Porque o que estava em jogo não era apenas um juramento pessoal nem mesmo uma prescrição religiosa. O que estava em jogo era uma parte fundamental da identidade de Gandhi como hindu.

«A carne é na realidade o melhor género de alimento», dizem os *Vedas*.(18) Na primitiva Índia, a carne fora a comida dos deuses, literalmente assim nos sacrifícios rituais védicos; naturalmente, a carne foi também a comida dos reis e da classe dirigente. A ordem hierárquica social védica foi resolvida e orgulhosamente carnívora. «O mangusto come ratos», diz uma passagem dos *Mahabharata*, «tal como o gato come o mangusto; o cão devora o gato, ó rei, e os animais selvagens comem o cão! O homem come-os a todos», acrescenta a passagem. «Vê no *dharma* o que é! Tudo o que se move ou está parado é alimento para a vida.»(19)

A ordem cultural bramãne do Hinduísmo posterior inverteu todos os valores védicos. A glória, os bens terrenos, o poder, obtidos à custa dos outros, tudo isso se tornou «mau», ou pelo menos espiritualmente vazio, e a abnegação tornou-se «boa». Da mesma forma, a carne tornou-se «má», só adequada às castas inferiores e aos intocáveis, ao passo que uma dieta limpidamente vegetariana simbolizava a pureza espiritual, bem como outros atos de renúncia e de espírito de sacrifício. Para um indiano como Gandhi, o vegetarianismo era mais do que uma simples questão de dieta. Preservava os valores espirituais que estavam arraigados na cultura indiana e na sua ordem social. Os rituais vegetarianos impregnavam o lar do seu pai e o sentimento pessoal de automerescimento de Gandhi.

Para se submeter neste capítulo, Gandhi tinha chegado a sentir que precisava de se submeter em tudo. Não deixava nada de lado, nem da sua cultura nem de si mesmo. «Pedia diariamente a proteção divina», recordava ele mais tarde, «e obtive-a».(20) Manteve-se claramente afastado da dieta inglesa. Uma vez mais, a força de vontade de Gandhi tinha prevalecido.

Mesmo assim, o problema manteve-se: como observar um regime sem carne e não morrer de tédio. Foi a sua simpática senhoria que lhe resolveu o problema. Três semanas depois de se ter mudado, falou-lhe de um

restaurante vegetariano que conhecia, em High Holborn Street. No percurso para lá, Gandhi passava por outro café vegetariano, chamado Central, perto de Farrington Street e não muito longe de Inner Temple. «O cenário deixou-me cheio de alegria», escreveria Gandhi mais tarde na sua autobiografia, e iria mudar a sua vida.

Na vitrina da frente, havia um monte de opúsculos, intitulados *A Plea for Vegetarianism* [Em Defesa do Vegetarianismo], da autoria do dr. Henry Salt. Gandhi comprou um exemplar por um xelim, e leu-o durante a refeição. Pela primeira vez, apercebeu-se de que havia uma «moderna» argumentação filosófica ocidental para não consumir carne de nenhuma qualidade, tal como a argumentação tradicional hindu. Mais tarde, Gandhi conheceu o dr. Salt num lanche ajantarado, no Central. «O meu nome é Gandhi», disse ele, estendendo a mão ao autor, um indivíduo de elevada estatura, barbudo e de meia-idade. «Obviamente que nunca ouviu falar de mim.» Ficaram amigos até à morte de Salt, em 1939.

Henry Salt era diferente de todos os Ingleses que Gandhi tinha conhecido. Nascera na Índia, e era filho de um coronel do exército, que regressou a Inglaterra cinco anos antes do Grande Motim, quando Henry era ainda criança. Educado em Eton e em Cambridge, Salt enquadrava-se no padrão convencional de vida da classe média vitoriana, em tudo exceto na sua crescente repugnância pela carne. Por volta de 1884, mudou-se para Surrey, para cultivar uma horta enorme e para escrever um número cada vez maior de opúsculos, de livros e de poemas, muitos deles centrados num tema que viria a denominar-se direitos dos animais.

«Todas as práticas que infligem um sofrimento desnecessário a um ser vivo», escrevia Salt, «são... incompatíveis com os elevados instintos de humanidade», incluindo a morte de animais destinados à alimentação, ao desporto ou à investigação científica. (Salt foi também fundador de uma Liga Humanitária contra a caça à raposa e um membro muito ativo da Sociedade Antiviviseção.)⁽²¹⁾ Em resumo, o vegetarianismo de Salt não assentava numa base religiosa, mas numa base secular e liberal. Fazia parte de uma nova consciência social na Grã-Bretanha, e ia desde os direitos dos animais até à oposição à pena de morte, aos castigos corporais e à degradação das zonas rurais pela industrialização – o livro favorito de Salt era *Walden*, de Henry David Thoreau²⁰.⁽²²⁾ No vasto círculo de amigos de Salt contavam-se figuras tão pouco convencionais como George Bernard Shaw e Sidney e Beatrice Webb, o sexólogo Havelock Ellis e o jornalista católico

²⁰ Salt escreveu também uma biografia de Thoreau, e alguns investigadores acham que foi Salt o primeiro a introduzir Gandhi nos escritos de Thoreau, especialmente com o seu livro *Civil Disobedience* [Desobediência Civil]. (N. do A.)

G. K. Chesterton – este último uma figura cujo trabalho iria ter, alguns anos mais tarde, um impacto decisivo em Gandhi.

«Desde que li *A Plea for Vegetarianism*», diz-nos Gandhi, «posso afirmar que me tornei vegetariano por opção.» Essa leitura também assinalou o seu primeiro contacto emergente com a contracultura da Londres vitoriana tardia. Estes gurus da contracultura usavam sobrecasaca e cartola e não missangas e sandálias, enquanto as senhoras usavam vestidos de crinolina. Liam Shelley e John Ruskin e não Kerouac e Marcuse. Mas nem por isso deixavam de constituir uma provocação à cultura oficial que os rodeava.

Os aristocratas da Londres oficial, como os Churchills e os seus amigos, Henry James e John Singer Sargent, eram decididamente cosmopolitas, materialistas e conscientemente modernos. Aprovavam todas as formas de progresso enquanto tivessem sólidos fundamentos na tradição histórica. Esse sentimento era visível nas novas Câmaras do Parlamento, desenhadas em estilo neogótico, para realçar a continuidade moderna da autonomia com o seu passado medieval.

Por isso, os adversários da cultura oficial decidiram ser esotéricos, espirituais e decididamente antimodernos. Embora a sua política tombasse acentuadamente para a esquerda, na sua ideia a transformação da política era menos importante do que a transformação do ego interior. Viam-se a si mesmos como porta-estandartes de uma nova aurora de valores espirituais e morais para o homem ocidental e um novo começo para a sociedade. A sua visão utópica do futuro estava resumida no título de uma das suas revistas: *The New Age* [A Nova Idade].

Gandhi tornou-se amigo de muitas destas figuras da *New Age*, através da Sociedade Vegetariana de Salt. Entre eles, contava-se Josiah Oldfield, líder da União Esotérica Cristã, que ensinou a Gandhi a unidade de todas as religiões, desde Jesus Cristo e Buda até Maomé, e lhe explicou que a verdadeira esfera da religião são a mente e o coração do indivíduo.(23)

Travou conhecimento com T. R. Allinson, um ardente defensor do controlo da natalidade bem como do vegetarianismo, cujos trabalhos sobre a saúde e a higiene tiveram um impacto profundo sobre Gandhi. Conheceu Edward Carpenter, autor de *Civilization: Its Cause and Cure* [Civilização: a sua Causa e a sua Cura], uma arrasadora crítica moral ao moderno Ocidente industrial. Conheceu J. B. Paton, cujas ideias sobre a sociedade moderna aparecem resumidas no seu *Back to the Land* [Regresso à Terra]. Finalmente, conheceu Annie Besant, esposa separada de um clérigo anglicano, e figura-chave da Sociedade Antiviviseção e da Federação Social-Democrata.

Ao longo dos anos, as vidas de Besant e de Gandhi iriam cruzar-se fortemente, tanto em Inglaterra como na Índia. Em muitos aspetos, ela foi

para Gandhi um poderoso émulo (embora mais tarde se tenha tornado sua acérrima adversária). Com efeito, um ano antes, em 1887, organizou o que poderia chamar-se a primeira grande exibição do poder da desobediência civil das massas: uma grande manifestação em Trafalgar Square contra o governo britânico na Irlanda. Foram necessários mil e quinhentos agentes da polícia e duzentos guardas pessoais da rainha para dispersar uma multidão calculada em dezenas de milhares de manifestantes. Houve três vítimas mortais e foram detidas centenas de pessoas, entre as quais a própria Besant. Alguns manifestantes acorrentaram-se aos gradeamentos de ferro até serem arrastados para a prisão. Henry Salt e Edward Carpenter estiveram também presentes nesse dia, a que mais tarde se referiram como «o domingo sangrento». Outro dos apoiantes foi o velho vingador de Randolph Churchill, Charles Bradlaugh, mentor político dos amigos *New Age* de Gandhi.

Um jovem de Kathiawar, que achava a Londres oficial tão estranha e fria, divertia-se a participar nesta marginal mas ativa elite, intelectualmente alerta. Gandhi aderiu entusiasticamente à Sociedade Vegetariana de Londres; começou por ler e depois escrever alguns artigos para a revista da organização, *The Vegetarian* [O Vegetariano]. Assistiu a várias reuniões da União Esotérica Cristã; e mais tarde, na África do Sul, acabou por se inscrever na União e distribuiu as suas brochuras porta a porta. Assistiu ao funeral de Bradlaugh, no cemitério de Woking, «tal como, assim o creio, todos os indianos que viviam em Londres.»(24)

A entrada de Gandhi na contracultura *New Age* de Londres estava apenas a começar. Em finais de 1889, dois jovens ingleses pararam junto à sua mesa no Café Central. Estavam a ler o *Bhagavad Guita*, disseram, e tinham algumas perguntas a fazer-lhe. Como Gandhi era indiano, esperavam que pudesse esclarecê-los.

«Fiquei envergonhado», recordava Gandhi na sua autobiografia, «porque eu nunca tinha lido o divino poema, nem em sânscrito nem em guzarate», apesar de ter sido o livro favorito do seu pai até morrer. Assim, concordou em se juntar ao seu pequeno grupo de leitura e ficou a saber que eram membros de outro grupo *New Age*, denominado Sociedade Teosófica. (Também Annie Besant se tinha recentemente inscrito como sócia.) Levaram-no a uma das suas reuniões, onde Gandhi travou conhecimento com a mulher que, mais do que qualquer outra pessoa individualmente, modificou a sua opinião sobre a Índia e o lugar deste país no futuro do mundo.

Helena Petrovna Blavatsky nasceu na Ucrânia; era filha de um oficial do exército de ascendência alemã e esposa de um funcionário público russo. A sua paixão, porém, eram todas as formas de experiência religiosa e de

ocultismo, paixão que a levou a viajar por toda a Europa, América Latina, Médio Oriente e Índia. Em 1856, chegou mesmo a tentar entrar no proibido reino budista do Tibete para se encontrar com o Dalai Lama. *Madame* Blavatsky, como era conhecida, tornou-se crente na reencarnação e no sobrenatural: afirmava que fora um espírito-guardião que a tinha avisado para deixar a Índia pouco antes do Grande Motim.(25)

Em 1875, fundou na cidade de Nova Iorque a Sociedade Teosófica, para proclamar a unidade essencial de todas as religiões; depois, mudou-se para Madrastra, em 1882, e para Londres cinco anos depois. Pequena e atarracada, fumadora inveterada de olhos salientes e penetrantes e gestos dramáticos, *Madame* Blavatsky atraía grandes multidões às suas sessões de leitura e de ocultismo. Os Londrinos achavam-na absurda e até charlatã. Alguém perspicaz em Londres chamou-lhe «uma vulgar impostora do mundo que há de vir». Mas a contracultura *New Age* de Londres deixou-se arrastar pela sua ideia de que a humanidade se encontrava nas vésperas de um grande avanço espiritual.

Gandhi ouviu atentamente Blavatsky a afirmar perante o seu auditório de brancos europeus que o seu caminho para a luz assentava na descoberta das verdades ocultas do Hinduísmo e do Budismo, os sistemas espirituais mais antigos do mundo. Com efeito, «o Bramanismo e o Budismo pré-védicos são a dupla fonte donde brotam todas as religiões», incluindo o Cristianismo, escrevia ela na conclusão do seu maciço manifesto de dois volumes, *Ísis Sem Véu*. Blavatsky defendia que o Budismo e o Bramanismo constituíam também o padrão espiritual de todos os outros credos, acrescentando que «o nirvana é o oceano para o qual tendem todas [as religiões]». (26) Gandhi não foi o único a ficar impressionado. A tese de Blavatsky de que a religião representava uma forma mais elevada de conhecimento do que a ciência e de que, aliás, essa ciência é um rebento da religião, atraiu algumas das mentes mais inteligentes da época. Annie Besant converteu-se ao teosofismo, bem como o poeta William Butler Yeats. Tanto James Joyce como D. H. Lawrence leram as suas obras com admiração. E, ao longo de toda a sua vida, Albert Einstein teve em cima da sua secretária um exemplar de *Ísis Sem Véu*. (27)

Para o jovem Gandhi, porém, a mensagem de Blavatsky foi uma dupla revelação. Nunca se sentiu à vontade com o aspeto mais esotérico do sistema teosófico; e as experiências dela no contacto com os mortos deixavam-no indiferente. Mas a fumadora espiritualista russa «desenganou-me da noção alimentada pelos missionários de que o Hinduísmo estava eivado de superstição», erguendo uma carga de vergonha que pesava sobre ele desde que começou a frequentar a escola. A sua cultura nativa revelou-se-lhe repentinamente como detentora de verdades relevantes para toda a huma-

nidade. Finalmente, estava disposto a ler o *Bhagauad Guita* pela primeira vez, numa tradução do célebre orientalista britânico Edwin Arnold.

Esta experiência iria mudá-lo para sempre e mais uma vez foi um ocidental, Edwin Arnold, que acendeu o seu despertar espiritual para um dos textos mais importantes da cultura indiana²¹. Não é exagero afirmar que o *Guita* foi o livro mais importante na vida de Gandhi. Ler a tradução em verso de Arnold não deve ter sido fácil para Gandhi. Com efeito, refere ter usado um dicionário de inglês para conseguir entender as pseudoarcaicas e simbólicas estrofes poéticas profundamente modeladas sobre *Idylls of the King*, de lord Tennyson. No entanto, o *Bhagauad Guita* é breve e o seu enredo simples, quase enganadoramente simples.

Nele se descreve a véspera da batalha que constitui o clímax na extensa epopeia védica *Mahabharata*. Quando o herói Arjuna se prepara para a batalha, apercebe-se repentinamente de que já não tem desejo de lutar. Para ele, a glória da guerra e o ciclo interminável de matar ou ser morto, celebrado na corrente principal da cultura védica, perderam todo o atrativo. Além disso, combater nesta batalha significaria ter de matar guerreiros no lado adversário que são seus amigos e até seus familiares. Por que motivo deveria ele preocupar-se em aparecer?, pergunta ele ao condutor do seu carro, que é Krisna, o deus da pele azul. O que Arjuna não sabe é que o condutor é na realidade o deus Vixnu.

Krisna prossegue apresentando-lhe não uma mas três razões para travar a batalha. *Combate para o teu bem*, diz ele a Arjuna, *e para tua honra como soldado e guerreiro. Combate também no interesse da própria batalha*, continua a dizer Krisna, *por ser uma tarefa que, como todas as tarefas na vida, merece ser bem feita, independentemente do que ela é ou das consequências que possa vir a ter. E por fim*, acrescenta Krisna, *combate no meu interesse*; e revela ser a encarnação de Vixnu em todo o seu poder e glória – *em suma, combate como um ato de obediência e de homenagem a Deus*.

Arjuna descobre a verdade que qualquer leitor apreende ao ler o *Bhagauad Guita*. Agindo sem receio e fazendo o que sabemos estar certo, sem nos preocuparmos com a recompensa, podemos alcançar a santidade e a unidade com Deus:

*A tua vocação é realizar a tua obra
Sem preocupação pelo resultado.*

²¹ Edwin Arnold tinha sido professor na Índia e escreveu dois *bestsellers* muito populares entre os amantes da *New Age* nos dois lados do Atlântico. Um deles foi uma biografia de Gautama Buda, intitulada *The Light of Asia* [A Luz da Ásia]; o outro, foi uma tradução em verso do *Guita*, intitulada *The Song Celestial* [O Cântico Celestial]. (N. do A.)

*Não anseies os frutos das tuas ações,
Mas também não te abandones ao ócio.
Cumpra a tua obra com entusiasmo
E, livre de todo o apego ao mundo,
Seja adverso ou favorável o resultado,
Não percas nunca a equanimidade.*

O *Guita* marcou um ponto de viragem no pensamento indiano e também para Gandhi. Tornou-se o seu «guia infalível de conduta», como nos diz na sua autobiografia, e uma «referência quotidiana» para o resto da sua vida. Todos os dias gastava algum tempo para decorar os seus versos. Mais tarde publicou mesmo a sua própria tradução e comentários em guzarat, embora a tradução de Arnold, devido a todo o seu estrondo de fim da época vitoriana, tenha permanecido sempre a sua versão favorita.

Gandhi chegou a acreditar que o «ensinamento fundamental» do *Guita* era que os seres humanos devem fazer o que está certo sem pensar ou considerar os seus resultados ou recompensas. «Todo aquele que cisma nos resultados», escrevia Gandhi mais tarde, «está sempre perturbado, diz adeus aos escrúpulos, na sua avaliação está sempre tudo certo, e por isso recorre a meios justos e injustos para atingir os seus objetivos.» Na ideia de Gandhi, desligarmo-nos dos resultados era um ato de renúncia tão espiritualmente poderoso como qualquer outra forma de renúncia, o equivalente moral da renúncia aos bens mundanos ou ao desejo sexual. Traz a santidade ao homem e a paz à sua alma. «O homem não está em paz consigo próprio enquanto não se tornar semelhante a Deus» na renúncia a recompensas terrenas pelos seus atos.

Bhagavad Guita significa literalmente «A Canção de Deus». Celebra a vida ativa como forma de culto a uma divindade particular, Vixnu. *Madame Blavatsky* tinha mostrado a Gandhi que o conceito hindu de Deus revelou a face da divindade à humanidade. Mas essa face não seria agora demasiado limitada para servir as necessidades da idade moderna e a *New Age* que estava prestes a chegar? Edward Maitland, da União Esotérica Cristã, defendia que o Cristianismo cumpria melhor essa tarefa. Proporcionou a Gandhi o primeiro contacto com o Sermão da Montanha; e Gandhi ficou muito impressionado com o que leu. Sabemos também que Gandhi assistiu a serviços religiosos em várias igrejas londrinas, entre elas a Igreja Congregacionista City Temple (onde, quase na mesma altura, também estava David Lloyd George). Participou em marchas organizadas pelo Exército da Salvação. Chegou mesmo a conhecer o cardeal Manning, da Igreja Católica.(28)

Gandhi admitiu que se sentia fortemente atraído pelo Cristianismo, especialmente pela figura de Jesus Cristo. Os preceitos de oferecer a outra

face e de fazer aos outros o que queremos que os outros nos façam a nós, «calaram fundo no meu coração»,⁽²⁹⁾ confessou ele mais tarde. Mas esta atração foi moderada pelos seus encontros com o cristianismo organizado. As alterações com missionários e as piedosas insistências destes para o converterem à sua crença deixavam-no indiferente, tal como as sessões de *Madame Blavatsky*. Mesmo assim, perseguia-o a sensação de que os crentes cristãos tinham aberto uma porta que para ele continuava fechada e que tinham encontrado uma paz e uma força interior de que ele ainda carecia.

«Mas, para além disto», recordava Gandhi mais tarde, «não conseguia ir, porque a preparação para o exame não me deixava tempo para outras coisas.» Após meses de intensa preparação, fez o exame final de Direito, em junho de 1890. Só soube que tinha sido aprovado no mês de janeiro seguinte, obtendo o 34º lugar em 109 candidatos. Agora, já era advogado, autorizado a defender casos em tribunais britânicos, incluindo o Supremo Tribunal de Justiça, em Bombaim.⁽³⁰⁾ Estava terminada a sua grande tarefa. Podia agora regressar a casa – embora pesaroso, porque estava a sentir-se bem no círculo *New Age*.

A Sociedade Vegetariana organizou um jantar de despedida a Gandhi, no dia 11 de junho de 1891. Os comensais lamentaram a sua partida, mas também expressaram a sua confiança de que o seu regresso à Índia significava «uma dedicação ainda maior à causa do vegetarianismo». Num «discurso elegante mas um pouco nervoso», Gandhi agradeceu aos membros da Sociedade, declarando-se feliz por ver que «a abstinência de carne de animais estava a fazer progressos na Inglaterra». Todos concordavam que era uma ocasião agradável, mas todos sentiam que as felicitações a Gandhi pelos seus êxitos profissionais «deviam tomar o lugar das lamentações pessoais».⁽³¹⁾

A viagem de regresso foi uma viagem triste e a chegada foi ainda mais deprimente. As docas de Bombaim, quando ele desembarcou no dia 5 de julho de 1891, estavam banhadas em nevoeiro e nas chuvas da monção.⁽³²⁾ Nem o encontro com Kasturbai e a família conseguiu aliviar a sua depressão – ou uma crescente «sensação de desamparo e de receio». Após vários meses de tentativas para começar a exercer advocacia em Rajkot, confessa ele na sua autobiografia, «comecei a alimentar sérias dúvidas se seria capaz de ganhar a vida».

Em casa, as coisas tinham mudado. A mãe morrera, mas os irmãos só quiseram informá-lo depois de desembarcar em Bombaim. Na família, agora, bebiam café e cacau, e para comer utilizavam-se pratos ao estilo do Ocidente. Kasturbai até já tinha começado a usar algumas roupas ocidentais.⁽³³⁾ A família Gandhi depositava grandes esperanças nele como advogado. Realizou uma cerimónia ritual de purificação no sagrado rio Go-

davari, a fim de restabelecer as boas relações com a sua casta Modh Bania. Alguns, porém, incluindo a sua própria irmã, continuaram a afastar-se dele por ser um pária.

Gandhi encarou tudo isso com indiferença. Até a morte da sua querida mãe o deixou sem lágrimas. Continuou, conforme ele próprio nos diz, «como se nada tivesse acontecido».(34) Para Gandhi, foi como se estivesse a ver a vida pela extremidade oposta do telescópio. Não era como se conhecesse mal o Direito indiano (lia todos os livros que lhe caíam debaixo dos olhos), ou não soubesse defender ou apresentar um caso em tribunal. Tinha passado três anos na capital do Império Britânico, conhecendo pessoas que lidavam com importantes problemas espirituais e culturais. As velhas rotinas do seu país pareciam-lhe insuportavelmente limitadas e enfadonhas. Tudo, incluindo os seus primeiros processos, lhe parecia mesquinho e trivial em comparação com a vida que tinha deixado para trás, em Londres.

Durante quase dois anos, suportou esta rotina com uma impertinência mal-humorada. A certa altura, brigou com Kasturbai e mandou-a para casa do pai, «não lhe permitindo regressar até a tornar completamente infeliz», confessou anos mais tarde. Foi então que, em março de 1893, surgiu na sua secretária uma oferta que conseguiu arrancá-lo à sua depressão.

Um comerciante de Kathiawar, chamado Dada Abdullah, era dono de uma grande e próspera empresa de transportes de mercadorias por via marítima na África do Sul. Um primo afastado, em Joanesburgo, devia a Abdullah 40.000 libras; precisava de um advogado para defender ali o seu caso. Por isso, o sócio de Abdullah foi falar com Gandhi. Os dois sócios eram muçulmanos; mesmo assim, preferiam que fosse um conterrâneo seu de Kathiawar a tratar do caso, apesar de hindu. Para Gandhi, isso significava permanecer na África do Sul pelo menos durante um ano.

«Não vai ser uma tarefa complicada», garantiu-lhe o sócio de Abdullah. «Temos como amigos alguns europeus importantes, com quem vais travar conhecimento.»

Gandhi perguntou qual seria o seu salário. O homem disse que pagaria todas as despesas, um bilhete de primeira classe e uma remuneração de 105 libras.

«Não era um pagamento como advogado», recordava Gandhi de ter pensado para consigo, «mas como empregado da firma.»(35) Mas ele sabia que precisava de sair da Índia e escapar ao tédio de uma vida rotineira. A África do Sul era exatamente a pausa de que precisava.

Assim, Gandhi aceitou a oferta praticamente na hora. Sentiu muita pena por ter de deixar Kasturbai e os dois filhos pequenos; mas garantiu-lhe que certamente voltariam a estar juntos dali a um ano. (Na realidade, iriam

decorrer mais de três anos.) Em abril de 1893, voltou a fazer-se ao mar partindo de Bombaim. Nunca lhe passou pela cabeça que estava a iniciar um percurso pessoal e político que iria consumir perto de um quarto de século da sua vida e torná-lo famoso. Nem que iria levá-lo à sua primeira e única entrevista com Winston Churchill.

Em 1893, a África do Sul estava dividida em quatro partes. A norte do rio Vaal, situavam-se a República do Transval e o Estado Livre de Orange, independentes, ambos governados pelos Bóeres descendentes dos Holandeses. A sul, ficavam a Colónia do Cabo e o Natal, governados pelos Britânicos. Durban era a capital e o principal porto do Natal. Quando o navio ali chegou, Gandhi e os restantes passageiros puderam contemplar as colinas de areia vermelha, listradas pelo verde vivo da folhagem, e salpicadas pelo cinzento das palhotas de colmo das aldeias indígenas e pelo branco de algumas moradias esporádicas.(36)

Durban contava vinte e sete mil habitantes. Nas ruas alinhavam-se grandes bangalós pertencentes aos europeus brancos, e fileiras de choças onde viviam os africanos negros, bem como as casas bem ordenadas, de tijolo e ripas, da comunidade indiana de comerciantes em Durban. Números comerciantes indianos do Natal eram oriundos de Guzarate. Eram empresários afamados, considerados sensatos e frugais, e, como os patrões de Gandhi, muitos eram muçulmanos. Os Guzarates gozavam de prosperidade material e de boas ligações políticas com a residência do governador colonial; muitos deles tinham adquirido nas escolas da Índia uma educação ao estilo ocidental. Formavam uma classe de comerciantes vitorianos tão respeitável e burguesa como os seus homólogos brancos em Manchester ou Sidney ou Otava; apareceram no cais de Durban envergando fato e turbante, de patilhas brancas e ar grave, para cumprimentar o seu novo advogado prestes a desembarcar.

Gandhi ia ficar em Durban. No entanto, para a maior parte dos europeus seus companheiros de viagem, era apenas a escala de uma noite, pois estavam de passagem para o rio Vaal, onde, sete anos antes, tinham descoberto grandes minas de ouro. Agora, milhares de imigrantes acorriam ao Transval, à procura de riqueza imediata e modificando rapidamente no processo o carácter da África do Sul e do seu governo britânico.

Ao longo de dezenas de anos, a Colónia do Cabo, na África do Sul, foi importante para os Britânicos principalmente como um local de escala nas viagens para a Índia. Mas a descoberta de diamantes, em 1872, e depois de ouro, em 1886, provocou profundas alterações no relacionamento da Grã-Bretanha quer com os indígenas negros africanos, quer com os colo-

nos brancos de ascendência holandesa, os Bóeres. Os interesses comerciais britânicos, conduzidos por Cecil Rhodes e pelos seus investidores Rothschild em Londres, estavam desejosos de expandir o seu domínio até aos campos auríferos controlados pelos Bóeres, em especial na República do Transval. Os interesses políticos britânicos, também dirigidos a partir de Londres, estavam desejosos de acabar com a pilhagem dos Bóeres às tribos indígenas, e viram a corrida ao ouro no Transval como um pretexto para intervir.

Bóeres e Britânicos já tinham travado uma primeira guerra pelo controlo do Transval; em breve iriam travar outra. Entretanto, a afluência de futuros pesquisadores e aventureiros – não apenas ingleses, mas também norte-americanos, alemães e europeus do Leste – aumentou a população de todas as cidades da África do Sul, desde a Cidade do Cabo e Durban, até Joanesburgo, a maior cidade do Transval e o fulcro da corrida ao ouro.

Toda a região, incluindo o Natal, estava afetada pela febre do ouro. «As pessoas aqui não pensam em mais nada a não ser no ouro», observava Gandhi à sua chegada.⁽³⁷⁾ Mas, mesmo num mundo em que todos os imigrantes sonhavam ficar ricos, alguém tinha de pensar em alimentar e vestir as colónias britânicas (a Cidade do Cabo e o Natal) e as repúblicas bóeres (o Transval e o Estado Livre de Orange), e em produzir os bens e serviços essenciais a qualquer economia urbana. Essa tarefa competia a muitos judeus alemães e ingleses, empresários como Hermann Kallenbach e Henry Polak, que iriam tornar-se amigos íntimos de Gandhi; competia também aos indianos da África do Sul.

Os Indianos tinham começado a chegar em grande número a partir de 1860. Alguns eram ricos comerciantes, como Dada Abdullah e os seus parceiros, mas muitos mais não passavam de pobres trabalhadores contratados. Chegavam praticamente numa situação de escravatura, e viviam em bairros de lata junto das plantações de cana-de-açúcar e das minas de carvão, onde trabalhavam para obter a sua liberdade e um magro salário. Por volta de 1891, eram mais de 41.000 no Natal. Dez anos mais tarde, o seu número andava perto dos 100.000.⁽³⁸⁾

Embora poucos estivessem interessados em admiti-lo, esta foi a outra contribuição essencial dada pela Índia ao Império Britânico: fornecer literalmente centenas de milhares de trabalhadores manuais em substituição dos escravos negros que tinham sido libertados em 1837, graças à abolição da escravatura. Indianos pobres e analfabetos desempenhavam essas tarefas e mantinham os salários baixos, o que permitiu à economia britânica imperial permanecer rentável e produtiva, desde as Índias Ocidentais até à ilha Maurícia, no oceano Índico, e às Fidji, no Pacífico. Milhares de pessoas

afluíram ao Leste de África, oriundos das zonas rurais da Índia e muitos mais ao Natal e à Colónia do Cabo²².

As suas vidas eram desgraçadas, embora provavelmente não tão desgraçadas como seriam se tivessem permanecido nas suas aldeias da Índia, nas garras da doença e da fome. Todos os outros grupos na África do Sul se aproveitavam deles implacavelmente, incluindo os seus próprios compatriotas. Os comerciantes guzarates emprestavam-lhes dinheiro a juros exorbitantes, como demonstrou o historiador Maureen Swan. Efetivamente, muitos dos navios que os traziam da Índia, em deploráveis condições de segurança e de higiene, eram na realidade propriedade do cliente de Gandhi, Dada Abdullah.(39)

Estes *kulis* (outra palavra inglesa derivada das raízes hindi-urdu) contratados e os seus descendentes constituíam a coluna vertebral da economia nacional da África do Sul. Tal como os abastados comerciantes indianos. Ambos os grupos, os ricos e os pobres, vieram a encontrar-se sob uma crescente pressão social. Os brancos sul-africanos, em especial mas não exclusivamente os Bóeres, ressentiam-se profundamente com a presença dos homens de pele escura. A legislação colonial do Natal ameaçou por várias vezes cortar a imigração e os legisladores geralmente procuravam formas de reduzir a sua influência e visibilidade. Ninguém estava disposto a expulsar os imigrantes indianos, como fez o Estado Livre de Orange em 1891; não o permitiriam nem o ministério das Colónias nem o governo britânico na Índia, que firmemente se ergueu em defesa dos direitos dos seus súbditos que viviam no estrangeiro. No entanto, todos os indianos residentes em Durban sentiam a pressão, incluindo Gandhi.

Problemas de raça e de racismo surgiam nessa altura em todas as zonas do Império Britânico; mas eram de longe mais notórios e intensos na África do Sul do que quaisquer outros que Gandhi tinha sentido em Inglaterra ou na Índia. Em Londres, Gandhi apercebeu-se de que a cor da sua pele e o seu sotaque tinham o valor de uma raridade, tornando-o alvo de uma curiosidade respeitosa mais do que de hostilidade. Um condiscípulo seu de Madrasta declarou até ao *Indian Magazine*, em abril de 1888, que o seu único desgosto por viver em Londres era que a sua pele não fosse mais escura.(40) Quando Gandhi regressou a Rajkot, teve a desagradável experiência de ser tratado com rudeza por um funcionário britânico que em

²² Na década de 1920, Gandhi também chamaria a atenção para o caso dos indianos da África Oriental, especialmente no Quênia. Dessa forma, criou mais uma fonte de conflito e de atritos com Churchill, que defendia energicamente o direito das colónias britânicas a decidirem os seus assuntos conforme os residentes brancos melhor o entendessem. (N. do A.)

Inglaterra tinha sido seu amigo, mas que tinha adotado o comportamento típico do *saheb* branco sob o *Radj*.

Em Durban, o sarcasmo da supremacia branca era mais exposto e mais óbvio. No primeiro dia em que Gandhi apareceu no tribunal, o juiz europeu recusou dirigir-lhe a palavra enquanto não tirasse o turbante – o que, para um indiano respeitável, era um insulto deliberado.(41) O sócio de Abdullah explicou-lhe que os brancos tratavam qualquer indiano como um *kuli* ignorante, por causa da cor da pele, independentemente do seu real estatuto, rendimentos ou educação. Por isso, ele e os outros comerciantes guzarates muçulmanos preferiam apresentar-se como «Árabes» e os parsis da cidade chamavam-se a si próprios «Persas». Foi a primeira descoberta importante que Gandhi fez sobre a barreira da cor na África do Sul: levava-os a negar quem eles eram na realidade, a fim de poderem enquadrar-se no esquema elaborado e imposto pelos brancos.

Poucos dias depois de ter chegado a Durban, Dada Abdullah pediu a Gandhi que fosse a Pretória, capital do Transval, onde estava a ser julgado o caso contra o primo. Gandhi ocupou o seu lugar na primeira classe do comboio. Um europeu entrou na carruagem em Maritzburg, deu com os olhos em Gandhi e voltou a sair. Regressou acompanhado por um funcionário dos caminhos de ferro que disse a Gandhi: «Venha, tem de ir para o compartimento do furgão.» Era onde viajavam os trabalhadores negros e indianos, como Gandhi bem sabia.

«Mas eu tenho um bilhete de primeira classe», protestou Gandhi.

«Não importa», disse o funcionário. «Tem de deixar este compartimento, ou terei de chamar um polícia para o tirar daqui à força.»(42)

Gandhi continuou a recusar sair; veio um polícia que o atirou, a ele e à sua bagagem, para a plataforma da estação. Era quase meia-noite e estava frio. O casaco de Gandhi estava na mala. Acabou por passar ali a noite, mais irritado de minuto a minuto pela injustiça do tratamento.

O pior ainda estava para vir. O comboio seguinte deixou-o em Charlestown, onde começava a etapa seguinte da viagem, em diligência. O condutor da diligência não o deixou sentar no interior e mandou-o sentar fora, aos pés do condutor. Gandhi ficou furioso e disse: «Gostavas de me ver sentado aos teus pés. É coisa que não farei, vou sentar-me lá dentro.»

O condutor começou a agredi-lo; mas os passageiros protestaram: «Ó homem, deixe-o em paz. Não lhe bata. Não é caso para isso. Ele tem razão.» O condutor desistiu e Gandhi acabou por se sentar no exterior, no lugar reservado ao ajudante africano negro. A diligência pôs-se em marcha, mas «o coração batia-me acelerado no peito», recordava Gandhi, «e eu pensava se chegaria vivo ao meu destino».(43)

Chegou vivo, mas em Pretória esperavam-no novas humilhações. No

hotel principal recusaram-lhe um quarto, noutra recusaram-lhe uma mesa na sala de jantar. Em cada incidente, os brancos expressavam-lhe simpatia e até embaraço. «Não tenho preconceitos raciais», protestava uma senhora, mas, se dessem a Gandhi a mesma mesa de um europeu, dizia ela, «os outros hóspedes podiam ficar ofendidos e iam-se embora.» Esta foi a segunda descoberta de Gandhi: os brancos, ou pelo menos alguns brancos, pareciam ficar tão embaraçados pela barreira da cor como ele e os seus compatriotas indianos. Mesmo assim, recusavam fazer fosse o que fosse em relação a isso. Quando se queixou ao representante comercial de Abdullah, o homem soltou uma gargalhada. «Este país não é para homens como você... Só nós conseguimos viver numa terra como esta, porque, para ganharmos dinheiro, não nos importamos de engolir insultos.» E aconselhou Gandhi a fazer o mesmo.(44)

Mas Gandhi não conseguia. Mais tarde, os seus biógrafos sugeriram que o episódio do comboio para Pretória, em 1893, constituiu uma linha divisória na sua vida. As suas observações numa entrevista ao dr. J. R. Mott e alguns passos da sua autobiografia, escrita trinta anos após o acontecimento, têm o mesmo peso.(45) Mas, nessa altura, nada deixava prever que esse acontecimento ia alterar a sua visão do mundo ou transformá-lo num intrépido adversário do racismo e do colonialismo. Gandhi ficou obviamente furioso. Tinha sido gravemente ofendido na sua dignidade, bem como no seu sentido do que os Britânicos chamam *fair play* [jogo limpo]. Endereçou uma longa carta aos diretores da companhia dos caminhos de ferro, falou em reunir empresários indianos com o objetivo de os incitar a protestar contra o tratamento que recebiam dos sul-africanos brancos, e escreveu um artigo para o *Natal Advertiser*, que terminava assim: «Será isto cristão, será *fair play*, será justiça, será civilização?»(46)

O que na realidade mais ofendeu Gandhi foi ter sido tratado como se o seu estatuto cultural e profissional não contasse para nada. Tinha preferido arriscar ferimentos físicos a ser forçado a sentar-se onde, como ele dizia, se sentava o «hotentote». Porque Gandhi ainda acreditava na Proclamação da rainha Vitória, a Magna Carta indiana. Os Indianos leis de «habilitações superiores», como ele, mereciam ser tratados como qualquer branco de idêntico estatuto, e não como *kulis* ignorantes, muito menos como africanos negros. Sejam quais forem os seus pontos de vista posteriores, em 1893 Gandhi via-se em primeiro lugar como um britânico e em segundo lugar como um indiano. Numa linha divisória entre a civilização europeia e a «barbárie», o mesmo é dizer os padrões culturais não ocidentais, Gandhi ainda se posicionava firmemente do lado da civilização. Nada do seu despertar espiritual em Londres com Salt e Blavatsky tinha alterado isso.

Além disso, não tinha tempo para recriminações demoradas. O processo estava embrulhado; era altura de regressar à Índia. Em fins de maio de 1894, os seus clientes fizeram-lhe uma festa de despedida em Durban. Alguém lhe pôs nas mãos um jornal onde se anunciava que a Assembleia Legislativa iria em breve votar uma lei retirando aos Indianos o direito de voto no Natal. Gandhi falou no assunto a Dada Abdullah, que encolheu os ombros e disse: «O que entendemos nós desses assuntos? Só entendemos coisas que afetam os nossos negócios.»

«É o primeiro prego para o nosso caixão», observou Gandhi a Abdullah. «É um golpe na raiz do nosso amor-próprio.»(47) Nessa altura, diz-nos Gandhi, decidiu ficar na África do Sul para ajudar os Indianos a lutar contra a lei do voto, e a libertar-se da opressão dos brancos. É o que Gandhi nos conta na sua autobiografia, e a maior parte dos seus biógrafos aceita esse relato como verdadeiro. A história completa é um pouco diferente. Nem Abdullah nem os outros comerciantes indianos eram tão ingénuos como Gandhi dá a entender. Com efeito, muito antes de Gandhi aparecer em cena, os comerciantes e armazenistas indianos do Natal já se organizavam e criavam *lobbies* para proteger não só os seus direitos mas também os direitos dos empresários indianos nas repúblicas bóeres do Transval e do Estado Livre de Orange. Em 1891 e 1892, enviaram os seus protestos para Bombaim, para Calcutá e para Londres. Conseguiram atrair à sua causa o ex-vice-rei lorde Ripon, que era agora secretário de Estado para a Índia no novo governo liberal.(48)

Abdullah e os outros não precisavam que Gandhi os alertasse para o que poderia significar a chamada *Franchise Adjustment Bill* [Lei do Ajustamento Eleitoral] para eles e para os seus interesses comerciais. O que eles precisavam era de alguém que lhes desse ajuda legal, uma vez que grande parte da batalha se desenrolava principalmente em termos de interpretação das leis já existentes quer no Natal quer na Grã-Bretanha, e alguém que quisesse lidar com a questão e com os pormenores administrativos em inglês. Em ambos os aspetos, Gandhi era o seu homem.

Assim, em junho de 1894, Gandhi aceitou permanecer em Durban e ajudar a fazer pressão política. Redigiu uma «petição-monstro», assim lhe chamou, endereçada à Assembleia do Natal, objetando contra os esforços para privar os Indianos do direito de voto. Baseando-se nos seus estudos em Londres, citava diversas autoridades britânicas sobre o carácter civilizado dos Indianos e a sua capacidade para se autogovernarem. Não hesitou em recorrer à História das raças. Recordou ao primeiro-ministro do Natal que alguns especialistas em Direito, como *sir* Henry Maine e alguns linguistas orientais determinaram sem margem para dúvidas que os Anglo-Saxónicos e os Indianos são «rebentos do mesmo tronco ariano, ou antes,

povos indo-europeus.» Partilhavam a inclinação superior para a liberdade e para a civilização; ao contrário dos Africanos negros, os Indianos estavam racialmente aptos para exercer o direito de voto²³.

«Porque queremos justiça e apenas isso», concluía Gandhi na sua petição. O «escol das nações britânica e indiana» não merecia ser tratado como «lixo asiático». Gandhi e os seus abastados amigos comerciantes tinham direito a ser mais bem tratados do que os pobres trabalhadores indianos no meio deles, sem falar nos indígenas negros.(49)

Este ponto de vista elitista não constituía surpresa. Retratos de Gandhi nesses anos mostram um homem elegantemente vestido e seguro de si, usando fatos caros, com uma corrente de relógio em ouro, e um elegante chapéu de palha. As suas atividades como advogado em breve começaram a render-lhe mais de 5000 libras por ano, e a sua casa em Beach Grove Villa estava mobilada com móveis elegantes e uma grande biblioteca.(50) É claro que Gandhi nunca pôs de lado os interesses da sua *New Age*. Encontrou tempo para terminar um «Guia de Londres» destinado aos Indianos que viajavam para o estrangeiro, informando onde poderiam encontrar refeições vegetarianas (incluía todo o menu do Central) e como poderiam reduzir as despesas ao mínimo. Testou uma nova «dieta vital» de vegetais e frutos, mantendo um meticuloso diário sobre os benefícios para a saúde. Iniciou uma intensa correspondência com um dos brâmanes amigos do seu pai, sobre o significado do Hinduísmo e sobre o *Guita*, enquanto simultaneamente vendia brochuras da União Esotérica Cristã.

Mas em todos os outros aspetos, no vestuário, no estilo de vida e nas atitudes, Gandhi era decididamente um britânico imperial. Quando regressou a Bombaim, na primavera de 1896, para conseguir apoios contra a lei do voto e para se reunir com a família, ainda pensava em si mesmo como um filho do império: «Não conheci outra pessoa que mostrasse tanta lealdade como eu à Constituição britânica.»(51)

Exceto talvez o jovem bem-nascido, cinco anos mais novo do que ele, que ia chegar à Índia alguns meses mais tarde.

²³ Ironicamente, foi precisamente o mesmo argumento que Hitler e outros utilizaram em defesa da sua nação «ariana»; e que lhes permitiu apropriarem-se da suástica indiana como emblema do Terceiro Reich. (N. do A.)

O DESPERTAR II: Churchill na Índia, 1896-1899

*A leste do Suez, as rédeas democráticas são impossíveis.
A Índia tem de ser governada segundo os velhos princípios.*

WINSTON CHURCHILL, 1897

Gandhi regressou à Índia a 4 de julho de 1896, para recolher de Rajkot a sua família. Não via a esposa Kasturbai há quase três anos, nem os filhos Manilal e Harilal. Mas o seu principal objetivo era reunir apoios contra a *Franchise Adjustment Bill*, do Natal, entre os principais políticos nativos da Índia.

Nesta altura, Gandhi não era uma peça importante no movimento de protesto da África do Sul, muito menos o seu líder. Mas os seus colegas do Congresso Indiano do Natal, que tinha ajudado a fundar em 1894, decidiram que o jovem advogado de 27 anos era a pessoa indicada para alcançar a opinião pública indiana, especialmente o Congresso Nacional Indiano, fundado havia nove anos, e mobilizá-lo para a sua causa. A sua estratégia não era radical, mas sim imperial: o objetivo era agitar uma parte do Império Britânico, instigando Londres a pressionar a outra parte. Gandhi deixou esse ponto bem claro ao redigir nesse verão um opúsculo que ficou conhecido pelo nome de Opúsculo Verde (devido à cor da sua capa). «Deem-nos os nossos direitos como Indianos e como Britânicos», era o tom do texto. «Não permitam que os brancos sul-africanos nos tratem como ignorantes, muito menos como negros.»(1)

No dia 26 de setembro, Gandhi estava em Bombaim a falar num comício organizado por pessoas influentes do Congresso e por um advogado seu colega, Pheroza Shah Mehta. Seis dias depois, não longe do local onde Gandhi planeava iniciar uma viagem a Poona para se encontrar com outros membros importantes do Congresso, entrava no porto um navio. Era

o *Britannia*, um navio de transporte de tropas, transportando a bordo um contingente de cavalaria, o Quarto Regimento de Hussardos, destinado ao quartel de Bangalore; entre eles, encontrava-se um jovem oficial subalterno, de vinte e um anos, que se tinha juntado ao regimento no ano anterior, depois de terminar o seu curso em Sandhurst: o tenente Winston Churchill.

Estava a chegar à Índia, exatamente como tinha predito ao seu médico, cinco anos antes. Iria ficar por três anos, mais tempo do que Gandhi havia permanecido em Londres. A Índia ia mudar a sua vida, de uma forma quase tão decisiva como Londres tinha mudado a vida de Gandhi. Alguns historiadores defendem que Churchill não gostou da Índia. Não há provas disso, nem nos seus escritos nem nas suas cartas. O biógrafo John Charmley esteve muito perto da verdade ao afirmar que a Índia representou a juventude perdida de Churchill.⁽²⁾ No entanto, a ligação de Churchill à Índia foi mais profunda. Os anos que ali passou significaram para Churchill um despertar intelectual e até espiritual, tal como para Gandhi os anos que passou com a *New Age* em Londres. Foi na Índia que Winston Churchill descobriu pela primeira vez quem era, o que podia fazer e quem queria ser.

Foi também ali que absorveu o ideal do Império Britânico que iria levar com ele o resto da sua vida: a ideia de império como uma força moral, uma instituição de ordem e de civilização, bem como de supremacia nacional e racial. As experiências de Churchill deram-lhe «a percepção mais entusiasta do grande trabalho que a Inglaterra estava a desenvolver na Índia», escrevia ele mais tarde, «e da sua elevada missão de governar estas raças primitivas mas encantadoras, para o seu bem-estar e o nosso próprio.»⁽³⁾ Surpreendentemente, um sentimento com o qual Gandhi em 1896 teria plenamente concordado.

Em poucos anos, porém, a perspectiva de Gandhi sobre o império e sobre a Índia iria modificar-se drasticamente. A de Churchill nunca se alterou. As suas memórias da Índia como jovem oficial acompanharam-no até à morte. Tornaram-se a sua janela para o mundo não-ocidental, e a escala pela qual pesava Gandhi e o que ele representava. Acabou por ser também a escala pela qual Churchill pesava a sua própria vida.

A sua primeira vista da Índia foi a partir do convés do *Britannia*. Foi um «abrir as cortinas», escreveu ele, para um mundo que «podia bem ter sido um planeta diferente». Vinte e um dias antes, o Quarto Regimento de Hussardos tinha deixado Southampton. O comandante, o coronel Brabazon, no peculiar ceceio de classe superior, tinha-lhes dito que estavam vinculados à «Índia, o famoso apanágio da “codoa bditânica”». Brabazon, militar distinto e amigo do príncipe de Gales, tinha recebido o jovem graduado de Sandhurst no regimento a pedido da mãe de Winston. Desde o início, Winston gostou da vida em cavalaria: da camaradagem no quartel

do regimento e das palermices dos subalternos, dos exercícios disciplinados e dos treinos a cavalo, «da excitação dos cavalos, os tinidos do equipamento, o entusiasmo do movimento, a agitação das plumas, a sensação de enquadramento numa engrenagem viva, a suave dignidade» do uniforme azul e dourado.(4)

Mas sabia também que estava a faltar alguma coisa: serviço em ação. O coronel Brabazon tinha combatido em África e no Afeganistão, nos anos 70 do século XIX, e para o provar exibia o peito coberto de medalhas. Mas agora a paz tinha descido até sobre as regiões mais remotas do império. A guerra de Randolph Churchill com a Birmânia, em 1885, mal encrespava a sua superfície tranquila. Quando o filho entrou para o Quarto Regimento de Hussardos, «a custo se conseguiria descobrir nas forças de Sua Majestade um capitão ou um oficial subalterno que tivesse combatido no mais reduzido tipo de guerra».

O jovem Winston revelou um interesse mais do que profissional pela experiência de batalha. «Desde muito jovem», escreveu mais tarde, «sempre cismeiei com soldados e com a guerra, e muitas vezes sonhei, a dormir e acordado, com a sensação decorrente de estar debaixo de fogo pela primeira vez.»(5) Para Winston, a batalha era o teste final da virilidade, um teste que o seu falecido pai, com todo o seu orgulho e arrogância, nunca chegara a fazer. Com efeito, Winston estava tão louco por fazê-lo que a certa altura, durante um verão, ele e um amigo resolveram partir para Cuba, onde as tropas espanholas combatiam os guerrilheiros insurretos. Winston teve assim oportunidade de ver pela primeira vez tropas em combate, e até de ser atingido «sem consequências». Uma experiência que mais tarde classificou como uma das mais estimulantes da vida. Mas ainda não era aquilo que esperava. Havia apenas um sítio onde poderia ter essa oportunidade: a Índia.

Assim, foi com uma sensação de excitação e de expectativa que Winston desembarcou no porto de Bombaim. Mas a sua chegada foi menos do que propícia. Quando o tenente Churchill descia do esquife de desembarque procurando segurar-se à muralha do cais, escorregou-lhe um pé e deslocou um ombro. A lesão ficou para o resto da vida.(6) Recusou aceitar que a lesão o impedisse de cumprir todas as obrigações regimentais, ou quaisquer outras; mas mais tarde, ao nadar, ao tirar um livro da estante ou até mesmo ao fazer um gesto um pouco mais brusco na Câmara dos Comuns, o osso voltava a deslocar-se. O domínio da dor, tal como o domínio de qualquer outra coisa, tornou-se outro teste de uma crescente confiança na sua obstinação. Como dizia aos oficiais seus camaradas, quando por brincadeira tentavam fazer *moche* em cima dele, a bordo do navio, ele triunfantemente rastejava para fora, dizendo, «não conseguem manter-me em baixo *dessa* forma!»(7)

O ombro deu-lhe uma noite sem dormir quando acamparam em Poona. Mas, com a luz do dia, apareceram «indivíduos educados, cerimoniaosos, de turbante, candidatando-se aos lugares de mordomo, de *dressing-boy* e moço de estrebaria» e, «após breves formalidades e *salaams*, ficaram ligados aos nossos bens terrenos e assumiram total responsabilidade por toda a nossa vida doméstica». Era assim a Índia do branco, onde «subservientes criados nativos» eram «abundantes e baratos», como ele dizia ao seu irmão Jack. Pôde observar mais coisas da Índia quando chegaram a Bangalore, trezentos quilômetros a oeste de Madrastra e cerca de novecentos metros acima do nível do mar, onde, mesmo durante o verão, os dias eram quentes com um sol «não insuportável» e as noites «frescas e agradáveis». Aí encontrou em abundância «flores, arbustos floridos e trepadeiras» e «coloridas borboletas esvoaçando à luz do Sol e raparigas indianas dançando à luz do luar».

Winston e mais dois camaradas oficiais subalternos instalaram-se num bangaló estucado de branco e cor-de-rosa, com uma espaçosa varanda e um grande jardim, tratado por dois jardineiros, três aguadeiros e um guarda-noturno. «Se gostamos de ser servidos e de nos libertarmos das preocupações domésticas», escreveria Churchill mais tarde, então a Índia da década de 1890 «é uma maravilha... Os príncipes não viviam melhor do que nós.» Após quarenta e oito horas no país, «tinha formado da Índia uma opinião altamente favorável». (8)

O dia começava antes da madrugada; um criado fazia-lhe a barba, seguindo-se exercícios militares às seis horas em ponto, durante hora e meia antes do pequeno-almoço na messe, e depois o banho. Vinha depois a ronda diária pelas cavalaria e o trabalho burocrático na sala destinada a fins administrativos, até que o sol tropical, cada vez mais intenso, obrigava Winston e os seus camaradas a recolherem-se ao seu bangaló. «Muito antes das onze horas da manhã», recorda ele, «todos os brancos estavam abrigados à sombra.»

Após o almoço, toda a gente se retirava para duas horas de sesta – um hábito que Churchill conservou para o resto da vida. O jantar era às oito e meia, «aos acordes da banda regimental e ao tinir do gelo nos copos bem servidos», seguido por partidas de cartas ou sentados e fumando na varanda, ao luar. «Assim decorria o “longo, longo dia indiano” tal como eu o conheci durante três anos», escreveria Churchill na sua autobiografia, «e não era um dia assim tão mau.» (9)

Nem ele gostava de estar quieto, porque as horas entre as quatro da tarde e o jantar, dedicava-as ele ao desporto que quase se tornou uma obsessão: o polo.

Na Índia, o polo era muito mais do que um excelente treino extracurricular para os promissores oficiais de cavalaria, ou um desporto favorito das classes superiores britânicas. A Índia foi um dos berços originais do

polo, que sempre foi uma paixão entre os príncipes indianos, que aprenderam o jogo com os Britânicos. Tornou-se um dos principais elos de ligação entre o *Radj* e a classe governante tradicional da Índia. Churchill jogou polo em Inglaterra, mas nunca tinha visto nada igual às multidões entusiasmadas que acorriam a todas as partidas para aplaudirem a equipa nativa contra os adversários europeus. «Neste país, o polo atrai o interesse e a atenção de toda a comunidade», escrevia Winston à sua mãe no mês de novembro. «Toda a população acorre para presenciar e para fazer apostas que muitas vezes ascendem a milhares de rupias.»(10)

Apesar de lesionado no ombro, Churchill foi um jogador competente e até brilhante. Perseguia a bola impetuosamente, com «uma entrega absoluta», aos gritos das multidões, «com as tendas e a tribuna coberta repleta com toda a comunidade britânica e indianos de elevada posição social», ao som do trote dos cavalos e dos gritos dos cavaleiros a cair, com a celebração da vitória e a derrota e as lesões, tudo acalmado na tenda do regimento, no meio dos brindes de brande e de champanhe. Este desporto sempre o fascinou ao longo de toda a sua vida. Tinha tudo o que ele adorava: velocidade, estratégia, competição agressiva e divertimento emocional, à mistura com perigo físico, bem como antigos rituais e tradição aristocrática. Chamou-lhe «o imperador dos desportos»; jogou a sua última partida em Malta, quando já tinha cinquenta e dois anos. O jovem Churchill era inseparável do seu taco, tal como o velho Churchill viria a ser inseparável do uísque e do charuto.

Um primo do Aga Khan, que o conheceu em Poona, dizia que de todos os hussardos que conhecia, «nenhum tinha um olho mais penetrante e mais perspicaz, ninguém sabia avaliar melhor um cavalo, do que um jovem oficial subalterno chamado Winston Churchill». A sua condução e a sua energia deixavam toda a gente espantada. O «senhor Churchill era uma pessoa dinâmica», recordava mais tarde o primeiro-sargento. «Estava sempre mais ocupado do que metade dos outros todos juntos... Uma vez fui ao seu bangaló e mal consegui entrar com tanto livro, tanto documento, tanto papel por todo o lado.»(11)

Para Winston Churchill, o polo em Bangalore representava uma espécie de educação; outra forma de educação eram as leituras nas horas que se seguiam ao almoço. «Comecei a sentir-me invadido pelo desejo dos conhecimentos mais confusos acerca de muitas e profundas esferas do pensamento», dizia ele mais tarde. Referências casuais à História e à literatura durante o jantar ficavam a flutuar na sua cabeça. Assim, «apoderou-se de mim o desejo de aprender». Até então não se tinha mostrado interessado em livros. Os que tinha lido na escola pareciam-lhe os mais enfadonhos que os professores tinham conseguido encontrar.

Agora, após o inverno de 1896, encetava um programa rápido de leitura. Começou com um dos livros favoritos do seu pai, a obra de Edward Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*. «Ao longo das horas cintilantes do dia indiano», recordava ele mais tarde, «desde que saíamos dos estábulos até que as sombras da noite anunciavam a hora do polo, eu devorava Gibbon», rabiscando nas margens os seus frenéticos comentários.(12)

O que Winston descobriu foi uma poderosa narrativa admonitória sobre o destino dos impérios, antigos e modernos. Ficou a saber como um grande império tinha sido construído sobre «a antiga fama e valores disciplinados» e tinha dado ao mundo estabilidade, paz e prosperidade, acabando por ser destruído pelos bárbaros vindos do exterior, e pela superstição e fanatismo nascidos no interior.

Ficou a saber que, ao longo de uma centena de anos, a *Pax Romana* conseguiu manter «o único período da História em que a felicidade de um grande povo era o único objetivo do governo». Infelizmente, porém, «esta paz prolongada» introduziu também «um lento e secreto veneno nos órgãos vitais do império» que enfraqueceu «o amor da independência, o sentido de honra nacional e de perigo físico. . . e o hábito de comando» necessários à sua manutenção. Por fim, conclui Gibbon, «o fogo do génio extinguiu-se, e até o espírito militar se desvaneceu», deixando Roma vulnerável às tribos bárbaras germânicas e a uma Igreja cristã fanaticamente intolerante. Juntos, dissolveram o império, apagaram a antiga civilização, deixando no seu lugar a Idade das Trevas.(13)

De Gibbon, passou para o modelo de liberalismo *whig* e apologista do governo britânico na Índia, Thomas Babington Macaulay. Winston leu a *História de Inglaterra*, de Macaulay, que lhe ensinou que a liberdade e o autogoverno como o da Grã-Bretanha são uma façanha e não um direito; bem como os brilhantes ensaios de Macaulay sobre Clive e Hastings. Também estes tiveram uma ressonância pessoal. Na vida de Clive, leu como «o valor e o génio de um obscuro jovem inglês inverteu repentinamente a maré da sorte» no cerco de Arcot, e como a família de Clive, em especial o seu pai, «parece ter tido dificuldade em entender que o seu travesso e ocioso Bobby se tivesse tornado um tão grande homem» antes dos trinta anos. (14) «Ouviram o velho cavalheiro resmungar que, no fim de contas, o tolo tinha alguma coisa nele» – palavras que Churchill gostaria de ter ouvido na boca do seu pai, mas nunca ouviu.

Winston também pôde saber que Clive em Plassey tinha «dispersado um exército de cerca de sessenta mil homens e subjogado um império mais extenso e mais populoso do que a Grã-Bretanha», graças às armas ocidentais e à disciplina. Macaulay explicou ao jovem oficial os passos pelos quais Warren Hastings, com toda a sua crueldade, conseguiu criar «uma

ordem rude e imperfeita» fora de uma Índia bloqueada no caos e na anarquia, e montou o cenário para «familiarizar as jovens mentes do Bengala com Milton e Adam Smith» e as outras bênçãos da civilização ocidental. Finalmente, Macaulay ensinou a Churchill como a História da Índia provava que «nem dez vezes mais probabilidades, nem o ardor guerreiro das mais corajosas nações asiáticas, poderiam servir para alguma coisa contra a ciência e a determinação dos Ingleses» ou «contra a invencível coragem britânica, que nunca é tão serena e tão obstinada como perante o final de um dia que se revelou cheio de dúvidas e arrasante».(15)

De Macaulay e da História, voltou-se para Adam Smith, com a sua *Wealth of Nations* [Riqueza das Nações], *Constitutional History* [História Constitucional], de Henry Hallam, *Rise and Influence of Rationalism* [Nascimento e Influência do Racionalismo], de William Lecky; e Schopenhauer, Platão, Darwin e Pascal. («Para evitar aborrecer-me, lia três ou quatro livros ao mesmo tempo», dizia ele à sua família estupefacta, que nunca o tinha visto ler um único livro.) Depois, escolheu um volume que lhe tinha sido recomendado pelo oficial seu comandante: *The Martyrdom of Man* [O Martírio do Homem], de Winwood Reade. O seu impacto, como mais tarde recordaria, foi muito forte. O tema de Reade reforçou as lições de Macaulay: a História como a narrativa do triunfo do progresso e da ciência modernos sobre a crueldade e a superstição primitivas.

Winwood Reade nasceu em 1838; viajou por toda a África e foi correspondente de Charles Darwin, bem como um entusiasta defensor da evolução. Na verdade, *The Martyrdom of Man* foi um primeiro manifesto daquilo que mais tarde viria a chamar-se Darwinismo Social. Apresentava a História como um processo de ascensão e sobrevivência dos mais aptos, mostrando como, nas palavras de Reade, «a nossa própria prosperidade está fundamentada nas agonias do passado».(16)

O livro causou uma impressão indelével no jovem Churchill. (Outro admirador foi o jovem H. G. Wells.) Ficou também impressionado com a crítica demolidora feita em *The Martyrdom of Man* ao Cristianismo e à crença religiosa, como reflexos das tendências mais antigas do homem. O ateísmo descarado de Reade deixou Winston, como ele próprio admite, com «uma visão predominantemente secular» da vida e da natureza humanas que permaneceu até à sua morte. Cerca de meio século mais tarde, perguntou impertinentemente ao seu médico como era possível que um médico experiente pudesse acreditar na vida após a morte.(17)

A pintura sombria feita por Reade do indivíduo indefeso e só no universo, como «uma criança chorando a meio da noite», era, no entanto, equilibrada pela sua imagem otimista do progresso e da civilização do ser humano graças ao poder da ciência. A civilização havia de sobreviver à bar-

barbárie, explicava Reade, porque os seus valores são de um género «mais elevado» e menos brutal. «Não podemos dizer que um homem bom vencerá sempre um tratante; mas o evolucionista não hesitará em afirmar que uma nação detentora dos mais elevados ideais terá sempre êxito.»(18)

Esta última citação não é de Reade, mas do próprio Churchill. É extraída do romance que começou a escrever quando ainda se encontrava em Bangalore, intitulado *Affairs of State* [Negócios de Estado]. (Mais tarde alterou-lhe o título, dando-lhe o nome do protagonista, *Savrola*.) «Toda a minha filosofia está na boca do protagonista», dizia Winston à sua mãe, incluindo o seu recente ponto de vista secular do homem e da Natureza, friamente confirmado pela leitura dos livros de Darwin, *A Origem das Espécies*, e de Malthus, *Ensaio sobre a População*. A vida é «uma luta entre a vitalidade e a ruína», afirma Savrola a certa altura, «entre a energia e a indolência; uma luta que termina sempre em silêncio.»(19)

Mais tarde, a sua visão da vida iria tornar-se mais moderada e mais flexível; o ancião seria mais indulgente para com o mundo do que quando andava na casa dos vinte anos. Mas a rejeição de uma estrutura religiosa manteve-se como ponto fundamental na sua filosofia de vida e constituiria uma linha de batalha crucial entre ele e Gandhi.

Para Gandhi, Deus é omnipresente e é o início de todas as coisas. Para Churchill, Ele não está em sítio nenhum. Num universo sem Deus, ou pelo menos sem a presença imanente da divindade, Churchill encontrou a redenção no desenrolar da própria História, bem como o desenvolvimento da escalada biológica e cultural do homem. Se, como diz Savrola, «a Natureza nunca leva em consideração o indivíduo; apenas considera a conveniência média da espécie», então Churchill acha que a Natureza investiu as melhores esperanças da espécie nas nações que impeliram para diante o progresso, em oposição às que lutaram para o impedir – mesmo que tudo deva terminar em extinção e esquecimento.

O Darwinismo Social de Reade viria também sublinhar a crença de Churchill na missão civilizadora de Inglaterra e reforçar o veredito de Gibbon de que a fraqueza de Roma permitiu à barbárie e à superstição derrotar a civilização. Quatro décadas mais tarde, Churchill veria a nova barbárie em figuras como Hitler e Estaline, que lhe pareciam ser, nas palavras do historiador John Lukacs, a «reencarnação de um mal antigo» mas também algo «terrivelmente moderno»: o recuo da face do homem moderno para a violência brutal e para o culto do poder.(20)

Para Churchill, a figura que melhor encarnava a segunda ameaça à civilização, a superstição e o fanatismo, seria Gandhi. Ao rejeitar os padrões ocidentais de ciência, direito e civilização, Gandhi rejeitava o que Churchill considerava a única esperança de salvação para a humanidade, da mesma

forma que o contínuo apelo de Gandhi à sua crença religiosa lhe parecia grosseira hipocrisia. Finalmente, Churchill acabou por ver Gandhi como a encarnação de um Hinduísmo ignorante e hierático, com os seus «santuários e escadarias a arder... sacerdotes e ascéticos», uma religião com «práticas misteriosas e rituais multiformes... imutáveis ao longo dos séculos, não tocadas pelo Ocidente».(21) Gandhi, de pés descalços, com o seu *dhoti* e a sua capa, assemelhava-se a uma versão moderna dos fanáticos monges egípcios, que Gibbon descreveu a sair do deserto para «difundir e obscurer o mundo cristão» nas vésperas da derrocada de Roma e destruir a tradição clássica pagã. Dessa forma, os monges deixaram o Império Romano desmoralizado e culturalmente indefeso face às saqueadoras tribos germânicas. Gandhi e os seus apoiantes devem ter parecido determinados a fazer o mesmo ao Império Britânico.

Não admira que os epítetos favoritos que Churchill gostava de aplicar a Gandhi fossem «faquir» e «fanático». Gandhi era mais do que uma simples ameaça ao domínio britânico na Índia. Tornou-se uma ameaça para tudo aquilo em que Churchill acreditava, e Churchill acabaria por combatê-lo por todos os meios ao seu alcance.

Após sete meses de leituras, a 6 de abril de 1897, o jovem oficial, agora com vinte e dois anos de idade, anotou o seu novo credo político, que resumia as suas experiências em Bangalore. O futuro da Grã-Bretanha, assim o julgava, repousava no seu distanciamento dos negócios mundanos. «Isolada, se se quiser», escrevia ele com jovialidade, acrescentando: «Uma poderosa marinha deve guardar os oceanos. O exército pode ficar reduzido a um entreposto de treino para a Índia, com um corpo de exército para pequenas expedições.» Resolvido assim o problema da defesa imperial, voltou-se então para o próprio império. Via-o dividido em duas metades. De um lado, ficariam as colónias brancas, como o Canadá e a Austrália, com as quais a Grã-Bretanha deveria formar uma federação imperial para segurança comum.

Mas «a leste do Suez, as rédeas democráticas são impossíveis», escrevia ele. «A Índia tem de ser governada segundo os velhos princípios», o que significa os princípios do seu pai e de homens como o general Roberts. Resumindo, era o credo que iria professar até ao fim dos seus dias. (22) «Porquê desculparmo-nos pela superioridade anglo-saxónica?», diria ele durante a Segunda Guerra Mundial. «Nós somos superiores.» Ideias fixas, disse uma vez o príncipe Metternich, são como canhões fixos: «São perigosas para os que estão ou se movimentam ao longo da sua linha de trajetória.» Isto mesmo é verdade em relação à visão que Churchill tinha da Índia. Ao longo das décadas seguintes, iria lidar com homens e mulheres, até mesmo amigos, de diferentes convicções políticas. Mostraria uma

notável flexibilidade em problemas importantes de política nacional e de estratégia imperial, incluindo durante as duas guerras mundiais.

Mas na Índia devia estar preparado para destruir amizades e a sua própria carreira. Nos dias negros de 1942, chegou a encarar a hipótese de se demitir do cargo de primeiro-ministro. Quase todos os outros construtores da política na Índia – *sir* Edwin Montagu, Stanley Baldwin, Leo Amery, lorde Irwin, lorde Wavell – foram furiosamente atacados por Churchill quando tentaram pisar a linha de mira sobre o assunto. «A Índia», escrevia Leo Amery, que desempenhou o cargo de secretário para a Índia durante a Segunda Guerra Mundial, quando o conflito com o nacionalismo indiano e com Gandhi atingiu o auge, «ou qualquer forma de autodeterminação para os povos de cor, despertava nele um complexo totalmente descontrolado.» As explosões de Churchill eram por vezes tão imoderadas que Amery, no seu diário, pergunta a si próprio se, «quando fala na Índia, ele estará realmente no seu juízo». Era evidente que parecia não haver «qualquer relação entre a sua atitude física e intelectual» sobre a Índia e os restantes assuntos que tinham a ver com a guerra, ainda os mais graves e mais urgentes.(23)

Na verdade, não havia. Porque, no caso da Índia, não era apenas a sua visão do Império Britânico e da civilização que ele tinha de defender. Sobre os seus ombros, avultava uma outra figura indistinta, um homem de chapéu alto e bigodes primorosos, olhos salientes e um ar de desdém para com os defeitos do filho. Na Índia, pelo menos, Winston nunca desapontaria o pai, que mal conhecera e cuja aprovação, aliás, nunca esperou ouvir.

Um mês depois de ter formulado o seu credo, Churchill deixou Bombaim e partiu para Londres, «com um calor sufocante, mau tempo e um terrível enjoo». (24) Os oficiais britânicos na Índia tinham três meses de licença por ano; por isso, Churchill decidiu passá-los em casa. Fez uma primeira escala em Itália, visitando Roma pela primeira vez e vendo a cidade pelos olhos de Gibbon como a sede de um poder imperial e de uma magnificência desaparecidos. Chegou depois à nova sede de poder imperial, Londres, quando se ultimavam os preparativos para celebrar o Jubileu de Diamante da rainha Vitória.

O ano de 1897 foi uma linha divisória para a Grã-Bretanha. Ao comemorar o sexagésimo ano como rainha, Vitória reinava sobre um império que era mais populoso e mais extenso do que qualquer outro na História do mundo; tinha agora mais um terço do que era quando Winston nascera. Uma em cada cinco pessoas no planeta tinha para com ela algum tipo de submissão. Os desfiles, exposições, celebrações desse ano, incluindo uma

exibição da Marinha Real em Spithead no dia 26 de junho, foram símbolos de um grande feito histórico e de responsabilidade global – bem como de um risco global. Outras potências ocidentais, como a França, a Bélgica, a Alemanha, e em breve os Estados Unidos da América do Norte, estavam ocupadas a talhar os seus próprios impérios coloniais. A Grã-Bretanha continuava a ocupar o topo imperial. Mas aí os ventos começavam a soprar mais frios e o panorama estava a tornar-se menos límpido.

No dia 26 de julho, para assinalar o Jubileu de Diamante, uma associação patriótica denominada Liga Primrose, realizou uma reunião pública ao ar livre em Bath. O orador era um jovem oficial sardento e queimado pelo sol, que acabava de chegar da Índia. Foi o primeiro discurso político de Winston. A sua ideia já estava voltada para uma possível subida ao Parlamento, na qualidade de conservador como o seu pai. As observações feitas aos participantes e aos curiosos em Bath foram o primeiro rebate do que estava para vir.

Começou da forma óbvia: «Neste ano jubilar, o nosso império atingiu o apogeu da sua glória e do seu poder.» Algumas pessoas diziam que «agora vai começar a decadência, como aconteceu a Babilónia, Cartago e Roma». Winston pediu aos seus ouvintes que não acreditassem nestes «resmungões», como lhes chamava. Era altura de os verdadeiros Britânicos mostrarem ao mundo que «o vigor e a vitalidade da nossa raça não tem igual e que a nossa determinação é preservar o império que herdámos dos nossos pais como Ingleses». Garantiu-lhes que ele e a sua geração continuariam a «cumprir a nossa missão de levar a paz, a civilização e o bom governo aos mais longínquos confins da Terra».(25)

A multidão aplaudiu e a banda tocou. Winston sorriu e acenou com a mão. Estas palavras tranquilizadoras ao sol quente do verão despertaram um sentimento familiar de serena satisfação consigo próprio. Não muito longe, porém, outro homem recentemente chegado da Índia assistia aos desfiles e às cerimónias do Jubileu. O poeta Rudyard Kipling tinha uma visão muito diferente sobre o significado de tudo aquilo. Na verdade, as palavras que escreveu eram quase uma advertência ao jovem oficial sorridente e confiante:

*Se nos embriagarmos com a sede do poder, soltamos
As línguas enfurecidas que não Te receiam...
Alardes como os que usam os Gentios
Ou raças inferiores sem a tua Lei...
Senhor Deus dos Exércitos, fica connosco,
Para que não esqueçamos... para que não esqueçamos!*

*Porque o coração gentio que põe a sua confiança
Em tubos fumegantes e conchas de ferro,
Toda a poeira intrépida que constrói sobre a poeira,
E protegendo, não invoca a tua proteção,
Pela frenética vanglória e pela palavra louca
A tua misericórdia sobre o teu povo, ó Senhor!*

Ao mesmo tempo, a Índia estava bruscamente de volta aos pensamentos de Winston, graças aos jornais. Na fronteira entre a Índia e o Afeganistão, os nativos Patanes estavam na senda da guerra; por isso, para os enfrentar, estavam a ser enviadas três brigadas do exército indiano para o vale de Malakand, sob o comando do general Bindon Blood.

Ali estava uma boa oportunidade de combater a sério, pensou Winston, a única experiência militar que ainda lhe escapava. Churchill tinha-se encontrado com o general Blood no verão anterior. Acontecia que Blood tinha sido um dos ardentes pretendentes de Jennie Churchill; e Winston arrancou ao general a promessa de que, se o general voltasse a comandar tropas contra os Patanes, levaria Winston com ele.

Imediatamente, Winston telegrafou a Blood para lhe lembrar da sua promessa. Tratou apressadamente de tomar o barco seguinte de regresso à Índia, deixando para trás um novo montão de livros, os tacos de polo e *Peas*, o seu cão de estimação.(26) Era o mês de agosto, a pior altura do ano para se viajar no Mar Vermelho, e o salão de jantar do vapor, superlotado e abafado, exalava um mau cheiro a comida azeda. «Mas os desconfortos físicos não significavam nada ao lado da minha ansiedade mental», recordava Churchill mais tarde, e certamente ao lado do seu receio de que o combate pudesse já ter terminado e que ele fosse chegar demasiado tarde.(27)

Quando chegaram a Bombaim, encontrou uma breve resposta do general Blood. «Muito difícil; não há vagas», dizia o bilhete. «Apresenta-te como correspondente, vou tentar encaixar-te. B. B.» Em Bangalore, Churchill pediu ao oficial seu superior para lhe prolongar a licença (a segunda em cinco meses!), enquanto em Inglaterra a mãe conseguia maneira de lhe publicarem todos os artigos no *Daily Telegraph*, a cinco libras por coluna. Winston estava pronto a partir para a guerra. Dentro em pouco, viu-se a bordo de um comboio superlotado e sufocante, «hermeticamente fechado e vedado ao sol escaldante», para cinco dias de viagem até Peshawar, capital da província da Fronteira de Noroeste e ponto de passagem para o desfiladeiro de Khyber e para o vale de Malakand.(28)

Era ali o principal teatro de operações do exército indiano e a região clássica de Kipling, cenário de poemas como «Gunda Din» e de contos como «O Homem que Se Tornou Rei». As tropas britânicas e indianas tra-

vavam escaramuças com os nativos Afridis e Patanes ao longo desta cadeia montanhosa, havia dezenas de anos. O próprio desfiladeiro de Malakand era uma profunda fissura no arco denticulado de cumes montanhosos, guardado por uma típica guarnição britânica de lanceiros siques, penjebes e bengalis, sob o comando de oficiais brancos. Alguns desses oficiais jogavam polo numa localidade vizinha quando os habitantes os avisaram da iminência de uma insurreição liderada por um homem santo muçulmano da região, ou faquir, a quem Churchill, nos seus coloridos artigos para o *Daily Telegraph*, chamava «*Mullah*, o Louco».

O *mullah* era «um visionário violento» nas palavras de Winston, «convicto da sua missão divina» enquanto «políticos astutos, até agora impotentes» colhiam a oportunidade de um apelo à guerra contra os infiéis, para assestar um golpe contra os Britânicos.(29) Quarenta e oito horas depois, tinham cortado os fios do telégrafo e a guarnição de Malakand tinha-se rendido. Calcutá ordenou ao general Blood que organizasse uma coluna de socorro, formada por 6800 soldados de infantaria e 700 de cavalaria, para ir subjugá-los.

Tratava-se, como observou Churchill, de uma típica desordem fronteira. Inevitavelmente, os britânicos iriam marchar em socorro da guarnição. Inevitavelmente, haveria muitos soldados britânicos e indianos mortos ou feridos e muitos mais patanes. E inevitavelmente os patanes recuariam para aparecerem a combater noutra altura. Certamente, «o destino de um império não dependia do resultado». Mesmo assim, os artigos de Winston para o jornal *Pioneer* e para o *Daily Telegraph*, bem como o livro que escreveu sobre o assunto, intitulado *The Story of the Malakand Field Force* [A História do Exército de Malakand] conferiram a este breve mas violento recontro um enorme significado, particularmente à luz do Jubileu de Diamante e da sua leitura de Gibbon.(30)

Churchill transformou a batalha num clássico confronto entre uma civilização superior e a barbárie primitiva. *The Malakand Field Force* é um épico da vigorosa lei e ordem britânicas prevalecendo sobre *Mullah*, o Louco, e as suas hordas de Ghazis aos gritos, embora Churchill faça notar que, quando os guias nativos da cavalaria invadiam um reduto dos Patanes, «não pediam nem davam clemência e todos os nativos capturados eram imediatamente trespassados com lanças e abatidos». Os cadáveres ficavam «espalhados pelos campos, manchando de branco e negro o verde dos arrozais».(31)

Estrategicamente, a campanha de Malakand não teve qualquer significado. Mas para o jovem Winston foi um conflito em que «o espetador pôde ver e apreciar cuidadosamente todos os níveis da coragem humana». Viu a coragem de soldados nativos indianos, que até àquele momento ape-

nas tinha visto como criados ou adversários no polo. Os siques e penjabes da guarnição combateram e ficaram de sentinela com uma serenidade corajosa durante noventa e seis horas sem interrupção. O cipaio Prem Singh esquivou-se ao fogo dos franco-atiradores dia após dia, enquanto enviava sinais de semáforo da torre da guarnição – «uma ação tão corajosa como qualquer outra das que eu registo nas minhas páginas», dizia Churchill aos seus leitores²⁴.(32)

Viu um médico militar apertar estoicamente entre o indicador e o polegar a artéria aberta de um ferido para evitar que o homem se esvaísse em sangue até morrer. O general Blood teve de disparar contra um fanático armado com uma faca que o atacou à traição sob a bandeira das tréguas: o general abateu friamente o seu potencial assassino com uma única bala. «É fácil imaginar a satisfação que se apoderou de todos os elementos da unidade, até ao varredor mais intocável, perante este episódio», escrevia Churchill.(33)

Último mas não menos importante na escala da coragem, estava o próprio Churchill. Na segunda semana de setembro, depois de garantir a proteção à guarnição de Malakand, a brigada foi enviada a subjugar um grupo de rebeldes no vizinho vale de Mamund. Churchill não tinha ainda disparado um único tiro, nem tinham disparado contra ele, em fúria, apesar da experiência «bastante desagradável» de repartir o revólver, os cobertores, as botas e as camisas de um camarada oficial morto. Quando a coluna do general Jeffrey recebeu ordens de descer até ao vale para lançar fogo aos campos e aldeias dos Patanes, o general Blood disse a Winston: «Se quiser assistir a um combate, ponha-se a cavalo e vá juntar-se a Jeffrey.»

«Durante toda a noite, as balas assobiaram por cima do acampamento», recordava Winston mais tarde. «Mas todos tinham boas covas no chão para ficarem deitados.»(34) De madrugada, a brigada avançou e espalhou-se pelo vale. Winston estava ligado a um grupo de siques, comandados por um oficial britânico. Ao aproximarem-se de uma aldeia aparentemente deserta, toda a encosta da montanha despertou com rajadas de espingarda e com patanes, de espadas desembainhadas, esquivando-se de rochedo em rochedo.

Os siques procuraram apressadamente abrigar-se, «enquanto gritos estridentes se erguiam de vários pontos». Winston empunhou uma espingarda e começou a alvejar as figuras vestidas de branco e azul que iam

²⁴ O heroísmo de Prem Singh levou mesmo Winston a manifestar o seu espanto pelo facto de as condecorações da Cruz da Rainha Vitória não serem extensivas aos soldados nativos, acrescentando: «No desporto, na coragem e na visão do paraíso, todos os homens estão em pé de igualdade.» No entanto, tal alteração teria de esperar até 1911. (N. do A.)

descendo e abrigando-se atrás das rochas, a cento e cinquenta metros do pequeno grupo. «Tínhamos encontrado a aventura que procurávamos», escrevia ele laconicamente mais tarde. O sique cuja espingarda Winston tinha utilizado preparava-se para fugir, bem como o resto do grupo. Quando se voltaram para retirar, «veio dos rochedos uma rajada irregular: gritos, insultos e um berro». Havia dois soldados siques mortos e três feridos. «O oficial britânico andava às voltas mesmo atrás de mim, com o rosto numa pasta de sangue e o olho direito arrancado.»(35)

Juntamente com outro subalterno, o oficial adjunto do regimento, e um *havildar* ou sargento sique, Winston e os seus homens conseguiram levar os feridos, meio arrastados, para o sopé da encosta. As balas dos patanes continuavam a assobiar à volta deles. Uma atingiu o soldado sique, ao lado de Winston. «O homem gritou com as dores», recordava Winston mais tarde, «tinha-lhe caído o turbante, e o cabelo, negro e comprido, estava espalhado pelos ombros – parecia um trágico boneco de trapos.»(36)

Então o oficial adjunto caiu, atingido por uma bala; e logo um grupo de patanes se precipitou para acabar com ele. Os outros soldados fugiram. Só Winston ficou de pé, entre o ferido e o líder dos nativos, que agitava a espada desembainhada em direção à figura prostrada. «Naquele momento», recordava Churchill, «esqueci-me de tudo, só queria matar o homem.»

Disparou a pistola uma, duas, três vezes: com a confusão e a adrenalina, porém, não ficou com a certeza de ter atingido o alvo. Nem teve a certeza, depois de se ter reunido aos siques no fundo da colina, se algum dos trinta ou quarenta patanes esquivos contra quem tinha disparado tinha sido atingido mortalmente ou até se tinha sido ferido. Mas, quando chegou um grupo de socorro formado pela cavalaria de Rosshire Buffs e do Bengala, um único pensamento estimulante lhe passou pela cabeça. Tinha combatido uma batalha e tinha sobrevivido. Fosse o que fosse que dissessem sobre ele, Winston Churchill tinha estado em combate – apesar de tecnicamente ser apenas correspondente de guerra. (37)

Duas semanas mais tarde, Winston voltou a encontrar-se debaixo de fogo. Nessa altura, o general Blood tinha-o nomeado seu ordenança, escrevendo a Brabanzon, do Quarto Regimento de Hussardos, que «se tivesse sorte, poderia ganhar a VC ou a DSO»²⁵.(38) Winston escreveu exultante à sua mãe, «ainda estou vivo e são, após uma nova semana excitante».

²⁵ VC – *Victoria Cross*, Cruz da Rainha Vitória, a mais alta condecoração militar britânica, concedida a elementos das Forças Armadas por valor «face ao inimigo», instituída pela rainha Vitória em 1856. DSO – *Distinguished Service Order*, Condecoração por Serviços Distintos, concedida a elementos das Forças Armadas britânicas, por serviços em tempo de guerra, especialmente em combate. (N. do T.)

No entanto, não estava a marcar pontos com os oficiais seus camaradas. Estes achavam que o seu comportamento durante a campanha tinha sido indecoroso; cochichavam que ele não passava de um caçador de medalhas, um exibicionista e um «oportunista» pouco escrupuloso – precisamente as palavras que os seus adversários haveriam de murmurar sobre ele durante o resto da sua carreira. O oficial superior em Simla recusou a sua nomeação como ordenança de Blood. As cartas urgentes da sua mãe endereçadas ao amigo do marido, o general Roberts, não conseguiram levar o oficial superior a alterar a sua decisão, ao mesmo tempo que a publicação de *Malakand Field Force*, de caráter exibicionista, lhe granjeou mais inimigos do que amigos no exército indiano.

Na sua ideia, Winston estava a despedir-se desses adversários. As baixas entre os oficiais brancos causadas pelos combates de Malakand e de Mamund proporcionaram-lhe uma colocação temporária no 31º Regimento de Infantaria do Penjabe. Churchill não conhecia uma palavra nem de hindi nem de urdu²⁶. Não via a necessidade de aprender essas línguas, ao reparar que, conforme dizia ao seu irmão Jack, todos os indianos que conhecia em Bangalore falavam corretamente inglês.(39) No entanto, o comando obrigou-o a aprender pelo menos duas palavras: *maro* (matar) e *tchalo* (depressa). De contrário, «se tu sorrises, eles sorriem. Por isso, eu sorria diligentemente.» Mas, uma vez que o 31º Regimento de Penjabis não tinha missões de combate, começava a ficar aborrecido. Tinha conseguido aquilo que queria tirar da Índia. Ganhara experiência como oficial de cavalaria, tivera o prazer de participar literalmente numa «competição magistral» e na emoção de uma batalha, e ainda num benefício imprevisito: uma educação autodidata, com os melhores livros escritos em inglês. Agora, olhava à sua volta, à procura de novas oportunidades.

Durante a campanha de Malakand, tinha afirmado aos leitores do *Daily Telegraph*: «A civilização está frente a frente com o Islamismo militante.» Em finais de 1897, porém, o centro da tempestade desse confronto não era na Índia mas em África, no Sudão. Em janeiro de 1885, os exércitos do profeta islâmico radical, o Mahdi, tinham assolado Khartum, matando o governador do paxá egípcio, o general Charles George Gordon, e massacrando os seus habitantes. Doze anos mais tarde, Londres estava a organizar uma expedição punitiva, formada por 25.000 soldados britânicos e

²⁶ O hindi é a língua falada por 70% dos Indianos, principalmente no Norte, Centro e Noroeste da Índia. O urdu, língua nacional do Paquistão e uma das 24 línguas nacionais da Índia, é muito semelhante ao hindi. Ambos se formaram a partir do hindustani; pode dizer-se que o hindi é hindustani escrito em caracteres devanagáricos, enquanto o urdu é hindustani escrito em caracteres árabes. (N. do T.)

egípcios, que seriam comandados pelo general Herbert Kitchener. Winston quis fazer parte da expedição.

Conhecia e admirava o general Kitchener como um dos mais prestigiados e valorosos oficiais do exército britânico; sabia também que Kitchener, tal como o general Blood, era um dos admiradores da sua mãe.(40) O problema era que Kitchener não o admirava a ele. Profissional inflexível, considerava ofensiva e interesseira a publicação de *Malakand Field Force*, com comentários por vezes cáusticos acerca de alguns oficiais superiores de Winston. A última pessoa que desejava ver junto dele era um jovem presunçoso, arrogante e intrometido, pronto a passar para os jornais tudo aquilo que via à sua volta.

Por isso, Kitchener ficou surdo aos pedidos de Jennie Churchill, recusando categoricamente receber Winston na sua equipa. No entanto, «Nunca um jovem deveria ter um “não” por resposta», diria Winston mais tarde,(41) porque o livro que tanto chocara Kitchener e o resto do exército veio em seu auxílio. O primeiro-ministro e antigo colega do seu pai, o lorde Salisbury, mandou chamá-lo. Salisbury lera *Malakand Field Force* e ficara profundamente impressionado. «Consegui fazer uma pintura mais autêntica do tipo de combate que se travava naqueles vales fronteiriços», disse ele a Winston, «a partir do seu livro do que a partir de quaisquer outros documentos que tive de ler por obrigação do cargo.» Em meados de julho, encontraram-se durante meia hora, no N° 10. Quando Winston se despediu, Salisbury disse-lhe que, se alguma vez precisasse de alguma coisa, que lho fizesse saber.(42)

Era uma oportunidade caída do céu, e Winston não quis perdê-la. Acontecia que Kitchener tinha autoridade absoluta sobre todas as nomeações no exército egípcio, e nem sequer a solicitação de um primeiro-ministro conseguiria demovê-lo. Mas os regimentos britânicos de Kitchener eram designados como parte de uma força expedicionária conjunta e, como tal, estavam sob a autoridade do ministério da Guerra.(43)

Assim, menos de uma semana depois, Winston recebeu um telegrama nomeando-o «tenente supranumerário» do 21° Regimento de Lanceiros e ordenando-lhe que se apresentasse no quartel do regimento, no Cairo. Seis dias depois, apresentou-se ao serviço, levando no bolso da farda um contrato com outro jornal, desta vez o *Morning Post*.

Como participante na expedição contra o Mahdi, Churchill tomou parte no último confronto importante entre o exército britânico e um exército nativo na África, em Omdurman, no dia 4 de setembro de 1898. Tomou parte também na última grande carga de cavalaria na História da Grã-Bretanha, quando Kitchener enviou o 21° de Lanceiros para completar a derrota dos Derviches. A lesão crónica no ombro de Winston impedia-o

de empunhar uma lança ou uma espada, «como um cavaleiro dos tempos antigos». Em vez disso, teve de se contentar com uma grande e pouco cavaleiresca pistola *Mauser*. No entanto, «toda a gente esperava que fôssemos fazer uma carga», escrevia ele anos depois. «Nesses dias, antes da Guerra dos Bóeres, a cavalaria britânica pouco mais fez.»(44)

E assim foi. Winston foi o primeiro a aperceber-se contra o que iam eles carregar: «Uma longa fila de objetos azuis e negros, separados três ou quatro metros uns dos outros» avançando sobre o seu flanco, e que afinal eram «homens – inimigos – agachados no chão.» Nesse momento, o corneteiro do regimento fez ouvir o toque de «A trote!» Num instante, «toda a longa coluna de cavalaria avançou com estrépito sobre a frente daquelas figuras curvadas.»(45)

Para Churchill, a carga de cavalaria foi o auge da sua carreira militar e a recompensa última por todas as horas passadas no campo de polo. Deixou uma extensa descrição nos seus artigos para o *Morning Post*, que acabou por transformar num livro. Trinta anos mais tarde, redigiu uma nova narrativa destinada à sua autobiografia. Mas a versão mais viva aparece numa carta endereçada a um dos seus superiores, *sir* Ian Hamilton, logo depois da batalha.

«O tiroteio era demasiado cerrado para permitir segundas linhas», dizia ele a Hamilton. «A única ordem dada foi Volante Direito à Linha, Galope e Carga.» Como eles fugiam, Churchill e os outros lanceiros supuseram que os nativos que disparavam contra eles iam parar ou dispersar-se quando os cavaleiros rompessem a sua linha, no sítio onde estavam de pé ou ajoelhados em quatro filas. Mas isso não aconteceu. Quando os cavalos se empinaram e mergulharam, os derviches «todos caíram surpreendidos, de pernas para o ar, e nós passámos sem qualquer tipo de embate.»(46)

Gerou-se a confusão e acabou-se em combates corpo a corpo. «Eu não ouvia as suas balas», dizia ele a Hamilton, «que iam parar sabe Deus aonde.» Winston continuou a disparar a pistola até se acabarem as munições, «matando vários inimigos – três com certeza – dois duvidosos – um muito duvidoso». (Mais tarde, vangloriava-se à sua mãe de ter matado cinco com certeza.) Reparou então que estava sozinho e que o resto do esquadrão tinha recuado para se reagrupar. Conseguiu juntar-se-lhes, «sem que uma crina do meu cavalo ou um fio da minha farda tivesse sido tocado. São muito poucos», acrescentava, «os que podem dizer o mesmo.»(47)

Em menos de dois minutos estava tudo terminado: «Suponho que foram os dois minutos mais perigosos que vivi em toda a minha vida.» Em 310 homens, as baixas do 21º de Lanceiros foram, entre mortos ou feridos, cinco oficiais, sessenta e cinco soldados e 210 cavalos – um quarto dos seus efetivos.(48) Winston, após a batalha, observou os seus cadáveres no terre-

no e ficou horrorizado ao ver como tinham sido horrivelmente chacinados e mutilados. Mas a toda a sua volta jaziam os cadáveres dos inimigos, abatidos pelas espingardas e metralhadoras *Maxim* do exército, «espalhados como pedaços de jornal». Com efeito, o poder de fogo combinado de mais de 20.000 espingardas e metralhadoras britânicas tinham abatido 11.000 guerreiros derviches atacantes, apenas com 360 baixas em todo o exército. Winston teve o seu momento de ação como cavaleiro, «como nos tempos de antigamente», e sentia-se feliz por ter sobrevivido. Foram a ciência e a civilização que derrotaram decisivamente as forças da barbárie e do fanatismo. «A minha fé na nossa raça e no nosso sangue saiu muito fortalecida» pela vitória, dizia Winston a Hamilton.(49)

Por alturas do Natal, estava de regresso a Bangalore. Depois, em fevereiro de 1899, chegou a sua última oportunidade de liderar o Quarto de Hussardos no campeonato de polo. Apesar de uma nova queda, que lhe lesou o ombro quase permanentemente, levou a sua equipa à vitória sobre o Quarto Regimento de Dragões, por 4-3, perante milhares de espetadores. Foi o seu último momento de triunfo na Índia. Dentro de um mês, deixaria definitivamente a Índia e o exército²⁷.

Como estágio na sua carreira militar, é óbvio que a Índia foi muito importante. Mas como estágio no seu desenvolvimento pessoal, foi uma estadia decisiva. Em relação ao povo e à cultura, não desenvolveu grande sentimento de respeito nem de entusiasmo, ao contrário de alguns britânicos que prestaram serviço na Índia. Pouco antes de partir, fazia notar numa carta que tinha deflagrado a peste em Bombaim e no Sul da Índia, matando perto de setenta mil pessoas. A sua única observação, digna de Winwood Reade, foi: «A Natureza encarrega-se de controlar a população e um filósofo pode observar imperturbável a destruição de alguns milhões de seres humanos supérfluos, cujas vidas seriam necessariamente destituídas de prazer.»

Não obstante, o domínio britânico parecia revelar de que maneira uma grande nação poderia civilizar um povo estrangeiro para o seu próprio bem, introduzindo um bom governo, a lei e a ordem, o respeito pela propriedade e «os frutos do trabalho, do empreendimento, da prosperidade». Não era nada mais nada menos do que a missão do Império Britânico e do *Radj*.

Como mais tarde escreveu, tinha visto «um governo tranquilo vinculado por leis, envolvido em negociações e íntimos relacionamentos» e por «límpidas restrições anglo-índianas, variando entre os mais grandiosos conceitos de magnanimidade liberal e as mais minuciosas obstruções

²⁷ Deixaria também para trás uma conta por pagar no Clube de Bangalore, que até há muito pouco tempo continuava afixada numa moldura, na parede do clube. Uma conta que não era tão pequena como isso. (N. do A.)

e inconveniências de formalidades burocráticas». Mesmo assim, o sistema parecia funcionar. O governo «é paciente, porque, entre outras coisas, sabe que se as coisas forem de mal a pior, pode abater qualquer pessoa. O seu problema consiste em evitar essas odiosas conclusões.»

Na verdade, de certa forma o *Radj* parecera-lhe um modelo para todos os governos. «Força esmagadora do lado dos governantes, objeções inumeráveis para uso de qualquer das suas partes.»(50) Também sabia que paixões mais profundas e mais obscuras se instalavam tanto nos governantes como nos governados, «instintos arraigados de selvajaria, sobre os quais a civilização tinha lançado um véu de espessa dúvida.»(51) Tinha-o visto na chacina dos nativos Patanes pelos guias. Voltou a vê-lo no tratamento dado por Kitchener aos derviches feridos, em Omdurman, onde a maioria foi simplesmente abatida a tiro ou à baioneta numa chacina descontrolada. E voltaria a vê-lo nas ações do general Reginald Dyer na praça cercada em Amritsar, em 1919, que Churchill iria descrever numa frase que recordava das suas leituras de Macaulay: «O mais horrível de todos os espetáculos, é a força da civilização sem a sua clemência.»(52)

Apesar de tudo isso, a Índia iria permanecer como uma preciosa recordação. «A Índia é um enorme encargo, pelo qual nós somos responsáveis», diria ele no início da sua carreira parlamentar. «As vidas, as liberdades, o avanço rumo à civilização – rumo a uma vida melhor e mais feliz – de perto de 300 milhões de pessoas, estão nas nossas mãos.»(53) O *Radj* «não conseguiria resistir – certamente nem sequer um mês – a menos que esteja fundamentado na crença adquirida pelo povo indiano de que os nossos motivos são nobres» e de que «a justiça britânica é o fundamento da dominação britânica». Os criados solenes, de turbante; as varandas iluminadas pelo luar; os marajás jogando polo; os sorridentes soldados penjabis e os temerosos siques – era essa a Índia que recordava e que estremecia. No dia 28 de janeiro de 1944, encontrava-se em Chequers com a sua secretária, Marian Holmes. Estava «num modo de reminiscências», recordava ela anos mais tarde, e falava com saudade dos seus tempos de jovem oficial, cinquenta anos antes, das suas leituras de Gibbon e de Macaulay e das suas partidas de polo, «a outra grande ocupação da sua vida nessa altura.»(54)

Um ano depois, encontrava-se a bordo do HMS *Orion*, a caminho do decisivo encontro com Roosevelt e Estaline, em Ialta. A sua disposição era agora mais sombria. «Durante algum tempo, tive uma sensação de desespero acerca da ligação da Grã-Bretanha com a Índia», escrevia ele à esposa, Clementine, «ainda maior ao pensar no que acontecerá se repentinamente se rompesse... Antevejo terríveis tempestades a aproximarem-se.»(55)

Nessa altura, graças a Mohandas Gandhi, os seus sonhos sobre a Índia tinham-se transformado em pesadelo.

HOMENS EM GUERRA, 1899-1900

No fim, a batalha tem de ser para os fortes.

WINSTON CHURCHILL, 1899

No dia 18 de dezembro de 1897, Gandhi chegava a Durban com a família, a bordo do SS *Courland*. O navio era o orgulho da frota mercante de Dada Abdullah. Além de Gandhi, transportava mais de 250 imigrantes indianos cheios de esperança. A viagem foi difícil, cheia de contínuas tempestades e aguaceiros.

Depois de o *Courland* ter lançado a âncora, mas antes de os passageiros terem desembarcado, as autoridades do Natal decidiram pôr o navio de quarentena. O pretexto foi o facto de ter havido um surto de peste depois de o *Courland* ter largado de Bombaim; Gandhi, porém, não ignorava o verdadeiro motivo: os brancos do Natal queriam manter os imigrantes afastados. Sabiam também que Gandhi vinha a bordo e estavam decididos a que ele nunca voltasse a pôr os pés na África do Sul.(1)

Gandhi tornou-se famoso subitamente na pátria que tinha escolhido, mas não da forma que teria preferido. O seu *Opúsculo Verde*, publicado em 1896, durante a sua estadia na Índia, tinha dado a conhecer as suas preocupações acerca do tratamento que «indianos respeitáveis» sofriam na África do Sul; como eram obrigados a utilizar as mesmas casas de banho e as mesmas entradas em edifícios públicos que os Africanos negros, cuspiam-lhes e insultavam-nos nas ruas, e assim por diante. Na Índia, o opúsculo fez sensação; no Natal, deixou os Indianos emocionados, mas os brancos sentiram-se ofendidos. O procurador-geral do Natal, Harry Escombe, tinha sido vizinho de Gandhi, na exclusiva Beach Grove, e seu aliado. Agora, furioso, era a principal força por detrás da ordem da quarentena, que manteve

o *Courland* imobilizado no porto durante vinte e três dias, que incluíram o Natal e o Ano Novo.

Quando por fim a quarentena foi levantada, o SS *Courland* foi autorizado a acostar. No cais, juntou-se uma multidão de brancos enfurecidos. «Eu estava consciente da minha responsabilidade», escreveu Gandhi mais tarde. «As vidas dos passageiros estavam em perigo e, ao levar comigo a minha família, também a pus em risco.» Gandhi conseguiu esconder a família e pôr em terra os restantes passageiros em segurança. Kasturbai e os seus dois rapazes encontraram refúgio na casa de um dos ricos clientes parsis de Gandhi, que trancou as portas e esperou pelo pior.

Depois, Gandhi desembarcou, caminhando rápida mas facilmente pela prancha de desembarque. Não fez a mínima tentativa para esconder a sua identidade. Com efeito, prosseguiu até à extremidade do porto; foi então que «alguns moços me reconheceram e gritaram: “Gandhi, Gandhi!”» Imediatamente se juntou uma multidão, avançaram ao seu encontro, atirando-lhe pedras e tijolos. «Agarraram-me pelo turbante», escreveu ele, «enquanto outros continuavam a agredir-me e a dar-me pontapés.»(2) Uma mulher branca, esposa do superintendente da polícia de Durban, finalmente interveio, protegendo Gandhi, que sangrava, com o seu guarda-sol. Dois agentes da polícia escoltaram-no até à casa do seu cliente, onde se encontrava Kasturbai, assustada e a soluçar. Foram as suas boas-vindas à África do Sul.

Nessa noite, uma multidão aos uivos cercou a casa, ameaçando incendiá-la e cantando: «Enforcuem o velho Gandhi num ramo de macieira brava!» O superintendente da polícia conseguiu por fim convencê-lo a fugir dali disfarçado e a refugiar-se na esquadra da polícia, onde passou dois dias – o seu primeiro encontro, mas não seria de forma alguma o último, com aquela instituição. Teve muito tempo para refletir sobre a situação e sobre as suas opções. Uma coisa não lhe levantava quaisquer dúvidas: não deixaria a África do Sul sem ter conseguido que se fizesse justiça para ele e para os seus compatriotas.

Na sua autobiografia, escrita quase um quarto de século após o acontecimento, Gandhi descreveu o seu quase linchamento naquele dia de janeiro de 1898 como «o Teste», sem especificar de que tipo. Foi certamente um teste à sua lealdade para com um império que, não obstante toda a conversa de tratamento igual perante a lei para todos os súbditos da rainha, permitiu que o tratassem daquela maneira. Gandhi estava a chegar à relutante conclusão de que o sistema imperial britânico, e a civilização europeia, que indivíduos como Winston Churchill defendiam que aquele sintetizava, era «superior» apenas na projeção da força coerciva, posta em prática quer pelos desordeiros que infringiam a lei quer pelos próprios guardiões da lei,

como a polícia. Tinha mesmo feito um amargo discurso sobre este tema no jantar de Ano Novo, a bordo do *Courland*, antes de desembarcarem.(3) Na África do Sul ou em qualquer outra parte do Império Britânico, o que parecia ter importância não era o que se fazia nem o que se sabia. O que importava era a quem se tinha o poder de fazer mal.

O incidente também foi um teste do princípio hindu oposto que ele tinha abraçado na *New Age* de Londres, e que saíra reforçado dos seus recentes contactos na Índia com um pensador jainista chamado Shrimrad Rajchandra Mehta. Mais tarde, Gandhi colocou Raychandbhai, como gostava de lhe chamar, como uma das três mais importantes influências pessoais na sua vida, e o único que era indiano²⁸. Embora fosse um homem do mundo e irmão de um dos políticos mais poderosos do Congresso Nacional Indiano, Raychandbhai evocava o princípio da não-violência ou *ahimsa* (literalmente, «não prejudicar os outros») em todas as coisas.

Gandhi descrevia Raychandbhai como a figura mais próxima de um *guru*, ou mestre e guia, que alguma vez encontrara.(4) Num mundo que parecia tolerar, aceitar e, nos campos de batalha, até mesmo enaltecere o poder de causar sofrimento aos outros, a rejeição da violência tornou-se para Gandhi uma declaração de independência espiritual, muito idêntica à sua rejeição de comer carne. «Ao usarmos a violência para subjugar os outros», dizia ele muitas vezes, «estamos a usar a violência contra as nossas próprias almas.»(5)

No meio da batalha no cais de Durban, Gandhi recusou resolutamente levantar a mão contra os seus atacantes. Recusou avançar com uma queixa nos tribunais, mesmo depois de o secretário colonial, Joseph Chamberlain, insistir pessoalmente para que o fizesse; a sua recusa granjeou-lhe o respeito até dos brancos do Natal. Gandhi tinha mostrado a força do conselho de Cristo de que deve oferecer-se a outra face e, pelo menos do seu ponto de vista, tinha saído vencedor. Foi uma poderosa lição para o futuro.(6)

Finalmente, Gandhi encarou o incidente como um teste a uma qualidade de carácter, que para ele tinha tanta importância como para o jovem Churchill: a coragem física. Mais tarde, revia na sua mente toda a sequência do acontecimento, uma e outra vez: tinha enfrentado a primeira multidão assassina sem se esquivar, mas tinha fugido à segunda, disfarçado. «Quem pode dizer se procedi dessa forma por ver que a minha vida estava em perigo», perguntava-se ele anos mais tarde, «ou porque não quis pôr em risco a vida e os bens do meu amigo ou as vidas da minha esposa e dos meus filhos?»

No fim de contas, concluía Gandhi, «é difícil avaliar com certeza a forma de agir de um homem perante um determinado conjunto de cir-

²⁸ As outras duas influências foram Leon Tolstoi e John Ruskin. (N. do A.)

cunståncias». (7) No entanto, agindo corajosamente durante o resto da sua vida, *mas sem violênci*a, formou a linha básica do respeito por si próprio. A não-violência «é a suprema virtude do homem corajoso,» declarava. «A não-violência é a virtude própria do ser humano.» No meio de uma guerra mundial, chegaria mesmo a proclamar: «Não se pode ensinar a não-violência a um homem que não consegue matar.» (8)

Tal como Churchill, e como outros vitorianos tardios, Gandhi estava obcecado por padrões de virilidade e de masculinidade. Não surpreende, pois, que a coragem física fosse para ambos uma medida importante do caráter masculino. (9) Mas no caso de Gandhi tinha ainda outra dimensão: desejava banir a imagem estereotipada dos Indianos, em especial os Hindus, como sendo pusilânimes e servis. A coragem física tornou-se para Gandhi uma poderosa medida de igualdade entre Britânicos e não-britânicos, brancos e não-brancos. Ao longo de toda a sua vida, Gandhi esteve sempre determinado a viver de acordo com esta medida, onde quer que a encontrasse.

Durante a guerra sul-africana que estava a aproximar-se, ambos os homens iriam encontrar numerosas oportunidades para enfrentarem o teste supremo de coragem e de caráter²⁹. Na verdade, a guerra iria juntá-los na zona de perigo, no mesmo local mas demaneiras diferentes.

Entretanto, porém, Gandhi voltou a dedicar-se ao seu papel de advogado e de figura influente da organização que tinha ajudado a criar três anos antes, o Congresso Indiano do Natal. A situação dos Indianos na África do Sul estava a deteriorar-se rapidamente. O ataque de que fora vítima foi apenas um entre muitos tumultos anti-imigrantes nesse outono e nesse inverno. Os brancos da classe trabalhadora, em particular, estavam furiosos porque a mão de obra indiana barata ameaçava os seus postos de trabalho. «Reproduzem-se como coelhos», dizia o *Natal Witness*, citando um manifestante exasperado. «O pior é que não podemos abatê-los como coelhos.» (10) Os tumultos, e o ataque contra Gandhi em particular, ofereceram à Assembleia do Natal um pretexto para elaborar uma lei fortemente restritiva à imigração, em abril de 1897, limitando novos imigrantes asiáticos apenas a pessoas detentoras de 25 libras e de um conhecimento funcional da língua inglesa.

²⁹ Esse respeito pelas qualidades viris tornou-os a ambos admiradores dos Bóeres e daquilo que Gandhi chamava «garra, determinação e valentia» e Churchill a disposição do lavrador bóer para «defender corajosamente o solo em que vivia» – embora repugnasse a ambos o racismo violento dos Bóeres. (N. do A.)

A legislação não era apenas uma afronta racial e um desafio ao que Gandhi denominava «o lugar certo da classe superior» de Indianos, tal como tinha sido a Lei Eleitoral.⁽¹¹⁾ Era um grave golpe económico contra os comerciantes como Dada Abdullah, que tinham beneficiado com a imigração indiana em massa, nos seus negócios de transportes marítimos e de prestamista. Muitos empresários brancos também dependiam da mão de obra barata nas suas plantações de açúcar e nas minas de carvão. O Congresso entrou mais uma vez em ação, com abaixo-assinados e com irritados artigos nos jornais. Mas mais uma vez tudo foi em vão.

O governo britânico em Londres concordou oficialmente com a Lei Eleitoral, com a Lei de Restrição à Imigração e em seguida com a Lei de Licenças aos Negociantes, que permitia às autoridades municipais indeferir ou recusar a renovação das licenças comerciais aos comerciantes indianos (o que, pressionadas pelos brancos, faziam cada vez com mais frequência), sem necessidade de qualquer justificação. A aprovação da Coroa foi uma derrota esmagadora, ainda mais humilhante pelo facto de que muitos indianos achavam que os esforços sinceros de Gandhi só tinham conseguido irritar mais os brancos, garantindo a aprovação da lei.⁽¹²⁾

Se a situação dos Indianos era má no Natal, era ainda pior na República Bóer do Transval. Ali, nem o ministério das Colónias nem o Conselho do vice-rei em Calcutá se tinham levantado para defender, ainda que simbolicamente, os direitos dos Indianos. Os Bóeres eram livres de fazer o que quisessem. Em 1895, com efeito, arrumaram os comerciantes indianos em guetos separados ou «bazares», nos limites das cidades como Pretória ou Joanesburgo. Os Indianos protestaram e pediram ao ministério das Colónias que interviesse, mas nem mesmo o seu velho amigo e protetor, lorde Ripon, pôde fazer alguma coisa. Em agosto de 1898, Gandhi conseguiu que um tribunal do Transval aceitasse um recurso sobre as restrições dos bazares; só conseguiu que os juízes bóeres decidissem oficialmente contra ele.

O golpe foi particularmente grave para Gandhi, chegado na pior altura possível. Na sua magnífica residência em Beach Grove, a vida da sua família estava um caos. Travou uma discussão espetacular com Kasturbai por causa de um bacio. Gandhi tinha começado a simplificar e a reduzir a criadagem, como parte de um crescente e desprendido puritanismo nos seus hábitos pessoais e profissionais. Aos trinta anos de idade, decidiu subitamente que podia desempenhar muitas das humildes tarefas que habitualmente deixava entregues aos criados ou a Kasturbai, como cozinhar, lavar e até (com resultados hilariantes) cortar o próprio cabelo.

Outra das tarefas consistia em despejar os bacios da casa, uma desagradável tarefa caseira numa família numerosa, composta pela esposa e três filhos, e incluindo um sobrinho, doze criados e a equipa de trabalho.

E apenas uma casa de banho interior. Um dia, irrefletidamente, ordenou a Kasturbai que fosse despejar o bacio do seu escrvão.

As experiências de Kasturbai na África do Sul não tinham sido felizes, para não dizer pior. Considerou o local totalmente estranho e as pessoas hostis, para não dizer violentas. A insistência de Gandhi em governar Beach Grove Villa como uma casa europeia significou que ela teve de pôr de lado os rituais domésticos hindus, que para ela eram sagrados. Além disso, Gandhi obrigou-a a usar sapatos à moda do Ocidente, que lhe apertavam os pés e um sari segundo um modelo parsí, porque Gandhi dizia que os Parsis eram «os mais civilizados» entre as comunidades de imigrantes indianos.(13)

Agora, estava a exigir-lhe que tocasse na imundície de um estranho – um ato de contaminação, próprio só de um indiano da casta mais baixa.

Kasturbai explodiu de raiva. Com o rosto lavado em lágrimas, gritou para Gandhi: «Fica lá com a tua casa e deixa-me ir embora!» Gandhi também perdeu a calma; a gritar, arrastou-a até à porta, para a expulsar; finalmente, a soluçar, Kasturbai convenceu-o a deixá-la partir.

Para Gandhi, foi um episódio extraordinário, quase único. Marido e mulher depressa se reconciliaram, mas o incidente iria atormentá-lo durante anos.(14) Parte dele próprio certamente se apercebeu de que a sua explosão de raiva não era apenas contra o desafio de Kasturbai, mas contra toda a situação no Natal.

Os seus esforços no interesse dos seus compatriotas e clientes tinham fracassado. Tornou-se um para-raios para as críticas na comunidade e nos jornais indianos. Os filhos não estavam a receber educação – Gandhi sentia que não seria justo usar influências especiais para os inscrever numa escola do Natal, enquanto os restantes indianos não beneficiavam desse privilégio³⁰.

No verão e no outono de 1899, era um homem isolado, infeliz e cada vez mais frustrado, vivendo em desacordo com os seus próprios princípios. As suas crenças religiosas, a sua cultura nativa e os seus amigos da *New Age* devem ter-lhe parecido muito distantes.

Os acontecimentos, porém, estavam prestes a sacudi-lo do torpor da sua rotina limitada – transformando, nesse processo, tanto a África do Sul como o Império Britânico.

³⁰ De acordo com a sua própria confissão, os seus esforços para educar os filhos foram «inadequados». Harilal e Manilal iriam ressentir-se da negligência do pai em lhes possibilitar uma escolaridade formal. Mais tarde, a sua desculpa seria que pretendeu deixá-los libertos dos «grilhões» de uma educação formal à europeia. A verdade é que andava demasiado ocupado e não tinha tempo para eles. (N. do A.)

O verão de 1898 foi o último grande período do imperialismo britânico, a última gloriosa iridiscência de confiança e de orgulho insaciável. O Jubileu de Diamante do ano anterior tinha recordado a todos os súbditos de Vitória que ainda faziam parte do maior império à face da Terra, que se estendia por quinze milhões de quilómetros quadrados. Gandhi e o Congresso do Natal enviaram ao palácio de Buckingham felicitações oficiais, «como sinal do nosso júbilo». Agradeciam à rainha «pela paz de que gozamos na Índia... e a confiança na segurança e na prosperidade que nos permite aventurarmo-nos no estrangeiro». Gandhi tinha até ensinado aos filhos a cantar «God Save the Queen» em inglês.(15)

Em 1898, o vencedor de Omdurman, Herbert Kitchener, garantiu a hegemonia britânica sobre o Sudão, aniquilando as ambições imperiais francesas em Fashoda. No Egito e no Suez, o governador-geral, lorde Cromer, tinha reduzido a dívida do país, abolido a mão de obra forçada e a prática das chicotadas, criando uma competente administração pública egípcia, segundo as linhas indianas. Na colónia do Cabo, Cecil Rhodes sonhava com a construção de uma via-férrea Cidade do Cabo-Cairo, ligando a África de Norte a Sul, e colocando todo o vasto interior sob o domínio britânico. «Somos a primeira raça do mundo», explicava ele, «e quanto mais mundo governarmos, melhor será para a humanidade.» Ninguém, certamente nenhum falante da língua inglesa, estaria em desacordo.(16)

Nem tão-pouco Mohandas Gandhi. Nesse mesmo ano, chegou um novo comissário para a colónia britânica do Cabo. Alfred Milner era um protegido de Cromer e possuía idêntico espírito confiante e até arrogante. Milner pretendia quebrar o poder das repúblicas bóeres, como um passo importante para confirmar o poder britânico e fazer da África do Sul um país civilizado – o que, na sua ideia, era a mesma coisa. Como comissário, pressionou pesadamente os Bóeres do outro lado da fronteira para que respeitassem os direitos dos súbditos britânicos que viviam no meio deles, incluindo, ironicamente, os indianos que viviam no Transval. Por breves momentos, Gandhi julgou ter encontrado um aliado, se não exatamente um defensor.(17)

No entanto, o verdadeiro objetivo de Milner era assegurar o controlo sobre as minas de ouro do Transval, que naquele momento forneciam quase um terço das provisões mundiais em ouro. Para apoiar as suas ameaças contra os Bóeres, Milner ameaçou levar tropas britânicas. O presidente do Transval, Paul Kruger, advertiu-o para que desistisse da ideia. Milner ignorou o ultimato de Kruger em outubro, e a situação explodiu numa guerra – exatamente o que Milner e o governo britânico desejavam há muito.

Os Britânicos partiram do princípio que seria uma vitória fácil. Muitos dos amigos da contracultura de Gandhi, em Londres, opunham-se à

guerra, por ser uma agressão não provocada contra um povo livre (ignorando convenientemente a brutal opressão dos Bóeres sobre a maioria negra do Transval). Gandhi, porém, não se lhes juntou. Considerou o apoio à guerra contra os Bóeres como uma obrigação e como uma oportunidade.

Em 1899, Gandhi ainda «rivalizava com os Ingleses» na sua lealdade para com a Grã-Bretanha e na defesa do axioma de que «o governo britânico era no seu todo benéfico para os governados», na Índia, no Natal ou em qualquer outro lado. Ainda acreditava que a barreira da cor na África do Sul era «absolutamente contrária às tradições britânicas» e apenas transitória. Assim que a guerra estivesse ganha, a justiça prevaleceria e os Indianos haviam de colher a recompensa por mostrarem a sua dedicação à rainha e ao país.

Esta era pelo menos a essência da proposta de Gandhi aos seus colegas membros do Congresso Indiano do Natal. «Se exige os direitos de cidadão britânico», dizia-lhes ele, também era seu dever «participar na defesa do Império Britânico.»(18) A questão era saber como, uma vez que a ideia de guerra desafiava diretamente o seu compromisso de não-violência.

A solução encontrada por Gandhi foi a organização de um corpo de ambulâncias. No ano anterior, tinha começado a exercer o voluntariado num hospital gratuito para pobres e indigentes, em Durban, dirigido por um médico missionário branco, chamado Lancelot Booth. Foi o primeiro verdadeiro contacto de Gandhi com trabalhadores pobres indianos, homens e mulheres doentes com febres ou sofrendo de desnutrição ou de acidentes de trabalho. Tinha gostado daquele trabalho; na verdade, tratar dos doentes tornou-se, como mais tarde afirmou, uma das «duas paixões» da sua vida. A outra era o seu patriotismo britânico.(19)

Gandhi defendia perante os seus compatriotas do Natal que socorrer e tratar os feridos britânicos seria uma forma importante «de mostrar aos colonos que eram súbditos dignos da rainha». Poucos deles sabiam manejar armas de fogo: os indianos do Natal estavam proibidos de as possuir. Mas, como médicos militares, poderiam impressionar o governo com a sua coragem e empenho, e constituir um capital político que mais tarde poderiam usar. Assim, no dia 19 de outubro de 1899, o primeiro grupo de voluntários indianos reuniu-se para se alistarem, declarando-se «prontos a cumprir as suas obrigações para com a sua soberana no campo de batalha» contra os Bóeres. O nome de Gandhi era o primeiro da lista.(20)

Gandhi não era o único a ver na guerra dos Bóeres uma oportunidade de estar na linha da frente.

No início desse mês, exatamente no momento em que as tensões com os Bóeres estavam a atingir o auge, Milner recebeu uma carta de Joseph Chamberlain no ministério dos Negócios Estrangeiros em Londres.

«Escrevo-lhe estas linhas para antecipar uma provável visita de Winston Churchill», dizia a carta, «que vai como correspondente para o *Morning Post*... É um jovem muito inteligente, dotado de muitas das qualidades do seu pai. Tem fama de ser presunçoso, mas eu pessoalmente não o considero tal, e, se o for, o tempo vai contribuir para o curar desse defeito.» Chamberlain acrescentou: «É um bom escritor e cheio de energia. Tem esperança de chegar ao Parlamento, mas é entravado pela falta de meios para lá chegar.»(21)

Com efeito, Winston, aos vinte e quatro anos, tinha já tentado ser eleito por Oldham, no Lancashire, mas perdera. A melhor maneira de conquistar votos, da próxima vez, pensou ele, era lançar-se no meio de uma nova guerra, especialmente uma guerra que estivesse tão garantida como a dos Bóeres. A sua única preocupação era que o exército britânico desse conta do recado antes de ele lá chegar e assim a luta estaria terminada. Desta vez, certamente, não ia ficar desapontado.

No dia 14 de outubro de 1899, Winston fez-se ao largo, partindo de Southampton no navio que levava o novo comandante supremo das operações na África do Sul, o general Redvers Buller. Juntou-se uma enorme multidão na doca para cantar «Rule Britannia» e «God Save the Queen». (22) Tudo era de molde a prometer uma excitante aventura imperial e Winston tinha acrescentado ao seu *kit* tropical um bom stock de champagne e de uísque, bebidas em que se tinha viciado na Índia.(23)

Outro correspondente, J. B. Atkins, lobrigou-o no convés, «magro, cabelo ligeiramente arruivado, pálido, cheio de vida, precipitando-se com frequência ao longo do convés, correndo frequentemente a debruçar-se sobre a amurada». Winston lutava contra o enjoo³¹ e ao mesmo tempo contra uma impaciência febril de chegar à Cidade do Cabo, para poder iniciar o seu futuro. «Nunca antes tinha deparado com este género de ambição», confessou Atkins, «descarada e francamente egoísta... Como se no seu íntimo se tivesse acendido uma luz, que repentinamente começou a brilhar-lhe nos olhos.»(24)

Toda a gente estava convencida de que uma guerra que opunha a maior potência do mundo contra um reduzido grupo de agricultores como os Bóeres, para mais inferiores em número, rapidamente redundaria numa vitória da primeira. Mas no próprio dia em que Churchill chegou à Cidade do Cabo, a guarnição britânica de Ladysmith, no Natal, sofreu um pesado revés. Os Bóeres poderiam estar em desvantagem numérica, mas estavam bem armados com modernas espingardas *Mauser* e até artilharia de cam-

³¹ Churchill não era bom marinheiro, ao contrário de Gandhi, que nunca se sentia enjoado, mesmo durante as piores tempestades. (N. do A.)

panha, e estavam bem comandados. Atuando de acordo com o princípio de que a melhor defesa é o ataque cerrado, entraram em tropel no Natal e rapidamente cercaram alguns pontos-chave, como Ladysmith, o nó ferroviário entre Durban e o Transval.

Em Nicholson's Neck, a norte de Ladysmith, os Britânicos, para sua grande consternação, tiveram duzentos mortos e entregaram mil e duzentos prisioneiros aos vaqueiros que falavam africânder. «Subestimámos notavelmente a força militar e o espírito dos Bóeres», escrevia Winston à sua mãe, quando soube a notícia. E predisse: «Temos pela frente uma luta feroz e sangrenta.» Efetivamente, os Bóeres tinham começado tão bem que, quando Winston se apresentou ao comissário Milner, este confessou o seu receio de que a insurreição dos Bóeres poderia alargar-se à Colónia do Cabo.(25)

Winston apercebeu-se de que os combates mais acesos iriam ter lugar no Natal e estava ansioso por se dirigir para lá. Tomou um comboio da Cidade do Cabo para Port Elizabeth, o último antes de os Bóeres cortarem a linha. Dali, subiu a bordo de um vapor para Durban onde, nesse preciso momento, Gandhi organizava um curso intensivo de cuidados médicos, destinado aos recrutas do corpo de ambulâncias.(26)

Iam ser bem necessários. Na enfermaria do navio, teve a surpresa de encontrar um camarada oficial do Quarto de Hussardos, Reggie Barnes. Barnes tinha sido ferido numa perna no decurso de uma acesa batalha, perto de Elandslaage. Falou a Winston da perícia dos Bóeres com cavalos e com espingardas e da sua bravura e determinação. Demonstraram ser mestres em terreno árido e acidentado, o tipo de terreno em que iam travar-se as batalhas da Guerra dos Bóeres.(27) Esta não ia ser uma vistosa aventura, como Omdurman ou o Vale Malakand. Ia ser uma guerra terrível de brancos matando brancos, servindo-se das armas mais recentes, disparando de trincheiras e detrás de arame farpado – prelúdio aterrador aos futuros massacres que viriam com a Grande Guerra.

O comboio de Durban levou Winston até Estcourt, quarenta e cinco quilómetros a sul de Ladysmith, onde se encontrou com outro antigo conhecido do exército, o capitão Aylmer Hadane, e com um antigo condiscípulo, Leo Amery, agora correspondente do *Times* de Londres. Ficaram ali retidos, porque a linha dos caminhos de ferro tinha sido cortada. Um batalhão de fuzileiros de Dublin e um punhado de voluntários de infantaria do Natal, era tudo o que havia entre os Bóeres e Durban. O comandante de Haldane tinha-lhe ordenado que levasse os homens de Dublin num comboio blindado e fosse reconhecer o percurso em frente. Sem hesitar, Winston ofereceu-se como voluntário para o acompanhar.

«Não há nada mais formidável nem mais impressionante do que um

comboio blindado», escreveu Winston, «mas também nada há realmente mais vulnerável nem mais indefeso.» A longa fila das carruagens couraçadas com a locomotiva no meio puseram-se em marcha antes da madrugada, debaixo de uma chuva diluviana. No entanto, o tempo clareou e, depois de chegarem ruidosamente a cerca de vinte quilómetros de Estcourt, pararam para verificar os carris num estreito desfiladeiro. Subitamente, Churchill e Haldane aperceberam-se de que as colinas à sua volta e por detrás deles, debruçadas sobre a via-férrea, enxameavam de bóeres.

O inimigo abriu fogo com espingardas e artilharia. Um obus explodiu por cima da cabeça de Winston – «a minha primeira experiência com estilhaços», escreveu mais tarde, laconicamente, «e quase a última».(28) O comboio fez marcha-atrás; mas teve de fazer uma curva apertada, para onde os bóeres tinham rolado um enorme pedregulho sobre os carris. O vagão blindado da retaguarda colidiu com ele, e mais dois descarrilaram, bloqueando qualquer fuga. Churchill, Haldane e os seus homens estavam encurralados.

Não havia tempo para pensar. Winston saltou para o chão e correu para a locomotiva. O maquinista civil tinha sido atingido de raspão na cabeça por um estilhaço e não queria voltar a pôr-se em perigo; Winston, porém, convenceu-o a regressar à cabine, repetindo-lhe o velho e claramente falso axioma do exército: «Ninguém é ferido duas vezes no mesmo dia.»(29) Em seguida, Winston tentou reunir homens para moverem as carruagens descarriladas e libertar os carris, embora as balas dos bóeres assobiassem à sua volta e os obuses rebentassem em redor deles.

Os homens de Dublin pousaram as espingardas para empurrarem as carruagens descarriladas. «O inimigo, aliviado do nosso contrafogo», como Winston descreveu, «era agora completamente visível em grande número na encosta da colina, disparando incansavelmente.»(30) Por fim, o trilho ficou desimpedido. Winston trepou para a locomotiva, que estava repleta de feridos, e ordenou ao maquinista que recuasse lentamente. Mas os bóeres, apercebendo-se de que o comboio estava a tentar escapar, redobraram o tiroteio, dispersando os soldados em todas as direções. «A ordem e o controlo desvaneceram-se... A locomotiva, acelerando o andamento», afastou-se e, antes que Winston pudesse mandar parar o maquinista, deixou os militares de Dublin cerca de quinhentos metros para trás.

Churchill ordenou ao maquinista que esperasse, enquanto ele ia a pé procurar Haldane e os seus homens, ignorando que eles já se tinham rendido. Bruscamente, apareceram dois bóeres. Winston voltou-se para trás e desatou a correr em direção à locomotiva. Os tiros dos bóeres voaram junto da sua cabeça com o silvo peculiar, recordava ele, como «dois beijos suaves, sugando o ar». Atirou-se ao chão, mas não conseguiu abrigar-se no recorte

estreito da via-férrea. Depois de se esquivar a mais algumas balas, trepou pela rampa de cerca de um metro e oitenta para escapar.

Surgiu então, não se sabe donde, um cavaleiro que lhe cortou o caminho. Winston procurou a sua fiel pistola *Mauser*, mas não a tinha com ele, tinha-a deixado na cabine da locomotiva quando tentava desimpedir os carris. Nada mais podia fazer senão erguer os braços: «Imediatamente, o meu inimigo baixou a espingarda e fez-me sinal que fosse ter com ele.» Minutos depois, foi reunir-se a Haldane e aos seus sessenta e seis homens ilesos, na qualidade de prisioneiros de guerra e arrastaram-se exaustos para o cativeiro. Mais tarde, conheceram o comando bóer que tinha colocado o pedregulho nos carris. Era «um simpático cavalheiro... esperava que não ficassemos aborrecidos com as suas más intenções. Respondemos que de forma alguma, e que com muito prazer faríamos o mesmo por ele algum dia.»(31)

Winston passou quase um mês num campo de prisioneiros de guerra, uma escola do Estado transformada, nos arredores de Pretória, juntamente com outros oficiais britânicos, entre eles Haldane. Os Bóeres estavam encantados com o ilustre jovem, seu hóspede. Num fluxo quase ininterrupto, vieram vê-lo e entrevistá-lo alguns generais, jornalistas e dignitários, incluindo o cônsul norte-americano. Mesmo assim, para Churchill o cativeiro era «uma grande maçada desde manhã até ao escurecer», e tanto ele como os seus camaradas prisioneiros «não pensavam noutra coisa a não ser a liberdade, e davam voltas ao cérebro para descobrirem uma forma de se evadirem».(32)

Winston tentou a via legal, protestando que era um jornalista não-combatente e Haldane chegou mesmo a assinar uma declaração onde afirmava que Winston não tinha tomado parte na batalha (o que dificilmente podia considerar-se verdadeiro). O comandante bóer recusou. Mesmo assim, Churchill continuou esperançado.(33) Ficou emocionado quando os jornais noticiaram a sua prisão, falando também da sua coragem na desobstrução da via-férrea e na tomada da locomotiva. Estava feita a sua celebridade. Nem sequer o facto de ter passado na prisão o seu 25º aniversário conseguiu deixá-lo deprimido ou diminuir a sua impaciência em fugir.

Finalmente, no dia 12 de dezembro de 1899, o comandante bóer cedeu e assinou a ordem de libertação para Churchill. Na manhã seguinte muito cedo, um ordenança dirigiu-se à cela de Churchill para o despertar; mas não veio qualquer resposta de sob os cobertores.

Por fim, o homem baixou-se para o sacudir e para o acordar – só então se apercebeu de que a cama estava cheia de almofadas. Na mesma noite em que tinha sido assinada a ordem de soltura, o ilustre prisioneiro tinha escapado pela vedação e tinha-se evadido.(34)

O plano de fuga fora de Haldane e não de Churchill. Com efeito, se Haldane e um seu camarada, um robusto sargento da Cavalaria Ligeira Imperial chamado Brockie, tivessem seguido o seu caminho, ele não teria ido longe. Brockie considerava Churchill um sério empecilho, com o ombro lesionado e o rosto conhecido por toda a parte graças aos jornais, Winston insistiu que podiam contar com ele e Haldane conseguiu convencer Brockie de que Churchill faria tudo como devia ser.

O trio planeava saltar a vedação num recanto desguarnecido, por detrás das latrinas do campo, na noite de 11 de dezembro; mas o aparecimento inesperado de uma sentinela obrigou-os a abandonar a tentativa. Voltaram a tentar na noite seguinte, mas aconteceu a mesma coisa. Brockie e Haldane retiraram-se então para as latrinas; Winston ficou fora, à espera. Quando eles voltaram, a sentinela tinha desaparecido; e Winston também. Quando o bóer voltou as costas e se afastou da vedação, Winston viu a sua oportunidade e saltou, deixando para trás os camaradas.

«O amigo em quem você confiava», repetia Brockie revoltado. «Um cavalheiro, não haja dúvida!» Os outros oficiais no campo também ficaram furiosos; quaisquer outros planos de evasão eram agora inúteis, uma vez que a fuga de Winston fora conhecida e as medidas de segurança tinham sido reforçadas.(35) Mesmo assim, sem Brockie, que falava africânder, Winston não tinha hipóteses de comprar comida ou fosse o que fosse sem ser detetado; e encontrava-se a cerca de quatrocentos e cinquenta quilómetros da Baía da Lagoa (hoje, «Baía de Maputo»), na África Oriental Portuguesa, e da segurança.

«Mas, se a esperança se tinha afastado», escreveria Winston mais tarde, «o receio também. E esbocei um plano.»(36) A coberto da noite e servindo-se das estrelas para se orientar, caminhou em direção à via-férrea para tentar esconder-se num comboio que o levaria para leste, até ao porto de Lourenço Marques. Durante quase uma semana, conseguiu esconder-se em carruagens vazias e na casa de um inglês, empregado nos caminhos de ferro da Baía da Lagoa.

Finalmente, no dia 19 de dezembro, embora os Bóeres tivessem distribuído cartazes procurando «um inglês, 25 anos, com 1,70 metros de altura, constituição média, caminha com uma ligeira inclinação... não consegue pronunciar a letra “s”». O protetor inglês de Winston conseguiu enfiá-lo num vagão carregado com fardos de lã, para atravessar a fronteira portuguesa. No dia seguinte, precipitou-se para o consulado britânico em Lourenço Marques, pedindo em primeiro lugar aquilo de que mais necessitava: um bom banho.(37)

Churchill tornou-se instantaneamente numa celebridade. A história da sua evasão audaciosa (ainda ninguém tinha conhecimento da versão de

Haldane) e da sua vida em fuga era algo que estava para além de um filme de ficção; combinada com o heroísmo que mostrara no comboio blindado, revelava ser ele um homem dotado de audácia, coragem e iniciativa – juntamente com uma extraordinária dose de sorte. A história heroica de Winston era especialmente saudada quando todas as outras notícias da guerra eram negras. No dia quinze, *sir* Redvers Buller sofrera uma humilhante derrota em Clenso, perdendo mais de mil e cem homens e dez peças de artilharia, tornando-se o primeiro general britânico que perdeu um canhão, em mais de uma centena de anos.(38) Winston Churchill ofereceu ao público britânico algo com que se regozijar, e sentia-se deleitado por ajudar a liderar esse regozijo.

No dia 23 de dezembro de 1899, chegou de vapor ao porto de Durban, perto do local onde tinha desembarcado Gandhi dois anos antes, mas com uma recepção absolutamente diferente. Quando desceu da ponte de comando, a multidão que se apinhava no cais rompeu «em vibrantes aplausos», noticiava o *Natal Mercury*, e toda a gente reconheceu «o seu rosto redondo de criança, debaixo de um grande chapéu de abas». Winston fez um discurso de improviso, afirmando que os esforços dos Bóeres para expulsar os Britânicos da África do Sul tinham redundado em fracasso. «Quando por fim a Grã-Bretanha prevalecer», concluía ele, «vereis neste país o início de uma nova era... uma era de paz, pureza, liberdade, equidade e bom governo na África do Sul.»(39)

Ovacionado com exclamações de alegria e gritos de «Deus te abençoe, meu filho!», seguiu para os Paços do Conselho e daí para a estação dos caminhos de ferro, escoltado por uma multidão atrás do seu riquexó, precedidos por uma enorme bandeira da Union Jack. Ainda continuavam a aplaudi-lo quando o comboio partiu e finalmente desapareceu na distância. Agora, nada podia detê-lo. Dois meses depois, durante o socorro a Ladysmith, um oficial britânico viu um jovem que envergava o uniforme da Cavalaria Ligeira Sul-Africana e falava com o general comandante, *sir* George White, num tom de irritada superioridade.

«Mas quem diabo é este?», perguntou o oficial, quando o jovem se retirou. «É Winston, o filho de Randolph Churchill», respondeu White. «Não gosto do indivíduo, mas um dia há de ser primeiro-ministro de Inglaterra.»(40)

Winston permaneceu mais sete meses na África do Sul, onde testemunhou algumas das mais sangrentas batalhas daquela guerra. Em janeiro, o exército britânico reorganizado, sob o comando do general Roberts, tentou levantar o cerco a Ladysmith torneando uma cadeia de colinas a sul da cidade, em Spion Kop. Churchill, integrado no Corpo de Cavalaria Ligeira Sul-Africana mas agora repórter-estrela do *Morning Post*, galopou para po-

der observar a brigada do major-general Edward Woodgate avançando até às trincheiras dos bóeres e até ao topo das colinas.

Na manhã seguinte, os bóeres contra-atacaram. «Começaram imediatamente por bombardear furiosamente o cume», narrava Winston aos seus leitores, causando numerosas baixas e ferindo mortalmente o general Woodgate. «Não há palavras nestes dias de expressões empoladas», escrevia ele empoladamente, «que possam expressar a gloriosa resistência que os regimentos ingleses – porque todos eles são ingleses – mostraram ao longo das horas intermináveis sob o fogo da artilharia», que cobriu a encosta com nuvens de fumo e de pó.(41) No sopé da colina, movimentava-se uma corrente contínua de feridos, incluindo o general Woodgate estendido num *dooli* ou maca. Observando a cena pelo seu óculo, Winston nunca chegaria a saber que a esguia figura, vestida de caqui, que transportava a maca do general era Mohandas Gandhi.

Quando Gandhi se ofereceu como voluntário para o serviço de ambulâncias, a primeira reação foi de incredulidade e até de escárnio. «Vocês, os Indianos, nada sabem de guerra», disse-lhe um legislador do Natal. «São vocês que precisam de ajuda, não podem pensar em ajudar-nos a nós.»(42)

Era uma noção assente do imperialismo britânico que os Hindus, ao contrário das «raças belicosas» muçulmanas, eram inaptos para uma vida viril de perigo e esforço. Estavam convencidos de que um dos motivos era o seu regime vegetariano – meras «lavaduras», como Churchill terá dito. Com efeito, Gandhi referia uma cantiga guzarate da sua infância, que utilizava o vegetarianismo para explicar toda a história do *Radj*:

*Vejam como o Inglês forte
Pisa o Indiano fracote,
Pois da carne consumida
Resulta força acrescida.*

Gandhi estava decidido a provar que o mito estava errado. Os motoristas e médicos do seu serviço não iam apenas atuar como serventes de hospital. Queria-os na linha da frente, arriscando a vida ao lado dos Britânicos, para mostrar que tinham a mesma «coragem, determinação e valentia» que os Bóeres e os restantes brancos.(43) Os voluntários que conseguiu eram todos qualificados do ponto de vista médico para exercer na frente de combate e o dr. Booth tinha-lhes dado formação intensiva em medicina própria dos campos de batalha.

Gandhi arranjou mil e cem voluntários indianos. Eram uma mistura do ponto de vista étnico, religioso e de casta. Apenas trezentos não eram trabalhadores contratados e os restantes provinham de estratos igualmente humildes. Os amigos comerciantes de Gandhi mostraram-se generosos com o seu dinheiro, mas arranjaram desculpas para não arriscarem nem as suas vidas nem as dos seus filhos. Gandhi não se importou. Os homens que tinha sob o seu comando tinham nascido e sido educados para suportar privações; muitos deles eram cristãos, com quem Gandhi tinha gostado de trabalhar no hospital de Booth.⁽⁴⁴⁾ Gandhi estava convencido de que iriam deixá-lo orgulhoso, a ele e à nação indiana.

A sua primeira missão consistiu em tratar dos feridos após a derrota em Colenso, a 15 de dezembro. Um dos feridos de quem Gandhi tratou pessoalmente era o filho único do general Frederick Roberts, mentor de Randolph Churchill nas questões indianas – ironicamente, o homem que, mais do que qualquer outro, tinha institucionalizado a noção dos Hindus como «raças não combativas». Agora, o general Roberts estava a caminho, para assumir o comando supremo na África do Sul. O tenente Roberts morreu dos ferimentos, cinco dias antes da chegada do pai.

Gandhi ficou impressionado com o jovem Roberts e com os restantes soldados ingleses, que de boa vontade partilhavam os seus cantis com os camaradas de pele escura. «Devo dizer que havia um espírito de fraternidade, independentemente da cor ou do credo de cada um», escreveu ele mais tarde, bem como o espírito do *Bhagavad Guita*, segundo o qual os homens capazes cumpriam a sua obrigação enfrentando alegremente o perigo.⁽⁴⁵⁾ Assim, enquanto Winston Churchill entusiasmava os leitores do *Morning Post* mostrando como a guerra fazia sobressair as características das «raças fortes», outro correspondente foi descobrir Gandhi, após um dia de trabalho extenuante, acorrido ao lado da sua ambulância e comendo os biscoitos regulamentares do exército, deixando transparecer «uma atitude estoica, agradável e confiante».⁽⁴⁶⁾

O exército britânico começou por se mostrar relutante em enviar os Indianos para a ação, com receio de inflamar os sentimentos raciais dos Bóeres³². Mas os acesos combates em Spion Kop obrigaram os altos comandos a pôr de lado os seus escrúpulos: Gandhi e os seus maqueiros receberam ordem para avançar.

«Não tivemos a mínima hesitação» em avançar, escrevia Gandhi orgulhosamente, quando as ambulâncias se juntaram no sopé da montanha,

³² Pela mesma razão, não havia regimentos indianos em campanha. Quando o general Roberts tentou colocar um oficial indiano no seu estado-maior, o governo colonial nervosamente vetou a ideia, não obstante a intervenção pessoal da rainha a favor do oficial. (N. do A.)

com as bandeiras da Cruz Vermelha a tremular ao vento. Entretanto, enquanto mortos e feridos se amontoavam numa «confusão sangrenta e fétida», o tenente Churchill, no cimo de uma colina próxima, observava a cena.

Por volta das quatro horas da tarde, Churchill não conseguiu por mais tempo estar sentado a observar. Ele e um camarada de armas cavalgaram até abaixo, atravessaram «a aldeia de ambulâncias» e, apeando-se dos cavalos, treparam até ao topo.

«Torrentes de feridos vinham ao nosso encontro obstruindo-nos a passagem», escreveu ele, «com homens cambaleando sozinhos ou apoiados nos camaradas, ou rastejando sobre as mãos e sobre os joelhos, ou transportados em macas.» Com efeito, ele e Gandhi devem ter passado literalmente a poucos metros um do outro, uma vez que um dos homens que Gandhi transportava era Woodgate ferido – algo de que se ainda lembraria com orgulho mais de quarenta anos depois.(47)

Os maqueiros de Gandhi tinham de transportar os feridos durante quilómetros, em terrenos que as frágeis ambulâncias não podiam atravessar, para os levarem para os hospitais de campanha. Nalguns casos, chegavam a percorrer mais de trinta e cinco quilómetros num só dia. Gandhi ficou contente quando ouviu alguém dizer que não acreditava haver elementos europeus das ambulâncias que conseguissem fazer aquelas viagens debaixo daquele sol abrasador sem comida nem água.(48) O general Redvers Buller referiu a valentia dos Indianos em Spion Kop nos seus relatórios, e Gandhi, juntamente com mais trinta e sete voluntários, foram agraciados com a Medalha de Guerra. A medalha tem a efígie da rainha numa das faces e na outra a figura de Britannia com elmo, chamando em seu auxílio os Sul-Africanos. Apareceu até um poema enaltecendo os seus feitos e que terminava com o seguinte refrão: «Afinal, somos filhos do império.»

Algumas semanas mais tarde, o Corpo Indiano de Ambulâncias foi dissolvido. «Mostrastes o vosso patriotismo e honrastes a vós próprios e ao vosso país», escrevia Gandhi em abril a um dos líderes da organização.(49) Podia agora descansar e esperar que a guerra acabasse e que começasse a nova era de liberdade e de igualdade que Churchill e os outros prometiam à África do Sul. «Todos acreditavam que os agravos feitos aos Indianos iam agora seguramente ser corrigidos», escrevia Gandhi mais tarde.(50)

Porque o fim estava finalmente à vista – pelo menos assim parecia. Ladysmith foi libertada no dia 1 de março de 1900. Joanesburgo caiu a 31 de maio. Dias depois, os Bóeres abandonaram Pretória; e a 5 de junho, o lorde Roberts e o seu exército entravam na capital do Transval. Um dos primeiros a chegar foi o tenente Churchill, que fez o caminho mais curto para a escola onde os oficiais seus camaradas ainda continuavam detidos. Às oito horas e meia da manhã, «apareceu repentinamente Winston Churchill

a galope pela colina», recordava um prisioneiro atônito, «arriou a bandeira bóer e içou a nossa, no meio de um coro de vivas».(51)

Winston tomou parte em mais um tiroteio, em Diamond Hill a leste de Pretória, a 11 de junho. Mas com a guerra quase a terminar e a missão completada, estava impaciente por deixar a África do Sul. Dois dias antes, tinha escrito à mãe: «Propus o meu regresso a casa...A política, Pamela [Pamela Plowden, filha de um funcionário público indiano, que conheceu em Hyderabad e que, esperava, seria sua noiva], as finanças e os livros, todos eles precisam da minha atenção.» Entre os livros, contava-se o que estava a escrever para relatar as suas aventuras, intitulado *From London to Ladysmith via Pretoria* [De Londres a Ladysmith, via Pretória], que rapidamente se tornou um *bestseller*.

Churchill tivera uma boa guerra. Vários amigos seus foram mortos ou feridos. O seu irmão Jack foi atingido por um tiro mesmo a seu lado, durante a operação de Ladysmith.(52) Uma vez mais, porém, tal como em Omdurman, saiu sem um arranhão. E embora nunca tenha recebido a Cruz da Rainha Vitória nem tenha casado com Pamela Plowden, a sua celebridade e fama possibilitaram-lhe adquirir um bilhete de entrada na política.

O navio chegou a Southampton no dia 20 de julho de 1900. A 17 de setembro, o governo conservador da Grã-Bretanha, desejoso de aproveitar o êxito contra os Bóeres, dissolveu o Parlamento e convocou eleições gerais para o dia 1 de outubro. Winston tinha menos de duas semanas para preparar a sua campanha com o objetivo de ganhar um lugar por Oldham, ao qual se tinha candidatado no ano anterior, mas sem êxito.

Desta vez, as coisas estavam a correr bem. Ficou em segundo lugar nas urnas; mas os regulamentos eleitorais típicos de Oldham contemplavam com dois lugares os dois primeiros finalistas. Finalmente, Churchill estava lançado na esteira do seu pai. Alguns dias depois, recebia uma carta proveniente de Simla, do novo vice-rei da Índia, lorde Curzon, felicitando-o pela sua vitória. «É um momento importante», escrevia Curzon. «É o ponto de partida de uma carreira de grandes possibilidades, de enorme excitação e de perigosas vicissitudes.»(53)

Estas palavras sobre o futuro de Churchill tinham nelas mais verdade do que o próprio Curzon, um dos políticos mais brilhantes da Grã-Bretanha, podia imaginar. Porque, não obstante todos os obstáculos, Churchill atingiria o objetivo que tinha escapado a Curzon em toda a sua notável carreira: o Nº 10 de Downing Street e a liderança do Império Britânico.

No fim, porém, a Índia iria derrotar ambos.

CAMINHOS CONVERGENTES, 1900-1906

*Toda a atividade empreendida com um coração puro produz frutos,
quer esses frutos sejam ou não visíveis para nós.*

M. K. GANDHI

No dia 6 de outubro de 1900, a Coroa Britânica anexou o Transval e o Estado Livre de Orange. A guerra iria arrastar-se por mais um ano e meio, com um número de baixas brutal. A continuada guerrilha de resistência dos Bóeres iria obrigar a Grã-Bretanha a lançar uma contrainsurreição implacável, que limpou dezenas de milhares de herdades bóeres e criou «campos de concentração» doentios para reprimir os evacuados. Perto de 28.000 prisioneiros bóeres morreram nesses campos, entre eles 26.000 mulheres e crianças e pelo menos 14.000 negros. Mas toda a África do Sul – e os seus campos auríferos – estavam agora sob o governo oficial britânico.

No meio de tudo isso, ninguém teve uma palavra a dizer sobre os Indianos da África do Sul.

A guerra tinha lançado a carreira de Winston Churchill; mas a carreira de Gandhi estava em apuros. A revogação triunfal por ele esperada de leis discriminatórias contra os Indianos não aconteceu. A perspectiva de regressar às mesmas manifestações de protesto e abaixo-assinados, ingratos e infrutíferos, era mais do que Gandhi conseguia tolerar, especialmente atendendo à sensação de excitação e de determinação que a guerra lhe tinha proporcionado.

Decidiu que era altura de avançar. Em outubro de 1901, regressou à Índia, «convicto de que a causa do Congresso no Natal estava perdida». (1)

Permaneceu ali durante um ano, lutando por se lançar na política nacionalista indiana. O principal político da Índia, Gopal K. Gokhale, deu-lhe o seu aval, mas Gandhi não foi a lado nenhum. Então, em novembro de

1902, recebeu um telegrama dos seus amigos no Natal, suplicando-lhe que regressasse. A África do Sul estava a mudar, diziam eles, e iam precisar da sua ajuda. Mais tarde, na sua autobiografia, Gandhi deu a entender que o telegrama chegou «exatamente quando me parecia que estava a assentar, como era minha intenção», tornando-se um vulgar advogado de Bombaim. Alguns biógrafos acreditaram nas suas palavras; mas a verdade era muito diferente. As cartas dessa altura revelam dúvidas sobre a sua capacidade de ganhar a vida em Bombaim (foi um empréstimo do Congresso do Natal que lhe possibilitou instalar-se naquela cidade), quer como advogado quer como político. Gandhi percebeu que, se ia tornar-se um líder de homens e inspiração para os seus compatriotas, isso teria de acontecer na África do Sul, ou então não aconteceria em lado algum.(2)

Na verdade, a situação ali tinha mudado, aparentemente para melhor. A guerra e a insurreição dos Bóeres tinham finalmente terminado. O lorde Milner, o amigo indiano da cidade do Cabo, estava agora em plenas funções, e outro simpatizante de Gandhi, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Joseph Chamberlain, estava a fazer uma digressão por toda a região. Nesse mês de dezembro, pouco depois de ter regressado a Durban, Gandhi chefiou uma delegação indiana para se encontrar com Chamberlain. Os elementos da delegação lembraram a Chamberlain as suas anteriores respostas favoráveis ao seu abaixo-assinado contra as leis dos «bazares» no Transval. A resposta de Chamberlain foi amistosa mas cautelosa. «Farei o que puder», disse ele a Gandhi e aos outros elementos da delegação, «mas têm de fazer o vosso melhor para acalmar os Europeus, se quiserem viver no meio deles.»(3)

Mais tarde, Gandhi recordava como aquela resposta tinha «semeado o desânimo» entre os restantes membros da delegação. Quanto a ele, estava convencido de que o governo britânico faria mais pelos indianos na ex-república bóer do que tinha feito no Natal. Decidiu instalar o seu novo gabinete de advogado em Joanesburgo, a maior cidade do Transval e centro da grande corrida ao ouro. A cidade estava a expandir-se, tinha já crescido para mais de 100.000 colonos, com novos subúrbios a surgirem por todos os lados. O ritmo e a pressão eram tão intensos, dizia Gandhi, que as pessoas não caminhavam, corriam de um lado para o outro, e o barulho das máquinas das minas era incessante, desde madrugada até depois do escurecer. E o negócio da advocacia de Gandhi também prosperava, com quatro empregados indianos; em breve teve de contratar uma senhora escocesa, *miss Dick*, que sabia datilografar.(4)

Em comparação com Durban, Joanesburgo possuía também um próspero cenário cultural, que permitiu a Gandhi retomar os seus contactos contraculturais da *New Age*. Fez dois novos amigos europeus, Hermann

Kallenbach, um judeu polaco de espírito aberto e arquiteto de sucesso, e Henry Solomon Polak. Este tinha apenas vinte e dois anos, era jornalista, adepto dedicado de *Madame Blavatsky* e também vegetariano. Como consequência de ter conhecido Polak, Gandhi começou a passar a maior parte dos seus serões na Sociedade Teosófica de Joanesburgo, enquanto durante o dia procurava mobilizar os indianos do Transval para que reivindicassem os seus direitos políticos.

Inicialmente, Gandhi tentou seguir o conselho de Chamberlain. Criou um novo grupo de pressão, a Associação Anglo-Indiana (o nome deixava bem claro onde se situava a lealdade política dos seus membros), e assumiu o controlo de um jornal local falido, o *Indian Opinion*, para servir como caixa de ressonância da Associação.(5) Procurou ganhar apoios para a revogação das leis mais severas anti-indianas, convencendo os brancos de que a elite indiana de Pretória e de Joanesburgo ajudaria a reforçar a tradicional barreira da cor. Alguns editoriais do *Indian Opinion* reivindicavam uma nova ordem racial, em que os Brancos e os Indianos em conjunto presidiriam efetivamente sobre os Negros e Mestiços sul-africanos.

«Acreditamos na pureza da raça», escrevia Gandhi, «tanto como pensamos que» os brancos acreditam. «Se há uma coisa que os Indianos prezam mais do que qualquer outra, é a pureza do tipo [racial].»(6) Gandhi sentia «convictamente» que Negros e Indianos não deviam ser forçados a viver nos mesmos subúrbios de Joanesburgo. «Acho muito injusto para a população indiana», dizia ele. Com efeito, muitas das propostas apresentadas por Gandhi no *Indian Opinion* reivindicando instalações diferentes para raças diferentes fizeram dele um dos primeiros arquitetos do *apartheid*.

Os biógrafos sentem-se compreensivelmente incomodados ou silenciam esta faceta de Gandhi. No entanto, como concluiu o historiador Maureen Swan, «Gandhi era um purista racial, e orgulhava-se disso».(7) Tinha pouco ou nenhum respeito pelos negros sul-africanos. O seu objetivo durante o tempo todo não foi derrubar a barreira da cor, mas conseguir que os brancos aceitassem os Indianos no seu lado da linha. Os indianos britânicos, escrevia ele em junho de 1903, «aceitam que a raça britânica deve ser a raça dominante na África do Sul».(8)

Gandhi sentia-se ofendido não pelo sistema da separação racial em si, mas pelo «insulto» de ser legalmente reduzido ao nível da maioria negra. «Neste aspeto, tornou-se um segregacionista», admite James Hunt, um estudioso de Gandhi, «ainda que um segregacionista liberal.»(9) Com efeito, a consciência que tinha da importância da raça como definidora da identidade teria um forte impacto no seu pensamento acerca da Índia, uma vez fracassados os seus esforços na África do Sul.

Porque a verdade é que fracassaram. Mais uma vez, o padrão fami-

liar reafirmou-se sombriamente: o esforço expectante, as esperanças iniciais, em seguida o desapontamento esmagador. A verdade era que a única minoria do império que Chamberlain e Milner estavam interessados em aplacar eram os Bóeres. Depois da prolongada e difícil guerra, o governo britânico estava deseioso de aceitar a maioria da legislação pré-guerra e o chauvinismo racial de que precisavam para conquistar a aquiescência dos Bóeres à nova ordem. Em 1905, quando o lorde Milner deixou a África do Sul, a sua promessa de que «respeitáveis indianos britânicos ou asiáticos civilizados» nunca mais voltariam a ser discriminados, ainda estava por cumprir. Com efeito, a colônia do Cabo estava naquele momento a estudar a sua própria lei de imigração anti-indiana.(10)

Tudo o que Gandhi fizera ao longo dos últimos dez anos tinha-se revelado inútil. Em vez de ajudar a minoria indiana da África do Sul, as suas campanhas quase de certeza tinham piorado a sua situação. Nos bairros dos trabalhadores contratados de Joanesburgo, verificou-se um surto de pneumonia epidémica, que aumentou o desejo dos brancos de expulsarem os Indianos para fora da cidade. Apesar de se ter oferecido como voluntário para trabalhar com os doentes e os moribundos, e de ter criado um acampamento provisório onde as famílias podiam fugir da doença e da sordidez, Gandhi estava perplexo. Possuía sensibilidade suficiente para perceber que os seus esforços, e mesmo a sua vida, precisavam de tomar uma direção radicalmente diferente. Direção que os seus novos amigos Kallenbach e Polak o ajudaram a encontrar.

Gandhi e Polak já partilhavam a mesma paixão pelas obras de Leon Tolstói, escritor russo, vegetariano, pacifista e sábio da *New Age*. Tolstói era o favorito dos intelectuais de língua inglesa da contracultura, devido à sua rejeição da civilização industrial e do Cristianismo tradicional, bem como a defesa que fazia do «regresso à terra» e da não-violência. Gandhi tinha lido *O Reino de Deus Está em Vós*, de Tolstói, a seguir à sua experiência no cais ferroviário de Maritzburg. Tinha ficado «esmagado» pela mensagem da obra de que o maior dom de Deus ao homem era o poder do amor universal para superar todos os conflitos e ódios. (Muitos anos mais tarde, Gandhi diria que foi a leitura de Tolstói que o converteu num crente da não-violência.)(11)

Agora, cerca de dez anos depois, Polak deu-lhe a conhecer outro favorito da *New Age*, *Unto This Last* [Até à Última], de John Ruskin. O efeito sobre ele foi galvanizante.

Publicado pela primeira vez em 1860, o livro é uma pungente rejeição da ideologia do comércio livre *laissez-faire*, que os liberais britânicos pregavam desde Adam Smith. Uma nação «verdadeiramente» rica assenta não no seu capital, no comércio ou na indústria, proclamava Ruskin, mas na simples dignidade do trabalho abnegado.

Uma verdadeira economia política não trata do trabalho para obter lucros, mas para beneficiar os outros: «A governação e a cooperação são em todas as coisas as Leis da Vida; anarquia e competição são as Leis da Morte.» O futuro da humanidade pertencia àqueles que desejavam desistir da riqueza exterior por causa da felicidade interior, e àqueles que faziam «do autodomínio o primeiro dos bens».

O luxo é realmente possível no futuro... luxo para todos e com a ajuda de todos; mas no presente o luxo só pode ser usufruído pelo ignorante; o homem mais cruel não pode sentar-se na sua festa, a menos que se sente de olhos vendados... Arranque-se corajosamente a venda; enfrente-se a luz... até chegar o tempo em que a oferenda do pão e da paz vinda de Cristo estará em ti *até à última* como está Nele.

Gandhi leu este passo no comboio noturno de Joanesburgo para Durban, no momento em que a madrugada começava a sorrir sobre o *veldt*, coando-se através das janelas cobertas de fuligem. Era a voz autêntica da consciência liberal *New Age*. Gandhi estava tão empolgado que não conseguiu dormir. As palavras de Ruskin produziram «uma transformação instantânea e prática na minha vida», como mais tarde escreveu. Ruskin tinha-o levado a concluir que a única vida digna de ser vivida era a de um simples artesão ou a de um agricultor e que «o bem do indivíduo está contido no bem de todos». Gandhi apercebeu-se de que certamente não seria capaz de mudar os outros, enquanto não se mudasse a si mesmo. «Levantei-me de madrugada, pronto a pôr estes princípios em prática.»(12)

Para outros leitores, *Unto This Last* foi como um toque de alvorada para o socialismo. Mas Gandhi viu nele uma mensagem diferente: o apelo a uma vida de trabalho e serviço altruístas.(13) Juntamente com a noção de Leon Tolstoi do poder e verdade do amor universal, deu a Gandhi uma súbita visão de indianos forjando uma comunidade dedicada a trabalhar para os outros e ao serviço de Deus. «Vamos esquecer todo o pensamento de “eu, hindu; tu, muçulmano” ou “eu, guzarate; tu, madraستی”», escreveria ele. «Vamos abafar o “eu” e o “meu” numa comum nacionalidade indiana», construída sobre o amor, o trabalho e a verdade. Procedendo desta forma, os Indianos encontrariam não só a Deus, mas a si próprios – e espiritualmente ficariam armados para derrotar os seus inimigos.(14)

Na Rússia, Tolstoi criou uma comunidade ideal, dedicada aos seus princípios religiosos, na sua quinta de Yasnaia Poliana. Agora, Gandhi ia fazer o mesmo na África do Sul. Perto de Durban, encontrou aquilo que procurava: um terreno perto da estação dos caminhos de ferro, no centro de uma região dedicada à cana-de-açúcar, chamada Herdade Fénix. Não

tinha leões nem chacais, mas tinha uma grande abundância de cobras penduradas nas árvores de fruto durante a primavera. A Herdade Fénix estava situada num dos solos mais férteis da África do Sul.⁽¹⁵⁾ Com o dinheiro de Hermann Kallenbach, Gandhi comprou a Herdade Fénix e, embora não tivesse nenhuma habitação, nem sequer um alpendre, começou a recrutar amigos e familiares dispostos a viver ali. Em finais do ano, mudou para lá os escritórios do *Indian Opinion*.

A Herdade Fénix definiu o novo padrão da vida de Gandhi. Dali em diante, optou por viver numa comunidade autossuficiente, modelada sobre a herdade de Tolstoi ou o *axram* budista, uma utopia semimonástica que encarnava os seus valores de pureza espiritual e de trabalho árduo. Estas comunas de contracultura estariam abertas a visitantes (havia quem, como Kasturbai, dissesse que havia demasiados visitantes), mas também afastadas do mundo (ou, diriam outros, isoladas da realidade.) Gandhi era o organizador, o mestre espiritual, e o ego orientador de todas as atividades da herdade. Voluntários como o seu primo Chaganlal, o filho Harilal, a sua secretária branca Sonja Schlesim (que era também teósofa) e, durante algum tempo, também Polak e Hermann Kallenbach, iam até lá para aprender «as regras da saúde, e o exercício que elas implicavam», como Ruskin dizia. Os residentes da Fénix erguiam as suas próprias casas, cultivavam os seus alimentos, moíam a sua própria farinha, juntavam-se todas as manhãs para a calistenia³³, e todas as noites liam o *Bhagavad Guita*, na tradução de Edwin Arnolds.

A Herdade Fénix era uma comuna de contracultura, ao estilo educardino; ali Gandhi continuou a simplificar a sua vida, fazendo ele próprio a sua comida e a sua limpeza. Experimentou as ementas da *New Age*, com frutos, legumes e nozes; pregava a oposição ao diabólico vestuário ocidental, bem como ao álcool e ao tabaco. (Um dos seus editoriais desta época intitulava-se «Os Demónios do Chá.») Fazia as suas críticas sobre higiene e limpeza, coisas que sabia que habitualmente os Indianos prezavam pouco. Na herdade, publicava o jornal *Indian Opinion* em quatro línguas³⁴, com a impressora a retinir todas as noites, e todas as manhãs ia de bicicleta para o escritório, uma viagem de cerca de vinte quilómetros.

Gandhi não morava na Herdade Fénix. A mudança que teve início naquela noite, no comboio para Durban, não foi nem tão repentina nem tão drástica como a autobiografia de Gandhi mais tarde quis fazer crer.

³³ Conjunto de exercícios apropriados para educação física sobretudo das crianças e que compreende principalmente movimentos rápidos (marchas e danças) executados ao som da música. (N. do T.)

³⁴ Em inglês, hindi, guzarate e tâmil. (N. do A.)

Continuava a ter a sua grande casa em Joanesburgo, e continuava a precisar dos seus rendimentos substanciais de advogado para manter a Herdade Fénix e para continuar a fazer sair o jornal. Em 1905, ainda usava fato e gravata, mesmo durante as visitas à herdade, que dirigia, como diz um dos seus biógrafos, «como um déspota benevolente», à distância.(16)

Não tinha rompido completamente com a sua vida passada, mas certamente na sua ideia estava a avançar para algo de novo, sem ter a certeza absoluta do que era. Havia uma revolução em andamento, quer nos pensamentos de Gandhi quer no seu relacionamento com os outros. De que forma iria realizar-se dependia tanto dos outros como dele próprio – e num mundo que se encontrava também à beira da revolução.

Em 1905, a velha ordem estabelecida era desafiada em toda a parte e estava a quebrar devido à pressão. A Guerra dos Bóeres fora apenas o prelúdio. Em breve, os obsoletos sistemas imperiais eram tomados de assalto por todo o lado. No dia 22 de janeiro de 1905, uma multidão de manifestantes marchou sobre o palácio de inverno do czar russo, em Sampetersburgo. Os soldados abriram fogo e mataram quinhentas pessoas, ferindo muitas mais. As desordens logo alastraram a outras zonas do Império Russo, incluindo a Polónia, a Lituânia e a Geórgia. Em março, o czar Nicolau II foi forçado a aceitar um governo parlamentar, pela primeira vez na História da Rússia.

Em Creta, os manifestantes exigiram a independência do Império Otomano. No Congo Belga, rebentaram distúrbios. Em junho, os marinheiros do couraçado russo *Potemkine* içaram a bandeira da revolta. As vitórias esmagadoras do Japão sobre a Rússia em Mukden e Tsushima, nessa primavera, desafiaram os estereótipos raciais convencionais, assinalando o aparecimento do primeiro império moderno não-branco em todo o mundo. Na China, Sun Yat-Sen fundou a Liga Revolucionária Chinesa para promover uma revolta nacionalista modernizante contra o trono do Dragão. Nesse mês de novembro, os nacionalistas irlandeses organizaram o Sinn Fein. No ano seguinte, clérigos e liberais na Pérsia obrigaram o Xá a entregar o poder a uma assembleia eleita, ou *majlis*.

O espírito de revolta e a liberdade nacionalista alastraram também à Índia, com consequências importantes para o futuro de Gandhi. Apenas dois anos antes, a Índia tinha assistido à mais maciça exibição do esplendor e do poder do *Radj* em toda a sua História. O *darbar* imperial em Deli, realizado para celebrar a coroação do rei Eduardo VII, atraiu mais de um milhão de espetadores. Mais de 34.000 soldados britânicos e indianos desfilaram ao som de 2400 músicos, enquanto centenas de marajás, príncipes e chefes de menor importância chegavam em elefantes, camelos e cavalos, para expressar a sua lealdade ao rei-imperador.

O grandioso espetáculo ficou a dever a sua organização ao mais bri-

lhante e competente vice-rei que o *Radj* alguma vez tinha conhecido, o barão George Curzon de Kedleston. Curzon era atraente e enérgico, partilhando a mesma confiança imperial com o seu condiscípulo do Balliol College, Alfred Milner. Curzon preocupava-se seriamente com a Índia e com o seu povo. Viajou extensamente por todo o subcontinente, a norte até Srinigar, a ocidente até ao Afeganistão; e gastou somas fabulosas na restauração dos maiores monumentos da Índia, como o Forte Vermelho de Deli e o Taj Mahal.(17) Desprezava profundamente o género de estereótipos de racismo grosseiro que tinham alimentado o Motim Branco.

Curzon, porém, acreditava também que, melhor do que os próprios Indianos, sabia o que eles desejavam. Essa convicção levou-o a tomar duas decisões fatais. A primeira foi submeter as universidades da Índia à regulamentação do governo, atingindo dessa forma as legítimas instituições que as elites indianas veneravam como o seu bilhete para o êxito.(18) A segunda foi dividir a província do Bengala em duas novas províncias administrativas, em parte porque a antiga província e ex-reino era demasiado extensa e heterogénea para ser efetivamente governada, e em parte para dar aos dezoito milhões de muçulmanos da metade oriental a sua própria administração pública e sistema judicial.

Bengala era pátria de poetas e de escritores e de uma elite indiana educada ao estilo do Ocidente. Foi também o epicentro do incipiente nacionalismo indiano. Houve quem concluísse que a divisão de Curzon era um golpe contra o movimento nacionalista e mais um exemplo da velha política do *Radj* de dividir para reinar, em especial porque os Bengalis seriam agora uma minoria na sua própria província³⁵. No Bengala, deflagrou uma violenta reação que rapidamente alastrou a outras regiões da Índia, particularmente Bombaim, outro ninho de sentimentos nacionalistas.(19)

Curzon rejeitou os protestos contra a divisão como um «clamor histérico» de «uma pequena facção desleal». Mas os manifestantes organizaram um boicote efetivo aos artigos britânicos importados, como forma de castigar Curzon e os Britânicos. Atearam grandes fogueiras com os tecidos de algodão vindos de Manchester e de Liverpool. Até os políticos indianos moderados apelaram à greve do imposto e ao *suadexí*, ou independência económica das importações britânicas. Rapidamente se passou a apelos à independência *política*, versão indiana da exigência dos Irlandeses de um governo nacional. Da noite para o dia, Curzon, inadvertidamente, transformou o Congresso Nacional Indiano de um sonolento clube de barbas-grisalhas lealistas num veículo de protesto nacional. Em agosto de

³⁵ Os 48 milhões de Bengalis eram ultrapassados em número pelos habitantes de Bihar e de Orissa, as outras partes da antiga província. (N. do A.)

1905, deixou a Índia com a sua política e a sua reputação em farrapos.(20) A fúria despertada com a divisão do Bengala, mesmo nos não-Bengalis, sobreviveu-lhe. O vínculo de confiança entre o *Radj* e a elite hindu instruída, que tinha sobrevivido até ao Motim Branco, acabou por se romper. Com efeito, os nacionalistas indianos tinham encontrado na classe média urbana da Índia um novo aliado, e no Congresso Nacional um ativo e cada vez maior círculo eleitoral.

Gandhi observou de longe, da África do Sul, o furor suscitado pela divisão. A divisão do Bengala semeou o descontentamento e criou as formas de manifestações em massa que ele havia de mobilizar mais tarde. De momento, porém, as suas atenções dirigiam-se para o alastrar da agitação ao mais recente acréscimo ao Império Britânico. Ainda os Bóeres protestavam contra o domínio britânico que lhes tinha sido imposto, quando, em fevereiro de 1906, as tribos zulos no Nordeste do Natal se sublevaram.

«Eu não alimentava rancores contra os Zulos, eles não tinham prejudicado os Indianos», escrevia ele mais tarde. Como eles se revoltavam contra os impostos comunitários que consideravam injustos, Gandhi afirmou mais tarde que secretamente simpatizava com a sua causa.(21) Continuava, porém, a achar que os Indianos deviam apoiar o Império Britânico contra os seus inimigos, incluindo os Zulos, e que o serviço militar seria benéfico para os seus compatriotas. «Aqueles que podem tomar conta de si e levar vidas regulares na frente, podem viver com saúde e felicidade», explicava no *Indian Opinion*. «Um homem que vai para a frente de batalha precisa de se exercitar para enfrentar severas dificuldades» e desenvolver a mesma resistência e abnegação de que os Indianos precisarão para construir um novo futuro.(22)

Desta vez, na campanha contra os Zulos, Gandhi tentou convencer as autoridades a armar os seus voluntários indianos, mas não o conseguiu. Em vez disso, avançaram mais uma vez como uma unidade de ambulâncias, num conflito de longe mais terrível do que a Guerra dos Bóeres. Gandhi viu como os zulos eram abatidos pelas metralhadoras, chicoteados e enforcados ou feridos e abandonados à morte. Os soldados brancos tentavam impedir que Gandhi os tratasse. Mais tarde, Gandhi recordava o contínuo matraquear das armas quando as tropas entravam nas aldeias dos Zulos e abatiam toda a gente que encontravam, incluindo por engano alguns maqueiros negros que pertenciam à unidade de Gandhi. «Aquilo não era uma guerra, era a caça ao homem», dizia ele mais tarde. Era também uma exibição de poder imperial na sua forma mais brutal e mais selvagem.(23)

Para Gandhi, agora com trinta e sete anos, a revolta dos Zulos marcou outro ponto de viragem pessoal – embora, mais uma vez, preferisse ver as coisas em termos morais e não em termos políticos. Enquanto se deslocava

através da paisagem desolada do Natal, carregando uma maca, ou ajudando a ligar um ferido, apercebeu-se «de que eu teria cada vez mais oportunidades de realizar serviços do gênero dos que estava naquele momento a prestar», mas «sentir-me-ia inadequado para essa tarefa se me entregasse aos prazeres da vida em família e à propagação e educação de filhos.»(24)

Muita tinta tem corrido acerca do voto de *brahmacharya* de Gandhi, ou seja, abstinência sexual, de que informou Kasturbai ao regressar da campanha dos Zulos. A sexualidade, certamente, foi sempre para Gandhi uma espécie de demônio interior, que tinha de ser domesticado ou conquistado, e que comparava a uma serpente na cama de cada um. «Jurei fugir da serpente, porque sei que irá morder-me», escrevia ele mais tarde. «Simplesmente, não faço nenhum esforço para lhe fugir.»(25) Na sua ideia, o celibato formal marcou mais um passo em direção à sua iluminação e pureza espirituais; foi por isso que o voto tradicional hindu o atraiu, como todas as formas de renúncia.

O seu *brahmacharya* estava também relacionado com a sua genuína preocupação não-indiana sobre limpeza de latrinas e esgotos, e com a sua obsessão pela dieta, e mesmo com a sua insistência para que os Indianos fossem soldados fortes e capazes. Parafraseando John Ruskin, o controlo mais importante para Gandhi era o autocontrolo. Era uma componente essencial da sua crença na virilidade. Se ele e os outros Indianos deviam vir a controlar o seu próprio destino político, Gandhi estava convencido de que deviam começar por controlar o seu espírito e o seu corpo – incluindo as energias que normalmente gastavam com o sexo.

Foi uma reviravolta idiossincrática no cliché vitoriano do sexo. Mesmo as declarações de Gandhi de que «o *brahmacharya* significa o controlo dos sentidos em pensamentos, palavras e ações», contêm ecos evidentes do credo dos Escuteiros.(26) Mas esse autocontrolo, julgava ele, era «impossível de atingir com o simples esforço humano». Em vez disso, o verdadeiro iluminado devia preservar a sua essência sexual mediante uma espécie de graça espiritual, como o celibato de um monge. Até ao fim da sua vida, o *brahmacharya* foi o seu ato supremo de triunfo pessoal. Esta questão interferiu constantemente no seu relacionamento com as mulheres, e mesmo no relacionamento com a política. Exatamente quarenta anos mais tarde, já Gandhi andava na casa dos setenta anos avançados, ouviram-no resmungar ironicamente: «Se consigo fazer isto», queria ele dizer guardar o seu voto de *brahmacharya*, «ainda posso derrotar Jinnah.»(27)

Em 1906, porém, «a perspetiva do voto trouxe um certo tipo de exaltação», recordava ele. «Em vez de fechar a porta à verdadeira liberdade, abriu-a.» Certamente, Kasturbai «não levantou objeções.» Ela e Gandhi já dormiam em camas separadas quando a família se mudou para a Herdade

Fénix. Para Gandhi, voltar costas ao sexo e a uma vida de família normal parecia abrir «perspetivas ilimitadas de serviço».(28) E nessa altura, a bomba política seguinte já estava a explodir.

Em agosto de 1906, o ministério das Colónias anunciou uma nova lei como parte do ajustamento racial à luz da nova constituição do Transval. A lei exigia que todos os residentes indianos com mais de oito anos de idade se registassem e tirassem as impressões digitais, de maneira a poderem fazer prova de residência se e quando fossem impostas novas restrições à imigração indiana. Para o governo, pareceu uma forma conveniente de não perder de vista os indianos que residiam no Transval legalmente e os que estavam ilegais. Eminentemente políticos indianos em Londres, entre eles Dabhai Naoroji, membro do Parlamento e antigo mentor de Gandhi, não desaprovaram a ideia, dizendo que «o assunto era de pouca importância e que o verdadeiro problema para os Indianos era a Índia».(29)

Gandhi, porém, considerou-a um insulto. Sabia que o sistema judicial britânico limitava a tomada de impressões digitais aos suspeitos de crimes. Supunha (erradamente) que a lei era o primeiro passo para a expulsão total dos indianos da colónia. «Nunca tive conhecimento de legislação desta natureza dirigida diretamente contra pessoas livres em qualquer parte do mundo,» escreveria ele. Os indianos da África do Sul tinham de tomar medidas drásticas como resposta.(30)

Gandhi tinha descoberto um novo alvo para a sua raiva pelo tratamento dado aos Indianos sob o governo colonial britânico – mas também um novo escape inesperado para a sua crença no poder do altruísmo. Ao longo de toda a sua vida, teve a capacidade de tomar decisões repentinas e agir de acordo com elas, com uma paixão e uma tenacidade que espantava os que pensavam conhecê-lo. Estes atos supremos de vontade conseguiam chocar, inspirar e por vezes assustar e intimidar os outros. Acima de tudo, não tolerava oposição. Decidiu ir para Londres, apesar das ordens do conselho de casta; e recusou sentar-se aos pés do cocheiro, na estação dos caminhos de ferro de Maritzburg. O voto de *brahmacharya* foi a terceira dessas decisões.

O anúncio da lei do registo despertou nele a mesma intensidade feroz, quase temerária.(31) Parecia a oportunidade perfeita para os Indianos mostrarem «garra e determinação», coragem, honra e abnegação de soldados no campo de batalha. Gandhi encontrou apoio no facto de que não estava sozinho contra esse insulto. A Sociedade Islâmica Hamidia, liderada pelos Muçulmanos, organizou um comício de massas no Empire Theater de Joanesburgo, no dia 11 de setembro de 1906, em protesto contra a chamada «Lei Negra». Os líderes da Hamidia foram os dois principais oradores da sessão.(32) No momento em que Gandhi se levantou para falar, a

assistência no teatro era superior a três mil pessoas. Hindus e muçulmanos, guzarates e madrasis, ricos comerciantes e advogados, vulgares vendedores ambulantes e empregados de lojas, todos unidos para protestarem contra aquele ataque injustificado aos seus direitos e à sua dignidade.

O discurso de Gandhi foi efetivamente um apelo às armas. Pediu a todos os indianos do Transval que se comprometessem a nunca permitir que lhes tirassem as impressões digitais e que nunca preenchessem um cartão de registo, mesmo que isso significasse perderem os empregos e irem parar à prisão. «Só há um caminho aberto a uma pessoa como eu – morrer, mas não sujeitar-me a essa lei!» Era o discurso de Patrick Henry³⁶ na boca de Gandhi: «Liberdade ou morte!»; e terminou com uma peroração empolgante:

Talvez vamos parar à cadeia, onde seremos insultados... Podem impor-nos trabalhos forçados. Talvez sejamos chicoteados por brutais carcereiros... Na prisão, é possível que alguns de nós, devido à fome e a outras torturas, acabemos por adoecer e morrer... [Mas] temos de continuar até conseguirmos êxito; a sabedoria está na nossa compreensão de que teremos de sofrer coisas como essas e ainda pior. *Contanto que toda a comunidade aguente corajosamente o teste, o fim estará próximo.*

O presidente da Associação Anglo-Indiana, Haji Habib, levou então a multidão a jurar que antes iriam para a prisão do que se submeteriam à nova lei. «Nunca poderei esquecer a cena, que vejo diante dos meus olhos enquanto estou a escrever», recordava Gandhi vinte anos depois.⁽³³⁾ Em seguida, todos deram três estrondosos vivas ao rei-imperador Eduardo VII e cantaram «God Save the King».

Algumas horas depois de a multidão ter dispersado, declarou-se um incêndio accidental no edifício, que ficou reduzido a escombros. Mas, tal como a Fénix, a primeira campanha de Gandhi apelando à «resistência passiva», como iria chamar-lhe, para derrubar uma lei injusta e para forjar uma nova identidade indiana vigorosa, nasceu das cinzas do Empire Theater.

Gandhi, Habib e os outros concordaram com uma atitude final. Enviariam Gandhi a Londres para apresentar pessoalmente uma petição ao governo. Na Grã-Bretanha, as eleições de janeiro tinham resultado na derapagem liberal e em profundas mudanças no Parlamento. Parlamentares

³⁶ Patrick Henry (1736-1799) – Figura importante da Revolução Americana, celebrou-se por um discurso que terminou com as palavras: «Liberdade ou morte!» Foi o primeiro e o quinto governador do Estado da Virgínia. (N. do T.)

como Keir Hardie e Ramsay MacDonald, do Partido Trabalhista, e o novo secretário de Estado para a Índia, *sir* John Morley, tinham fortes interesses solidários nos negócios indianos. Na Índia, muitos esperavam que Morley pudesse até inverter a odiada divisão do Bengala.⁽³⁴⁾ E talvez a Lei Negra levasse o mesmo destino.

Surgiu uma nova oportunidade para testar a confiança de Gandhi no sentido britânico de jogo limpo e de justiça. Quando o navio *RMS Armada-le Castle* largou da Cidade do Cabo, a 3 de outubro, a questão que lhe fervia na cabeça resumia-se ao seguinte: «Irá a Constituição britânica ser alterada em Pretória? Ou prevalecerá a justiça?»⁽³⁵⁾

Gandhi estava prestes a descobri-lo. Na sua bagagem, levava cartas de apresentação para eminentes políticos e uma lista de reuniões planeadas com os principais autores das decisões na África do Sul. Entre eles, contavam-se o secretário Morley, o primeiro-ministro Henry Campbell-Bannerman, o secretário colonial lorde Elgin e a nova esperança luminosa dos Liberais, o secretário-adjunto para as Colónias, Winston Churchill.

Para Churchill, os seis anos decorridos desde os seus tempos na África do Sul foram anos instáveis. É verdade que obtivera um lugar no Parlamento, o que tanto ambicionava – um vínculo tangível ao seu falecido e adorado pai. É verdade também que o livro *From London to Ladysmith* [De Londres a Ladysmith] e as conferências públicas sobre as suas experiências na Guerra dos Bóeres (incluindo uma ronda de palestras pelos Estados Unidos) lhe tinham rendido uma «modesta fortuna» de 10.000 libras.⁽³⁶⁾ Mas a sua aprendizagem política fora repleta de frustrações e desapontamentos. Nenhum destes foi tão grave e capaz de pôr à prova uma alma como os que lhe foram causados por Gandhi; mas constituíram um prelúdio para outros mais difíceis que mais tarde iriam surgir.

Chegou a casa em 1900, a tempo de assistir ao casamento da sua mãe com um homem apenas dezanove dias mais velho do que ele³⁷. (Ela tinha quarenta e seis.) Foi o escândalo social da época; o seu irmão Jack recusou mesmo assistir à cerimónia.⁽³⁷⁾ O casamento significou também que as energias que Jennie Churchill até ali tinha dedicado aos progressos do filho mais velho passaram a ser dirigidas noutros sentidos. Pela primeira vez, ele estava verdadeiramente por sua própria conta e risco.

³⁷ Chamava-se George Cornwallis-West; casaram na igreja de S. Paulo, em Knightsbridge, a 2 de junho de 1900. Depressa abandonou Jennie, que casou pela terceira vez (novamente com um homem mais jovem) pouco antes de morrer, em 1921, aos sessenta e sete anos de idade. (N. do A.)

Depois, o seu discurso inaugural no Parlamento não impressionou ninguém. Foi uma retorcida defesa da condução da guerra pelo governo trabalhista, refutando as críticas dos liberais como David Lloyd George, que acusava o governo de ter usado a «tortura» e outras formas bárbaras para suprimir a insurreição dos Bóeres. O *Daily Chronicle* afirmara que Winston parecia ter «um aspeto vulgar» e que «lhe faltava capacidade para convencer». Toda a gente ainda pesava os discursos de Winston pela bitola dos desempenhos teatrais do seu pai, e geralmente achavam que não correspondiam às expectativas.(38)

Por fim, entrou em conflito com os líderes do seu partido, Arthur Balfour e Joseph Chamberlain. Também isto era uma tradição dos Churchills. Mas enquanto Randolph tinha entrado em luta com as chefias como tática política, para Winston as lutas eram o reflexo da sua crença crescente de que os Conservadores não toleravam por mais tempo aquilo em que ele acreditava. Manifestavam um pessimismo, uma falta de confiança no futuro da Grã-Bretanha que deixava Winston furioso e que vinha à superfície principalmente na questão do comércio livre. Foi esta questão que levou à rutura final com o Partido Conservador, em 1904. No cerne do divórcio, por curioso que pareça, estava a questão da Índia.

Joseph Chamberlain – o mesmo Chamberlain que tinha aconselhado Gandhi a apaziguar os sentimentos dos brancos na África do Sul – foi quem despoletou o debate. Antigo industrial de Birmingham, receava que o império se tivesse tornado demasiado grande e dispendioso. Num discurso à Conferência Colonial em 1902, Chamberlain afirmou que a Grã-Bretanha estava a transformar-se num «titã exausto», «cambaleando sob a esfera demasiado pesada do seu destino».(39) Propunha resolver o problema da vastidão do império fundindo numa enorme federação imperial a Austrália, o Canadá, a África do Sul, a Nova Zelândia e o Reino Unido. Esta ideia quixotesca não levou a nada. Voltou a tentar, propondo transformar o Império Britânico num único mercado comum, em que as colónias e a metrópole partilhariam bens e serviços, enquanto uma muralha de tarifas elevadas em redor de todo o perímetro preservaria os empregos e as indústrias³⁸.

O prazo de Chamberlain para o seu mercado comum imperial era preferência imperial. Durante alguns anos, debateu-se nos jornais, em livros eruditos e em Westminster, depois caiu no esquecimento político. Certamente, a proposta era um insulto à ortodoxia do mercado comum,

³⁸ No seu plano, excluía-se a Índia, tal como na proposta de uma federação imperial. Mas, apesar disso, a ideia de Chamberlain foi importante para o futuro da Índia, porque a necessidade de uma reestruturação imperial iria estimular a concessão do estatuto de Domínio do Canadá a outras antigas colónias, incluindo eventualmente a Índia. (N. do A.)

que os dois grandes partidos políticos professavam há mais de um século. Foi por esse motivo que os verdadeiros crentes do comércio livre, como Winston Churchill, reagiram tão energicamente contra ele, ao passo que outros, como os socialistas Sidney e Beatrice Webb, o apoiavam (durante algum tempo, Beatrice alimentou a ideia de casar com Chamberlain). Parece ser duvidoso que Chamberlain tenha alguma vez pensado seriamente nas possíveis consequências económicas da sua proposta, em especial para a sua cidade natal de Manchester. Para ele, a preferência imperial era um chavão político. A outros conservadores, porém, parecia-lhes um apelo ao estadismo, que Winston Churchill desaprovava furiosamente.

Para um adepto do comércio livre, para um conservador saído da velha escola de Adam Smith e Macaulay, ou para um trabalhista como o pai de Churchill, o capitalismo do mercado livre fazia parte essencial da forma de vida britânica e do império. Churchill também estava pronto a defender que os mercados livres eram essenciais ao progresso da humanidade.

«O Império Britânico mantém-se coeso graças a forças morais e não materiais», afirmou perante um auditório em Manchester, em fevereiro de 1904. «Os maiores triunfos da nossa raça foram conseguidos não apenas para a Grã-Bretanha mas para a humanidade.» Um desses princípios morais era o governo constitucional; outro, foi o fim do tráfico de escravos. A ideia de mercados livres «abertos de par em par ao comércio de todas as nações livremente, para comprar e trocar à sua vontade», era um terceiro princípio. O comércio livre, defendia ele, criou uma Grã-Bretanha que «não era inferior em riqueza, liberdade e satisfação a nenhuma outra nação» e era provável que acontecesse o mesmo ao resto do mundo. A principal demonstração de Churchill era, notoriamente, a Índia.

Tal como o seu pai, Wiston acreditava firmemente que as relações económicas entre a Grã-Bretanha e a Índia repousavam não no domínio imperialista mas na livre troca de bens em bruto (na sua maioria indianos) por produtos manufaturados (na sua maioria britânicos). Outros, especialmente indianos como Gandhi, talvez discordassem. No entanto, a preferência imperial de Chamberlain, deixava a Índia de fora. «Que esses mercados [da Índia] devam ser livres, e as suas gentes prósperas e satisfeitas é absolutamente vital para o comércio do Lancashire», dizia Churchill. «É claro que a Índia representa uma grande confiança pela qual somos responsáveis... As vidas, as liberdades, o avanço rumo à civilização – rumo a uma vida melhor e mais feliz – de cerca de 300 milhões de almas, estão nas nossas mãos.» Mas impor à Índia restrições imperiais ao comércio, como Chamberlain propunha, destruiria para sempre essa confiança e essa ligação. «Destruam isso», advertia Winston, «e todo o firme e estupendo edifício» do *Radj* ruirá por terra.(40)

Se os Britânicos voltassem as costas à Índia em troca de um lucro egoísta a curto prazo, dizia, estariam a atrair uma máxima que, ao longo da História, tem estado gravada «em letras de ouro: “A vitória da Grã-Bretanha significa o bem-estar de toda a humanidade”».(41)

A estrénuo defesa que Churchill fazia do comércio livre tinha eco no otimismo apoiado pela arrogância de lorde Curzon, outro trabalhista defensor do comércio livre. «A tolerância e a liberdade são sempre mais benéficas do que as restrições arbitrárias», declarava Winston confiantemente. «As vistas largas triunfam sempre sobre ideias mesquinhas.» Talvez a humanidade estivesse em desacordo sobre onde e como o capitalismo do mercado livre poderia levar no futuro; mas «não vamos recuar – nem um palmo sequer».(42)

Mesmo assim, o Partido Conservador estava à beira de fazer isso mesmo. O primeiro-ministro Balfour recusou rejeitar a preferência imperial, após o que Churchill o atacou imoderadamente, deixando indignadas as bases conservadoras. Uma vez, o moderado Balfour teve de repreender publicamente Winston na Câmara. Os discursos rebeldes de Churchill, «repletos de desdém e de zombaria», contra Balfour e Chamberlain, valeram-lhe a alcunha de «a ratazana de Blenheim». Em breve os eleitores de Oldham estavam a exigir o seu afastamento e o Hurlingham Polo Club expulsou-o. Um jornalista seu amigo, J. B. Atkins, fez notar que Churchill era o homem que mais trabalhava na Câmara dos Comuns; um membro liberal recordava que era também o mais odiado.(43) Os ataques implacáveis foram como um toque a finados sobre o jovem político de vinte e nove anos. Alguns rezearam que pudessem levar a um fracasso ao estilo de Randolph. Um dia, perdeu a memória no meio de um discurso e teve de se sentar, com a cabeça entre as mãos.(44)

O que sustentou Winston nesta primeira série de provas políticas sérias foi aquilo que tinha feito dele o campeão do comércio livre, em primeiro lugar: a sua confiança otimista inquestionável tanto na História como nele mesmo. Acreditava realmente que vistas largas triunfariam de ideias mesquinhas, que o progresso moderno dissiparia o preconceito e a barbárie; e que a vontade e a determinação do homem, como as suas, poderiam vencer qualquer desafio. «A ciência é melhor do que a prestidigitação», dizia ele à Liga do Comércio Livre, e «a verdade é mais forte do que a falsidade.»

Durante o resto da sua vida, Churchill nunca aceitou a ociosa noção de que a política é a arte do possível. Pelo contrário, a política tornou-se para Churchill uma espécie de teatro, uma moralidade medieval, em que os grandes dilemas da humanidade são encenados e resolvidos. A Câmara dos

Comuns era uma arena onde a verdade, a integridade e a liberdade eram constantemente postas à prova, mas que acabavam por prevalecer. Foi esta visão enaltecida da política, mais ainda do que a sua grandiosa visão histórica ou a sua exaltada eloquência, que o diferenciou dos outros estadistas britânicos – e que, mais do que qualquer outro político de língua inglesa da sua geração, o aproximou de Gandhi. Acabaram por ser diferentes em muitas questões, se não na maioria. Mas o homem que, em 1940, sozinho, desafiou Hitler contra todas as probabilidades, apresenta uma semelhança impressionante com o homem que organizou a primeira campanha *satyagraha* na África do Sul. O Winston Churchill que mais tarde iria apoiar a noção de Gandhi de que «toda a atividade realizada com um coração puro produz frutos, sejam ou não esses frutos visíveis para nós», fez a sua primeira aparição em 1904.

No último dia de maio desse ano, Churchill atravessou calmamente a coxia na Câmara dos Comuns e foi tomar o seu lugar na bancada do Partido Liberal. Esta atitude libertou-o das amarras que o ligavam à memória do seu pai. Na bancada liberal, encontrou homens com os quais tinha mais coisas em comum, como Herbert Asquith, David Lloyd George (a sua rixa acerca da Guerra dos Bóeres tinha sido ultrapassada) e John Morley, o perito em política indiana, que deu a Churchill um livro que lhe abriu os olhos sobre a reforma social³⁹. Intelectualmente, pareciam muito melhores do que os Conservadores, a quem Churchill acusava de «se sentirem atraídos pela mediocridade». Deixou o seu lugar em Oldham e ocupou outro no nordeste de Manchester, a terra natal da economia do *laissez-faire* e da tradição do comércio livre, lugar que tinha ganho. Agora, tudo dependia da forma positiva como a oposição liberal iria explorar as suas oportunidades e de quanto tempo os Conservadores conseguissem manter-se no poder.

Não o conseguiram por muito tempo. Em finais de 1905, a cruzada de Joseph Chamberlain pela preferência imperial tinha fracassado junto do público britânico, mas conseguiu dividir o Partido Conservador. O governo Balfour estava acabado. Assim, o primeiro-ministro tentou uma desesperada pílula envenenada como defesa: Balfour demitiu-se e convocou eleições gerais para janeiro de 1906, esperando, contra toda a esperança, que

³⁹ *Poverty: A Study of Town Life* [Pobreza: Um Estudo da Vida Cidadina], de Seebohm Rowntree, publicado em 1901, serviu-se de estatísticas sobre o emprego, os salários, a alimentação e o consumo de álcool, para defender que o capitalismo *laissez-faire* estava a falir e que, para acabar com a pobreza, eram necessárias novas medidas do governo. Rowntree teve um forte impacto na liderança dos liberais e mais tarde foi alcunhado «o Einstein do Estado-Providência». Rowntree era quacre e as suas opiniões sobre a temperança e o pacifismo são notoriamente semelhantes às de Gandhi. (N. do A.)

os elementos da oposição se desentendessem entre eles e que ele poderia voltar a liderar um governo de minoria.

O que aconteceu, porém, foi uma das mais conclusivas eleições na História britânica. Os Liberais resolveram provisoriamente as suas divergências sobre a Irlanda (o que levou a uma cisão entre a corrente principal pró-irlandesa, Liberais por um Governo Nacional, e os Unionistas Liberais), fizeram uma aliança com o Partido Trabalhista em ascensão e exploraram o desânimo dos Conservadores, para conseguirem uma vitória tão esmagadora que eles próprios não acreditavam no seu êxito. Obtiveram o controlo de quase três quartos dos lugares na Câmara dos Comuns, com um governo de maioria de 513 lugares⁴⁰.(45)

O triunfo dos liberais foi também o triunfo de Winston. O novo primeiro-ministro, Henry Campbell-Bannerman, começou por oferecer ao seu jovem colega o subsecretariado do Tesouro, que Winston recusou. Tinha os olhos postos num cargo diferente, o de subsecretário das Colónias. O novo chefe do ministério das Colónias, lorde Elgin, era neto do homem que trouxera para Inglaterra os mármoreos do Parténon; tinha sido vice-rei da Índia quando Churchill estava no Quarto Regimento de Hussardos. Elgin tinha a esposa doente em casa, na Escócia. Esperava-se que estivesse frequentemente ausente de Londres, o que significava que Winston ia ter muitas oportunidades de tomar decisões e de moldar a política – e de brilhar na Câmara dos Comuns.(46)

Dentro de alguns meses, a sua iniciativa e energia características deixaram claro quem é que realmente dirigia o ministério das Colónias. A sua influência fazia-se sentir especialmente no tema que pendia sobre a cabeça de todos: a África do Sul.

Ali, os liberais da geração de Churchill enfrentavam um paradoxo político. O problema estava na sua própria história de tentarem misturar o progressismo social com o liberalismo clássico. Por um lado, pretendiam promover a justiça racial e social na África do Sul e proteger os não-brancos contra a opressão pelos brancos. Por outro, sentiam um respeito *laissez-faire* pelo direito à autodeterminação (para os brancos, pelo menos) e um sentimento de obrigação moral para com os Bóeres. Os radicais liberais, como o novo amigo de Churchill, Lloyd George, tinham-se oposto energicamente à Guerra dos Bóeres; o seu líder, Campbell-Bannerman, agora primeiro-ministro, tinha denunciado os seus «métodos bárbaros», incluindo o uso de rigorosos métodos de interrogatório e campos de concentração, para derrotar a insurreição dos Bóeres. A opinião liberal padronizada sobre o conflito, promovida em livros como *Imperialism*, de J. A. Hobson, era a de que

⁴⁰ Neste número incluíam-se parlamentares trabalhistas e irlandeses. (N. do A.)

a guerra, na realidade, tinha sido sangue pelo ouro, e que a Grã-Bretanha tinha desencadeado um ataque injustificado aos direitos de um povo livre (ainda que um povo racista). Churchill, que tinha combatido efetivamente nessa guerra, como conservador defendera esses «métodos bárbaros» na Câmara dos Comuns. A sua experiência ensinou-lhe que os Bóeres não combatiam pela liberdade mas contra um sistema britânico de justiça cega à cor, que receavam iria «colocar o nativo ao mesmo nível do branco».(47) Agora, alterava cuidadosamente os seus pontos de vista anteriores para se ajustar à orientação do seu novo partido. Ninguém queria provocar novamente os Bóeres. E ao fazer deles aliados em vez de inimigos dos Britânicos, os Liberais esperavam que isso fosse aliviar o fardo do império na África do Sul e resolver o problema que Joseph Chamberlain tinha previsto, o da hiperextensão imperial.

Por isso, a partir de 1906, tomaram-se medidas para devolver um certo grau de autonomia às antigas repúblicas bóeres, e para dar maior autonomia às colónias britânicas do Natal e do Cabo⁴¹. Este processo deu a Churchill alguns rebates de consciência. A brutal e selvática repressão da revolta dos Zulos, no Natal, em 1906, que tanto horrorizou Gandhi, também horrorizou Churchill. Ansiava por intervir e «chamar à razão esta deplorável colónia – os *hooligans* do Império Britânico».(48) Mas o seu apoio ao princípio da autodeterminação, mesmo que significasse tolerar o intolerável, fazia-o recuar. Quando o Natal pediu tropas britânicas para ajudarem a esmagar os Zulos, sentiu que não podia recusar. Um amigo seu perguntou-lhe se não podia fazer alguma coisa por uma pobre negra, que tinha percorrido a pé quase 250 quilómetros até um tribunal do Natal para apresentar provas contra os seus carrascos. «Lamento pela pobre mulher», replicou ele, «mas ela não tem a “importância imperial” que justifique a nossa interferência numa colónia autogovernada.»

Pelo contrário, acrescentou, o seu caso deve apresentar-se «como um exemplo instrutivo do tratamento dado aos nativos na África do Sul» – e do governo injusto dos brancos.(49) Em novembro de 1906, teve de lidar com outro exemplo, desta vez contra os indianos do Transval.

Gandhi e o seu colega funcionário da BIA (Associação Anglo-Indiana), Haji Ojer Ali, chegaram a Southampton no sábado, dia 20 de outubro de 1906. Aos jornalistas dos jornais *Tribune* e *Morning Leader* que os foram receber, Gandhi declarou que a questão fundamental no Transval era «a

⁴¹ Estas medidas acabariam, em 1910, na fusão das quatro colónias, que se transformaram na União Sul-Africana. (N. do A.)

impossibilidade de os Indianos gozarem dos direitos normais de um súbdito britânico ou mesmo de um ser humano num país civilizado». O seu objetivo em Londres era convencer o ministério das Colónias britânico e impedir o avanço da nova lei do registo. Os Indianos aceitavam o princípio de restrições à imigração, dizia ele, e reconheciam «o preconceito contra a cor» que vigorava por toda a África do Sul. No entanto, continuou ele, estavam prontos a ir parar à prisão mas não a sujeitar-se à recolha das impressões digitais e do registo, como vulgares criminosos.

«Se as colónias persistirem nesta política», declarou Gandhi mais tarde ao *Times*, «obrigarão a mãe-pátria a confrontar-se com um problema grave.» A mãe-pátria neste caso era a Índia; como antecedentes, havia as desordens e a agitação levantadas pela divisão. A Inglaterra poderia ser incapaz de segurar a Índia por mais tempo, sugeria Gandhi, se o seu povo fosse «insultado e degradado *como se pertencesse a uma raça de bárbaros*» (o itálico é do autor).(50)

Em relação a esta questão, na ideia de Gandhi havia ainda o desejo de ter a certeza que os indianos pertencentes à «respeitável» classe média, como ele próprio, eram considerados estar no lado certo da linha da cor. Falou da sua frustração ao diretor editorial progressista e liberal, W. T. Stead, quando os brancos do Transval associaram indiscriminadamente os Indianos e os negros como «gente de cor». A verdade é que os Indianos possuíam «atrás deles uma antiquíssima civilização», dizia Gandhi, mais antiga do que a de Inglaterra, e eram perfeitamente capazes de usufruir plenos direitos como cidadãos.(51)

Em resumo, Gandhi não procurava acabar com o racismo ou com as diferenças de classes na África do Sul. Pelo contrário, queria a justiça britânica, que Churchill afirmava ser «a pedra fundamental do domínio britânico» na Índia. Durante aquele desagradável mês de novembro, Gandhi estava decidido a descobrir até que ponto Churchill e o ministério das Colónias estavam empenhados nesse elevado padrão na África do Sul.

UM BREVE ENCONTRO, 1906-1909

Encontramo-nos numa posição totalmente indefensável.

WINSTON CHURCHILL, 1906

Criticar o lobo não ajudará muito a ovelha. A ovelha é que tem de aprender a não cair nas garras do lobo.

MOHANDAS K. GANDHI, 1907

A 7 de novembro, Gandhi e H. O. Ali participavam num banquete para cem membros do Parlamento, no Grand Committee Room, em Westminster. O banquete teve abundante cobertura no *Times* e terminou com uma resolução de apoio à recusa da Lei Negra. A delegação de Gandhi tinha, certamente, amigos poderosos a apoiá-la, brancos e também não-brancos. Entre eles, havia dois indianos membros do Parlamento, Dadabhai Naoroji (eleito pelo subúrbio londrino de Central Finsbury) e *sir* Mancherjee Bhowndree. Aquele era o primeiro indiano parlamentar conservador da Grã-Bretanha; este, era um dos membros fundadores do Congresso Nacional Indiano.

Na delegação havia também ex-funcionários públicos indianos, como *sir* Henry Cotton e mesmo *sir* Lepel Griffin, que tinha sido mentor de Randolph Churchill para os assuntos indianos e era um adversário de linha dura de um governo autónomo da Índia. Mas o tratamento dado aos Indianos no Transval, dizia ele a toda a gente, assemelhava-se aos violentos pogrons da Rússia imperial contra os Judeus. Esse comportamento era «desconhecido sob a bandeira britânica», dizia ele. Os Indianos eram «a raça do mundo mais tranquila, honrada, trabalhadora e moderada», acrescentava Griffin, e, visto serem descendentes dos antigos Arianos, eram «um povo da nossa própria cepa e do nosso sangue.» Certamente mereciam melhor.(1)

Griffin pronunciou estas palavras quando a delegação se encontrou com o secretário das Colónias, lorde Elgin, nos gabinetes de Downing Street, no dia 8 de novembro, quinta-feira. Naoroji tinha sugerido que a de-

legação fosse chefiada por um branco, Lepel Griffin, de preferência a um indiano; com efeito, a delegação era composta por sete brancos e cinco indianos, dos quais apenas um era hindu, o próprio Gandhi⁴². Eram os respeitáveis rostos «civilizados» da Índia: homens de roupa escura, relógios de ouro, luvas e bengala, ao lado dos seus igualmente respeitáveis patronos brancos – quase protetores. A média de idades dos membros da delegação (excluindo Gandhi e Ali) era de sessenta e três anos. Em cada linha dos seus rostos e das suas patilhas grisalhas, espelhava-se dignidade, sabedoria e autodomínio.(2)

O seu apelo já tinha anteriormente obtido pleno apoio do secretário de Estado para a Índia, John Morley, embora ele tivesse realçado que não tinha qualquer poder sobre o ministério das Colónias. Obtiveram uma resposta muito mais cautelosa da parte de lorde Elgin, que tinha expressado dúvidas se deveria ou não receber a delegação.(3) Não obstante, Gandhi escreveu a Henry Polak afirmando que a entrevista fora «extremamente proveitosa» e que a delegação foi certamente a maior e mais impressionante que alguma vez se reunira para tratar de um problema relacionado com a causa da Índia.

Exatamente uma semana depois, Gandhi enviou uma carta ao subsecretário das Colónias, Winston Churchill:

Mister Ally e eu, que viemos numa representação do Transval em nome dos indianos britânicos, atrevemo-nos a solicitar uma entrevista com Vossa Excelência, que nos possibilite apresentar à Vossa consideração a posição dos indianos britânicos no Transval. Ficaremos extremamente obrigados se puder disponibilizar algum do seu tempo para nos receber.

Vosso humilde servidor
M. K. Gandhi

Encontraram-se no dia 28 de novembro, alguns dias antes de Gandhi regressar à África do Sul.(4)

Churchill, a dois dias de festejar o seu trigésimo segundo aniversário, olhou fixamente por cima da sua secretária para o indivíduo franzino e cortês, de voz grave, pele bronzeada pelo sol da África do Sul, envergando um fato impecável e usando um pequeno bigode. Advogado treinado no Inner Temple, Gandhi, tal como ele próprio, era um veterano da Guerra dos Bóeres; os seus caminhos tinham-se cruzado a poucos minutos de diferença, no campo de batalha em Spion Kop.

⁴² Os restantes eram parsis, como Naoroji, ou muçulmanos, como Ali. (N. do A.)

Gandhi e o seu colega muçulmano começaram por afirmar a Churchill que eram leais súbditos britânicos. Compreendiam muito bem que no Transval fossem os brancos a mandar. No entanto, «sentimos que temos direito a todos os direitos normais de que gozam todos os súbditos britânicos».

Churchill interrompeu-os para perguntar: «Que acontecerá se o governo britânico recusar a sua aprovação à lei do registo? Certamente o governo do Transval promulgará uma lei ainda mais restritiva.»

«Nenhuma lei poderá ser pior do que esta», replicou Gandhi, acrescentando: «O futuro cuidará de si próprio.» Churchill prometeu fazer o que estivesse ao seu alcance e a entrevista terminou com uma nota de cordialidade.(5)

Churchill, tal como outros observadores, deve ter ficado impressionado pela «ordenação dos factos feita pelo senhor Gandhi» e pela sua «engenhosa e hábil capacidade» nas negociações.(6) A advertência de Churchill acerca do que poderia fazer a legislatura do Transval à luz da nova constituição, que o próprio Churchill tinha desvendado ao Parlamento em março, não deixou Gandhi perturbado. No dia anterior, uma comissão de parlamentares liberais tinha-se reunido com o primeiro-ministro, Henry Campbell Bannerman, que lhes afirmou «não ter aprovado a lei e que falaria com o lorde Elgin». Era certo que a vitória estava nas suas mãos.

Quando Gandhi se preparava para partir, no dia 1 de dezembro, sexta-feira, todos concordaram que a delegação tinha obtido um grande êxito. O jornal *Rand Daily Mail* dizia aos seus leitores que Gandhi «causara profunda impressão nos círculos políticos e noutros». Ele e o senhor Ali «vieram, viram... e venceram». Depois da sua reunião com Churchill, Gandhi disse ao *Times* que «esta semana ficará para sempre na nossa memória». No dia da sua partida, endereçou uma carta ao jornal, acrescentando: «A lição que aprendemos é que podemos confiar no sentido britânico do *fair play* e da justiça.»(7)

No seu regresso a casa, o navio fez escala na Madeira, onde Gandhi e Ali receberam telegramas de Londres e de Joanesburgo. Winston Churchill tinha anunciado na Câmara dos Comuns que o lorde Elgin recusara aprovar a Lei Negra. Gandhi ficou entusiasmado. «Isto é mais do que esperávamos», exclamou ele. «Mas os caminhos de Deus são imperscrutáveis. Os esforços bem orientados produzem frutos adequados.»(8) Durante o resto da viagem, Gandhi e Ali planearam a campanha para vencerem o *round* seguinte da batalha pelos agravos feitos aos Indianos.

No entanto, os amigos que estavam a recebê-los à sua chegada a Joanesburgo não sorriam, exibiam um ar sombrio e deprimido. Alguns fizeram notar que em nenhum momento do seu discurso Churchill dissera que

a Coroa iria bloquear a lei do registo aprovada por uma *nova* legislatura do Transval, à luz da nova Constituição aprovada pelos Britânicos.(9) E dali a poucos meses foi exatamente o que aconteceu. No dia 1 de janeiro de 1907, o Transval obteve a sua autonomia. Os candidatos brancos à assembleia legislativa garantiram aos eleitores que o governo britânico agora aprovaria as impressões digitais e o registo de todos os asiáticos. E no dia 21 de março de 1907, a Lei Negra entrou em vigor no Transval.(10)

«O nosso desapontamento na África do Sul foi tão profundo quanto o nosso júbilo na Madeira», recordava Gandhi mais tarde.(11) Ele, Ali e todos os outros deduziram que tinham sido ludibriados por Churchill e pelo ministério das Colónias, que quiseram acalmar a opinião dos brancos à custa dos Indianos. No entanto, Churchill tinha-lhes dito a verdade – só que não disse toda a verdade.

O facto é que, mesmo antes da sua reunião com Gandhi, Churchill e os colegas tinham decidido conceder ao Transval poderes para obrigar os Indianos a registarem-se, mesmo que não aceitassem a antiga lei, a fim de manterem as aparências imperiais. Quando o subsecretário permanente escreveu um memorando, a 3 de novembro, descrevendo a sua situação desagradável, Churchill escreveu em rodapé: «Concordo inteiramente. Encontramo-nos numa posição totalmente indefensável. A delegação [de Gandhi] irá certamente levantar dificuldades na Câmara dos Comuns. Nada podemos dizer, após o que dissemos a Kruger [presidente do Transval]» acerca da capacidade dos Bóeres para promulgarem as suas próprias leis, por ofensivas que fossem.

Churchill concluía: «O novo Parlamento [do Transval] pode arcar com o fardo» de ofender a opinião britânica ao aprovar a Lei Negra. «Porque teríamos de ser nós?» Quando alguém lhe perguntava o que fazer com a delegação e os seus apoiantes, Winston escrevinhava: «Calma.(12)

Foi o que fez quando se encontrou com Gandhi, embora mostrando astutamente o seu jogo. A decisão de não aprovar a lei tinha sido tomada quase três semanas antes de se terem encontrado. Mesmo o governador-geral britânico do Transval não sabia a verdade até ao dia 27 de novembro, e o discurso de Churchill nos Comuns, uma semana depois, foi elaborado engenhosamente para esquivar a tempestade iminente.

Para Gandhi, tratava-se de uma «política tortuosa». Acrescentava: «Julgo que com perfeita justiça se lhe poderia dar uma denominação ainda mais severa», nomeadamente fraude.(13) Para Churchill, porém, era um compromisso sensível. Um governo liberal que prejudicasse o direito dos Bóeres à autonomia, considerava Churchill, prejudicaria toda a estrutura do governo britânico na África do Sul.

Na verdade, no princípio da primavera, Churchill, através do Parla-

mento, tinha vigiado as novas Constituições para o Transval e para o Estado Livre de Orange. Ambos os documentos eram inegavelmente liberais nos seus princípios e aspirações. Encarnavam o princípio que o próprio primeiro-ministro tinha enunciado: «Um bom governo não é substituído de um governo autónomo» (exceto evidentemente na Índia).(14) As novas constituições concediam o sufrágio universal masculino aos brancos, coisa que a Grã-Bretanha ainda não tinha. Mesmo a questão do sufrágio feminino, que na Inglaterra ainda era um sonho impossível da *New Age*, era deixada em aberto. «Estamos preparados», dizia Winston na Câmara dos Comuns, «para fazer este acordo em nome do Partido Liberal» a fim de darmos um passo em frente «rumo à luz de uma era mais nobre e mais generosa».(15) Quanto aos Indianos de Gandhi, tal como a pobre negra do Natal que tinha de caminhar 250 quilómetros para que lhe fosse feita justiça, Churchill teve de os deixar na sombra. Ao contrário dos brancos da África do Sul, fracassaram na obtenção do padrão de «importância imperial» que Churchill tinha estabelecido na sua ideia. Era o padrão a que posteriormente aderiu para sempre.

Para salvar o Império Britânico, Churchill entraria em acordo com os racistas da África do Sul; com os trabalhistas radicais; com os isolacionistas norte-americanos; até mesmo com o diabo na pessoa de José Estaline. E todo aquele que ousasse atravessar-se no seu caminho seria tratado de forma implacável, cruel até. Gandhi foi o primeiro a aprender a lição, em 1906. O mundo também iria aprendê-la repetidas vezes, ao longo dos quarenta anos seguintes.

Evidentemente, Gandhi via as coisas de maneira muito diferente. Para ele, Winston Churchill e os seus colegas do ministério das Colónias tinham revelado que «a justiça e o *fair play*» britânicos não passavam de uma piada. Gandhi já não estava interessado em promessas, queria resultados. A velha maneira de fazer as coisas, com abaixo-assinados e respeitáveis delegações, tinha falhado. Se os Indianos pretendiam obter aquilo de que precisavam e aquilo que queriam, concluiu Gandhi, então deviam encontrar um novo género de movimento político, construído sobre novos princípios. Acima de tudo, seria baseado na nova ideia que vinha incutindo nos seus colegas desde setembro: a resistência passiva, ou, como preferia chamar-lhe, a *satyagraha*.

Mas seria a *satyagraha* realmente uma novidade? Retrospectivamente, a campanha de *satyagraha* de 1907, lançada por Gandhi após o seu encontro com Churchill, foi um acontecimento que produziu o efeito de um terramoto. Teria um impacto dramático não só sobre a Índia e sobre a África do Sul, mas também sobre os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos e sobre todos os outros grupos que mais tarde invocariam a ex-

pressão «desobediência civil».(16) No entanto, a autobiografia de Gandhi e mesmo o seu relato retrospectivo desses anos, *Satyagraha in South Africa*, não são muito claros sobre a forma como lhe surgiu a ideia, quase propositalmente.(17)

O próprio Gandhi e muitos dos seus estudiosos realçam as raízes da *satyagraha* na tradição hindu e jainista de não-violência ou *ahimsa*. É certo que muitas das táticas utilizadas por Gandhi, como as greves coletivas pacíficas ou *hartals*, tinham sido utilizadas para protestar contra a divisão do Bengala. Um dos seus estudiosos viu mesmo a desobediência civil de Gandhi como tendo raízes na sua cidade natal, na prática tradicional de Kathiawar do «*dharna* sentado», ou seja, jejuar e ficar sentado às portas do palácio de um governante, para chamar a sua atenção e compaixão.(18)

Outros sublinharam a influência do Ocidente. A. L. Herman e Martin Green demonstraram a influência de Leon Tolstói e de Henry David Thoreau sobre Gandhi.(19) James Hunt apontou a campanha de 1902, levada a cabo pelas Igrejas protestantes não-anglicanas contra a Lei da Educação, de que fez parte a recusa em massa do pagamento dos impostos, atitude que levou à prisão dos manifestantes e que causou profunda impressão a Gandhi. Os organizadores utilizaram até a expressão «resistência passiva». Quatro dias depois do comício no Empire Theater, Henry Polak aconselhou a Gandhi a campanha de resistência à Lei da Educação, como um «paralelo histórico» para organizar a resistência à Lei Negra.(20)

Gandhi tinha também ficado impressionado pelo movimento das sufragistas de Emmeline Pankhurst, muito ativo em Londres quando ele visitou Churchill em 1906.⁴³

A causa apelava para a consciência da *New Age*, e muitas sufragistas foram para a prisão de bom grado. A sua recusa heroica de capitularem face ao terrível poder da lei, mesmo perante a coação, levou-o a redigir um artigo sobre o movimento no *Indian Opinion*. Concluiu: «Se até as mulheres mostram esta coragem, os indianos do Transval falharão no cumprimento do seu dever por medo da prisão?»(21)

Gandhi estudou as manifestações das sufragistas durante mais de um ano, antes de ter lido *Civil Disobedience*, de Henry David Thoreau.(22) No entanto, estas manifestações, tal como a experiência de Thoreau de ser preso por protestar contra uma guerra que considerava injusta, foram para Gandhi apenas alguns exemplos de *como* deve funcionar a resistência passiva, e não a sua inspiração original. Porque, no fim de contas, qualquer que fosse

⁴³ Churchill opunha-se energeticamente ao sufrágio feminino, e era alvo frequente das manifestações das sufragistas em Manchester. «Não vou deixar-me perturbar», replicava ele duramente, «numa questão de tamanha importância.» (N. do A.)

a mistura que andava no ar de ideias radicais hindus, não-conformistas e *New Age*, a visão gandhiana de uma ação de massas não-violenta como uma força moral tanto quanto política, foi unicamente dele. Para ele, a *satyagraha* encarnava a sua crença fundamental de que são as forças espirituais e morais, e não as forças materiais ou egoístas, que governam o mundo. A máxima de Churchill de que «as vistas largas devem prevalecer sobre as ideias mesquinhas» era uma máxima que Gandhi apoiava cordialmente. O que os separava era a natureza dos pontos de vista que cada um deles estava decidido a fazer prevalecer.

Para Gandhi, a resistência não-violenta era um meio para atingir um fim mais do que meramente político. Era o caminho para a mais elevada verdade religiosa do homem e encarnava os mais elevados princípios espirituais. Por isso, os que escolhiam este caminho deviam ser disciplinados, considerava Gandhi. Deviam ser puros nos pensamentos e nas ações e estar preparados para serem altruístas e até para morrerem, como tinham estado os seus condutores de ambulâncias indianos. «Os Ingleses honram apenas aqueles que fazem estes sacrifícios», advertia ele os seus leitores ainda antes de ter partido para Londres. Ao combaterem a Lei Negra, os Indianos tinham a oportunidade «de mostrar a sua coragem», tal como a tinham mostrado em Spion Kop, mas com um objetivo mais elevado. No dia 6 de outubro de 1906, no próprio dia em que partiu para Londres, afirmou a decisão de ir para a prisão de preferência a sujeitar-se à injustiça, como «um *ato sagrado*, e só procedendo dessa forma pode a comunidade indiana manter a sua honra» (o *italico* é do autor). Honra, dever, abnegação jovial: este era o *ethos* viril, quase militar, que Gandhi pretendia ver expresso pela sua versão de resistência passiva⁴⁴.

Gandhi sempre se sentiu pouco à vontade com a expressão «resistência *passiva*», porque implicava passividade ou mesmo fraqueza – numa palavra, falta de virilidade. «Se continuarmos a acreditar e a deixar que os outros acreditem», escrevia ele mais tarde, «que somos fracos e indefesos e que é por isso que oferecemos resistência passiva, a nossa resistência nunca

⁴⁴ Se Gandhi tinha em mente algum modelo da vida real, era provavelmente o Exército da Salvação. A disciplina militar, o uso de música e de bandeiras, a crença na higiene e nas qualidades sociais do sabão, e a retidão moral (incluindo a abstinência do tabaco e do álcool) eram exatamente o género de qualidades que esperava instilar nos seus próprios *satyagrahis*. Em 1925, lembraria a coragem do Exército ao entrar nos mais sórdidos bares do submundo londrino para pregar a sua mensagem. E a visão de Gandhi da *satyagraha* como elevação moral pode comparar-se de perto ao movimento fundado por outro admirador do Exército da Salvação e herói da Guerra dos Bóeres: os Escuteiros do coronel Robert Baden-Powell. (N. do A.)

nos tornará fortes».(23) Chegou mesmo a abrir um concurso no *Indian Opinion* para se cunhar um termo mais expressivo para o movimento, oferecendo um prêmio ao vencedor. O seu primo Maganlal, que vivia na Herdade Fénix, sugeriu *saddagraha*, que em sânscrito significa «firmeza por uma boa causa». Gandhi modificou-a para *satyagraha*, ou «firmeza pela verdade». «A palavra “*satya*” (Verdade)», escreveria ele muito mais tarde, «deriva de “*sat*”, que significa ser. E nada é nem existe na realidade exceto a Verdade. É por isso que Sat ou Verdade é talvez o nome mais importante da Divindade.»(24)

Quanto a *graha*, na ideia de Gandhi significava muito mais do que apenas «firmeza» ou «fortaleza». *Satyagraha* ou «força da verdade» (mais tarde, «força da alma») implicava trazer para uma causa não-violenta principalmente força e disciplina. «Alimentando a ideia de força, tornamo-nos cada vez mais fortes dia a dia.»(25) Gandhi encarou esta campanha como uma força espiritual ativa que daria uma nova forma à comunidade indiana em todos os aspetos. Iria despedaçar os velhos grilhões de desconfiança, fraqueza e divisão, alimentados por anos de dominação colonial e voltar a unir os Indianos no amor e na verdade. E em cada dia voltaria a projetar esta nova e vigorosa presença moral na paisagem política e social. O Indiano da África do Sul seria alguém a ser tido em conta, até mesmo receado, pelos seus inimigos brancos.

Resistência como empossamento espiritual; empossamento espiritual como centelha para atear a transformação social. Foi essa a fórmula de êxito escolhida por Gandhi para a sua primeira campanha de *satyagraha*, em 1907, e que depois adotou definitivamente. Juntando-se a esse movimento, proclamava ele, o Indiano do Transval «será considerado um herói e aclamado por toda a Índia» – porque a Índia nunca estava afastada dos seus pensamentos e ações, mesmo apesar de residir na África do Sul.(26)

Em abril, Gandhi sentiu-se preparado para lançar oficialmente a sua campanha contra a lei do registo. Em comícios organizados ao longo do verão, tentou ressuscitar o espírito aguerrido do comício no Empire Theater, e o sentimento de expectativa e de libertação. Afixaram cartazes por toda a Joanesburgo, apelando ao boicote ao ato do registo: «Lealdade ao Rei dos Reis – Indianos, sejam livres!» (Gandhi teve o cuidado de incluir a imagética cristã na sua campanha, chamando mesmo a Cristo «o primeiro resistente passivo».) A BIA, Associação Anglo-Indiana, patrocinou marchas, piquetes e colóquios. Um comerciante muçulmano declarou que preferia que o enforcassem a sujeitar-se à nova lei. Todo aquele que se sujeitasse à lei e deixasse que lhe tirassem as impressões digitais, dizia Gandhi aos leitores do *Indian Opinion* em julho, «estará a renegar o seu Deus» e «a sua honra estará perdida». Uma vez mais, apresentou o

exemplo das sufragistas inglesas: «Quando as mulheres são viris, serão os homens efeminados?»(27)

O governo alargou o prazo para o registo, de 31 de julho para 31 de outubro, depois para 30 de novembro. De treze mil indianos, apenas onze se sujeitaram aos certificados de registo. Nada fez capitular os comerciantes indianos de Pretória e de Joanesburgo, nem a ameaça de perderem as suas licenças comerciais nem a ameaça de expulsão.(28) Para incendiar realmente a sua campanha, Gandhi percebeu que tudo o que precisava era de alguém que quisesse ir parar à prisão por recusar registar-se.

Dirigiui-se ao pândita Ram Sandara, um sacerdote hindu, de trinta anos de idade, casado, com dois filhos, que era um dos organizadores dos piquetes de Gandhi. No dia 8 de novembro, as autoridades prenderam-no por ter reentrado no Transval com o certificado de registo caducado. Gandhi defendeu Sandara em tribunal, afirmando que ele tinha desobedecido à lei a fim de obedecer a uma lei mais elevada. O detido foi condenado a um mês de prisão, o que levou Gandhi a escrever entusiasmado no *Indian Opinion*: «O pândita [Ram Sandara] abriu as portas da nossa liberdade.»(29)

Gandhi visitou o seu protegido na prisão, entrevistou-o e enalteceu-o como um herói. Organizou um concurso de poesia versando o tema da *satyagraha* e da abnegação. Quando Ram Sandara foi libertado em dezembro, Gandhi encabeçou um desfile pelas ruas e colocou uma grinalda de flores ao pescoço do jovem. Duas semanas mais tarde, ameaçaram voltar a prender Sandara, a menos que se registasse ou abandonasse a colónia. O infeliz pegou na mulher e nos filhos e fugiu para o Natal.(30)

Gandhi ficou furioso. O homem celebrado como um herói era agora denunciado como um cobarde e um traidor. Gandhi advertiu os seus adeptos: «Ó Deus, preservai-nos do destino de Ram Sandara!» Foi o começo de um modelo que se tornou demasiado familiar a Gandhi: adeptos que abraçavam os seus princípios num momento de entusiasmo, mas que depois não tinham a inflexível fibra moral para os pôr em prática. Com efeito, ao longo dos anos, todas as suas campanhas de *satyagraha* exibiam a mesma dinâmica: uma explosão súbita de apoio quase histórico no início diminuía rapidamente até à inação, e mesmo desilusão e retirada, quando não se conseguia concretizar o objetivo. Quando as autoridades perceberam, a ameaça de desobediência civil de Gandhi transformou-se numa arma menos poderosa do que a princípio parecia.

Entretanto, com os registos imobilizados, o governo do Transval decidiu tomar medidas mais drásticas. Dias depois da fuga do pândita Ram Sandara, prenderam toda a direção da Associação Anglo-Indiana e deram a Gandhi quarenta e oito horas para sair, sob pena de ser também detido. A resposta de Gandhi foi participar num comício em Joanesburgo, no dia em

que terminava o ultimato. A 10 de janeiro, foi condenado a dois meses de prisão. Era a primeira das muitas detenções de Gandhi.

A prisão foi para ele uma experiência terrível.(31) Os outros dois reclusos da sua cela, um chinês e um negro, passavam o tempo em brincadeiras de carácter sexual. Mais de uma vez, teve de ficar acordado durante toda a noite para evitar a violação homossexual. O que ele denominava «o vício antinatural» era endémico nas prisões, inclusive entre os guardas, e a depravação e a sordidez eram repugnantes. Tinha com ele um exemplar do livro de Tolstoi, *O Reino de Deus está em Vós*, e consolava-se lendo alguns versos do seu mestre Raychandbhai: «Os céus ressoam com o nome do Invisível, eu sento-me absorto no templo, e o meu coração está repleto de alegria.»(32)

Entretanto, o seu movimento de *satyagraha* estava a enfraquecer. Tinham sido presos mais de dois mil dos seus adeptos. E, como a prisão começou a ser uma perspectiva real, e não apenas uma possibilidade teórica, a elite dos comerciantes de Pretória e de Joanesburgo começou a desertar. Gandhi apercebeu-se de que os Indianos estavam «a perder a coragem... Os que foram para a prisão em poucos dias perderam o ânimo.»(33) Antes de se evaporar toda a campanha, ele e outros líderes concordaram com uma reunião secreta com o secretário das Colónias do Transval, o general Jan Christiaan Smuts, a fim de chegarem a um compromisso que salvasse a sua dignidade.

O acordo alcançado a 28 de janeiro foi estranho para um homem que tinha defendido que o aspeto mais degradante da Lei Negra era o uso das impressões digitais. Agora, em troca da libertação de todos os presos, Gandhi prometeu que todos os Indianos aceitariam que lhes tirassem as impressões digitais – mas *voluntariamente*, e não em obediência a uma lei. Quando Gandhi foi posto em liberdade, no dia 28, afirmou aos seus seguidores que tinham vencido. «Um homem razoável não deve levantar objeções a que lhe tirem as impressões digitais», disse ele. A questão central não era o facto de lhe tirarem as impressões digitais, mas sim o facto de ser obrigado a isso. Gandhi afirmava que o governo tinha cedido, portanto os Indianos podiam agora registar-se «honrosamente».

Alguns, em particular os seus amigos ricos, deram um suspiro de alívio. Mas outros sentiram-se insultados pelo que consideravam uma traição de Gandhi. Tinha dado ao governo exatamente aquilo que o governo queria e chamava a isso uma vitória. Os sentimentos de raiva que Gandhi tinha acalentado contra a Lei Negra voltavam-se agora contra ele. Havia até quem dissesse que o general Smuts tinha comprado a sua rendição por 15.000 libras. Gandhi ignorou os boatos. O general dissera que se houvesse alguém que levantasse objeções a que lhe tirassem as impressões digitais, não seria obrigado a isso; Gandhi acreditou nele. «Um *satyagrahi* nunca

deve ter medo de confiar nos seus adversários», declarou. No entanto, era dos seus próprios seguidores que Gandhi tinha de se acautelar.(34)

A 10 de fevereiro de 1908, Gandhi dirigiu-se aos serviços de registo de Joanesburgo para ser o primeiro a voluntariamente tirar as impressões digitais e registar-se como residente asiático. Um indivíduo barrou-lhe o caminho, um corpulento muçulmano patane chamado Mir Alam, fabricante de colchões, que já tivera negócios com Gandhi e participara ativamente na campanha de *satyagraha*.

«Onde vai você?», perguntou a Gandhi, em tom agressivo.

«Vou levantar o meu certificado de registo», respondeu Gandhi e ofereceu-se para levar Alam com ele. Como resposta, Alam atingiu-o com um soco no rosto. Gandhi caiu, rasgando a face nas pedras aguçadas do chão. Alam desatou então a agredir Gandhi aos pontapés, vindo juntar-se-lhe outros três ou quatro indivíduos, gritando e insultando-o. Por fim, alguns amigos de Gandhi conseguiram levá-lo dali para uma loja próxima e mandaram chamar um médico.

Quando chegou Henry Polak, o rosto de Gandhi era uma pasta ensanguentada – os golpes na testa exigiram vários pontos. Um dos olhos estava inchado a ponto de não poder abri-lo e o lábio superior estava rasgado e sangrava. Tinha várias costelas partidas. Polak e os outros queriam que ele fosse ao hospital; mas um prestável e simpático pastor branco, o reverendo Joseph Doke, levou-o para sua casa como seu convidado.

Doke iria desempenhar um papel importante na vida de Gandhi. Naquele momento, porém, Gandhi encontrava-se demasiado magoado para poder deslocar-se. Teve de completar o seu registo na cama, mesmo as impressões digitais, embora os braços e as mãos estivessem envolvidos em ligaduras. Tinha feito, finalmente, o que lhe parecia ser o seu dever como cavalheiro.(35)

No entanto, a sua reputação estava em farrapos, o seu movimento já não existia. Ironicamente, os esforços de Gandhi para unir os indianos do Transval tinham resultado. Em março de 1908, teria sido difícil encontrar um homem mais universalmente detestado do que Mohandas Gandhi. No dia 5 de março, sofreu novamente uma tentativa de agressão, num comício em Durban. As luzes apagaram-se, ouviu-se um tiro e um patane enfurecido saltou para o estrado com um bastão. Foi necessário que a polícia escoltasse Gandhi, «no meio de vaias e assobios». No dia seguinte, quando se encontrou com os líderes patanes locais, acusaram Gandhi de os ter traído. Na verdade, muitos dos seus antigos amigos muçulmanos na África do Sul nunca lhe perdoaram.(36)

Os seus planos, os seus esforços, tudo tinha ido por água abaixo. Tudo a que Gandhi podia agarrar-se era a sua indefetível confiança de que, como

ele dizia, «toda a atividade empreendida com um coração puro produz frutos, quer esses frutos sejam ou não visíveis para nós».(37)

Em março de 1908, esses frutos não eram visíveis para mais ninguém. Mesmo Gandhi, não sabia que os frutos estavam quase ao seu alcance.

Enquanto Mohandas Gandhi tratava das suas feridas em Joanesburgo, Winston Churchill chapinhava no banho, na sua casa de solteiro em Bolton Street, sem saber como havia de vencer o tédio. E foi no banho que o seu amigo e secretário, Edward Marsh, foi encontrá-lo naquele fim de tarde de março de 1908. Marsh teve de lhe recordar que era esperado num jantar em Portlando Place, a convite de uma escritora e ativista, a senhora St. Helier. A sua vontade era recusar; mas, por insistência de Marsh, acabou por se vestir e foi àquele jantar, onde encontrou a mulher que viria a ser sua esposa durante os cinquenta e cinco anos seguintes.(38)

Já se tinha encontrado com Clementine Hozier quatro anos antes, mas o encontro não o tinha deixado muito impressionado. Desde a rutura com Pamela Plowden e o casamento da sua mãe, as mulheres quase não faziam parte dos seus pensamentos. Outra mulher que se cruzou no seu caminho foi Violet Asquith, filha de um político liberal, que se encontrou pela primeira vez com ele num almoço festivo, em 1906. Falando com ela, lamentou o facto de estar velho (tinha trinta e um anos) e o facto de a vida ser tão breve. «Não passamos de vermes», dissera ele por fim, depois de uma longa diatribe contra a mortalidade. «Mas, quanto a mim, acredito ser um pirilampo.»(39)

Churchill e Violet Asquith (mais tarde, Violet Bonham Carter) tornaram-se amigos por toda a vida, mas nunca foram mais do que isso. Clementine Hozier foi diferente. Com vinte e três anos de idade, cabeleira espessa e ruiva e grandes olhos verdes-escuros, cativou Churchill. Pertencia a uma família escocesa, com raízes que remontavam ao século XII. Os pais estavam divorciados. Pelos padrões da altura, era uma feminista ardente e pró-sufragista. A sua linha política situava-se nitidamente à esquerda da de Churchill. Não obstante, «ele dedicou-se a Clemmie com a mesma determinação com que fazia tudo o mais».(40) Nem mesmo a sua derrota nas eleições parlamentares complementares de abril (depressa encontrou outro lugar liberal garantido, em Dundee, na Escócia) conseguiu afastá-lo dos seus galanteios. Casaram em setembro, em Blenheim, partindo de seguida para Itália em lua de mel. «Sentimo-nos aqui muito felizes e Clemmie está muito bem», escrevia ele à sua mãe, de Veneza. «Não temos feito outra coisa a não ser passear e amar – uma ocupação séria e agradável para a qual a História fornece respeitáveis precedentes.»(41)

Tanto para Churchill como para Gandhi, as suas esposas seriam as pessoas mais importantes das suas vidas, não excluindo os filhos. Certamente, o casamento de Gandhi foi colorido com as regras hierárquicas centradas no filho varão, de acordo com os seus antecedentes hindus; ao passo que o casamento de Churchill possuía o sabor mais íntimo do ambiente doméstico de finais da época vitoriana. (Ele e Clementine tratavam-se por «Kat» e «Pug».) No entanto, ambos os casamentos foram de uma camaradagem profunda e duradoura ao longo de toda a vida.

Para Churchill, a vida familiar serviria como refúgio das tempestades da política e da vida pública. Para Gandhi, pelo contrário, a família e o casamento tornaram-se extensões vivas da sua política. Sujeitou a sofredora Kasturbai às suas constantes birras infantis e às mudanças no regime alimentar e no estilo de vida, à medida que os seus próprios pensamentos iam mudando e evoluindo, por vezes em direções estranhas. Kasturbai aprendeu a conformar-se com o voto de *brahmacharya* como com tudo o mais, com um estoicismo paciente e dedicação incondicional. Juntou-se de boa vontade às campanhas de *satyagraha*, sujeitando-se mesmo a ser presa. Com o tempo, acabou por ser o esteio emocional de Gandhi. Quando faleceu, em 1944, um discípulo comentou: «Uma parte de Bapu [o tratamento familiar para Gandhi] partiu» com ela.(42)

Apesar de tudo, Kasturbai nunca seria para Gandhi o que «Clemmie» foi para Churchill: uma autêntica parceira intelectual. Nunca aprendeu a ler nem escrever fluentemente, ao passo que Clementine foi educada na Sorbonne. Clementine Churchill também ajudou a empurrar a política de Churchill numa direção mais à esquerda, para o campo dito radical do Partido Liberal. Muitos dos radicais eram homens que ele respeitava e cuja amizade cultivava no Parlamento. Churchill rapidamente travou amizade com o principal porta-voz dos Liberais e colega adepto do comércio livre, David Lloyd George, afirmando considerá-lo o maior génio político que alguma vez conhecera. Era também amigo de Charles Masterman, um homem importante entre os elementos da *New Age*: esteve prestes a tornar-se socialista-cristão, antes de se juntar ao Partido Liberal e durante algum tempo viveu numa casa situada na zona dos bairros de lata londrinos. Masterman conseguiu um lugar nas eleições de 1906 ao mesmo tempo que Winston, e rapidamente se tornou o mentor e chefe político de Winston, e o seu confidente intelectual. Apresentou-o a Sidney e Beatrice Webb, que eram autênticos socialistas. No grupo de amigos destes incluíram-se sucessivamente o sexólogo *New Age* Havelock Ellis e até o velho vingador do seu pai, Charles Bradlaugh.

E assim, ironicamente, em 1908 Churchill viu-se em contacto com algumas das mesmas influentes contraculturas que tinham afetado tão

profundamente Gandhi vinte anos antes. Assim, a sua política tomou um rumo progressista distinto e mesmo surpreendente. Embora adepto do comércio livre como era, concluiu que Clemmie e os Webbs estavam certos: era altura de usar o seu poder no governo para acabar com o desemprego e a subnutrição e modelar a Grã-Bretanha para melhor.

Num artigo do *Nation*, a 7 de março de 1909, escreveu que «pouca glória havia num império que conseguia dominar as ondas do mar e que era incapaz de despejar os seus esgotos» (uma frase que Gandhi poderia ter adotado).(43) Na nova atitude radical de Churchill, a intervenção do governo não contradizia os princípios do mercado livre⁴⁵. As reformas sociais decididas pelo governo corrigiriam os efeitos colaterais imprevistos do capitalismo «desenfreado». Iriam criar «uma rede por cima do abismo», como ele dizia, para os operários, os doentes e os idosos.(44)

Em 1909, Churchill foi transferido do ministério das Colónias para a Câmara do Comércio, depois para o ministério do Interior no ano seguinte. Juntamente com David Lloyd George, incrementaram duas das medidas mais socialmente progressistas que o Parlamento alguma vez tinha aprovado: a Lei das Pensões para os Idosos e a Lei da Segurança Nacional, de 1911. Procedendo desta forma, Churchill lançou as bases para a assistência social a nível nacional na Grã-Bretanha – um feito surpreendente para um homem que mais tarde os críticos acusariam de ser um reacionário incorrigível.

Havia, porém, outro lado mais escuro neste novo Winston Churchill progressista: o seu crescente interesse pela eugenia e pela ciência racial. Em 1909, a eugenia dificilmente poderia considerar-se um terreno reacionário. Praticamente todos os reformadores progressistas sociais estavam entusiasmados com ela, incluindo Havelock Ellis e os Webbs. (Na África do Sul, o próprio Gandhi apoiava a ideia da «pureza do tipo [racial]».) O interesse pela ciência da raça era a marca dos intelectuais «avançados». Churchill não estava sozinho ao preocupar-se que «o crescimento antinatural e cada vez mais rápido das classes imbecis e irresponsáveis... constitui um perigo nacional e racial que é impossível exagerar», ou ao insistir que era necessária uma ação forte do governo para evitar o «suicídio da raça».(45) No entanto, esta preocupação agora assombrava a sua confiança no Império Britânico.

«Se o povo britânico possuir um grande império», dizia Churchill no Clube Nacional Liberal, em janeiro de 1908, «precisará de uma raça imperial para suportar este ónus».(46) Preocupava-o que, se «as condições

⁴⁵ Na realidade, o comércio livre fazia parte da tradição radical britânica, que remontava a Richard Cobden e John Bright, como uma forma de abater as barreiras sociais através da prosperidade material. (N. do A.)

civilizadas» da sociedade moderna fossem deixadas em piloto automático, interromperiam as operações inexoráveis de natureza darwiniana que Winwood Reade lhe ensinara, eliminando os doentes, os débeis e os doentes mentais das fileiras imperiais. Uma vez que a História se fundamenta na sobrevivência dos mais aptos, Churchill considerava que a moderna sociedade não deveria ser um refúgio para a sobrevivência dos *menos* aptos. Daqui, a necessidade de uma ação do governo para evitar que os menos aptos se reproduzissem e o receio de que, sem «alguma coisa deste género, a raça venha a decair», e a Grã-Bretanha com ela.(47) Continuava a acreditar que, sob a liderança britânica, a humanidade estava destinada a atingir «as zonas iluminadas pela luz do Sol», como diria mais tarde. Por agora, apercebia-se de uma ponta de escuridão no horizonte, uma escuridão que iria crescendo à medida que o século XX avançava.

Três anos mais tarde, diria a Wilfred Blunt que devia ser obrigatório esterilizar «as pessoas de mentes débeis». Como ministro do Interior, chegou mesmo a redigir um projeto de lei nesse sentido, envolvendo a esterilização involuntária dos atrasados mentais e dos loucos, utilizando os raios de Roentgen; nunca chegou a transformar-se em lei⁴⁶.(48) Enquanto Churchill estava a pensar numa forma de impedir que os inaptos se reproduzissem, ele e Clementine tiveram um filho.

O seu primeiro filho foi uma menina, nascida a 11 de julho de 1909. «É a criança mais linda que eu já vi», disse ele a Lloyd George. «Como a mãe, suponho», respondeu Lloyd George. «Não, é exatamente igual a mim», replicou Churchill com vaidade.(49)

Aconteceu no dia 11 de julho. Exatamente no dia anterior, um passageiro tinha chegado a Londres, de comboio: Gandhi, novamente. Estava ali com bastante relutância, numa missão em que tinha pouca fé. Mas, com grande surpresa e desgosto, descobriu que os jornais britânicos falavam todos da Índia e de crimes.

⁴⁶ Foi aprovada uma medida inspirada na eugenia, a Lei das Câmaras do Comércio, de 1909, em que se considerava um salário mínimo nacional. Não se tratou de uma prenda para os oprimidos. Os radicais como os Webbs consideravam ser necessário um salário mínimo para afastar do mercado de trabalho «os doentes e os estropiados», como Sidney Webb os descrevia, «os preguiçosos incorrigíveis, os deficientes motores e mentais» e outros «parasitas» –, abrindo assim caminho à mão de obra organizada. (N. do A.)